FICHA DE META DADOS – CEDIM 2018/2	
Nome da Pasta	Comunidades Eclesiásticas de Base
Autor/Instituição	Curia Diocesana de Nova Iguaçu
Número de Documentos	36
Quantidade e tipo de documentação	Cartas; Atas dos Encontros Interdiocesanos das CEBs; Comunicados; Boletins; Livretos; Folhetins; Recortes de jornal.
Dia/ Mês/Ano	1971 – 1989
Formato	A4; Folhetos; Brochura;
Resumo	Documentação variada relacionada às Comunidades Eclesiásticas de Base, de atas de Encontros Interdiocesanos, até cartas e comunicados.
Palavras-Chave	Encontros Interdiocesanos; Nova Iguaçu; América Latina; Libertação; Trabalhador;
Notas explicativas	A documentação foi doada para digitalização pela Curia metropolitana de Nova Iguaçu, local em que estão depositados os documentos originais. Mantemos a mesma organização da documentação que se encontra no Arquivo da Curia: de forma geral, trata-se de Fundos, que estão subdivididos em caixas.

Iº ENCONTRO INTERDIOCESANO

DE CEBs

Como está o compromisso do povo de Deus, ligando a fé e a ação, nosso compromisso de evangelização?

Reflexão sobre o tema da Campanha da Fraternidade PARA QUE TODOS TENHAM VIDA.

Planejamento de um trabalho conjunto, tendo em vista o VIº encontro intereclesial de CEBs de 1986, em GOIÂNIA.

Deus tem um projeto para a humanidade, e nós estamos neste projeto, porque Deus quer, Jesus Cristo pregou e o Espírito Santo nos inspira. Ele não criou os homens para depois deixá-los numa situação em que cada um procure sobreviver às custas do outro. Projeto este que é a construção de uma nova sociedade, onde não haja preconceitos de cor, raça, religião e níveis sociais. Onde se tenha uma sociedade igualitária. Onde não haja opressores e oprimidos. Onde os poderosos caiam e ninguém ocupe seus lugares, pois o trono pertence a Deus e Ele está acima de todos os poderes do mundo. Todos nós somos filhos de um só Pai. É por isto que os homens devem se dar as mãos para trabalhar juntos no projeto do Reino, que começa aqui e agora, para que não haja VIDA DOENTE SOFRIDA, onde o ódio dê lugar ao perdão e a justiça sorria no nosso rosto. Onde reconheçamos o rosto de Cristo estampado no rosto de cada filho de Deus. Onde as sementes DA RESSURREIÇÃO DE JESUS, cresçam e produzam frutos de COMUNHÃO e PARTICIPAÇÃO na Igreja e na vida social.

Vemos que temos uma grande tarefa em nossas mãos, falta nós a desenvolvermos.

PRIMEIRO ENCONTRO INTERDIOCESANO DE CEBs DO RIO DE JANEIRO

Foi realizado nos dias 15, 16 e 17 de junho de 1984, em Moquetá - Nova Iguaçu, o 1º encontro interdiocesano de CEBs do Rio de Janeiro.
O encontro contou com a presença de cerca de 83 irmãos e irmãs, 5 bispos, 5 padres e representantes das dioceses de Caxias, Nova Iguaçu, Itaguaí, Volta Redonda e Nova Friburgo.
A chegada a Nova Iguaçu foi as 18 hs. Após a identificação dos participantes foi servido, às 19.30 hs., o jantar.
Após o jantar o grupo encarregado de animar musicalmente o encontro iniciou um ensaio dos cantos.
Às 20 hs. inicou o encontro com o canto das CEBs "CEBs POVO UNIDO".
Logo após o canto foi lido a carta de Dom Gregory, lamentando não poder estar presente ao encontro e desejando a bênção de Deus para o mesmo.
Foi explicado por nossa irmã Vera, da diocese de Nova Iguaçu, o sentido do encontro. Dom Mauro, da diocese de Caxias, completou, dizendo que o nosso encontro deve ser realizado na perspectiva da festa da Santíssima Trindade. Celebramos o Deus vivo e Trino, fonte de amor e vida. Esta festa se torna a festa da comunidade.
Começou então a apresentação de cada diocese na qual cada participante tomou parte ativa, fosse ele bispo, padre ou leigo.
A primeira diocese a se apresentar foi a de Itaguaí que compareceu com o bispo Dom Vital, o Pe. Tiago e mais 10 irmãos. Apresentaram-se cantando uma música típica: Rip-dia-rip-ei. Apresentando um mapa da diocese com suas comunidades e as pastorais que nelas existem. Entraram cantando e se despediram distribuindo sementes, como prova do seu esforço para ser semente de vida nova.
Foi a vez da apresentação da diocese de Duque de Caxias, representada pelo bispo Dom Mauro Morelli, Pe. Domingos de Xerem, Pe. Miguel e mais 32 pessoas. A apresentação de Caxias contou com um samba no qual ressaltavam a união do Povo de Deus no encontro de Nova Iguaçu.
Nova Friburgo foi a 3º diocese a se apresentar, com seu bispo Dom Clemente, os padres Romero e Emanoel, e as irmãs religiosas Heloisa, Maria Tereza e Haidil e mais 10 pessoas. Entraram no auditório engatinhando, para dizer que a diocese está apenas começando no campo das comunidades eclesiais de base. Apresentaram um grande e belo cartaz que retratava uma igreja nas nuvens, sendo puxada para a terra por seu bispo e suas comunidades. Este cartaz foi feito para a Assembléia Diocesana de Nova Iguaçu em 1983, mas os irmãos de Nova Friburgo reconheceram nele o seu esforço. Apresentaram o problema da terra, falta de sindicatos, baixos salários (o pessoal do campo é que mais trabalho e menos ganha). Foi colocado também que existem coisas boas como uma feirinha comunitária na qual se compra legumes e verduras para 15 dias por apenas Cr$ 3.000,oo.
Dom Clemente pediu aplausos para o bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano, pelo recebimento de título de Cidadão Fluminense, ressaltando que este título pertence a todos os que caminham na fé.
Logo após foi apresentada a diocese de Volta Redonda. O bispo, Dom Waldyr, veio acompanhado dos padres Normando, Pedro e mais 19 pessoas. Apresentarm um cartaz da diocese, deixando claro que a sua população é, na sua grande maioria, formada por migrantes mineiros. Dois operários enchiam 2 vagões, cantando uma música que falava das dificuldades da vida operária naquela diocese.
A última diocese a se apresentar foi a de Nova Iguaçu. Os 21 representantes, junto com o Bispo Dom Adriano e o Pe Ézio apresentaram a luta pela terra e a violência urbana,

Após a apresentação de todas as dioceses foi mostrada pelo pessoal de Canindé o trem da caminhada das CEBs com seus 5 vagões onde se lia as paradas de Vitória em 1975 a Canindé em 1983. Agora foi acrescentado mais um vagão, onde se via escrito: "1º encontro interdiocesano - Moquetá- Rumo a Goiânia - 1986.
Foi então encerrado o encontro desta noite com a eleição da coordenação do encontro.

SÁBADO
7.30 hs. café. Logo após o café, às 8 hs: celebração. Sentido: A prioridades da pastoral da terra e da pastoral operária. Foi apresentada com uma mesa com flores, um capacete de operário (símbolo da divisão dos operários), 2 ferramentas, uma bíblia, o círio pascal, uma carteira profissional; e ao lado da mesa: uma planta, uma pá e uma enxada.
Foi escolhido um voluntário para representar os lavradores. Antonio contou a sua vida como lavrador e as dificuldades e a exploração que sofrem os lavradores. Ressaltou que a pastoral da terra tem dado um grande apoio a esta classe sofrida. No final, fez gestos com a enxada de como se trabalha na roça. Dona Sebastiana representou o trabalhador da terra que está morando aqui no Rio. Contou a dificuldade sofrida quando se trabalho para um fazendeiro explorador.
Leitura da Palavra de Deus
Dois operários, Braga de São João de Meriti e e Campos de Volta Redonda falaram a respeito de sua profissão.
Foi feito a leitura da Palavra de Deus, Evangelho de São Mateus: Os trabalhadores da vinha.
Após a celebração contamos um canto de animação: O MEU PAI TEM MUITOS FILHOS.
Dom Mauro fez a abertura do encontro, ressaltando o objetivo:
1º partilhar a caminhada das comunidades, a história dos Atos dos Apóstolos.
2º Refletir quais são as maiores ameaças à vida do nosso povo - quais são os caminhos da morte
3º planejar o encontro de Goiânia em 1986.
Logo após foram divididos todos os componentes em 10 grupos de trabalho: cada grupo contará com um secretário que passará o trabalho mais importante ao secretário geral do encontro. No plenário cada grupo apresentou os fatos mais marcantes.
Na parte da tarde foram feitos murais, a aprtir dos trabalhos dos grupos, apontando os problemas que mais tiram a vida do povo. Resultado dos grupos:

- sociedade injusta e dominadora - desorganizada
- falta de participação e organização do povo através de seus movimentos (sindicatos - Associações de ioradores...)
- falta de evangelização para um compromisso concreto com o povo
- repressão violenta e manipulação dos meios de comunicação
- desemprego (fome)
- racismo no trabalho e na repressão
- saúde precária do povo
- sistema
- falta de confiança
- salário de fome
- falta de assistência médica
- individualismo -
- acumulação da terra na mão dos poderosos
- menor abandonado, desnutrição (falta de diálogo na família)

- desânimo e desconfiança, negativismo e comodismo
- fechamento da comunidade
- falta de uma verdadeira religião
- armamento
- latifúndios
- meios de comunicação individualistas
- política salarial
- falta de conhecimento da vida humana de Cristo e sua luta na conquista do Reino
- nossa omissão em lutar por uma sociedade igualitária
- formação das catequistas - não pregam o verdadeiro Cristo. Foi colocado que a comunidade eclesial de base tem o dever de incentivar o povo na luta diária pela vida
- custo de vida
- corrupção

Após a apresentação dos cartazes e murais saimos em procissão para a capela onde foi celebrada a missa. Coube à diocese de Nova Iguaçu a preparação da celebração, ficando para cada diocese preparar o ato penitencial e as ofertas.
Na celebração Dom Mauro frisou bem que não adianta procurar defeitos no clero, pois todos temos defeitos. O importante é a fé e a caminhada.
Logo em seguida houve um momento de lazer com o grupo que anima musicalmente o encontro, tocando um forró.
Após o lazer houve um plenário no qual cada um explanou melhor o tema " OS CAMINHOS QUE LEVAM A MORTE"
As 22.15 hs foi servido café e chá e logo após foram expostos os slides de Canindé pelo padre Domingos.

DOMINGO - dia 17
As 7.30 hs foi servido o café
As 8 hs tivemos uma celebração da Palavra preparada pela diocese de Volta Redonda. O sentido da celebração foi o Dia do Migrante. Foi lido o Evangelho de São Mateus 2,12-15. Durante a celebração pessoas migrantes engajadas nas CEBs deram testemunho de sua condição de migrante.
Logo após a celebração foi exposto o seguinte trabalho: foram formados 2 tipos de grupos para discutir os seguintes assuntos:
1. (grupo integrado) Como fortalecer a vida das comunidades para ser semente de uma nova sociedade.
2. (grupos diocesanos) Quais os frutos que a sua diocese leva como compromisso deste encontro para repartir com as comunidades.

O resultado do trabalho do primeiro grupo (integrado) foi absorvido pelo grupo diocesano e fica a cargo de cada diocese discutir e encontrar fórmulas que possam fortalecer as comunidades para que se tornem realmente sementes de uma nova sociedade.
(Aqui cada participantes preenche o resultado do seu grupo e do plenário)
.....
.....
.....
.....
.....

O encontro terminou depois da celebração da eucaristia com um almoço fraterno.

CEBs - POVO UNIDO... SEMENTE DA NOVA SOCIEDADE....

II ENCONTRO REGIONAL DOS CEBs DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO EM PREPARAÇÃO PARA O IV ENCONTRO NACIONAL DOS CEBs.

"Nosso Lar" - Nova Iguaçu - 26 e 27/10/1980

"Igreja - povo oprimido que se organiza para a libertação".

R E L A T Ó R I O

1. Introdução

2. Formas de organização dos CEBs.

3. Articulação dos CEBs entre si.

4. Relacionamento dos CEBs com outros grupos e/ou movimentos populares.

5. Anexo - Carta ao Pe. Vito Miracapilo.

INTRODUÇÃO

Esse encontro faz parte de todo um processo de preparação para o Encontro Nacional. Foram realizadas muitas reuniões locais onde o povo discutiu o tema proposto. Em 14 e 15 de junho foi efetuado um primeiro encontro regional sobre "A Igreja e a problemática do tema, no campo e na cidade" cujo relatório já foi distribuido.

Antes desse 2º Encontro as CEBs enviaram os seus relatórios,preenchidos em conjunto, que foram discutidos por uma comissão coordenadora. Desse material foi elaborado o temário do encontro.

Estiveram presentes as comunidades dos seguintes lugares:

- Barra Mansa;
- Volta Redonda;
- Nova Iguaçu;
- Duque de Caxias;
- Itaguaí;
- São João de Meriti;
- Angra dos Reis; e
- Rio de Janeiro (Vicariato Oeste)

O encontro foi assessorado pelo CEDI (Centro Ecumênico de Documentação) por Neide Esterci e Jether Pereira Ramalho e pelo CEDAC - por Piragibe Castro Alves.

Equipe de Coordenação

IV Encontro Nacional Inter-Eclesial, 20 a 24 de abril de 1981

Itaicí - São Paulo

2a. Parte

Forma de organização das CEBs.

A primeira parte teve como objetivo analisar as formas de organização existentes nas comunidades e apontar critérios.

A partir dos relatórios, enviados pelas comunidades, houve uma pequena introdução para dar margem a reflexão.

A assembléia ficou dividida em grupos por forma de organização interna, assim discriminada: clube de mães, jovens, pastoral operária, liturgia libertadora, grupos de base, catequese, assembléia comunitária (conselho pastoral)

Cada grupo discutiu as seguintes perguntas:

- Como funciona esse grupo na sua comunidade? E quais os passos que tem dado para a libertação?

Os grupos voltaram ao plenário com as seguintes respostas:

Clube de mães: discussões sobre problemas locais, combate à caristia, conscientização da poluição ambiental, luta contra taxas escolares, pesquisas quanto ao perfil social.

Jovens: Assumiram a alimentação, dos grevistas da construção civil, apoio a oposição sindical, apoio a greve do ABC (venda de bônus, grupo de conscientização política, reuniões específicas.

Pastoral operária: Reunião mensal sobre sindicatos, comissões de fábrica e oposições sindical, debates políticos conscientização das mulheres dos operários, domésticas unidas aos operários, reflexão sobre CLT, providência social, conscientização em relação aos patrões, trabalho com partidos políticos, associação de bairro, luta contra corrupção no INAMPS.

Liturgia: Reflexão dos fatos da semana nas missas de domingo, encenação de temas de interesse comunitário, conscientização dos direitos, celebração ligada a vida.

Grupo de base: Trabalho com favelas, visita às casas em datas religiosas e festivas, passeata como método educativo, luta para diminuir o preço das passagens de ônibus, ação do povo independente do padre quando não aceita a linha de libertação, comunhão como celebração das lutas do povo, preparam subsídios próprios.

Catequese: Trabalho de conscientização com pais e filhos, crianças discutem os problemas do bairro, conscientização em relação a greve dos professores, crianças venderam bômes dos metalúrgicos, confecção dos cartazes na luta pela passarela na Rio-Petrópolis, estudo feito pelas crianças sobre as multinacionais.

Assembléia comunitária: Semana de debate político, respeito a religiosidade popular, quebra dos preconceitos religiosos.

O que faz esses grupos serem libertadores?

- Opção pelos pobres
- Grupo voltado para problemas externos à Igreja.
- Fé e continuidade dos trabalhos evangélicos.
- Conscientização política, dos direitos.
- Luta pelas reivindicações populares.
- Alerta a exploração.
- Compromisso de libertação.
- Desenvolver a capacidade de ajuda mútua que leve a libertação do medo.
- Deve partir da periferia (dos oprimidos)
- Que haja participação de todos.
- Passos conscientes e revistos.
- Ação a partir das necessidades.
- Luta contra a estrutura que escraviza.

Conclusão

Opção pelos pobres a partir dos pobres e com base no Evangelho.

A partir da conclusão iniciou-se uma discussão sobre "Opção pe pobres"".

Levantou-se à seguinte questão: Opção pelos pobres é por parte dos ricos ou dos pobres?

Para se fazer uma opção pelos pobres é preciso viver e repartir a vida com ele. O rico só estará do lado do pobre quando entender o Evangelho e compartilhar a sua vida com o povo. Há pobres que ainda não se comprometeram com a luta pela libertação, pois estão voltados para promoções, bens materiais e para si mesmos.

Deus fez a maior demonstração de opção pelos pobres quando escolheu o povo de Israel - pobre, oprimido e escravo, e não o povo do Egito - rico, opressor e cheio de poder.

Não se pode entender que toda a riqueza seja produzida pelo pobre e que este fique esquecido na distribuição desta riqueza. Nós, pobres temos que descobrir a raiz dos problemas que nos atingem, pois só nós sabemos falar sobre os nossos problemas. Hoje, a libertação será conduzida pelos próprios pobres unidos, a partir de suas necessidades, com base no Evangelho. Deus quer a libertação do seu povo, tanto que deu a Moisés a missão de conduzir a libertação do povo de Israel escravo no Egito.

No mundo em que vivemos as reformas não atenderão as necessidades do povo oprimido, é preciso uma mudança radical, precisamos transformar as estruturas do mundo que impedem o homem de ser livre e de ser libertados.

"Ide e anunciai..."

Obs: As comunidades de base perceberam que senadores, deputados e programas de TV ("Aqui e Agora" e "Povo na TV") na realidade, não estão voltados para os interesses do povo e sim para os seus próprios interesses.

3a. Parte

Articulação das CEBs entre si

A segunda etapa do encontro tinha como objetivo: "descobrir juntos a importância das comunidades de base se articularem entre si como condição básica para crescerem e transformarem a sociedade à luz do Evangelho".

Houve primeiro uma colocação a partir dos relatórios vindos das comunidades. Assim foi lembrado a existência de cursos, dias de estudo, visitas, campanha da Fraternidade, coordenação de grupos de comunidades, coordenação de periferia, assembléias (regionais, diocesanas), reuniões inter-comunitárias (mensais ou mais distantes ainda), encontro por pastoral nos diversos níveis até o diocese toda.

A partir daí, o pessoal se dividiu em grupos de trabalho, com duas perguntas:

1. O que tem possibilitado à sua comunidade a articulação com outras comunidades (diversos níveis)
2. Você acha importante se articular mais?
   Porque? como fazê-lo?

1. A primeira pergunta descobriu-se o seguinte: - ações em comum: transporte, reivindicações contra a poluição, para conseguir água, esgoto, etc.
   - Luta contra a violência em todas as formas.
   - Gesto amplo de solidariedade ao povo de El Salvador quando da morte do D. Romero.
   - O engajamento de várias comunidades na luta particular de uma comunidade.
   - Assembléias em conjunto sobre problemas específicos: terra, habitação, custo de vida...
   - Encontros de trabalhadores.
   - Assembléias de periferia.
   - Comissões de direitos humanos.
   - Debates políticos.
   - Encontros de jovens.
   - Cursos de formação.
   - Visitas de comunidades a outras comunidades.
   - Pastoral de saúde, conselhos inter-comunitários.
   - União com as comunidades mais próximas.
   - ... (o encontro de hoje! (26 e 27 de outubro).

NOTA: Existem muitas comunidades que infelizmente não estão se articulando, e por isso estão morrendo. Também quando o padre incentiva, a coisa vai para frente.

2. A segunda pergunta os grupos responderam que:
   - É importante se articular porque isso fortalece, anima o pessoal.
   - Quem não se articula não cresce.
   - Trocar experiências e material enriquece a procura comum.
   - É bom para aprender a escutar os outros.
   - Viu-se que os cristãos precisam se aproximar de outros grupos de movimentos, sem medo, e sem se contaminar.

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

- Nos encontros com outras comunidades conhece-se outros problemas, outras lutas, outro ânimo.
- Tem que se articular com as comunidades próximas, para depois se articular com as mais distantes.
- Vários grupos insistiram sobre a necessidade de se visitar mais, de se comunicar, de criar laços.
- Lembraram a falta de tempo que muitas vezes torna difícil os encontros mais amplos.

4a. Parte

O relacionamento das CEBs com outros grupos e/ou Movimentos populares

Introdução - Inicialmente foi feita uma colocação do tema, indicando:

a) Há problemas que interessam a todo o povo, independente de sua filiação política, religiosa ou de associações. Como exemplos podem ser citados: salários, taxas escolares, taxa de lixo, saúde, segurança, habitação, desemprego, etc.
b) Os movimentos populares não são esclusividade dos cristãos. Eles pertencem ao povo como um todo. Não cabe à Igreja dividir os movimentos populares ou criar grupos paralelos. Também não é seu papel direcioná los. As CEBs são elementos de apoio à lutas de povos. Como exemplo, foi destacado que não tem sentido uma "oposição sindical dos cristãos", - "partidos políticos da Igreja", "~~criações~~ de bairro católicos", etc.
c) As CEBs não têm que assumir os discursos ou os programas dos Partidos Políticos, como seus, mas têm que se comprometer com o processo de transformação da sociedade injusta, para que o trabalhador tenha seus direitos respeitados e não seja explorado, como é atualmente. Como exemplo apresentou-se "a questão da distribuição de renda". Isso não significa que as CEBs não façam discussões políticas, mesmo de políticos partidários, pois eles precisam estar conscientes das propostas dos partidos Políticos do Brasil, hoje.

O plenário foi então dividido em grupos para discutir as seguintes perguntas:

1) O que tem dado de positivo o relacionamento das CEBs com outras organizações populares.
2) Quais são as dificuldades encontradas e como se dão essas dificuldades?
3) O que tem as CEBs de especial?

Dos relatórios dos grupos foi aprovada a seguinte síntese:

1) Elementos positivos do relacionamento :

- Tomam consciência de que a Igreja não é a dona da verdade nos trabalhos populares.
- Possibilita e incentiva a participação nos sindicatos, associações de moradores, partidos políticos, etc.
- Desperta as pessoas para novos problemas.
- Desperta a consciência política e para outros campos de trabalho.
- Aumenta a consciência coletiva contra a consciência individualista.
- Reativa entidades populares paradas ou incentiva a criação de outras. Ex. Ass. do Conselho de Moradores. Ambulatórios, Creches, movimentos de reivindicação, sindicatos, etc.
- A troca de experiência aumenta a visão das CEBs.
- Como o trabalho beneficia a todos, o povo começa a se identificar com a Igreja.
- Aumentam as vitórias alcançadas, através da união do povo. Ex. Construção da passarela sobre a estrada, Movimentos de Amigos de Bairro, reivindicações coletivas junto às Prefeituras, etc.
- É uma chance para outras pessoas tomarem consciência dos problemas do povo.
- Muitos começam a participar e confiar na Igreja.
- Aumenta o apoio de outras Igrejas Cristãs em cima de questões concretas.
- Valorizam as pessoas e aumentam a união do povo.
- Evoluem as CEBs em outras lutas concretas que ultrapassam o seu trabalho especial.
- Mostram que não se pode caminhar sozinhos e aumentam a confiança na força organizada.
- Com as experiências do relacionamento diminui o perigo das CEBs deixarem-se manipular.
- Aumenta a consciência dos problemas dos operários e de outros grupos.
- Questionam os outros grupos e são questionadas pelo movimento popular, também.

2) Dificuldades encontradas

- Falta de conhecimento sobre Partidos, Sindicatos, Associações de Moradores, etc.
- Não há apoio de muitos bispos e padres.
- Medo do debate político e de serem usados pelos partidos.
- Os meios de comunicação social da Igreja estão fora do alcance do povo.
- A nossa formação religiosa é tradicional e individualista.

- As divergências de posições dentro da própria Igreja (entre padres, bispos, leigos, e associações, etc) dificulta a caminhada.
- Perseguição do Governo ao trabalho da Igreja.
- A campanha dos poderosos é muito grande e forte. Ex. TV, Rádio, Jornais, Impressos, Campanhas Sociais, etc.
- Medo de infiltração de aproveitadores e "dedos duros".
- Comodismo por parte dos cristãos.
- A Igreja tem a tendência de apresentar propostas prontas para o povo.
- Discriminação de grupos, por motivos de raça, ideologias políticas, posições religiosas, etc.
- Medo de perder a posição - A Igreja quer dominar ou liderar quando se relaciona com outros grupos.
- Determinadas organizações só se aproximam das CEBs para utilizar a sua força em benefício próprio e não do povo.
- Sobre-carga de trabalhos nos agentes de pastoral.
- Falta de uma consciência mais profunda da realidade social.
- Os sacramentos estão afastados da vida do povo.
- A divisão dos cristãos.

3) O especial das CEBs

- A luta é feita à luz do Evangelho.
- Possibilita o crescimento da consciência do povo.
- Relacionamento mais profundo com Deus, a partir das lutas concretas
- Vida e Evangelho unidos.
- Respeitam o povo, para saber o que o povo quer. Partem das necessidades do povo.
- Procuram avaliação crítica da comunidade.
- O objetivo é a luta coletiva pela justiça, para o bem de todos.
- É um movimento da Igreja com a visão social. Surge da reflexão evangélica e tem como objetivo o bem do povo.
- Uma caminhada que tem como base Cristo e os problemas do povo.
- Nasceu do sofrimento e da angústia do povo e tem como referência a fé em Cristo e as lutas populares.

5a. Parte - Anexo

Nova Iguaçu, 26 de outubro de 1980.

Prezado Irmão Vito

Nós, das Comunidades Eclesiais de Base do Estado do Rio de Janeiro, presentes no Encontro Regional em Nova Iguaçu, para refletirmos à luz do Evangelho de Jesus Cristo, a caminhada de libertação do nosso povo, testemunhamos que o seu compromisso com os pobres e oprimidos, representado pela sua luta com os camponeses do Nordeste brasileiro, foi motivo de inspiração para os nossos trabalhos.

Como trabalhadores que somos, sentimos no nosso dia a dia, as mesmas injustiças que o irmão denunciou, e por isso também nos consideramos atingidos pela opressão que está sofrendo. Lembramos na nossa Missa de hoje que serão bem aventurados todos aqueles que por amor a Jesus e à justiça forem caluniados e perseguidos. Como nos consideramos seus companheiros nessa luta, queremos reafirmar nossa certeza de que as promessas e as esperanças do Cristo nunca irão faltar aos seus verdadeiros servos.

Temos ainda confiança que a injustiça que lhe pretendem fazer não se consumará, mas de qualquer forma, assumimos redobradamente o nosso compromisso, reforçado pelo seu sacrifício, de continuar a luta de libertação do povo, sinal do Reino de Deus aqui na terra.

Que Deus lhe dê forças e perseverança na luta do Evangelho.

Seus irmãos em Cristo,

CEBS

III ENCONTRO INTER-ECLESIAL DAS COMUNIDADES DE BASE

" IGREJA, POVO QUE SE LIBERTA "

Nós, gente simples do povo, mulheres e homens, trabalhadores do campo e da cidade, índios, chegamos a estas conclusões no II Encontro Inter-eclesial, realizado em João Pessoa, Paraíba, de 19 a 23 de julho de 1978. Somos representantes de todas essas Igrejas / ou de comunidades de base que assinam embaixo. Em obediencia à Palavra de Deus e em fidelidade às esperanças de nosso povo sofrido, decidimos assumir em nossa vida e na caminhada de nossas Comunidades Eclesiais de Base, as seguintes orientações:

1 - Pistas iniciais:

a) - Queremos dizer que, cada dia, alimentamos o nosso compromisso com o Evangelho de Jesus Cristo, acolhido na fé da Igreja e vivido na nossa maneira de amar os nossos irmãos oprimidos.

b) - Recomeçamos, a cada dia, a mudança do mundo em direção ao Reino de Justiça, pela própria maneira pessoal de cada um se comprometer, e também a comunidade eclesial, a fim de que todos nós sejamos testemunhas vivas da aliança do Senhor com o seu povo. Nesse / sentido, queremos que os pobres sejam sempre considerados acima das instituições (Igreja, sindicato, partido, etc.).

c) - Em tudo a gente deve partir sempre de nossos interesses de povo pobre e não dos / interesses dos que hoje se encontram no poder. Toda essa opressão que chega sobre nós tem sua raiz no pecado: as terras nas mãos de quem não precisa delas; os operários sujeitos a ganharem um minguado salário, gerando frutos como a fome, a mortalidade de crianças, o / analfabetismo. Esse grande pecado é agora social e se chama sistema capitalista.

d) - Procurar estar sempre unidos e organizados, fazendo nosso trabalho dentro de nossas comunidades, para provar a nossa fé no Senhor que muda todas as coisas, a nossa esperança de quem está sempre esperando o seu Reino, prometido a nós, pequenos, e o nosso / amor.

2 - Quanto à nossa situação no mundo:

a) - Participar de todas as ferramentas que vão nos ajudar em nossa luta pela libertação, como sindicatos, associações, partidos políticos e outros que sejam nossos, e não / para nós.

b) - Lutar para que a terra seja dividida entre nós, camponeses e índios, que dela tiram os produtos para o seu sustento, para que a gente possa viver na terra sem ser tocado como gado. Na cidade, nós, operários, queremos ter maior participação em tudo, principalmente na posse comum dos nossos meios de trabalho (ferramentas, máquinas, indústrias).

3 - Quanto à nossa atuação na Igreja:

a) - Exigir maior participação do povo junto ao bispo e maior representação de nossas comunidades nos conselhos pastorais e paroquiais, a fim de que a nossa presença não seja substituída pela do agente pastoral.

b) - Criar condições para que, nas comunidades de base, nós, os leigos, os religiosos (as), os padres e os bispos, possamos crescer em união entre nós. Entre a gente não deve ter ninguém marginalizado. Devemos caminhar em um só sentido, unidos e organizados, para alcançar a salvação.

c) - Procurar fazer com que as celebrações na Igreja expressem a nossa vida e a nossa cultura, de maneira que elas não defendam os que pisam nos interesses de nossa classe / oprimida.

4 - Quanto à análise da realidade:

a) - Procurar conhecer a realidade do local, do nosso município e dos municípios vizinhos, para fazer uma corrente que se liga entre nós, descobrindo o que está por trás daquilo que os poderosos procuram esconder de nós, a fim de que os nossos olhos passem a ver o que realmente precisamos ver.

b) - Fazer essa análise com boa participação de todos, de modo que o nosso esforço cresça sem nunca voltar atrás.

c) - Assumir a nossa condição de classe oprimida, pois temos de fazer um trabalho acreditando uns nos outros, já que os nossos interesses são iguais.

5 - Quanto à maneira de conhecer essas coisas:

a) - Sempre em pequenos grupos, onde o povo encontra o povo.

b) - Através de uma ação avaliada, para que seja correta.

c) - Procurando estudar a realidade, principalmente a história das sociedades, segundo a nossa maneira de entender essa história pelos olhos de quem constrói e sustenta a base social.

O Divino Espírito Santo, que a todos anima e transforma, faça com que estas decisões sejam, em nossa vivencia cristã, carne e sangue, vida e dom de amor.

Carta aprovada pelos participantes do VII Encontro Inter-eclesial das Comunidades de Base, com representantes das seguintes Igrejas:

— Igreja do Rio Branco, Acre.
— Igreja de Marabá, Pará.
— Igreja de Ponta de Pedras, Pará
— Comunidades Batista e Coração de Jesus, da Igreja de Belém, Pará.
— Paróquia Bom Jardim, da Igr. de Cândido Mendes, Maranhão.
— Paróquia de Lago da Pedra, da Igr. de Bacabal, Maranhão.
— Comunidade Damasco, da Igr. de Pinheiro, Maranhão.
— Paróquia Treiri, da Igr. de Itapioca, Ceará.
— Pastoral Operária, da Igr. de Natal, Rio Grande do Norte.
— Igreja de Campina Grande.
— Igreja de Propriá, Sergipe.
— Igr. de São Mateus, Espírito Santo.
— Comunidades de Itabira e Timóteo, da Igreja de Itabira, M. Gerais.
— Igr. de Volta Redonda, R. Janeiro
— Igr. de Bauru, S. Paulo.
— Comunidades de Xanxim, Santa Rosa, Ubaraba, N. Sra. da Luz de Curitiba, Paraná.
— Comunidade da Lomba do Pinheiro, da Igr. de Porto Alegre, RS.
— Comunidade do de Carazinho, da Igr. de Passo Fundo, RS.
— Igr. de Diamantino, Mato Grosso.
— Igr. de S. Félix, Mato Grosso.
— Igreja de Goiás Velho, Goiás.
— Comunidade de Faina, da Igr. de Rubiataba, Goiás.
— Comunidade de Goianésia, da Igr. de Uruaçu, GO.
— Comunidade de Ituiutaba, da Igr. de Uberlândia, MG.
— Comissão Pastoral da Terra (CPT), JOC e ACR.
— Comunidade do Prata, da Igreja de Santarém, Pará.
— Comunidade América, da Igreja de Cametá, Pará.
— Comunidade de Nova Canindé, da Igreja de Bragança, Pará.
— Paróquia de Tingidor, da Igr. de Coratá, Maranhão.
— Comunidade Cruzeiro, da Igr. de S. Luiz, Maranhão.
— Igreja de Crateús, Ceará.
— Paróquia de Aratuba, da Igr. de Fortaleza Ceará.
— Igr. de Mossoró, R. Grande do Norte.
— Igreja da Paraíba.
— Igr. de Olinda e Recife, Pernambuco.
— Igr. de Vitória, Espírito Santo.
— Igr. de Ruy Barbosa, Bahia.
— Comunidades de Miguel Gustavo, Vila Croácia e Guaratiba, da Igr, do R.Janeiro.
— Igreja de Lins, S. Paulo.
— Comunidades de Vila Remo, Parque Cocaia e Osasco, da Igr. de S. Paulo.
— Paróquia de Cristo Ressuscitado, da Igr. de Joinville, S. Catarina.
— Paróquia Boa Vista e Torres, da Igr. de Caxias do Sul, RS
— Comunidade do Santiago, da Igr. de Uruguaiana, RS.
— Aldeia Xavante de S. Marcos, da Igr. de Guiratinga, MT.
— Comunidade Piranhas, da Igr, S. Luiz de Montes Belos, GO.
— Comunidade de Capuava, da Igr. de Goiânia, GO.
— Comunidade Monte Carmelo, da Igr. de Patos de Minas, MG.
— Irmãos Evangélicos, Igr. de Afogados de Ingazeira, Pe.

V ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBs

04 a 08 de Julho de 1983

Canindé - Ceará

TESTEMUNHO DOS BISPOS

Bispos das diversas regiões do Brasil, em número superior a 30, nos encontramos em Canindé, junto à Basílica de São Francisco das Chagas, como participantes do Vº Encontro Intereclesial das CEBs.

Nessa oportunidade de uma grande assembléia religiosa que foi idealizada, assumida e promovida graças à participação e vitalidade das próprias CEBs e que contou/ com a presença e o apoio da Hierarquia e com o especial serviço do Regional Nordeste I, queremos louvar ao Senhor que revela aos pequeninos suas maravilhas e dar um testemunho do que para nós significa estes dias.

Não foi propriamente um encontro de estudos o que aconteceu em Canindé, de 04 a 08 de julho de 1983. À sombra do Santuário de São Francisco, o que houve foi uma grande celebração conduzida pelas CEBs. Elas expressaram no canto, na prece, nos gestos, nos depoimentos, na fraternidade e no serviço, a fé, a esperança e a alegria de um povo que sabe que tem Deus do seu lado.

A cada passo do Encontro, pudemos verificar que a Palavra de Deus é o ponto fundamental de referência das CEBs. É à luz da Palavra de Deus e guiadas pelo Espírito Santo que procuram ver e interpretar os acontecimentos.

A comunhão com os pastores foi outro sinal das CEBs que se tornou visível no entusiasmo com que se referiam à participação de seus bispos e sacerdotes e até nas lamentações de um ou de outro quando isto não aconteceu.

Aqui, em Canindé, tornou-se bem clara a verdade do que afirma nosso documento/ sobre as CEBs: "É no redor das comunidades de base que se desenvolve e se desenvolverá, cada vez mais, no futuro, a ação pastoral e evangelizadora da Igreja".(As CEBs e a Igreja no Brasil, n.40).

Ficamos profundamente edificados com a esperança do povo, revelada nesse Encontro das CEBs e com sua capacidade de enfrentar as dificuldades e os desafios que acompanham a vida do pobre, seja no campo, seja na periferia e nos bolsões de pobreza das cidades.

Se o que predominou no Vº Encontro foi o clima de celebração, não faltou a reflexão séria sobre problemas importantes como a situação da Igreja e do País, a seca e a fome no Nordeste, a posse e uso da terra, o desemprego, a participação política e uma autêntica organização sindical. Em tudo se procurava encontrar os caminhos abertos pela fé e pela solidariedade dos pequenos.

Finalmente, percebemos com alegria, uma vontade sincera de somar forças com tantos outros companheiros da cidade e do campo, das Igrejas Evangélicas e de outras comunidades religiosas, das associações e dos movimentos que estão na mesma caminhada e têm o mesmo compromisso de trabalhar na construção da nova sociedade baseada na justiça e na participação fraterna.

Por tudo isso que vimos, vivemos e sentimos, podemos testemunhar que as Comunidades Eclesiais de Base, no Brasil, são verdadeiramente, um "novo modo de ser Igreja". "São centros de evangelização, instrumentos para a construção do Reino e agentes de libertação e desenvolvimento na busca da concretização das esperanças do povo" (CNBB - Diretrizes).

Nesta terra sofrida e religiosa do Nordeste, nesta cidade-santuário de Francisco, o pobre-seguidor-fiel de Jesus, a quem o Espírito chamou para reconstruir a Igreja, nossas comunidades, evangelicamente pobres e disponíveis, renovaram seu compromisso de contribuirem efetivamente para a revitalização "das comunidades mais amplas, especialmente das nossas Igrejas Particulares". Elas são "uma esperança para a Igreja Universal". (Evangelii Nuntiandi 58). Para a América Latina e, de modo particular para o Brasil, elas são uma semente fecunda da nova sociedade que almejamos.

Canindé, 08 de julho de 1983.

400 cópias
Camus

6º Encontro Inter-eclesial das CEBs
Trindade - Goiânia
21 à 25 de julho de 1986

Goiânia, 05 de julho de 1985

Queridos irmãos
das Comunidades Eclesiais de Base de todo o Brasil.

Com alegria convidamos a todos para participarem do 6º Encontro Inter-Eclesial das CEBs, que terá seu ponto culminante/ em julho de 1986, na cidade de Trindade (Arquidiocese de Goiânia), onde se reunirão os irmãos vindos de todo o país para celebrar a caminhada das CEBs, Povo de Deus em busca da Terra Prometida". Sugerimos aos irmãos que estes meses que nos separam de Trindade sejam vividos como um "tempo do 6º Encontro".

Este " novo modo de ser Igreja", apresentado pelas CEBs, recebeu dos Papas Paulo VI e João Paulo II, dos bispos latino-americanos e principalmente dos bispos do Brasil, todo apoio e incentivo à sua caminhada. Lembramos o documento da CNBB de 1982 em que os nossos / bispos diziam: " De forma privilegiada, as CEBs redescobrem, ~~na leitura bíblica~~ lendo a Bíblia, o sentido libertador da História da Salvação. Enxergam sua própria caminhada na caminhada do Povo de Israel, atualizada na vivência do Mistério Pascal de Jesus Cristo. Assumem sua luta pela justiça como realização do profetismo na sociedade de hoje. Redescobrem também a vivência fraterna das comunidades ~~primitivas~~ que se encontravam na oração e na fração do pão, unidas num só coração/ e numa só alma. (At. 2,4)"

No Brasil, os encontros inter-eclesiais das CEBs manifestam todo o sentido de vida das comunidades na reunião dos irmãos que vêm de todos os recantos do Brasil. Foi assim em Vitória, em 1975 e / 1976, quando as comunidades se encontraram para refletir e partilhar os temas: " Uma Igreja que nasce do Povo pelo Espírito de Deus" e/ " Igreja, Povo que caminha". Em João Pessoa, com o tema: " Igreja , povo oprimido que se organiza para a libertação" e finalmente em Canindé no Ceará, em 1983, onde refletiram o tema: " CEBs, povo unido, semente de uma nova sociedade".

Neste encontro inter-eclesial de Canindé, ficou definido o tema do 6º encontro marcado para Trindade, Goiás: "CEBs, Povo de Deus em busca da Terra Prometida". Do clamor do povo nordestino, sedento e faminto de água e justiça, nasceu a idéia de se refletir sobre a terra, tema também da Campanha da Fraternidade-1986. Esta reflexão, que se estenderá até julho de 86 em Trindade, leva em conta três pontos importantes:

1 - A TERRA DE LAVOURA E A TERRA DE MORADIA. Terra que é de Deus, que a deus para todos os seus filhos.

2 - A TERRA PROMETIDA DA NOVA SOCIEDADE: uma sociedade fraterna, justa e participativa, onde todos, sem distinção de raça, sexo ou idade, partilhem igualmente de todos os bens.

3 - A TERRA PROMETIDA DO CÉU: a esperança da pátria definitiva, a conquista final da terra, que merecemos de acordo com o Reino que construímos já aqui na terra.

Este 6º Encontro de CEBs já começa aqui em nossas comunidades, onde devemos refletir, discutir e rezar. Estes pontos são também Reforma Agrário e Constituinte, que fazem parte da terra. Isto dentro do próprio ritmo e programação das comunidades.

Em Trindade, de 21 a 25 de julho, teremos então, os momentos culminantes do 6º encontro, a grande celebração de partilha dos frutos colhidos no decorrer deste ano, de manifestação e proclamação de nossa fé e nossa unidade, através de representantes de comunidades vindos de todo o Brasil.

Em cada lugar, de acordo com a realidade própria, sugerimos que se faça a abertura solene deste 6º encontro.

Na esperança de uma comunidade em busca da Terra Prometida despedimo-nos, fraternalmente.

Secretariado do 6º Encontro das CEBs.

NOTAS: - Esta carta deve ser lida em todos os conselhos comunitários e paroquiais, e celebrações -

- Cada comunidade deve descobrir a melhor maneira de fazer / conhecido este 6º Encontro.

- É importante, como diz a carta, aproveitar as atividades e programações das comunidades e diocese. Por ex.: CF, Congresso dos trabalhadores, reuniões sobre Constituinte etc.

- A partir de janeiro todo o material e subsídios do 6º Encontro estarão a disposição na livraria do CEPAL.

A Equipe se encontra à disposição p/esclarec

no CEPAL. 3º and

Coordenação de pastoral

14 de outubro de 1985

Amigos coordenadores,

Venho relembrar nosso encontro mensal:

24/10 9-11 hs CEPAL

e faço a seguinte proposta de assunto:

pastoral - CF/86 - encontro nacional das CEBs em Goiânia

Por quê ?

Lourdinha, encarregada por nós de preparar este 6º encontro nacional, já montou uma equipe com os remanescentes de Canindé.
Na 1ª reunião, tiraram uma proposta a ser discutida agora pelos coordenadores

Evita o paralelismo e a sobrecarga mas parece que mexe um pouco com a pedagogia da Cáritas.

Resumindo

(1) As Comunidades (re)elegem seu agente para a CF 86. Este ponto já é pacífico.

(2) A Cáritas coordena, a nível diocesano, este grupo,
. não apenas para preparar a abertura oficial,
. mas também para:
- levar estes agentes a descobrir nas (e com) suas Comunidades a problemática da terra de moradia e de trabalho,
- trocar experiências (e não idéias)
- aprofundar seu ver e seu julgar. Aí entra o movimento pró-Constituinte e a linha bíblico-litúrgica.
- orientar e descobrir pistas na e com a Comunidade (paróquia, região, comissão...) sem esquecer a abertura oficial.

Idéia também de uma tarefa de um encontro para o outro.

(3) Depois da CF, em maio por exemplo, Lourdinha convida estes agentes para uma Assembléia com dois objetivos:
- tirar os delegados para Goiânia (julho)
- preparar estas pessoas para representar a diocese e elaborar sua contribuição dentro do tema (muito integrador por sinal) Terra, Nova Terra (nova sociedade) Terra no Céu.

Esta assembléia poderia receber também a contribuição do Congresso dos Trabalhadores que terá se realizado.

Vão pensando sobre tudo isso...
As contra-propostas são sempre interessantes.

Até lá, um abraço

Bernardo

N.Iguaçu, 21 de fevereiro de 1986.

6º ENCONTRO INTER-ECLESIAL DE COMUNIDADES DE BASE

DE 21 À 25 DE JULHO EM TRINDADE - GOIÁS

Prezado Coordenador,

Este é um segundo comunicado para tôdas as comunidades interessadas em participar deste 6º Encontro.

No 1º comunicado, a equipe diocesana de CEB's colocou-se à / disposição de tôdas as comunidades que quisessem discutir e refletir sobre Ceb's e sua participação no 6º Encontro.

Até agora, somente seis comunidades se interessaram em conhecer e participar deste encontro.

A Comissão Nacional do 6º Encontro está exigindo uma resposta urgente de como está a organização e articulação das CEB's no Estado e em nossa Diocese. Por isso convocamos estas seis comunidades, e outras que ainda estejam interessadas, à participarem de uma pequena assembléia no dia 16 de março na Catedral, através de um representante por comunidade.

Esta pequena assembléia do dia 16 será para dar continuidade a preparação do 6º Encontro e para eleger a Comissão Diocesana de CEBs.

Os representantes das comunidades que virão para essa mini-assembléia, deverão ser eleitos de acordo com os seguintes critérios vindos da Comissão Nacional de CEB's:

1º - ESTAR COMPROMETIDO COM ALGUM TRABALHO DENTRO DA COMUNIDADE.

2º - ESTAR COMPROMETIDO COM A LUTA POPULAR (SINDICATOS, TRABALHADORES, NEGROS, ASSOCIAÇÃO DE BAIRROS ETC...) DE PREFERÊNCIA LIGADOS À LUTA PELA TERRA.

N Ã O E S Q U E Ç A M !!!

ASSEMBLÉIA: DIA 16 DE MARÇO
LOCAL: CATEDRAL DE SANTO ANTONIO
HORÁRIO: de 8 às 12 horas

CONTAMOS COM A PRESENÇA DE SUA COMUNIDADE.

p-Equipe Diocesana - Lourdinha

NOTA:

A Equipe Diocesana continua à disposição das CEB's que estejam interessadas, fornecendo material para reflexão.

Quem estiver interessado, comunique-se com Ademir, no CEPAL - 3º andar, sala da Coordenação de Pastoral. Telefone 767-0472

7º ENCONTRO INTERECLESIAL DE CEBs
POVO DE DEUS, NA AMÉRICA LATINA, A CAMINHO DA LIBERTAÇÃO.
Baixada Fluminense – 10 a 14 de julho de 1989.

Av. Pres. Kennedy, 1861 – 25020 – Duque de Caxias – RJ
Tel.: (021) 771-9444

CRÔNICA E SÍNTESE DOS PLENÁRIOS

DIA 11/07/1989

AMÉRICA LATINA

1. Rosto latino-americano (dívida externa, terra, regimes, trabalho)
2. Massacre das culturas
3. Sinais de resistência, segura e libertação
4. Desafios para a evangelização, após 500 anos de presença da Igreja na América Latina



CRÔNICA DOS PLENÁRIOS

PLENÁRIO A "WILLIAM, VALMIR E BARROSO"

Crônica elaborada pelo assessor Toninho

As atividades começaram às 08:15 hs com a saudação da Equipe Coordenadora: Betinha, Leste 2, Sebastiana, Nordeste 4, Felipe, centro-Oeste. Foi lembrado que o patrono do plenário "VALMIR" era um dos três operários assassinados em Volta Redonda, fins de 1988.

A oração foi motivada e orientada pelo Regional Nordeste 1, dividida em 6 momentos. O primeiro ressaltou o rosto sofrido do negro, índio, mulheres, trabalhadores rurais, religiosas e padres que caminham com o povo. Este momento encerrou-se com o cântico "Haveremos de ver qualquer dia chegando a vitória". O segundo momento focalizou a Igreja antes e depois do Concílio Vaticano II, antes voltada para si e agora para o mundo. O canto "Vem, vem, vem Espírito Santo vem, vem trazer a Igreja um novo vigor" marcou este momento de oração. O terceiro momento ressaltou a opção (conversão) pelos pobres proclamada por Medellin e Puebla. Mais uma vez o canto foi a expressão viva desta constatação: "A verdadeira Igreja é onde está o povo reunido; como Jesus deseja, nem opressor e nem oprimido". O quarto momento recuperou a memória dos Encontros Intereclesiais anteriores encerrado pelo canto "Somos gente nova..."mostrando o trenzinho dos Intereclesiais. No quinto momento foi introduzida a Bíblia como elemento simbólico de união entre católicos e evangélicos, destacando, também, o papel do CONIC. O canto avivou o mandamento de Deus "Palavra não foi feita para dividir ninguém".

Depois do louvor o Pe. Toninho situou o dia como um olhar para a América Latina, procurando levantar as características comuns entre os diversos países, pois na América Latina as regiões mudam de nome mas os problemas são semelhantes, ultrapassando as fronteiras.

Os grupos deveriam refletir sobre quatro blocos de preocupações:

1. Tentar definir o rosto Latino-Americano a partir das situações concretas, das marcas comuns e das causas que produzem o sofrimento do povo.

2. Olhar para as culturas especialmente a cultura indígena, a negra e a popular que foram massacradas pela cultura dominante.

3. Buscar descobrir os sinais de esperança e resistência. Onde, como e a partir de onde aparecem?

4. Tentar levantar os desafios para a evangelização.

Os grupos de aproximadamente 15 pessoas com o relator previamente escolhido e um coordenador eleito nesta hora, discutiram a respeito do bloco que lhes foi proposto.

Depois da discussão e enquanto os relatores de cada bloco se reuniam para colocar em comum a discussão, realizou-se uma Tribuna Livre na qual as pessoas se inscreveram para expressar sua palavra. Neste momento desfilaram preocupações dos irmãos operários, mulheres, jovens, indígenas, que embora particulares ressoavam em todos.

Voltaram os relatores apresentando uma síntese de trabalhos e finalmente o Pe. Toninho fez a amarração acentuando os seguintes pontos: O primeiro bloco procurou colocar para nós o chão onde estamos, onde a realidade brasileira e latino-americana está se dando. A situação atual é herdeira das situações vividas no passado. O tipo de modelo social e econômico vigente está vinculado com a presença religiosa tradicional. A opressão que sofrem os povos latino-americanos nos mostra que as realidades nas quais vivemos são muito semelhantes não só em termos do Brasil mas também de América Latina.

Este primeiro momento de constatação da realidade é muito importante, porém não se pode permanecer nele. Faz-se necessário tirar as consequências a partir de nossa fé. Nossa grande preocupação é não só constatar os problemas mas nos animarmos nestes dias. Assim como, buscar um projeto compatível com as aspirações dos vários movimentos populares, no campo civil com reforço de organizações políticas compatíveis com as aspirações populares e no campo religioso, não basta pedir perdão diante do passado, mas engajar-se com "o novo" que está emergindo.

PLENÁRIO B "ÍNDIO MARÇAL"

Crônica elaborada pelos assessores Antônio Cechin e Nilo Buss



Os encontristas lotaram completamente o salão quando Moacir, o coordenador, às 8 horas em ponto, iniciou os trabalhos.

Nossa atenção foi então atraída pela ambientação da sala. Na frente, estendido de alto a baixo, um imenso painel de uns 7 metros de lado representando a ação do Espírito no mundo, fazendo desabrochar Comunidades de Base por toda a parte. A frase dos Atos dos Apóstolos da parte inferior do painel faz-lhe a síntese:"... e todos eram um só coração e uma só alma".

À frente das cadeiras, no espaço entre estas e a mesa da presidência, estendido no chão, um outro painel circular, de 2 metros de diâmetro com o distintivo característico do 7º Encontro rodeado do lema:"Povo de Deus na América Latina a Caminho da libertação".

Além disso, diversos vasos com flores naturais e folhagens decoravam a frente.

Moacir convidou a todos para a oração inicial. A equipe de oração, Regional Notre 1, tomou a palavra. Todos em pé cantamos o hino "Pelos caminhos da Amérida".

Logo em seguida o público presente repetia o que no microfone se rezava pedindo a Deus pela sofrida América Latina, a "Pátria Grande".

Depois, todos sentados, ao som de um canto latino-americano, do fundo do salão, pelo corredor central, foi se aproximando uma pessoa, vestida de uma casula de papel. Na frente e atrás, em letras garrafais, a palavra "índio". Fazendo circunvoluções à frente dos presentes procurava atrair a atenção para a palavra, ou melhor, para o índio. Postou-se depois bem no centro do painel circular colocado no chão.

Com idênticas características, revestido de casula, entrou depois o negro, dançando ao ritmo da música, seguido de um operário e de um agricultor, postando-se todos em cima do painel em que já estava o índio.

Enquanto continuava a música com motivo latino-americano entraram, do fundo do salão, sempre pelo corredor central pessoas portando cartazes que falavam das situações de opressão de nossos povos e também com dizeres bíblicos sobre semelhantes situações.

Entraram depois, chamados ao microfone todos os países da América Latina, representados por pessoas portando cada qual uma vara da qual pendiam compridas tiras de papel colorido - as cores de cada uma das nações.

Depois das circunvoluções todas essas pessoas se colocaram em cima do painel circular.

Na frente, esse conjunto de umas 50 pessoas, tomava o aspecto de uma torre colorida. Ao soar de um canto de esperança e libertação, começou uma verdadeira ciranda das pessoas que compunham a torre; ora se davam as mãos e dançavam em redor das bandeiras; ora as bandeiras circulavam por fora e em sentido oposto aos que se davam as mãos. Depois foi a vez de os cartazes cirandarem.

Tudo dava a nítida sensação de uma América Latina, em cujo continente os pobres entraram em processo de conscientização, organização e mobilização.

Terminada a oração, foi convidado o Assessor para uma motivação para o trabalho dos grupos. Antônio Cechin, explicou as perguntas elaboradas para os grupos e que estavam repartidas em 4 blocos, todas desdobramento do Tema Geral de reflexão para este primeiro dia de Encontro: América Latina.

Em seguida o coordenador chamou a atenção para o nome do "Índio Marçal" patrono do nosso plenário B. Foi dada, então, uma breve síntese da vida do guarani mártir.

Todos então partiram para seus respectivos grupos de trabalho.

Às 11:32hs iniciou-se a mini-plenária "B". A coordenação esteve aos cuidados de Moacir José Albuquerque, do Sul IV (Lages-SC).

Os relatores dos blocos 1, 2, 3 e 4, cada um por sua vez expressando a síntese das perguntas pares e ímpares dos mini-grupos que integraram os 4 blocos do plenário "B", leram o conteúdo dos mesmos.

Findas as leituras entremeou-se por um animado canto: "A Igreja é povo que se organiza..."

Seguiu-se, então, a tarefa da "amarração" da parte do Pe. José Marins. Inicialmente fez algumas observações, a saber:

a) Dado a metodologia seguida pouco a pouco, de síntese em síntese vai se perdendo o sabor original de colocação inicial. Cada um parece não mais encontrar-se na síntese final e a mais global.

b) Dizia ter recebido a tarefa de "amarrar o plenário". Mas que isto significa? Não necessariamente sintetizar uma derradeira vez, mas chamar a atenção sobre algo de mais significativo, questionar, apontar, para algo mais prospectivo, n'alguma direção...

c) A dificuldade desta tarefa dado que, recém se ouviram os relatores dos blocos.

Em delineando a "amarração" chamou a atenção para o primeiro elemento forte do trabalho: a palavra POVO. Um povo que tem um rosto sofrido em múltiplas expressões de dor, de sofrimento... E para tudo existem causas, mas o povo resiste, se organiza, constrói história...

Um segundo elemento é que este povo se reune numa comunhão de Igreja. E como Igreja, no modo das CEBs, se organiza, sofre junto, acerta e erra. Já são 500 anos de caminhada na América Latina.

A Igreja que se organiza em CEBs sofre as pressões de toda ordem, não por acaso, mas as pressões vem organizadamente e seu sucesso parece crescer. O mal contra o povo cresce cada dia mais. Dificilmente consegue livrar-se do "grande supermercado de ilusões". O povo é também vítima do latifúndio, dos MCS... E na situação de conflito a fé é profundamente ligada à vida, busca inspiração em palavras fortes como: articulação, coordenação, solidariedade, opções políticas... E vem a entrega da vida. Ilustram profeticamente as opções corajosas, os mártires latino-americanos. Já são muito mais que meio milhar. Vê-se que também em outros espaços, não necessariamente eclesiais, se luta pela justiça, pela fraternidade, pela igualdade, mas como Igreja é preciso manter a especificidade... e conclui dizendo que na geo-política da fé é preciso situar o Brasil na América Latina.

A seguir, o coordenador geral do plenário anunciou que durante o almoço desdobrar-se-iam no plenário "B" uma série de expressões culturais próprias de grupos de Duque de Caxias.

Ato contínuo, o plenário "B" foi tomado de muita alegria quando se sucederam uma série de canções, como: Acorda América, e outras, acompanhadas de instrumentos de corda e percussão, alternando-se metade do plenário acenando ritmicamente as suas bandeirinhas coloridas e outros, batendo fortemente dois pedacinhos de madeira (duas réguas), uma contra a outra. E tudo antes do almoço, foi concluído com um vibrante "viva a América Latina".

Durante o almoço, sucederam-se, no recinto do Plenário "B", inicialmente o grupo RAIC (Reflexos do Arco-Íris Cristão) com lindas canções do folclore afro-brasileiro, cantandas ao rítmo africano e com dança típica. Finda esta apresentação entra em cena a "Associação de Cultura Física e Capoeirologia Cruzeiro do Sul", sob a orientação do Mestre Levy, que deram espetacular apresentação da grandeza da cultura folclórica do negro, que expressou, numa seqüência de danças, capoeira, desde uma aparente anestesia a que foi relegado o negro até expandir-se na grandiosidade do que traz no coração. Tanto o grupo RAIC quanto o de capoeira são de D. de Caxias. RJ.

PLENÁRIO C "JOÃO CÂNDIDO"

Crônica elaborada pelo assessor Luiz Alberto

1. Plenário de abertura: Foi explicado o sentido da escolha de João Cândido como patrono do plenário: marinheiro negro, líder da revolta contra o uso da chibata na armada, no fim do século; gaúcho, viveu seus últimos anos aqui na Baixada, onde morreu nos anos 60. Sua filha, Zelândia, é ministra da palavra na Igreja de Nova Iguaçu.

2. Introdução aos grupos: O assesor indicou que o primeiro dia é dedicado a ver. A partir de nossa realidades locais, inseri-las no estado, na realidade da região, no país e na realidade maior da América Latina que são 18 países que falam espanhol, o Brasil com o português, um que fala o francês, mas também 12 de língua inglesa e outro holandês. Por isso, hoje se fala de América Latina e Caribe. Nos grupos de irmãos latino-americanos vão ajudar a conhecer a realidade.

O trabalho se divide em quatro blocos. O primeiro tratará de desenhar o rosto latino-americano, com seus sofrimentos e lutas. O povo de El Salvador é uma referência significativa.

O segundo bloco será o massacre das culturas, seja as culturas ameríndias, seja dos negros escravos. Mas veremos também os movimentos que hoje tratam de fortalecer essas culturas e o papel das CEBs aí.

No terceiro bloco trataremos de descobrir sinais de resistências, esperanças e libertação, partindo de experiências concretas, onde as utopias se fazem realidade.

No quarto veremos os 500 anos da América Latina e a presença contraditória da Igreja. Momento de penitência pelos erros do passado e do presente, afastando triunfalismo e de concretizar tarefas para viver a América Latina de maneira solidária. Pensando também na reunião de Santo Domingo, em 1992.



3. Depois dos grupos o plenário da manhã apresentou os relatórios:

a) Rosto Latino-americano: realidades múltiplas onde a terra é mal distribuída, grande êxodo rural, povo cada vez mais pobre, países afigados na dívida externa. Entre as causas da situação foram citados o sistema capitalista, a má distribuição da terra e das riquezas, a corrupção.

As Comunidades cristãs têm de denunciar essas coisas e não podem aparecer comprometidas com a situação. Um dos grupos denunciou a utilização por um dos candidatos (Collor) de sua visita ao Papa e estranhou que essa visita tivesse sido aceita em Roma.

b) Significação libertadora da luta de índios e negros:

Vai-se descobrindo a força dos povos índios e dos negros, através da organização, da cultura, da religião e da defesa da vida. Essas comunidades descobrem seus valores: "o negro é bonito". Como articular o problema étnico ou a luta das mulheres com uma perspectiva de classe? Que estão fazendo as comunidades? Recupera-se a figura de Zumbi, fizeram-se as missas dos quilombos e da terra sem males. O CIMI está presente na defesa dos índios.

c) Sinais de resistência esperança e libertação:



* Sinais de resitência:
  - as CEBs que resitem à morte;
  - projetos alternativos:
  - resistência aos grandes projetos (exemplo - barragens):
  - meios de comunicação alternativos:
  - romarias e passeatas, ocupações;
  - a religiosidade do povo

* Esperança:
  - além das anteriores, experiências de comercialização direta entre agricultores e trabalhadores.

* Sinais de libertação:
  - medicina alternativa;
  - centros de defesa dos direitos humanos;
  - autonomia do movimento popular;
  - libertação da mulher;
  - luta contra o racismo.

d) 500 anos:

No passado a Igreja esteve aliada à dominação; com Medellin e Puebla houve uma mudança na reflexão teológica e na postura pastoral da Igreja.

Como celebrar os 500 anos? preparar manifestos; livros de teologia; pensar num intereclesial latino-americano; num seminário sobre a dívida externa; num encontro ecumênico com os delegados dos países irmãos e dos Regionais.

4. Um assessor fez o encerramento. O relatório foi entregue à parte. Salientou-se aí, entre outros pontos, como somos prisioneiros de um capitalismo excludente e marginalizado; mas há uma consciência que se alarga com inúmeros projetos alternativos; descobre-se sempre mais um Deus que é negro, índio e mulher; há uma nova maneira de pensar a Fé e celebrá-la, de ler a Bíblia, "livro dos pobres", como lembrara dona Luzia no 6º Encontro.

ASSEMBLÉIA "MARIAZINHA"

Crônica elaborada pelo assessor Ernane

A coordenadora do plenário, Marlene Osami de Castro, abriu a sessão enfocando a América Latina, seus sofrimentos e suas grandes esperanças. E em seguida, os participantes cantam: "Povo a Caminho" - O Povo a caminho da América está se organizando, são mais países se unindo. É Povo se encontrando para um mundo novo, juntos caminhando.

Após ao canto, a coordenadora, afirmando que todos os presentes são comunidades eclesiais e são Igrejas na Base, convida a todos os bispos presentes, nossos pastores, para ficarem juntos no palanque. Cada um deles se apresenta aos participantes sob calorosos aplausos. D.Paulo Evaristo Arns, Cardeal de São Paulo, em nome de todos os bispos, agradece a acolhida. Transmitiu o abraço amigo de D.Aloisio Lorscheider (internado no Hospital do Coração de S.Paulo) a todos os participantes com o seguinte recado: "não posso estar aí em Duque de Caxias, mas que todos tenham muito amor à Igreja" e que ele oferecia a sua vida para o povo de todo o Brasil, sobre tudo para os mais pobres." D.Paulo Evaristo afirmou que o Brasil é um todo em comunhão com a América Latina na fé e no sofrimento. Citou um poema de Gabriela Mistral que fala da solidariedade na dor e na rebeldia contra toda injustiça e tirania. O esforço tão nobre da prática dos direitos humanos e a vitória de sermos todos fraternos serão o grande desejo. As conquistas das CEBs devem se somar a todas as conquistas para vivermos em paz.



Após a palavra de D.Paulo Evaristo, D.Mauro Morelli convidou o bispo de Rwanda, África, D.Ntihinyurwa Thadés para transmitir uma mensagem a todos. Assim ele se expressou: " Não falo a língua de vocês, mas o saúde de todo o coração. Desde ontem, aprendi o jeito de vocês buscarem as coisas e o Evangelho. Hoje, através de gestos e de cânticos pude participar da Assembléia. Voltando para o meu país, vou dizer o que vi e ouvi ao meu povo. Rezei com vocês em união com o po

vo da minha diocese para que sejamos escutados por Deus. Não será uma oração de desconhecidos, mas de filhos do mesmo Pai e irmãos de nosso Salvador. VAmos entrelaçar as nossas mãos como América Latina, África e todo mundo."

D.Mauro diz, ainda, que estão inscritos 95 bispos, alguns ainda não chegaram, como os 3 membros da presidência da CNBB D.Luciano Mendes de Almeida, D.Paulo Ponte e D.Antonio Celso de Queiroz. Das 252 dioceses do Brasil, 225 enviaram seus delegados ao 7º Encontro Intereclesial.

A apresentação dos senhores bispos foi um momento forte da sessão plenária da tarde, pois viabilizou a vivencia eclesial das Comunidades.

A seguir, foi apresentada a síntese da temática "Améria Latina" doa Plenários A-B-C.

Marle O.Castro, coordenadora do plenário, convidou o índio Celestino e o pastor Jorge Luis para darem o seu depoimento.

O índio Celestino Assis se expressou: "Pessoal de pensamento nobre, nós somos pessoas, todos brasileiros e só assim haverá igualdade. Falo numa linguagem que todos entendem, o portugues, mas em minha ligua indígena eu dogo "glória a Deus nas Alturas". Vocês brandos de dizem nobres, mas são piratas e massacradores. O conflito nas comunidades indígenas continua. Quero um bom dia para o meu povo, para as comunidades indígenas que estão se acabando. A fraternidade é uma palavra santa e não pode ser enganadora. Os brancos se fizeram de amigos nossos, mas nos enganaram. A FUNAI vive usando as comunidades indígenas para ganhar glórias."

Marlene agradeceu ao índio Celestino e, em seguida, o pastor Jorge Luís transmitiu sua mensagem: "Emocionante estar aqui presente. desejo que a revolução na América Latina passe pelas religiões. Há sinais de que podemos refazer a história e a religião pode ser um instrumento de libertação. Somos aqui um sinal de profetas. A libertação passa pela Unidade. Não basta esta unidade, aqui, com a presença de 100 evangélicos. É preciso trabalhar por esta unidade em toda a América Latina".

Os dois testemunhos foram encerrados com o cântico "Jesus Cristo, esperança para o Mundo".

Na tribuna dos Regionais da CNBB o Norte I disse que a unidade da América Latina inicia-se pela Amazônia. O Nordeste 4 afirmou que as CEBs são a força da união e do compromisso com o povo. O Sul 2 disse: o Encontro pode ser comparado a passagem do Evangelho em que os Apóstolos receberam o Espírito Santo e começaram a falar em linguas diferentes. A linguagem de Jesus é a do amor. E este Encontro já é sinal de libertação e é o grante Pentecoste de nossa época. O Sul 3 enfocou a massacre da cultura, afirmando que isto é o mesmo que oprimir um povo. Mas o Espírito de Deus não se deixa prender e nem ser oprimido. O povo vai recuperar sua identidade e seu rosto e, ainda, todos nós vamos comer do mesmo prato. O oeste 2 afirmou que a sua região é a grende campeã do desmatamento e se interrogou: quando teremos a América Latina como "Pátria Grande"? O Regional Oeste 1 disse que o boi tem toda assistência e o homem vive nas favelas. O homem cedeu o seu lugar ao boi. A CEBs têm a missão de responder a esta realidade. O centro Oeste se diz confiante na promessa de Deus: "estarei com voçês até o fim..." e já conseguiram muitas vitórias. As CEBs são a grande família de todos. Jesus Cristo veio para a felicidade de todos e viveu muito perto do povo. Ele não fugiu de ninguém. Os pastores, hoje, repetem a experiência de Jesus.

Na amarração final, o assessor Julio de Santa Ana, disse que o dia foi muito rico em reflexão e que gostaria de destacar alguns pontos: o rosto negro, índio, mestiço e branco. Constatamos que destes rostos esmagados vai emergindo um rosto livre com a força bela de Deus. Um rosto novo na mulher e do homem emerge cheio de esperança.Com tudo, constatamos os massacres culturais das tradições do povo, dos símbolos regiosos, isto tanto no Chile como na Bolívia, no Mexico,no Peru. Aqui no Brasil quanta morte, quanto genocídio na cultura indígena e do povo pobre. O enseio e a esperança de libertação são reprimidos pelas armas. Temos que resgatar o sentido da vida e da festa. Cristo veio para que todos tenham vida. Cristo enviou os 72 discípulos em missão de paz. É importante repensar a libertação neste contexto de 500 anos de evangelização. Evangelizar com a palavra da liberdade, com a Palavra de Deus que não se deixa acorrentar. Que a celebração dos 500 anos seja de perdão a luz da Palavra de Deus. A dívida externa é uma irracionalidade e o povo continua pagando. Pagar a dívida externa significa menos dívida e a vida do povo latino- americano está em jogo.

SÍNTESE DOS PLENÁRIOS

BLOCO 1: ROSTO LATINO-AMERICANO (dívida externa, terra, regimes, trabalho)

1. QUAIS AS MARCAS COMUNS DO SOFRIMENTO DO POVO LATINO-AMERICANO?

As marcas comuns do sofrimento do povo latino-americano podem ser visualizadas em cinco grandes blocos:

a) cultural-ideológico: ocupação e dominação estrangeira marcando desde o início de nossa história, um verdadeiro massacre cultural; controle do ter, do poder, e do saber;

b) político: militarização generalizada. Estamos saindo da ditadura militar para a "DEMOCRADURA", onde, de novo, os exércitos decidem; leis feitas sem a participação popular, garantindo os interesses dos grandes grupos nacionais e multinacionais;

c) social: pobreza absoluta; gritantes diferenças sociais; violência generalizada humana e ecológica; degradação dos valores humanos; insegurança; analfabetismo; discriminação da mulher; do índio; do negro; a lei do lucro gerando a lei da morte;

d) econômico: concentração da terra; latifúndio; centralização escandalosa da riqueza; exploração da força do trabalho humano; economia submersa como forma de sobrevivência; corrupção generalizada e impune;

e) religioso: alianças com o poder opressor, ontem e hoje; evangelização a serviço da dominação; invasão de seitas fundamentalistas pentecostais; movimentos carismáticos alienatórios.

2. QUAIS AS CAUSAS PRINCIPAIS QUE PRODUZEM O SOFRIMENTO DO POVO LATINO-AMERICANO?

a) o processo colonizador mercantilista, escravocrata, resultou na maneira capitalista de organizar o trabalho: o Estado é usado para colocar medo no povo e não para organizar o trabalho, segundo o interesse do povo;

b) a falta de igualdade e de união; desorganização do povo: falta de cultura e de consciência crítica; o pequeno não acredita no pequeno;

c) a falta de espírito de solidariedade latino-americana numa luta comum;

d) a desvalorização da cultura e das categorias profissionais;

e) os MCS estimulam o medo e fazem a cabeça do povo;

f) a atuação da Igreja na América Latina: manipulação de Deus para justificar e manter a passividade do povo;

g) intervencionismo e militarismo dos Estados Unidos sobre a América Latina (hoje militarismo substituído pela dívida externa).

BLOCO 2: MASSACRE DAS CULTURAS

1. QUAL O SIGNIFICADO LIBERTADOR DA RESISTÊNCIA DOS ÍNDIOS E NEGROS DE ONTEM E DE HOJE AO SEU MASSACRE E MARGINALIZAÇÃO?

a) a união e a partilha entre os índios e negros;

b) a fé como força de resistência;

c) negros e índios descobrem sua força como povo;

d) valorização da própria história e preservação da cultura;

e) a organização como sabedoria para sobreviver e criar o NOVO. A defesa da vida, da terra, da ecologia;

f) a conservação da memória dos antepassados;

g) a certeza da presença e da manifestação de Deus na resistência do povo;

h) a luta para ultrapassar as barreiras existentes e a elaboração de um projeto alternativo de vida;

i) questionamento da posição da Igreja diante das religiões afro e indígenas;

j) conversão da Igreja: comunidades, pastores, agentes;

l) conversão de Entidades que passam a apoiar as lutas do povo;

m) o conflito como fator pedagógico;

n) conquista de espaço político (sindicatos, movimentos populares, partidos).

2. O QUE AS COMUNIDADES ESTÃO FAZENDO JUNTO COM OS ÍNDIOS E NEGROS, PARA IMPEDIR A CONTINUAÇÃO DO MASSACRE E PARA MANTER SUAS CULTURAS E IDENTIDADE?

a) releitura da Bíblia, fazendo ligação da fé com a vida e revendo o papel que a Igreja teve no massacre do índio e do negro na história da América Latina;

b) criação de espaços específicos na Igreja (na comunidade) para trabalho com o negro e o índio e apoio às suas lutas de resistência, para manter as suas raízes, sua terra, sua vida, sua fé;

c) criação de entidades de defesa dos índios e negros na América Latina, levantando a questão da ecologia, a partir das lutas dos povos indígenas;

d) presença maior de elementos próprios dessas culturas dentro da liturgia, através de símbolos, cantos, danças: Missa dos Quilombos; passeatas e procissões; Missa da Terra sem Males;

e) povos indígenas e negros saindo da revolta e assumindo sua identidade;

f) valorização das manifestações próprias dos negros e dos índios;

g) contribuição da Campanha da Fraternidade de 1988 para a conscientização dos negros e das CEBs em relação à causa do negro;

h) presença do negro e do índio nos partidos políticos, com candidatos próprios ;

i) denúncia do "13 de Maio" e resgate da memória de Zumbi;

j) ocupações da FUNAI feitas pelos índios, com o apoio das comunidades;

l) participação maior dos negros nas CEBs;

m) releitura da história, a partir dos negros. Livros didáticos escritos por professores negros assumidos;

n) trabalho do CIMI, em relação aos índios;

o) reflexões nas CEBs sobre a situação dos índios e negros;

p) organização política a partir do negro e do índio; conquista de alguns direitos.

BLOCO 3: SINAIS DE RESISTÊNCIA, SEGURANÇA E LIBERTAÇÃO

1. QUAIS OS SINAIS DE RESISTÊNCIA, ESPERANÇA E LIBERTAÇÃO DO POVO LATINO-AMERICANO , NO CAMPO ECONÔMICO, SOCIAL E POLÍTICO ?

O grande sinal de resistência, esperança e libertação é a Nicarágua; outros sinais também foram mencionados:

a) no campo econômico: cooperativas e associações populares, como resposta aos atravessadores e grandes monopólios; lutas no campo e na cidade pela conquista e posse da terra; consciência da necessidade de uma nova ordem econômica; protextos em relação ao pagamento da dívida externa; organização para forçar o não pagamento desta dívida; desmascaramento do sistema capitalista opressor; convicção da necessidade de melhor distribuição da renda; resistência aos grandes projetos econômicos que não levam em conta o povo;

b) no campo social e político: organização das CEBs, dos movimentos populares , dos movimentos específicos, de sindicatos autênticos e partidos políticos, para uma mudança do sistema; engajamento dos cristãos das CEBs nos partidos políticos; organização dos trabalhadores em sindicatos e centrais sindicais; greves; países que estão procurando sair da ditadura; organização de Centros de Defesa dos Direitos Humanos; consciência em relação ao machismo e racismo ; maior autonomia dos movimentos populares; fortalecimento das associações de moradores; comitês de solidariedade e divulgação; ocupações de terra e assentamentos; participação das bases na política partidária; resistência às multinacionais; valorização das culturas populares e regionais; solidariedade latino-americana; recuperação da memória histórica dos povos latino-americanos; organização e luta das mulheres;

c) no campo religioso: novo jeito de ser Igreja e de ler a Bíblia; maior participação dos leigos na Igreja; novos passos no ecumenismo; percepção da presença e ação de Deus no processo de libertação; união fé e vida; compromisso social das CEBs; os Encontros Intereclesiais de CEBs; contribuição do CEBI; Romarias da Terra; sangue dos Mártires despertando novo vigor nas comunidades.

BLOCO 4: DESAFIOS PARA A EVANGELIZAÇÃO, APÓS 500 ANOS DE PRESENÇA DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA

1. APÓS 500 ANOS, COMO AVALIAM AS CEBs A PRESENÇA DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA E COMO PODEM COLABORAR PARA TORNAR A IGREJA MAIS COMPROMETIDA E SOLIDÁRIA COM A LIBERTAÇÃO?

a) após 500 anos de evangelização, temos uma realidade social que é contrária ao Evangelho. Nossa América Latina tem um rosto rasgado pelo sofrimento. A caminhada nova é ainda muito fraca;

b) a concepção exclusivista de Deus fez com que não fosse valorizada a cultura dos índios e dos negros;

c) a Bíblia foi usada para legitimar a opressão;

d) a Igreja esteve comprometida com os poderosos, aliada ao poder;

e) com o Vaticano II, tem início um processo de renovação em toda a Igreja; com Medellin e Puebla, a Igreja da América Latina começa a mudar seu jeito de evangelizar; toma posição em favor dos pobres; descobre novos caminhos; os leigos têm uma participação mais ativa;

f) no momento atual, há mais recuo do que avanço; as CEBs começaram há 25 anos, mas nos últimos anos houve retrocesso; falta unidade da Igreja para acolher o novo; os movimentos que têm só a dimensão vertical são reforçados, deixando-se de lado a problemática humana; há resistência da parte de membros da hierarquia; o trabalho do leigo em muitos lugares, não está sendo valorizado;

g) as CEBs podem colaborar de muitas formas para tornar a Igreja mais comprometida e solidária com a libertação. Elas podem:
. abrir espaço para o leigo e investir na sua formação;
. não esconder os conflitos com a hierarquia, mas buscar resolver esses conflitos na fraternidade;
. reforçar as coordenações de pastoral, para que as decisões não sejam tomadas só pelo clero;
. ajudar na formação de padres para o povo;
. fortalecer o ecumenismo a partir das lutas do povo;
. apoiar os movimentos populares que levem à libertação das classes populares;
. fazer o clero sentir que somos igreja e queremos caminhar juntos.

2. QUE SUGESTÕES CONCRETAS PODEMOS ENCAMINHAR PARA AUMENTAR A UNIDADE DAS CEBs NA AMÉRICA LATINA?

a) promover a articulação das CEBs, através dos encontros intereclesiais; uma articulação ecumênica a nível latino-americana e nacional, também a nível regional e diocesano;

b) procurar a integração com movimentos afins: Justiça e Paz, Direitos Humanos...

c) investir na formação de agentes na perspectiva das CEBs e para as CEBs;

d) estudar e divulgar a realidade latino-americana: social, política e religiosa;

e) promover a troca de experiências entre as comunidades, de diferentes países, através de correspondência, contatos pessoais;

f) fortalecer o ecumenismo;

g) garantir o espaço do leigo nas CEBs, nos encontros intereclesiais, na comissão ampliada;

h) fazer intercâmbio de publicações e subsídios que ajudem a conhecer mais a realidade latino-americana;

i) investir na produção de material nesse sentido;

j) continuar com o jornal "A Caminho";

l) realizar encontros regionais, até 1992, em 3 ou 4 Regiões da América Latina;

m) formar uma equipe de CEBs a nível latino-americano;

n) recuperar e divulgar para as bases a memória histórica de cada país;

o) fortalecer a consciência de que somos latino-americanos.

DIA 12/07 **IGREJA E LIBERTAÇÃO**

1. Relação fé e política. Motivações
2. Participação dos cristãos na política - formação
3. Mística e espiritualidade
4. Contribuição dos cristãos na construção e no fortalecimento das organizações populares e na elaboração de novos projetos políticos na América Latina

PLENÁRIO A "WILLIAM, VALMIR E BARROSO"

Crônica elaborada pelo assessor Rogério I.de Almeida Cunha



A reunião do plenário A começou pontualmente à hora prevista, e seus trabalhos se desenrolaram com absoluta pontualidade, sob a coordenação de Betinha (Maria Elisabeth), Sebastiana e Felipe.

A Liturgia, foi dirigida pela equipe do Oeste I, Mato Grosso do Sul. A leitura escolhida como tema central foi a prece de Jesus em sua caminhada em direção a Jerusalém (cap 10 vv20 ss): "Eu te dou graças. ó Pai, porque ensinaste estas coisas aos pequenos, e as escondeste aos grandes". O livro da "Palavra Viva" foi acolhido em silêncio pela Assembléia, que em seguida prorrompeu em aclamações.

O Espírito de recolhimento e entusiasmo foi cuidadosamente criado e desenvolvido pela coordenação da Liturgia, que entoou preces de louvor e súplica, pelas "dificuldades do trabalho do campo e da cidade", acenando à mulher, aos trabalhadores reunidos em seus sindicatos, aos marginalizados pelo urbanismo desordenado, aos negros, e também a todos os camponeses expulsos da terra, ou sobre-explorados como lavradores.

Por volta de 08:48, Betinha saudou todos, convidando-os a trabalharem como nos dias anteriores, com força, coragem e garra, passando a palavra ao assessor Rogério, para introduzir o tema do dia: "Igreja e Libertação". Rogério comparou as CEBs a uma grande horta de periferia da cidade, onde trabalham os bóias-frias da cidade, camponeses explorados em sua própria terra, que vivem em favelas e periferias. Nestas hortas plantam-se muitas hortaliças diferentes e, nas várias épocas do ano, mudam-se as plantações. Assim acontece principalmente se consideramos a grande vontade que têm as CEBs de cultivar uma coisa importante: todos queremos uma transformação da realidade que nos oprime. Frente a esta transformação existem vários tipos de pessoas: alguns nem a percebem, outros não a querem, outros acham que ela afasta da fé, outros a procuram em força de sua Fé em Cristo.

Acontece que, cuidar desta horta não é tranquilo, é uma luta: é necessário arrancar o mato, expulsar os animais e ladrões. E a gente só consegue cuidar com "força", combater com "coragem" e transformar com "garra" se a gente se prepara bem, se se realimenta de Fé. O orador foi aplaudido quando disse que os padres e religiosos têm que aprender na convivência com o povo, a rezer, a orar de

verdade. Rezar junto com o povo, a vida e na vida, completou, supõe que a gente aprenda, faça exercício. A oração não é um fogo que a gente deixa em casa quando "sai" para a vida, mas nós somos como Jesus, que veio "para trazer o fogo, e nada mais deseja do que se alastre e encendeie o mundo inteiro". Finalmente, ninguém vive só de hortaliças. A transformação supõe outros tipos de cultivo, outras organizações ao lado das quais as CEBs trabalham. A gente tem que dar a mão com coragem, e saber que as CEBs não vão fazer transformação , mas colaborar com outras organizações de trabalhadores. Não podemos perder tempo discutindo se damos ou não a mão a esta ou outra, mas temos que lutar decididamente ao lado de todos os que lutam pela transformação, nós pela força da Fé, eles, talvez com outras motivações que podem ajudar a construir a justiça e a fraternidade.

Encerrada a Introdução, a coordenadora reatou os trabalhos encaminhando os grupos de discussão. Escondida atrás da mesa de trabalhos, Betinha desabafou: "Que coisa linda! Não é possível... estamos em cima da hora."

As nove em ponto já estavam se encaminhando os grupos,para a discussão, segundo o esquema previsto.

Entretanto, a merenda se fez esperar. Ultrapassados quinze minutos, a coordenação resolveu convidar todos a se desporem em plenária, e a começarem a "tribuna livre". Ao chegarem, os 500 pãezinhos foram destribuídos já bem depois de 11 hs., sem que se interrompessem os oradores.

Quatorze pessoas se inscrevem e trouxeram aos presentes suas preocupações, em torno de três eixos: A questão de expulsos do campo, e de marginalizados pelas grandes cidades; apelos à solidariedade com a mulher, o índio, o negro e, especialmente com posseiros e com várias organizações do campo ou da periferia urbana e, finalmente o apelo internacional do companheiro Victor, da Nicarágua.

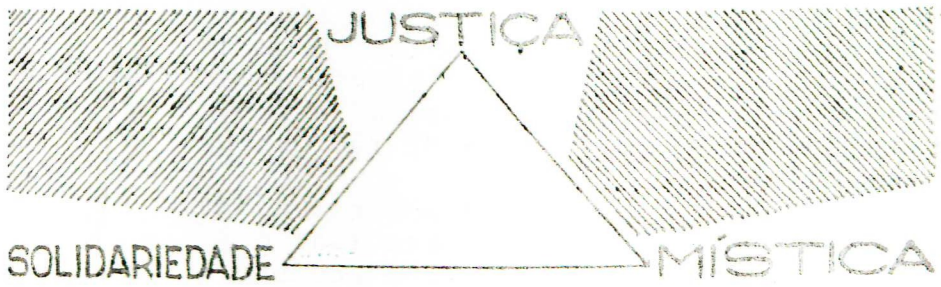
Os relatores de grupo passaram pelo microfone, expondo brevemente o relato das próprias discussões. Em seguida, o Assessor encarregado da amarração, o teólogo Ivo Lesbaupin, acentuou dois aspectos: o afastamento mútuo entre pessoas engajadas e as comunidades, e o papel da Fé no compromisso com os pobres.

Aquele que se engaja na política e se afasta da comunidade, não se afasta da caminhada da comunidade, mesmo se esta muitas vezes rejeita aquele que se engaja na política. De fato, frequentemente, ainda se percebe uma certa incompreensão e preconceito frente ao papel dos políticos. Daí a necessidade de acompanhar, apoiar estes membros de comunidade que se engajam. A comunidade não os pode deixar sozinhos. O principal é estar na caminhada.

Quanto ao papel da fé, o problema principal é o respeito aos que tomam opções diferentes. Certamente que a nossa fé leva ao compromisso com os pobres, pela sua libertação. Entretanto, isto não diz qual seja o único partido. Por isto não podemos, em nome do Evangelho, discriminar quem quer que seja. Em nome da Fé, é possível,entretanto, tomar posição crítica frente aos países que mantém o sistema de "partido único" e, mais ainda, propor a instauração de práticas democráticas nos partidos e nos países.

O clima geral foi de celebração, com acompanhamento rítmico dos cantos, aclamações. O entusiasmo sublinhou a palavra definitiva de Victor: "A política só funciona quando está nas mãos do povo".

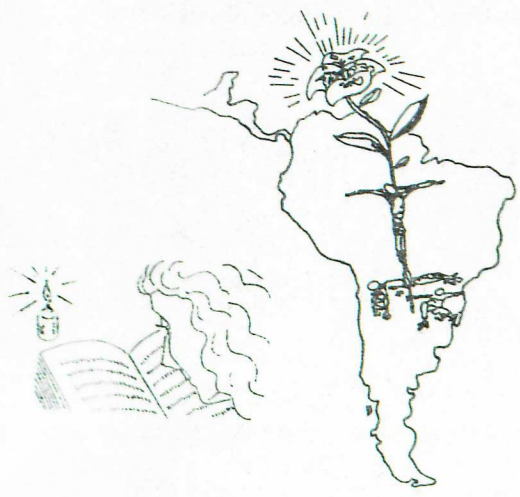
Fé em Deus se traduz em Justiça, Solidariedade e Mística



Fé em Javé: não é ato teórico mas implica num engajamento concreto

PLENÁRIO B "ÍNDIO MARÇAL"

Crônica elaborada pelo assessor Nilo Buss



A Coordenação Geral dos trabalhos desta manhã no plenário "B" , esteve aos cuidados do Sr.Domingos Trindade, leigo, pescador, do Regional Norte 2.

Às 08:15 tiveram início os trabalhos com a oração da manhã articulada pelos Representantes do Regional Oeste 2 (MT). O tema central desta oração versou sobre o "Louvor dos trabalhadores do campo e da cidade". A estrutura da oração esteve assim integrada:

a) Canto inicial: "Envia teu Espírito, Senhor"...

b) Entrada de um painel, muito expressivo, que indicava uma verdadeira integração entre fé-vida. Da Bíblia brota a vida e a sua inspiração. Após o painel, em procissão, trazidos por integrantes dos delegados do Regional Oeste 2, cartazes com os dizeres: "Assentados colhem as primeiras safras"; "Com união e trabalho estamos forjando a nova Sociedade"; "Índio: defendendo o direito de ser diferente".

c) Leitura do texto do Profeta Amós, cap. 9,11-14: sobre as "Promessas da restauração". As últimas frases do texto eram repetidas por todos os presentes. Tinha-se o texto em mãos.

d) Ilustrando o texto de Amós, o painel e os cartazes, foram dados três testemunhos, entremeados por estribilhos de canções ou estrofes que diziam respeito ao trabalhador do campo, da cidade (operários) e/ou aos índios. Um rápido testemunho sobre a situação do homem do campo foi dado por Jaider - ES. Sobre operário na cidade, por José Albino (ex-assessor nacional da Pastoral Operária (CPO); em nome dos índios falou e testemunhou a mexicana Tereza Benitez, índia.

e) Seguiu-se o canto: "Pelos Caminhos da América"...

f) De mãos entrelaçadas todos rezaram o "Pai Nosso", alternativo, da autoria do Luiz A. Passos (o irmão menor) de Cuiabá-MT. (cfr. texto anexo).

g) Seguiu-se ainda o canto: "Pai Nosso dos Martires", e encerrando, uma calorosa salva de palmas, pela significativa oração presidida pelo Regional Oeste 2.

Finda a oração às 09:00 h, Domingos Trindade, re-assumindo a coordenação do plenário, solicita ao Pe. Nilo Buss, assessor da CNBB - Linha 1 - Setor Vocações e Ministérios, que encaminhe a reflexão do dia, com o tema: "Igreja e Libertação". Sua introdução foi rápida e fundamentalmente ateve-se a indicação do enunciado dos quatro blocos, a saber: a) Relação Fé e Política - motivações; b) Participação dos cristãos na política - formação; c) Mística e espiritualidade e d) Contribuições dos cristãos na construção e no fortalecimento das organizações populares e na elaboração de novos projetos políticos na América Latina". Para cada bloco acima correspondiam duas perguntas que também foram rapidamente lembradas.

Finda esta colocação todos os integrantes deste Plenário "B" - "Índio Marçal", foram encaminhados para os grupos para trabalharem na mesma metodologia do dia anterior, isto, em cada um dos 4 sub-blocos as equipes de números ímpares trabalhassem respondendo prioritáriamente à pergunta de número 1 e os grupos pares, a de número 2. Este trabalho estendeu-se até às 10:30 hs da manhã, tendo iniciado às 09:20 hs.

Às 10:30 hs, enquanto era servido o lanche, os relatores das equipes de cada bloco, reuniram-se à parte, para fazer nova síntese das mesmas perguntas tratadas por equipes distintas, no mesmo bloco, estes em número de quatro. Este trabalho estendeu-se até às 11:30 hs, enquanto que, no Plenário B, para os demais, havia e

transcorria uma sessão de "Tribuna Livre", com inscrições voluntárias e espontâneas. Os principais momentos constituiram-se de:

1) Um depoimento solicitando que se discerne muito bem os votos porque são os eleitos que elaboram as leis.

2) O "Poeta Gonçalo" parafraseou a passagem Bíblica de que "Deus é Vida, veio para que todos tenham vida e tenham em abundância". Comparar os políticos com a vinda de Cristo.

3) Maria Felipe - Sul 1 - das CEBs do Vale da Ribeira -SP, mostrou-se muito preocupada com as recentes notícias de que o Teólogo Frei Leonardo Boff seria impedido de lecionar Teologia Católica. Caso isto venha a acontecer solicitou que Bispos e padres resistam contra esta possível postura do Vaticano.

4) Um sacerdote protestou contra os "grupos de extermínio", que em cartas citadas já são de "Utilidade Pública".

5) Uma mulher do NE II disse querer levar para as suas companheiras mulheres a experiência significativa deste "7º Inter-Eclesial".

6) Um deficiente-físico (paraplégico) alerta para os sentimentos de pena que normalmente se tem a favor dos que vivem em situações físicas semelhantes. Não é isto o que resolve. Queremos participação efetiva na Comunidade, até onde possível e sejam incluidos nas minorias discriminadas.

7) Manoel Pereira - AC, prestou homenagem a Xico Mendes, ecologista, recentemente assassinado no Acre, por latifundiários da UDR, por meio de uma canção de sua autoria.

8) Alguém, de Goiás, desmistificou os elogios recebidos, da parte do governo Sarney por seu ministro da Agricultura Iris Rezende, de que Goiás está colhendo a maior safra de grãos de todos os tempos e o povo passando fome mais do que nunca. A safra está estocada nos Silos do governo, à espera, certamente de melhores preços no mercado interno ou na exportação.

9) D.Valdir Calheiros, de Volta Redonda, diante d'alguns protestos que são feitos ao Papa e ao Vaticano, devido à conjuntura eclesial atual, assim os interpreta: "Papa, nós precisamos do seu apoio". Disse que todos os Bispos e o povo sentem muito aprêço ao Papa. Ele é, realmente, o centro da unidade de toda a Igreja Universal.

Às 11:30 hs, em plenário geral "B", os 4 relatores, já de posse da síntese das perguntas iguais, trabalhadas por vários grupos, as pronunciaram diante de todos. Cada relatório era entremeado por canção. Os relatórios foram apenas lidos. Somente o relator das perguntas do bloco 3, fez ilustrar por um testemunho, e por todos foram repetidos alguns enunciados de maior significado.

Findos os 4 (quatro) relatórios, após nova canção, o coordenador Domingos Trindade convida a Frei Betto para que proceda a "amarração" da manhã de reflexão sobre o tema da "Igreja e Libertação".

Frei Betto, inicialmente, resumiu tudo em cima de três idéias fortes, o tocante ao bloco: no tema da relação entre fé e política, a saber:

a) A Palavra de Deus (Bíblia). E ilustrou: a Bíblia é como a gasolina com a qual se abastece o carro do projeto de transformação da Sociedade. Este, abastecido, toma a estrada da história da vida. Aí do carro que não retorna ao posto para reabastecer-se. Assim é o cristão que não se alimenta da Palavra de Jesus. E esta leitura da Bíblia é feita desde a Comunidade. Esta se vê na Bíblia como num espelho. Na Bíblia está também o mapa do itinerário para o Reino. Deus é Pai mas não partenalista, o caminho tem que ser trilhado com os pés da mediação humana.

b) Outro fator de inspiração na relação fé e política, é o "Testemunho de Jesus Cristo". O modo pessoal como se relacionou e era distintamente visto e apreciado pelos fariseus, saduceus, romanos, povo simples e pobre. A vida de Jesus CRisto é também política. Ela é lugar de inspiração para a caminhada libertadora.

c) Um terceiro eixo de motivação vem da própria realidade. Jesus nos fala por meio dela. E infelizmente nem os "direitos animais" (comer, beber, procriar, habitar, vestir-se, etc...) são respeitados à favor dos pequenos e empobrecidos do Reino. E isto Clama

aos céus e faz os conscientes pronunciarem-se diante da urgência da implantação do projeto político de libertação.

Seguiu-se um momento rápido de avaliação histórica do papel das CEBs, fundamentalmente, estas:

a) Semearam os movimentos das organizações populares nos anos 70.

b) Por volta de 1975 inicia o processo da "luta sindical" de oposição por categorias e profissões.

c) Por volta dos anos 79-80 com a gradativa abertura política, veio a "política partidária" que cresce até hoje. E as CEBs foram sempre um espaço de aprendizado da política democrática, participativa.

Diante deste contexto os obstáculos são muitos. Há quem resiste passivamente porque ainda não estão conosco e outros que não querem mesmo aceitar o projeto que vem das CEBs. É necessário paciência, compreensão, oração...

Seguiram-se ainda, antes do almoço um expressivo testemunho de vitória Sindical dada pelo coordenador geral deste plenário "B", concernente as eleições, em Abaetetuba - PA do Sindicato dos pescadores.

Seguiram-se ainda alguns cantos, muito animados, ressaltando na música, testemunho dado por "Manuelão" (Manoel Martins de Oliveira), sobre a filosofia rica e profunda que brota dos pequenos, na compreensão do seu espaço vital.

E a seguir, já sendo 12:35 hs, foi servido o almoço.

PLENÁRIO C "JOÃO CÂNDIDO"

Crônica elaborada pelo assessor Luís Síveres

Após um pequeno ensaio de cantos deu-se início à celebração da manhã com o tema: "Louvor do trabalhador do campo e da cidade". Seguiu-se o seguinte roteiro: canto de abertura, entrada da cruz, Bíblias e velas. Leu-se o texto de Lc 10, 21-24, sendo aprofundado através do Salmo 104. Durante o canto do Salmo entraram dançando dois negros com panos coloridos nas mãos, outras pessoas levando um prato de barro com terra e um jarro com água, cana, plantas e uma pombinha. Depois disso houve uma procissão com a oferta de instrumentos de trabalho: enxada, foice, capacete, colher de pedreiro, cesto de pão, vinho, candeia; um casal de lavradores e uma família de operários. As preces foram feitas pelas pessoas que trouxeram as ofertas e a partir deles se fazia a oração, lembrando a luz, a água, terra, vinho, pão, pá, natureza, pássaro, flores, cana, quadro dos mártires, negro e índio. A celebração foi concluída com a oração do Pai Nosso e bênção final com distribuição de flores à Assembléia.

Em seguida deu-se início aos trabalhos com alguns avisos de encaminhamento do dia, e passou-se a palavra ao Pe. Luís Síveres que apresentou a temática do dia: "Igreja e Libertação", e fez algumas considerações em torno dos 4 blocos que seriam discutidos em grupo. Ao final desta exposição inicial, o Pe. Beozzo chamou a atenção sobre os duzentos anos da Revolução Francesa e de sua colonização no Haití. Como expressão da interação na América Latina chamou-se o Sr. Rafael Hidalgo, representante do Haití que expressou sua alegria em poder participar do 7º Intereclesial e destacou a importância da Igreja do Brasil no processo de libertação do Haití e da América Latina.

Em seguida foi encaminhado o trabalho sobre a grande temática do dia: "Igreja e Libertação". Após o lanche deu-se início a tribuna dos Regionais:

1. Sílvio, de Ji-Paraná:

   Falou sobre o projeto Calha Norte, que tem causado sofrimento às comunidades indígenas.

2. Orlando do Rio Grande do Sul:
   Colocou a situação difícil em relação à pecuária - reduto da UDR. Os grandes proprietários estão tomando conta da situação. As CEBs são um momento para fortalecer a caminhada, embora com um grande grau de despolitização. Foi eleito vereador através de um trabalho de base.
3. Lucínio de Nicarágua:
   Falou sobre a dificuldade de diálogo com a hierarquia da Igreja. "Parece que a Igreja na Nicarágua não existe, não podemos dialogar com os bispos". Aqui no Brasil, diz ele, é muito bonito este relacionamento das CEBs com seus pastores. Apresentou também a situação indígena em seu país.
4. Gaudêncio:
   Pediu uma postura clara frente à Nicarágua, que durante anos foi reprimida. Afirmou que a Revolução "Nica" é cristã, e convocou os Nicaragüenses presentes a fazerem um painel sobre seu país.
5. Sebastião de Araçuaí - Leste 2
   Disse que o norte de Minas é o vale da fome, da miséria. É usado como escada para os grandes subirem. Salientou a necessidade de participar de um partido político como forma de participação, de transformação, "Nós podemos decepcionar como partido, mas não como luta".
6. Maria das Graças de Guarabira - Nordeste 2
   Falou sobre a formação missionária das moças que desejam atuar nas comunidades.
7. Lourenço de Mato Grosso - Oeste 2
   Nos últimos tempos está crescendo a participação dos jovens nas militâncias. Estão enfrentando alguns desafios: desvalorização de quem não está no partido; trabalho muito sério, descuidando da festa.

8. Vitor - leigo evangélico:
   Trabalha na Igreja, contra as estruturas eclesiais, conquistando mais espaço para os leigos. Ocupar os espaços nas organizações e partidos.
9. Máximo de Iguatú:
   A conquista política é lenta, Embora tenha perdido a eleição para vereador, continua militando politicamente com as professoras para melhorar o salário das mesmas.
10. Nair
   Apresentou a Baixada como um lugar abandonado. O serviço de saúde (postos), ficam fechados e o povo morre às suas portas.

No retorno aos trabalhos deu-se a palavra aos relatores para apresentar a síntese dos grupos em seus respectivos blocos. Após o relatório o assessor Manfredo de Oliveira, fez a amarração com destaque a dois passos:

- Quais são as questões fundamentais e que desafio os relatórios levantaram?

a) Questões fundamentais: a fé é a motivação última para uma ação política; o Deus de Jesus Cristo; abertura ao outro. Um Deus- Comunhão convida os homens a entrarem em comunhão com Ele e comunhão entre si. A fé é a razão última que nos envia, pela ação política, a construir uma grande comunidade.

   A política engloba todas as relações humanas que se distingue construir um mundo novo. A fé é a energia que leva o homem, numa atitude de paixão, a viver a fraternidade. A contribuição que o cristão pode dar à política, é a sua paixão pela fraternidade.

   A fé é um dom comunitário, vivenciado em comunidades, contrariando com isso, o Sistema CApitalista que privilegia o individual.

   Nas CEBs existem tensões: há um encantamento da fé, direcionando-a aos aspectos "espirituais"; não preparação para uma ação política; restrangimento da ação partidária para algumas pessoas.

b) Desafio: muitas comunidades se lançaram na política, mas falta uma consciência maior na política partidária.

   Se a fé impulsiona para a política, ela não dá todos os elementos para esta prática. Como então, a política pode fazer crescer a minha fé?

Há possibilidade, diante da globalidade do Reino, caminhos diferentes. Nas CEBs deveria ter um pluralismo, onde se discute, se respeita o diferente, e o respeito na ação política.

Como CEBs devemos pensar num modelo de sociedade, num projeto concreto que possa ajudar a traduzir a grande utopia do Reino na realidade.

É necessário um acompanhamento dos cristãos que entraram na política partidária. Como está se fazendo a formação da fé e da política? Até agora fomos tateando.

Precisamos curtir DEus através da experiência da fé. "Ser o badalo que bate no sino, anunciando o NOVO".

Na ação política o cristão é a luz, o sol que aponta para a fraternização.

Em seguida fomos para o almoço.

ASSEMBLÉIA "MARIAZINHA"

Crônica elaborada pelo assessor Manfredo

A assmbléia teve início com a leitura de um telegrama ao Papa João Paulo II e com a apresentação dos bispos católicos chegados neste dia e dos bispos evangélicos. Passou-se, então, à apresentação dos resultados dos debates em grupos sobre o tema do dia: Igreja e Libertação.

Foram considerados quatro blocos de questões:

a) motivações para a relação fé e política

A motivação fundamental é a própria fé no Deus vivo, doador e defensor da vida. Deus, que é comunhão de pessoas, convida os homens a participar de sua comunhão e a criar uma vida radicada na comunhão. A fé é força, energia, luz, que impulsiona o crente a se engajar na construção de uma sociedade de irmãos. É a fé que permite ler a realidade do mundo como contraproposta ao projeto de Deus e exigindo transformação através do compromisso com aquele, que são as vítimas da injustiça estrutural. Esta fé é alimentada pela leitura da Palavra de Deus, pelas celebrações, pela vida na comunidade e pelo testemunho evangélico na vida. Também ajudam no aprofundamento os documentos da CNBB, os cursos de formação e a leitura de autores comprometidos com a causa do povo.

b) Formação

A formação se faz, em primeiro lugar, de modo informal, através da própria participação nas lutas, nos encontros, nas análises de conjuntura, através de catequese, estudos de documentos da Igreja, etc. As pastorais políticas estão, contudo, tentando sistematizar a formação bíblica, teológica e política dos cristãos para poder qualificar seu engajamento nos diversos níveis da ação política. Há resultado deste processo de reflexão: a mudança na própria concepção do mandato político: ele não pode mais ser entendido numa perspectiva puramente representativa, como uma espécie de delegação, mas deve ser compreendido numa perspectiva participativa, isto é, a comunidade inteira deve sentir-se responsável e participar em seu desempenho. Para isto é necessário que a comunidade supere uma visão puramente reivindicatória em relação às questões imediatas e desenvolva uma consciência político-partidária, onde se põe em questão o próprio projeto de sociedade.

c) Mística

É a experiência do Deus- comunhão, que é a raiz última da ação política dos cristãos. Para o amadurecimento desta experiência, as CEBs estão apontando para os seguintes canais: grupos, pastoral política, encontros regionais, posição crítica frente à Igreja conservadora, acompanhamento dos politicamente engajados, leitura de autores comprometidos com o povo.

d) Contribuição dos cristãos para a ação política.

A contribuição específica dos cristãos é na ordem de conscientização através da participação nos movimentos. Há uma grande riqueza de movimentos no Brasil de hoje: movimentos dos sem-terra, sindicatos, clubes de mães, associações de moradores, movimentos pela libertação da mulher, dos negros, dos índios, dos sem-teto, da mulher marginalizada, da medicina caseira, dos aidéticos, movimento ecológico, etc.

A questão central é, contudo, a do modelo de sociedade, que queremos contruir. A reflexão e ação das CEBs estão apontando para uma sociedade com as seguintes caracteristicas:

a) Sociedade com relações novas na economia, na política, entre os homens e as mulheres e entre o homem e a natureza;

b) O povo é o sujeito principal da construção desta sociedade;

c) Pedagogia libertadora, que permite a expressão das riquezas humanas das diversas raças, etnias, culturas, etc;

d) Sociedade que seja capaz de valorizar e integrar os valores religiosos do povo num espírito pluralista e ecumênico;

e) Sociedade que respeita as diferenças e que tome suas decisões na base da participação de todos.

Na Tribuna dos Regionais, queremos destacar as denúcias a respeito dos grande projetos, que são planejados sem a menor referência à vida concreta e às aspirações do povo.

O assessor Clodovis Boff acentuou três questões fundamentais dos debates:

1) Emerge nas CEBs com força e de modo irreversível, a questão partidária em nossa caminhada como resultado de um processo normal de crescimento. Trata-se de um partido, que deve ser popular, transformador e democrático para poder ser instrumento de mudança da sociedade como um todo. O partido deve ser a expressão das aspirações populares. Esta ênfase na importância do partido parece ser uma especificidade do Brasil dentro do contexto latino-americano, pois em outros países se insiste muito ou só nos movimentos populares ou em lutas revolucionárias.

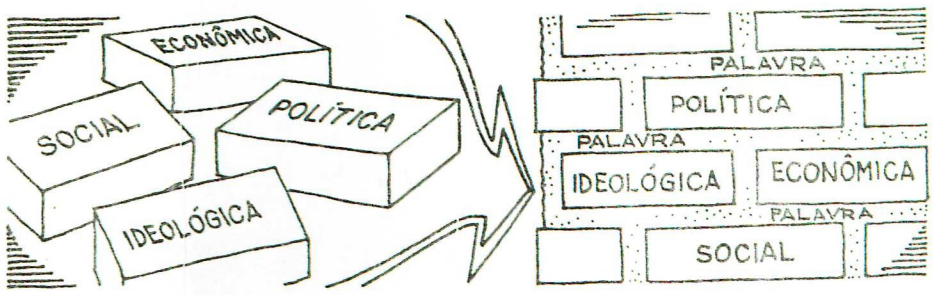
2) Abre-se uma nova frente de pastoral, a pastoral político-partidária: acompanhamento dos cristãos engajados visto como resposabilidade de toda a Igreja. Aqui se põe toda a questão da formação, tanto teológica como política.

3) A contribuição especpífica dos cristãos. O que é próprio nosso é o novo modo de fazer política. Política entendida como serviço, abertura para o irmão, coerência com os princípios evangélicos, respeito para com as diferenças. Fazemos, portanto de outro modo o que os outros fazem. A espiritualidade é que é a raiz desta postura nova. Tudo se enraiza no mistério de Deus, o que nos faz capazes de combinar luta e alegria.

Duas questões emerge de todo o debate:

a) O projeto político. Já é tempo de começarmos a pensar sobre a sociedade, que queremos construir. Duas palavras aparecem como muito importantes neste contexto: Democracia e socialismo.

b) Como tratar os conflitos no interior da Igreja? A raiz da Igreja é Jesus, portanto podemos e devemos cortar galhos podres, nas nunca destruir a árvore.



SÍNTESE DOS PLENÁRIOS

BLOCO 1: RELAÇÃO FÉ E POLÍTICA. MOTIVAÇÕES

1. QUAIS AS MOTIVAÇÕES DE FÉ QUE NÓS TEMOS PARA LUTAR PELA TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE ?

a) a realidade gritante confrontada com o Projeto de Deus;

b) o exemplo e o testemunho de Jesus em sua realidade e a sua presença em meio de seu povo;

c) o próprio clamor do povo diante da situação desafiante, mas sempre responde à mesma com fé com atitudes concretas;

d) a crença de que o Reino deve começar aqui e agora;

e) a experiência fortalecedora de união da fé com a vida;

f) a descoberta da presença de Maria na caminhada do povo;

g) a própria perseguição e o martírio sofridos pelas pessoas e comunidades são o fortalecimento da caminhada;

h) a própria vida é orientada sob o eixo da fé no compromisso para com os pobres, pois descobre-se que Deus é Pai de todos e somos irmãos;

i) o jeito que as comunidades estão encontrando para viver e celebrar a vida de sua Igreja;

j) a união entre os católicos e evangélicos para superar as dificuldades e agradecerem a Deus;

l) A nova maneira de ler e escutar a Bíblia na comunidade ilumina e dá muito ânimo nos desafios e lutas do dia-a-dia;

m) a percepção na leitura bíblica de como Deus está comprometido com os mais fracos;

n) a descoberta de que estas ações de transformação da sociedade são uma das maneiras de se viver o batismo.

2. COMO SE RELACIONAM FÉ E POLÍTICA EM SUA VIDA E NA COMUNIDADE?
QUAIS OS AVANÇOS E QUAIS OS PROBLEMAS ?

a) se se considera a fé desligada da vida então será impossível relacionar fé e política, tanto como opção pessoal e/ou comunitária;

b) o assumir da fé implica necessariamente, o compromisso político do Deus comum;

c) os princípios da fé estão acima das ideologias de partidos políticos

Avanços:

a) documentos da CNBB, cartas pastorais e cartilhas diocesanas que apoiam e incentivam a militância política dos cristãos;

b) dioceses que assumem como prioridade pastoral, a formação política;

c) grupos e comunidades que discutem a libertação e indicam o exercício da política partidária, sindical como ferramenta boa para usar o poder como serviço;

d) o amadurecimento político da comunidade diante das ocupações das terras urbanas e rurais.

Problemas:

a) padres, bispos e membros das CEBs que ainda não têm clareza e firmeza comprometida no processo de relacionamento entre a fé e a política na vida pessoal e comunitária;

b) falta de uma mística e espiritualidade mais profunda para relacionar fé-vida-política-compromisso;

c) resistência nas comunidades diante dos candidatos jovens e mulheres;

d) falta de liberdade na comunidade para se filiar em vários partidos;

e) confronto com a hierarquia devido aos compromissos políticos assumidos pelas comunidades;

f) militante da política partidária e sindical que se sente isolado e sem apoio em sua comunidade;

g) transformação de alguns momentos de oração em manifestações políticas;

h) redução da política ao mero exercício da política partidária;

i) a violência exercida em manifestações coletivas/populares que apoiam, protestam, reivindicam.

BLOCO 2: PARTICIPAÇÃO DOS CRISTÃOS NA POLÍTICA - FORMAÇÃO

1. DE QUE MANEIRA OS CRISTÃOS COMEÇAM A PARTICIPAR DA POLÍTICA?

a) inicia-se com um processo de: consciência e análise da realidade; descoberta de ser cidadão e seus direitos e deveres; política como exercício do bem comum; uso do poder como exercício; consciência de classe;

b) estudo dos documentos da Igreja, das cartilhas, reflexões em grupo, cursos de aprofundamento bíblico, das celebrações e motivações religiosas;

c) participação nas lutas populares, das minorias étnicas e das mulheres através dos movimentos populares, associações de bairro, passeatas reivindicatórias, de apoio ou repúdio; sindicalização e filiação partidária;

e) Comissão de Direitos Humanos, para criar melhores condições de vida ao povo;

2. QUE TIPO DE FORMAÇÃO E ACOMPANHAMENTO OS CRISTÃOS QUE ESTÃO NA POLÍTICA TÊM RECEBIDO E NECESSITAM ?

a) encontros com os militantes dos partidos políticos para análise crítica sobre sua atuação e as necessidades e propostas da sociedade;

b) utilização de cartilhas populares na formação política;

c) curso de formação política para lideranças, militantes de política partidária e agentes de pastoral;

d) presença e contacto constantes entre os militantes e a base;

e) pastoral da política para acompanhar os projetos e atuações dos políticos ;

f) debates entre os candidatos e os membros da comunidade;

necessitam:

a) acompanhamento, apoio, incentivo aos militantes;

b) reflexão e formação sistemática para que se obtenha e se estabeleça critérios para o exercício eficaz do poder político;

c) elaboração de plano de ação, estratégia e formação para melhor acompanhar, influir e ajudar o militante político para não se sentir só;

d) mais compreensão e uso do poder político que atenda necessidades populares;

e) compreensão do papel diferenciado do cristão eleito e sua participação na comunidade;

f) formação sistemática na área social, bíblica e teológica;

g) reconhecimento da autonomia do exercício político, mas ajudando o militante a articular a ação com sua fé;

Conflitos:

a) rejeição por parte da comunidade quando eleito e, não acompanhamento por parte dos membros da comunidade e hierarquia;

b) êxodo dos militantes de suas comunidades, não articulando mais a sua fé com o exercício da política partidária;

c) despreparo para exercer com eficiência o poder político.

BLOCO 3: MÍSTICA E ESPIRITUALIDADE

1. COMO OS CRISTÃOS ENGAJADOS NA POLÍTICA ALIMENTAM A SUA FÉ?

Através:

a) da leitura da Bíblia e celebrações, onde se descobre e se retoma o grande projeto de Deus;

b) da oração, encontro com o Deus Trindade, que é comunidade;

c) da defesa do bem comum (vida) através de grupos de reflexão e discussão na comunidade menor;

d) no reconhecimento da igualdade - a luta pela justiça e fraternidade;

e) da organização fundamentada no projeto político de Deus - ligação fé e vida ;

f) na política feita a partir do povo de base e das organizações sindicais;

g) do engajamento do candidato eleito na política x comunidade que reza e se organiza (mesmo que a hierarquia não o apóie) e nas lutas populares, fazendo da política instrumento de serviço à comunidade;

h) de uma equipe da comunidade para acompanhar o candidato eleito no sentido de ajudá-lo a crescer, mantendo sua fé e coerência.

2. COMO SUA FÉ AJUDA NA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E COMO A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA AJUDA A CRESCER NA FÉ ?

a) a partir do momento que a necessidade fala mais alto;

b) acreditando em Deus, nos comprometemos para a transformação;

c) a fé nos ajuda e empurra para a ação política libertadora;

d) Deus quer melhor vida: a política é um dos caminhos;

e) a luta diária, sinal de fé, e as conquistas trazem felicidade;

f) a opressão e o sofrimento geram a sede de lutar;

g) a fé nos motiva a fazer os projetos que antecipam o Reino de Deus;

h) a fé alimenta a política e a política alimenta a fé (política com pé no chão);

i) a missão das CEBs no momento é limpar a política suja que está sobre nós;

j) a religiosidade popular, a memória dos mártires, o ecumenismo;

l) a política nos faz ver e sentir um Deus bem perto, quente e presente na vida do povo.

BLOCO 4: CONTRIBUIÇÃO DOS CRISTÃOS NA CONSTRUÇÃO E NO FORTALECIMENTO DAS ORGANIZAÇÕES POPULARES E NA ELABORAÇÃO DE NOVOS PROJETOS POLÍTICOS NA AMÉRICA LATINA

1. COMO NÓS, CRISTÃOS, ESTAMOS CONTRIBUINDO NA CONSTRUÇÃO E FORTALECIMENTO DAS ORGANIZAÇÕES POPULARES?

A contribuição tem sido em quatro níveis:

a) conscientização: cartilhas, cursos, reflexão bíblica, encontros com candidatos políticos e pessoas da comunidade, cursos de conscientização política, cursos

de formação política, formação de lideranças, passar informações, folhetos , jornalzinhos, organização de debates, cursos sobre movimentos populares, cursos de direitos humanos na ótica do pobre;

b) Movimentos: onde não existe o movimento as comunidades de base têm ajudado a criar e onde existem, tem reforçado: movimentos de mães, sindicatos, associação de moradores, movimentos de negros, movimentos de apoio às crianças de rua, movimento de libertação da mulher, movimento de libertação dos indígenas, movimentos ecumênicos de serviço, movimentos pela saúde, centros de promoção de direitos humanos, movimentos dos sem terra, movimento de pessoas que moram na rua, movimento dos aidéticos, dos pescadores, dos hansenianos, das mulheres marginalizadas, dos idosos , sem teto, medicina caseira, trabalhadores urbanos, movimento nacional dos favelados, movimentos ecológicos;

c) levando os valores do evangelho para os movimentos e partidos, os valores da partilha e mística de fé; a nossa vivência fraterna sendo repassada; espírito de compartilhar;

d) Militância partidária: participação nos partidos políticos de posição comprometida com a caminhada dos oprimidos; militância com espírito fraterno e sabedoria política.

2. LEVANDO EM CONTA A REALIDADE DA TERRA, A DÍVIDA EXTERNA, A DIVERSIDADE CULTURAL, AS RELAÇÕES DE TRABALHO E O PODER NA AMÉRICA LATINA: QUAL DEVE SER A CONTRIBUIÇÃO DOS CRISTÃOS NA CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO POPULAR DE UMA NOVA SOCIEDADE?

Conclusões:

Todos os movimentos populares e as CEBs, constituem um poder social e este ganhou corpo no projeto político.

Toda força social tem que se concretizar num projeto político, isto é, todos juntos construindo uma nova sociedade.

Esse projeto já está sendo vivido [illegible] mais visíveis, uma sociedade democrática, de cunho popular, amplamente participativa, que incorpora os valores evangélicos e a dimensão religiosa com seus símbolos e celebrações.

Esse projeto que nasce da prática das comunidades com os movimentos articulados se caracteriza nos seguintes pontos:

a) que haja uma nova sociedade com relações novas na economia, política, nas relações homem-mulher, nas relações com a natureza;

b) que tenha o povo organizado, como o sujeito principal de realização;

c) que tenha uma pedagogia libertadora, quer dizer, que parta de baixo para cima; que valoriza as tradições culturais das várias raças, que reconhece e assume a luta dos mais fracos.

d) sociedade nova que valoriza e incorpora os valores religiosos do nosso povo de forma ecumênica e pluralista;

e) nos grupos sentimos a necessidade de formação política mais adequada(não se trata de levar para o partido o jeito de ser da igreja: experiência, consenso, mas se acostumar a conviver com a disputa do poder e da influência);

. levar para dentro da disputa política e partidária as nossas convicções, saber defendê-la com argumentos, e sempre respeitando os nossos oponentes(também as nossas mães);

. essa formação inclui um conhecimento melhor das ideologias, dos problemas emergentes da sociedade moderna, seja de luta popular, seja de sociedade tecnológica.

Frase: . Nós estamos querendo o impossível, mas só quem quer o impossível consegue realizar o possível.

. Como disse uma senhora das CEBs: "a gente faz todo o possível e ainda um pouquinho do impossível.

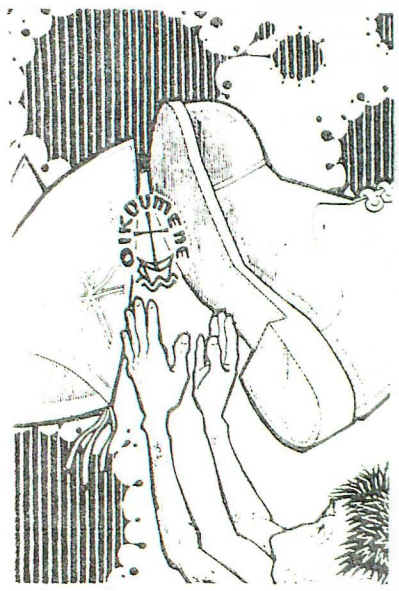
DIA 13/07/1989

ECLESIALIDADE DAS CEBs

1. Palavra de Deus e Ecumenismo
2. Serviços e Ministérios
3. Questão urbana
4. Quebra de discriminações

PLENÁRIO A "WILLIAM, VALMIR E BARROSO"

Crônica elaborada pelo assessor Adair J.Tedesco



Na celebração da missa, que hoje teve uma maior participação, a coordenadora Betinha, depois de saudar a assembléia, convidou-a para tomar consciência do que significa a saudação " O Senhor esteja covosco! Ele está no meio de nós". Foi um momento oportuno para a concentração no plenário. A oração inicial ficou ao encargo do Regional Sul III, tendo como tema "Vocação e Unidade". Foram destacados quatro momentos: A entrada da Bíblia, do fundo da Catedral, passando de mão em mão; o compromisso com os irmãos de outros países latino-americanos salientando-se a unidade já existente; a oração do Pai Nosso de braços entrelaçados e a bênção final, onde toda a assembléia se uniu num grande abraço.

Após o encaminhamento inicial do tema apresentado pelo assessor, os grupos se reuniram para os debates.

Na tribuna livre foram apresentados: a) No Pará as dificuldades são muitas mas o povo não desanima; b) Nordeste I - Este Encontro dá clareza sobre o que o catequista deve fazer- Denunciou que os jovens não estão sendo valorizados nem preparados; c) Nordeste II - A participação da criança nos intereclesiais e que cada CEB adote uma criança; d) O Nordeste IV, falou do sofrimento do povo do Maranhão pela introdução de búfalos que devastam a baixada maranhense - Os trabalhadores da comunidade de Santa Rita, decidiram matar os búfalos e foram presos. A Igreja apoiou a luta.

Na Baixada Fluminense a luta é das mulheres, enraizadas no trabalho, discriminadas: elas e os filhos. O Regional Sul III, diz que o ecumenismo organiza um tipo de sociedade baseada na justiça , com o poder popular (socialismo autêntico).

Belo Horizonte pleitea local para o próximo Intereclesial; sugere data depois do Latino-Americano de 92, em Stº Domingo e o tema: liturgia e religião ou cristão e compromisso social.

Seguiram-se os relatórios dos quatro blocos de perguntas.

A amarração foi intercalada com canto e prece. Teve três momentos: O louvor pela presença da Palavra de Deus no meio de nós, pelas experiências de trabalho em conjunto na linha ecumênica, pelos ministérios novos que estão surgindo e pelo que está acontecendo em termos de recuperação de culturas; valorização da mulher e presença maior do leigo na Igreja. O 2º momento foi de conversão pelo fanatismo que ainda existe contra o ecumenismo; visão distorcida da Bíblia; distanciamento entre Igrejas; divisão dentro da própria Igreja; o não reconhecimento do ministério leigo; apego ao poder por parte de todos - bispos, padres, leigos-e a omissão da Igreja na grande cidade.

O terceiro momento foi de compromisso pela unidade da Igreja e das Igrejas a partir das lutas, por um reconhecimento da possibilidade de ministérios para quem deles hoje está marginalizado: a mulher; pela valorização dos leigos, ajudando a converter os padres e outros compromissos na cidade grande: pastorais específicas, Meios de Comunicação Social mais populares, etc.

PLENÁRIO B "ÍNDIO MARÇAL"

Crônica elaborada pelo assessor Benjamim Borsatto

No dia 13 de julho de 1989, às 8:15 hs, no salão da Catedral - "Índio Marçal", Planário B, deram início às atividades do dia com a oração da manhã, tendo por tema: "Vocação à Unidade".

A Coordenação do Plenário convocou a todos para cantar o canto: "Clamor de Justiça". Em seguida tomaram a palavra os delegados do Regional Leste 2 para animar a oração.

O animador conclamou a todos os presentes para favorecerem um clima de oração e recolhimento. Pediu para deixarem de lado os instrumentos de percussão. Enquanto cantavam o canto "Pai Nosso dos Mártires", os componentes do Regional Leste 2 foram chegando na frente devagar, vindos do fundo do salão pelo corredor central. Duas pessoas com velas na mão, acompanhando a Bíblia.

O animador comentou que, sozinhos, isolados, ninguém é capaz. É necessário a unidade. É Deus quem nos convida trabalhando na união; juntando forças. É um momento de oração profunda, que nos coloca em contato íntimo com Deus, para nos sentirmos próximos a Jesus Cristo e conversar com o Pai. Concluíndo o recolhimento rezou-se a oração - "Correntes". Onde aparece a necessidade de romper tudo o que nos impede de realizar a corrente da unidade.

A Palavra de Deus foi colocada em destaque no palco e aplaudida pela Assembléia.

Em seguida entra um grupo de pessoas segurando uma corda e cada um querendo a mesma para si. Algumas pessoas ficam na roda, sentadas e entram segurando cartazes, com os dizeres "Classes, Partidos Políticos, Sindicatos, Igreja".

Enquanto isso a Assembléia fazia pedidos conforme a necessidade do nosso povo - terra, educação, casa, saúde, etc. Após alguns pedidos, uma pessoa lia a citação bíblica: "Não rogo somente por eles..., para que todos sejam um como tu, Pai..., para que o mundo creia que tu me enviaste". E assim, este quadro se repete por várias vezes, tendo intensa participação. Este momento foi concluído com o canto: "A vida que a gente vive". Todos entrelaçam os braços, para um sentido de unidade, formando forte corrente..."Unidos para que o mundo creia".

O animador convida pessoas de outras confissões religiosas para uma prece de louvor pela unidade. Faz-se silêncio, devido a pouca participação deste momento de louvor. Este quadro foi concluído com o canto: "Louvado seja meu Senhor". E agora sim, é solicitada a participação com todos os instrumentos musicais, A oração é concluída com o canto: "Virá o dia em que todos".

O Coordenador agradece aos animadores da oração e faz alguns comunicados sobre o 8º Intereclesial. Foi distribuido uma folha pedindo sugestões para a próxima Comissão Ampliada, sobre o tema do 8º Intereclesial, etc. Estas sugestões deverão ser entregues à Coordenação.

O assessor Pe. Benjamim Borsatto, fez o encaminhamento das trabalhos do dia. Anunciou o tema a ser refletido - a Eclesialidade. Após fazer a memória dos trabalhos dos dias anteriores, procurou situar o tema. Lembrou que a eclesialidade nos remete a estudar a questão da Igreja. Esta eclesialidade começou a ser sentida a partir do Vaticano II; se intensificou com os Documentos de Medellin, Puebla e os Documentos da CNBB. Isto fez despertar a maior participação e foram surgindo um novo jeito de ser Igreja - as CEBs. As CEBs não são um movimento ou mais uma pastoral, mas é nas CEBs que devemos desenvolver todas as dimensões de evangelização; realizando a pastoral de conjunto através das CEBs. A eclesialidade aponta para uma nova Evangelização, que culminará na Conferência Latino - americana dos Bispos em 1992. Esta é a perspectiva do trabalho. Os aspectos mais candentes a serem refletidos são: Palavra de Deus, Ecumenismo, Serviços e Ministérios, Questão Urbana e Quebra das Descriminações.

As questões para o trabalho em grupo foram distribuídas em quatro blocos, contendo duas perguntas respectivamente. Estas questões estarão anexadas ao relatório das sínteses dos Plenários.

Assim, se formaram os grupos de trabalho conforme os dias anteriores. Constatou-se que, esta ida aos grupos, foi mais lenta do que os outros dias. Também, todos os grupos prolongaram os debates além do tempo previsto.

Enquanto os relatores e assessores se reuniram por blocos para a síntese, os demais, em Plenário, iniciaram a tribuna livre.

A tribuna livre teve participação de doze delegados. Trataram destes assuntos: Plano Energético na Amazônia; mais de 70 hidrelétricas que prejudicarão os índios. A perseguição do Bispos e Agentes na Prelazia do Xingu. Ecumenismo: o 7º Intereclesial é um marco histórico para a unidade; é uma nova fase nas Igrejas. Discriminações diversas e a do idoso. A Bíblia é o assunto em destaque no 7º Intereclesial. São Paulo que atrai migrantes, sobretudo do Nordeste, dando vida para o Estado. A questão da terra: o latifúndio e a UDR (União DEmocrática Ruralista). Isto tem despertado o povo a se organizar nas CEBs. O povo de Duque de CAxias está alegre por acolher o 7º Intereclesial. Apesar do medo da violência, acolhem de braços abertos, demonstrando que não são violentos e marginais. Tem gente se aproveitando dos pobres para passar esta imagem de Baixada Fluminense.

Questão de saúde na Baixada Fluminense, que não é mantida pelo Estado. Estão matando e aleijando os doentes. O canto: "Ciranda da América Latina", diz que é hora de, além de denunciar, é preciso dar pistas de saídas para esta situação. Greve no funcionalismo público. GRandes projetos agrícolas e ferroviários que não visam benefícios aos estrangeiros.

O Plenário dos trabalhos de grupo, foi apresentado em síntese por cada Bloco. O Bloco 1º tratou da Palavra de Deus. Os textos do Antigo Testamento inspiram mais as comunidades para as lutas concretas, enquanto que, os Atos, Cartas de São Paulo e Evangelhos, inspiraram mais as reflexões da comunidade. Releitura da Palavra de Deus a partir da realidade. Quanto à questão do Ecumenismo existe trabalho conjunto nas lutas particulares, Ensino Religioso, Centros Comunitários, Pastoral da Juventude, da terra, do menor, Romarias, CEBs. As dificuldades devem ser vencidas pelo diálogo; aceitando as particularidades de cada religião. Distinguir o que é doutrina e disciplina, procurando superar os preconceitos.

Após a apresentação deste Bloco foi cantado o canto:"A Palavra de Deus é Luz".

No Bloco 2, tratou-se dos Serviços e Ministérios: valorizar mais os leigos, em especial as mulheres. Formação sistemática para os serviços nas comunidades. Organizar as CEBs em todo lugar. Realizar sínodos de leigos em todos os níveis.

No Bloco 2, ainda discutiu-se a questão da religiosidade popular e viu-se a necessidade de aproveitar os símbolos, devoções tradicionais, etc. e integrá-las na nossa caminhada. Trata-se de respeitar o jeito, o modo e as práticas, cursos, celebrações, romarias, como um sentido novo.

No Bloco 3, entrou a questão urbana: constatando os grandes desafios da miséria, opressão e marginalização. Aí há perda da identidade, isolamento, alienação. Crescimento do movimento carismático.

Como viver o nosso jeito de ser Igreja: será aprofundando a Palavra de Deus, despertando carismas, novas lideranças e ministérios. CAtequese permanente nas CEBs, valorização da piedade popular e cultura popular. Intercâmbio do centro com periferias. Os redatores encerraram estes conteúdos com gestos e cantando o canto: "Somos gente nova..." SAíram dando as mãos.

No Bloco 4, a provocação para a reflexão de eclesialidade, tratou da queda de discriminação. Quanto à mulher:vendo as situações, organizando-se em grupos de mulheres, ocupando espaços e ministérios, movimentos leigos e populares, político. Ter subsídios e produção de material próprio. Apoiar ou criar pastorais específicas de mulheres. As mulheres trabalham muito, mas não têm acesso às decisões.

Quanto aos negros: organizar a Pastoral dos Negros, superar a forte discriminação existente. Mulher, negra, religiosa, discriminada.

Índios: eles são defendidos pelas CEBs em todos os luga
res. Índios convivem com os brancos e assumem ministérios. Índios
tem organização própria e são respeitados.

O que precisa ser feito: releitura da Bíblia a partir
da mulher negra, ocupar os espaços, os brancos não atrapalhar os ín
dios, ajudá-los a se reencontrar nas suas culturas e ideais próprios
dos povos, Ordenação de padres já sendo casados. Instituir ministé
rios às mulheres.

Terminada a apresentação das sínteses, após algumas comuni
cações, foi feita a amarração pelo Pe. Fernando, do Sul 1. Falou do
amor à Igreja. As colocações feitas estão revestidas de sentimen -
tos, de amor, de disposição de servir. É o coração que está pulsan
do no Coração de Deus, pelas CEBs. É um palpitar forte, articulado,
fazendo descobrir quem são as CEBs. O coração das CEBs é a Palavra
de Deus. Nós alimentamos mastigando a Bíblia, lendo e relendo; a Bí
blia ilumina a caminhada, nos liga e desliga da vida. O Núcleo de
Eclesialidade é a Palavra de Deus libertador. Estamos numa caminha
da nova, assumimos uma opção pelos pobres. É a marca de mudança da
cidade a partir da periferia. Isto tudo exige serviços e ministérios,
DAí, criar cursos para leigos: para mulheres, índios, negros, etc.
Precisamos mudar a consciência e a linguagem para reconhecer que to
dos somos iguais. Isto só reconhecemos quando compreendemos que so
mos filhos da Trindade. Ser Igreja do jeito da Trindade. A Hierar
quia tem um coração novo para ouvir o clamor dos pequenos. O Ecume
nismo é a dimensão Latino-Americana vivendo a opção pelos pobres.
Até agora, treinamos isso, agora precisamos viver.

TErminada a síntese da amarração, a coordenação do Plená
rio convidou os participantes para cantar o canto: "Povo a Caminho".

Começou a haver um rumor de saída para o almoço, sem que
houvessem concluído as atividades. Foram chamados a permanecer e o
Pastor Jether encaminhou os trabalhos da tarde: discutiu a mensagem
final deste Encontro, qual o tema do 8º Intereclesial, o local do
próximo Encontro, a questão da Secretaria Permanente e Comissão Am
pliada - tendo a participação dos Regionais e Evangélicos.

Lembrou, ainda, da síntese geral na Assembléia que será
feita pelo amarrador Leonardo Boff.

Havia muita pressa para iniciar o almoço e nem terminaram
as atividades, já tinha gente almiçando. Mas não era um clima de de
sinteresse ou de indisciplina consciente.

Assim foram concluídas as atividades da manhã do dia 13 de
julho, no Plenário B, observando o seguinte horário: abertura às
8:15 hs; trabalhos em grupo às 9:00 hs; lanches nos grupos às 10:30
hs; síntese dos redatores e tribuna livre até às 11:30 hs; apresen
tação da síntese no plenário até às 12:00 hs; amarração até às 12:15
hs; comunicações até às 12:30 hs; almoço às 12:30 hs.

Para a devida memória e fidelidade aos fatos do Encontro,
assino.



PLENÁRIO C "JOÃO CÂNDIDO"

Crônica elaborada pelo assessor Jorge Parisoto

Os trabalhos iniciaram com a celebração coordenada pelo Regional Sul 2, do Estado do Paraná: CELEBRAR A VOCAÇÃO À UNIDADE. Foram dispensados até os instrumentos para que houvesse mão na mão. União das raças. O canto novo da alegria que acolhe a Cruz, a Bíblia, o emblema da Unidade Ecumênica e todos os irmãos comprometidos nesta mesma caminhada. O pinheiro - araucária é motivo-símbolo dessa oração que lembra o povo bóia-fria, negro e índio, base da grande produção de riqueza do Paraná. A unida de pela Palavra de Deus no compromisso de anunciar e escutar no meio do povo latino-americano: oração de Jesus pela unidade. União de raças que formou o povo no Paraná, e no Brasil: alemães, italianos, ucranianos, poloneses, russos, japoneses, índios , africanos, portugueses e espanhóis.

A abertura dos trabalhos se deu com a apresentação de Moções: apoio a Dom Paulo Evaristo Arns, repúdio à sansão feita a Carlos Mesters e a Leonardo Boff.

Em seguida,foi introduzido o tema do dia: ECLESIALIDADE DAS CEBs e esclarecimentos sobre o local do próximo Intereclesial: Santa Maria / Rio Grande do Sul.

Todos partem para o trabalho de grupos sobre o tema do dia.

As 11,00 h o povo toma o microfone:

Luiz Carlos, pastor da Igreja Presbiteriana no Brasil: O protestantismo chegou no Brasil quando a sociedade era rural e se instalou no campo. Quando veio para a cidade ainda estava fechado ecumenicamente. Depois teve que conviver com os irmãos de outras crenças e ver que não eram "demônios".

José Jorge, diocese de Campanha, sul de Minas: apresentou projeto de "Tribuna Livre" na câmara municipal de Três Pontas. Como os veradores estão resistindo, mobilizou o povo para exigir a aprovação do projeto.

Um cearense: comunica a alegria de quem está ocupando uma fazenda e pede a solidariedade.

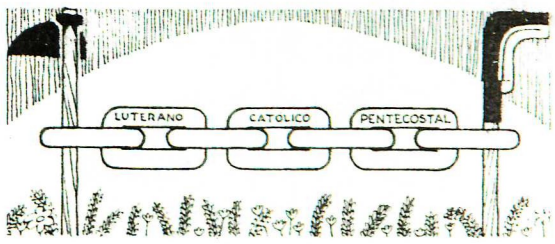
Um maranhense: denuncia a cafeteira que despeja trabalhadores pela força policial e a falta de garantia do exercício de mandato de vereadores eleitos pelos movimentos populares.

Uma luterana, do Espírito Santo: convoca a todos para abrir espaço para as mulheres que reivindicam participação mais efetiva nos ministérios.

Uma mulher negra; lembra a falta que fazem os ministros das religiões de origem africana e das religiões indígenas.

Um índio falou: "Nós temos nossa religião, nós falamos o nome de Deus, nós temos nosso pagé que recebe o espírito da luz, nós rezamos debaixo do arvoredo. O índio tem fé em Deus, na confiança do trabalho do dia-a-dia. Exercemos o ministério da conquista, o resgate da religião, o ministério do aconselhamento, ministério da cura, da ajuda, da defesa de nossa cultura".

Uma luterana: o protestantismo que se desenvolveu no Brasil como anti-catolicismo , constava aqui a presença de 105 protestantes entre católicos.



Mulher negra: lembra que Maria para visitar Isabel não pediu licença a José embora ele fosse homem, chefe de família.

Um companheiro da Nicarágua: alerta para a contra-informação e se dispõe a encontros de informação.

Eram 11,30 h quando começou a Assembléia onde foram apresentadas as sínteses das conclusões dos trabalhos dos grupos que refletiram o tema da eclesialidade. Foram amarrados nesses quatro pontos:

1. a grande certeza vem da Palavra de Deus lida na comunidade
2. o rosto da Igreja é o latino-americano
3. frutos de CEBs é redescobrir a religiosidade popular,floração de serviços e ministérios e ecumenismo
4. desafios: relação das CEBs com a massa
   presença na cidade grande
   formação e articulação, a partir de uma experiência profunda de fé.

Os trabalhos da manhã foram encerrados às 12,45 h com esclarecimentos da coordenação sobre os encaminhamentos da tarde.

As 13,30 h, realizou-se um painel sobre a CONJUNTURA ECLESIAL, com a participação de seis pessoas: D. Waldir Calheiros, D. Angelo Salvador, D. Vital, Carlos Alberto, Libânio e Antoninho.

D. Vital abre o painel dizendo que o Intereclesial faz parte da conjuntura eclesial assim como os conflitos e tensões que devem não só ser constatados mas analizados. Libânio fala de conjuntura usando as duas imagens: a pedra que cai na água e provoca ondas, mais acentuadas no centro e atenuadas nas margens. Quanto mais nos afastamos no núcleo fundamental, maiores possibilidades de pluralismo e divergências.

A partir do Vaticano II houve um florescimento grande e desenvolvimento rápido, que cansou muita gente na Igreja e que hoje acham que é necessário uma freada.

Há padres, bispos, freiras e também leigos que são contra as CEBs e todos ainda precisam de conversão. Ainda falta ver a fé caminhando junto com a libertação do pobre. Vivemos no conflito embora não no confronto e acolhemos a todos por causa não da política mas da caridade.

O movimento católico caristmático nasceu numa Universidade americana. Sentiram o vazio e a necessidade de uma espiritualidade. Nas CEBs o movimento tem lugar desde que anime e engaje mais as pessoas.

No meio das tensões deve-se acreditar que não há dúvida sobre a ortodoxia do trabalho de fr. Leonardo Boff e que o Papa João Paulo II tem afirmado e continua na sua grande preocupação pelos pobres.

O Evangelho não é ideologia no sentido de se esgotar num projeto concreto mas é ideológico no sentido de permitir nosso mergulho e compromisso concreto na realidade.

Não colocamos um projeto político das CEBs, mas a necessidade do povo pobre ter um projeto e as CEBs não ficarem fora da luta por uma nova sociedade.

Não existem razões teológicas para que as mulheres não possam ser ordenadas ao presbiterato. As razões que hoje existem são de ordem tradicionais da Igreja.

A prática da Igreja, o seguimento de Jesus Cristo e a comunhão na Eucaristia com a hierarquia são três níveis da eclesiologia, e o terceiro não tem sentido sem os outros dois.

A experiência dos leigos no Brasil é importante inclusive como base de organização a nível da hierarquia e da própria CNBB.

E assim concluiu-se o trabalho do Plenário C.



ASSEMBLÉIA "MARIAZINHA"

Crônica elaborada pelo assessor Pe. Orestes Stragliotto

1. Os trabalhos da tarde iniciaram às 15:30h. Enquanto, no Colégio Santo Antônio, se fazia a reunião dos Bispos e Assessores, no salão Corrêa Meier se iniciavam as reuniões por Regional e do Grupo de Evangélicos. Todos deviam ler e discutir o esboço do Documento Final. Depois, no grande plenário, todos deveriam apresentar, por escrito, as críticas e sugestões de mudanças.

2. O trabalho dos grupos durou até às 17h, quando começou o intervalo para a preparação do grande plenário. Enquanto os regionais se acomodavam, foram cantados "Luta de um povo sofrido", "Virá o dia em que todos", "Irá chegar um novo dia...", "Toda Bíblia é comunicação...", etc.

3. Às 17:30h, se fez a oração breve, com leitura de um texto bíblico. Em seguida, D. Mauro fez a apresentação de mais bispos, que chegaram ontem e hoje, inclusive D. Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB. D. Luciano agradeceu os longos aplausos, dizendo de sua alegria pelo 7º Encontro. Falou que a vida que Deus nos dá e que se vive nas CEBs não é só para nós, mas deve ser dada ao mundo: a paz, a justiça, o sentido da vida. Trouxe também a bênção do Santo Padre, com quem esteve em abril p.p. D. Mauro apresentou também o bispo de Liége, da Bélgica, que já tinha se ausentado da sala.

4. Em seguida Frei Leonardo Boff apresentou alguns pontos da amarração dos relatórios dos grupos da manhã. Destacou algumas intuições:
a) Há uma profunda convicção em todos nós que somos Igreja. Lá na base, no meio dos pobres e marginalizados não só temos a pretensão de ser Igreja, mas de ser um novo modo de ser Igreja. A exemplo das primeiras comunidades, especialmente na pequena comunidade de Jesus, onde nos reencontramos (ver Atos 1-2).
b) As CEBs revelam o sonho de Jesus, que é maior do que a Igreja, sonho que nunca morreu na história. A Igreja se constrói sobre 2 colunas: Jesus Cristo e o Espírito Santo (citando S. Irineu, +202). O novo é o Espírito Santo que traz... e nos revela que a Igreja nunca está pronta. E o Espírito Santo anima e faz surgir nela mil formas de serviços.
Não precisamos ter medo das CEBs. O medo se opõe à fé (não o ateísmo). A Igreja é o Espírito Santo... é o próprio Cristo atuando na história. A Igreja é estrutura, é ministérios, é direito canônico, mas é sobretudo ACONTECIMENTO! E a Igreja "acontece" também debaixo de uma "mangueira"... sempre nasce de novo. A palavra que se usa para exprimir isso é "ECLESIOGÊNESE" - Todos repetiram "ECLESIOGÊNESE".

5. A partir disso, Frei Leonardo Boff apresentou alguns elementos importantes que apareceram nos trabalhos de grupos:
a) A "Palavra de Deus" - O povo das comunidades se sente continuador do povo bíblico e tira daí uma nova espiritualidade. Essa espiritualidade une o céu e a terra, o corpo e a alma, a sociedade e a personalidade! Há um novo tipo de cristão que está nascendo. As suas características são:

- Militante, que exige o seguimento de Jesus, a opção pelos pobres...

- Companheiro, na caminhada. As curvas e as dificuldades etc... fazem parte da caminhada.
- Ecumênico, um ecumenismo novo, popular, ligado à missão, juntos, olhando para fora, vendo os problemas do novo, no serviço ao oprimido, para resgatá-lo da opressão. Aparece uma nova forma de ser das Igrejas.
- Comprometido politicamente, com a consciência iluminada pelo Evangelho que ajuda a ver o que e quem está a favor da causa de Jesus e quem está contra....
A Bíblia é a grande riqueza das comunidades de base!

b) Os novos ministérios - os novos ministérios surgem hoje, ao lado dos ministérios ordenados, e surgem em grande quantidade nas CEBs. Aqui Zé Vicente interrompe para cantar: "Há muitos ministérios" Há um processo de reapropriação dos serviços pelo povo das comunidades e que são parte da grande tradição da Igreja. E no meio do povo, desse povo que está aqui reunido, estão os bispos, os teólogos, os agentes, etc... É o lugar deles. São os pastores. É assim que exercem o ministério. Bispo é o "Procurador e defensor dos pobres". É dentro desse espírito que se faz teologia e é aí que já surgem os "teólogos populares".

c) A superação das discriminações - A nossa sociedade discrimina in - dios, negros, as mulheres, etc... Queremos preservar as nações indígenas para preservar um rosto de Deus... Temos uma grande dívida para com os negros, nossos irmãos! É outro rosto de Deus. Deus deu-lhes resistência através de sua religião.... que deve ser preservado e assimilada. Não somos nós que devemos fazer sínteses para eles mas a síntese cristã são eles que as fazem. A mulher é uma questão importante: é a metade da Igreja e é a mãe da outra metade! Temos que superar o "machismo" que existe também na Igreja. Temos que " despatriarcalizar" a Bíblia.

d) O "inverno" desceu sobre alguns setores da Igreja. Isso nos faz sofrer. Mas, precisamos viver a espiritualidade pascal, mas com a 6a. feira Santa e Páscoa. Sofrer com a Igreja, como Jesus sofreu pelo seu povo! Dar testemunho do amor e da paixão que sentimos pela Igreja, por Jesus.

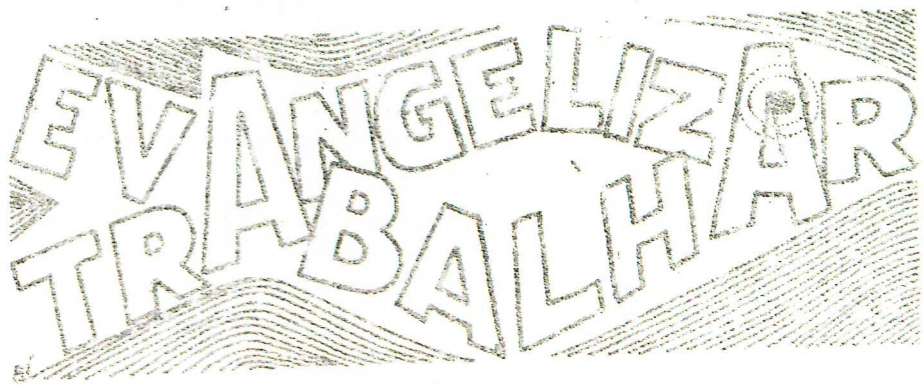
Aqui, Frei Leonardo deu um testemunho pessoal, muito impactante numa hora como essa ! A esperança é que esse testemunho chegue bem mais alto.

Às 18:40hs se fez intervalo com um canto: "Um povo a caminhando da América"... e logo faltou a luz elétrica! Como a luz demorasse a voltar, todos se encaminharam para a janta em grupos !

Pelas 20:00hs, com a volta da luz, iniciou-se o recolhimento das pessoas no salão da Assembléia. E logo se fez a celebração da Penitência, pelos representantes do Nordeste 4.

Um canto - apresentação dos Conselhos do Pe. Cícero canta - dos. A partir do quadro do Ferreirinha , líder sindicalista, morto em 1989, foi organizado um roteiro de atos penitenciais muito interessante. Gestos concretos, cantos, comentários, salmos, levaram a Assembléia a uma profunda concentração espiritual.

No fim, antes do encerramento os ÍNDIOS, delegados das CEBs, se apresentaram, todos no palco para uma proclamação e apresentar um presente para a diocese! Terminaram com um canto em língua Terena.



SÍNTESE DOS PLENÁRIOS

BLOCO I: PALAVRA DE DEUS E ECUMENISMO

1. NA PALAVRA DE DEUS, O QUE MAIS TOCA E ILUMINA A VIDA DAS COMUNIDADES E AS LUTAS DO POVO? CONTE UM POUCO.

a) Novo ver: conquistando a Palavra de Deus, as comunidades pela releitura redescobrem o ROSTO DO ÚNICO E VERDADEIRO DEUS, como PAI-MÃE, presença que liberta;
- redescoberta do ROSTO DA GENTE E DO ROSTO DO IRMÃO dentro do Projeto de Deus;
- o povo se identifica, identificando sua vida com a vida do povo do Êxodo e cria coragem para a luta;
- a Palavra de Deus é sempre nova, só os contextos mudam;
- a Palavra é o jeito de Deus, é o jeito de Deus se fazer sempre "UM" entre nós; seu Natal continua acontecendo nos acampamentos, favelas, etc...
- a importância da terra na Bíblia: ela deve ser pão, pátria e altar para todos;
- a releitura da Bíblia feita pelos quatro lados: político, social, econômico e religioso;

b) Novo julgar: A Palavra de Deus está sendo nova luz, nova consciência, nova força para não só denunciar a realidade e seus mecanismos de dominação, de exploração e de morte, mas também para anunciar esta mesma realidade; a denúncia profética se torna posse e direito coletivo;

c) Novo agir: da Palavra de Deus brota luz e força para uma nova organização; unidade real entre os empobrecidos e se torna força de sustentação nas lutas;
- provoca a superação do medo, a descoberta de que a vida é mais forte do que a morte e as comunidades vivem a força do testemunho, da resistência ativa até o martírio;
- fazer novas as táticas de Moisés;
- recuperação do valor do simbólico nas celebrações, cantos, encenações;
- despertar para a grandeza da partilha de si, dos dons pessoais e dos próprios bens;
- as mulheres da Bíblia inspiram e dão força à luta, organização e valor de mulher

OBS: (continuação do ver):
- os profetas: Samuel, Elias, Amós, são luzes para a leitura da realidade e pontos de identificação com a nossa caminhada;
- releitura da Bíblia: descoberta que Deus está ao lado dos pequenos, dos que não têm força(poder): Moisés, Davi, etc... e compromisso de Jesus com os empobrecidos. As Bem-aventuranças, curas e a revelação do Evangelho aos pequenos;
- descoberta de uma estrutura que atrapalha e/ou impede de continuarmos o processo de libertação.

Constatação de índios: a Palavra de Deus não é só a Bíblia. Ex: eu tomo de uma árvore, se reza, se fala com Tupã e se celebra. A organização da aldeia fala de fraternidade.



2. VOCÊ CONHECE ALGUMA EXPERIÊNCIA POSITIVA DE CONVIVÊNCIA E TRABALHO COMUM ENTRE OS EVANGÉLICOS E OS CATÓLICOS? COMO VENCER AS DIFICULDADES QUE AINDA EXISTEM E DAR NOVOS PASSOS NA BUSCA DA UNIDADE E SERVIÇO DO POVO?

Há três níveis de relacionamento ecumênico:

a) nas lutas e necessidades: conflitos de terra: barragens; ocupações urbanas ; ações ecumênicas; sindicalismo; movimento negro; mulheres; acampamentos; organização das mulheres na roça; associações de moradores;

b) nos serviços: Pastoral do Menor; CPT; CIMI(com mais de 15 igrejas participando); Pastoral da Juventude nos Meios Populares; Pastoral do Migrante;

c) na formação: encontros de formação bíblica: círculos bíblicos; contribuição importante do CEBI; retiros; assessoria;

d) nas celebrações: romarias; festa da Bíblia; festa do padroeiro; vigílias;

OBS: Dificuldades com as igrejas (seitas) pentecostais e aí se encontram os pobres - fanatismo, proselitismo...; projeto Lumen 2000 e Evangelização Ano 2000; Bíblia ecumênica; ensino ecumênico também nas escolas.

Sugestões: haver mais diálogo; distinguir doutrina de disciplina; reconhecer e respeitar as particularidades; conhecer e aprofundar as diferenças; haver encontros entre padres e pastores (nível estadual,..); viver a ecumenicidade não só entre católicos e evangélicos, mas também com os cultos afro-brasileiros; explicitar com os agentes as igrejas mais abertas; realizar encontros bíblicos e partir de Crônicas, Deuteronômio, Nossos Pais nos contaram.

BLOCO 2: SERVIÇOS E MINISTÉRIOS

1. COMO SUA COMUNIDADE ENTENDE E VIVE OS SERVIÇOS E MINISTÉRIOS? QUE PASSOS AINDA PRECISAM SER DADOS?

a) Constatações: variedade e diversidade de caminhada, de acordo com as ofertas ; variedade de ministérios: celebrações(batismo, eucaristia, matrimônio, leitores, canto, animação da liturgia); formação: palavra e catequese; coordenação (administração, finanças e animação); pastorais específicas;

nascem a partir das necessidades; estão mais ligadas a serviços internos da comunidade;

b) Avanços: formação a partir do meio, de acordo com a realidade e os desafios ; descentralização do poder; democratização das decisões; corresponsabilidade ministerial; relacionamento mais fraterno dos padres com as comunidades; consciência de que os ministérios são serviços à comunidade e serviços na construção do Reino; mais abertura e participação;

c) Dificuldades: comunidades que não assumem os ministérios; compreensão mágicas dos ministérios, e como poder; visão assistencialista; preconceitos diante das pessoas; desvalorização de alguns serviços; clericalização do leigo; falta de prioridade nas dioceses; perigo de encarar como posição social;

d) Passos a serem dados: reconhecimento de todos os ministérios; abertura para os padres casados assumirem o seu ministério; ministérios ordenados para mulheres; visão e prática mais democrática da igreja institucional; formação a partir do meio, de acordo com a realidade e os desafios; dar mais espaço aos jovens; rever os conteúdos e metodologias da formação dos padres; superar a dependência dos padres e irmãs; ligar os ministérios com a realidade;

e) Questionamentos:
- Quem faz a eclesialidade, o leigo ou o bispo?
- Pode-se privar as comunidades, por tanto tempo, da Eucaristia, por falta de ministros ordenados?
- Qual a identidade e ministério do padre, numa igreja de comunidades?
- Como encarar os trabalhos na sociedade (militância popular, sindical, política)como ministérios na construção do Reino?

2. COMO LIGAR AS PRÁTICAS DA REALIDADE POPULAR (ROMARIAS, NOVENAS, FESTAS, ETC) COM AS LUTAS DE LIBERTAÇÃO? COMO ESTA LIGAÇÃO ACONTECE EM SUA COMUNIDADE E REGIÃO?

a) Práticas da religiosidade popular: Semana Santa, terços, benditos, missões, ofício de Nossa Senhora, pastorinhas, folias, congadas, padroeiro, mês de maio, novena, devoção da cruz, celebrações pelos mortos, peregrinação de imagens, romarias, via-sacras;

b) Valores de libertação aí presentes: fraternidade, festa, símbolos, alegria, povo na rua, convivência e confraternização, organização, participação, calor humano, mística;

c) O que fazer: atitude de respeito, pedagogia serena de cunho libertador. (dar poucos passos, mas seguros), valorizar aspectos e dimensões que tenham mais a ver com a realidade do povo, celebrar a cultura do povo com o folclore de cada região, não mudar as práticas, mas seu conteúdo, manter equilíbrio entre a dimensão religiosa e social, elaborar folheto de reflexão e subsídios de acordo com a realidade, ligar os mártires do passado com os de hoje, aproveitar as liturgias para que o povo as tornem instrumento de libertação, dar mais espaço ao povo trabalhador, aproveitar sua variedade e explicitar os elementos libertadores introduzindo elementos novos, fazer a história de cada comunidade (resgatar);

d) O que se faz: muitas comunidades nasceram de devoções populares; discussão de temas em forma de novelas populares; romarias da terra com dimensão ecumênicas; novenas de Natal; curso "pé no chão", na Bahia, realizado com as rezadeiras;

Grupo de Índios:

1. O Índio tem fé em Deus, mesmo muitos tendo sua religião perdida. A fé em Deus se dá na confiança, no trabalho, no dia-a-dia. Lembrar Deus faz bem.

Ministérios:

. O Ministério da reconquista: busca de resgate da religião. A religião clarela as idéias para o índio não continuar sendo chamado "menor". Os mais velhos repassando para os mais novos os ensinamentos.

. Casa da reza: onde se discute os problemas do dia ou da semana, dando conselhos a nós. Tanto o homem como a mulher podem ser o coordenador da casa da reza.

. O ser índio: é nosso objetivo, isto é, continuarmos a ser índios.

. O Ministério da cura: a busca das ervas, da bênção como cura.

. O Ministério da ajuda: o escutar, o falar, o aconselhar a comunidade a viver unida;

"Libertação para nós índios, é recuperar nossos costumes arrancados de nós e continuar com Deus que está dentro da gente".

2. "É importante participar dos encontros, festas, romarias e novenas para nós índios sermos mais reconhecidos. É um espaço político".

BLOCO 3: QUESTÃO URBANA

1. QUAIS OS DESAFIOS QUE A CIDADE GRANDE COLOCA PARA A IGREJA E PARA SUA MISSÃO EVANGELIZADORA?

Desafios:

a) Estruturais: infraestrutura (esgoto, água, saúde, moradia...); violência generalizada; famílias desestruturadas; marginalização; miséria; inchamento nas periferias (migração forçada); MCS alienantes; perda de identidade; aculturação; desemprego; mão-de-obra barata; reforma agrária e urbana;

b) Pastorais: descentralização na organização da comunidade, da paróquia; identificação e aproximação da hierarquia com a vida do povo; formação de lideranças; assumir uma caminhada evangelizadora e missionária latino-americana; tes

temunho eclesial de despojamento das terras da Igreja (urbana e local); testemunho de unidade na própria igreja; as seitas e movimentos de Igreja (alienantes); a formação rural teórica.

2. NA CIDADE GRANDE, COMO VIVER O NOVO JEITO DE SER IGREJA NAS COMUNIDADES E NOS OUTROS NÍVEIS DA ORGANIZAÇÃO DA IGREJA?

a) descentralização da paróquia, formação de conselhos integrados(leigos e agentes);

b) formação de pequenos grupos nas ruas, nos bairros, nos conjuntos;

c) criação e fortalecimento de pastorais específicas (do negro, do migrante, do operário...);

d) apoio e acompanhamento às CEBs e movimentos populares por parte da Igreja(bispos e padres);

e) retomar as devoções populares, valorizando a cultura e religiosidade popular;

f) ecumenismo;

g) viver a vida do povo trabalhador;

h) investir nos MCS voltados para a base;

i) escolas de ministérios e teologia para os leigos;

j) pastoral das massas: grandes caminhadas, romarias;

l) celebrações populares nas casas e nas ruas;

m) aprofundamento e releitura da Bíblia;

n) prática do evangelho unificada do clero voltada para as CEBs;

o) repensar a unidade da Igreja;

p) cantos libertadores;

q) a Igreja repensar a linha da pastoral urbana.

BLOCO 4: QUEBRA DE DISCRIMINAÇÕES

1. O QUE SUA COMUNIDADE TEM FEITO PARA SUPERAR AS DISCRIMINAÇÕES EM RELAÇÃO À MULHER, AO NEGRO, AO ÍNDIO, AO LEIGO...?

a) Mulher:

Descoberta da realidade: movimentos, associações, formação com dimensões ecumênicas, manifestações, assumir os ministérios, lutas sindicais e políticas, religiosidade popular, manifestação da mulher, participação nas pastorais específicas(mulher marginalizada, negra, etc, alguns ministérios), pastoral da comunicação, aceitação da mulher marginalizada nas Igrejas;

b) Negro: ganham novo espaço a partir da Campanha da Fraternidade, cresce a consciência (assume a negritude), valorização da cultura (instrumentos, cantos,danças), negros assumindo trabalhos em meio político e sindical; celebração da data de 20 de Novembro;

c) Índio:
. Respeito e apoio às comunidades indígenas; valorização da cultura; participação dos índios nos intereclesiais; solidariedade nas suas reivindicações na Constituinte; denúncia dos abusos aos direitos indígenas; valorização das formas de organização indígenas; diálogo entre agentes de fé e responsáveis indígenas;

d) Leigo:
. leigos em caminhada de organização; CNL; ministérios(palavra, catequese,eucaristia, matrimônio, batismo e exéquias); comunidade como um todo; CEBI.

2. O QUE AINDA PRECISA FAZER?

a) Mulher: Insistir na abertura para o ministério sacerdotal; conscientização maior da mulher quanto ao seu papel na sociedade, educação dos filhos; trabalhar bem a Campanha da Fraternidade de 90; promover discussões sobre: mulher prostituta, maridos machões, mulher operária e mulher religiosa; reivindicar e assegurar os direitos garantidos na Constituição; encontros e cursos sobre realidade brasileira e latino-americana sobre a realidade da mulher; organização de grupos de mulheres; releitura bíblica sob a ótica da mulher;

b) Negro: conscientização: aprofundamento das raízes históricas; estudar a religiosidade negra; incluir as religiões afro no processo ecumênico; fortalecer o trabalho dos entidades negras; incentivar os negros das CEBs a assumir sua identidade negra; contribuir na formação de entidades negras onde não existem; incentivo às vocações negras; informar-se e valorizar os subsídios da APN;

c) Índio: apoiar e trabalhar junto com o CIMI; respeito para com a cultura indígena; incentivar agentes para a questão indígena; assumir em conjunto as lutas pela terra e ecologia; correção de nossa linguagem com relação ao índio;

d) Leigo: criar e aproveitar os espaços na Igreja, maior formação para leigos ; investir recursos financeiros nos leigos; socialização dos recursos financeiros paroquiais; insistir na releitura bíblica a partir da realidade do povo ; reavaliar as questões dos sacerdotes casados e o ministério sacerdotal(afastados).



Dia 14/07/89 PLENÁRIO A "WILLIAM, VALMIR E BARROSO"

Elaborada pela assessora Ione Buyst

Reuniram-se no Plenário A , na parte da manhã do dia 14/07/89, os Regionais Leste I , Leste II, Sul I e os Evangélicos. Depois de um ensaio de músicas iniciou-se a "Celebração da Mulher", preparada e coordenada pelo Regional Sul I. Foi um louvor às mulheres que, como tantas outras "Judites", se mobilizam para a libertação. Unidas em várias lutas (simbolizadas pelas "espadas" do clube de mães, movimento popular, saúde, política, pasto - ras...) conseguem levantar a pesada cruz que é de Jesus completada com dezenas de pequenas cruzes da vida sofrida das mulheres. Lutando unidas conseguem ainda se livrar de tudo aquilo que "tapa a boca" das mulheres. A"celebração da mulher" foi também um apelo urgente e insistente às mulheres para que acreditem em si mesmas e tomem consciência de que Deus está fazendo maravilhas nelas, dando-lhes força e capacidade para criar, existir, se levantar... apesar de tanta opressão e discriminação. No final, a assembléia pediu a bênção de Deus de uma forma nova e surpreendente: a animadora convidou todas as mulheres para que "adotassem" ali mesmo um"filho"(um homem presente na assembléia) e lhe impusèssem as mãos enquanto todos invocassem juntos a bênção a "Deus- Mãe, Senhora da História". A primeira reação da assembléia foi de surpresa e estranheza; mas, depois, levou muito a sério o gesto significativo.

Após a celebração, nos reunimos em grupos por Regional para avaliar a preparação e realização do 7º Encontro.

às 10:45hs voltamos ao plenário, onde recebemos as informações sobre a programação da tarde.

2. O QUE AINDA PRECISA FAZER?

a) Mulher: insistir na abertura para o ministério sacerdotal; conscientização maior da mulher quanto ao seu papel na sociedade, educação dos filhos; trabalhar bem a Campanha da Fraternidade de 90; promover discussões sobre: mulher prostituta, maridos machões, mulher operária e mulher religiosa; reivindicar e assegurar os direitos garantidos na Constituição; encontros e cursos sobre realidade brasileira e latino-americana sobre a realidade da mulher; organização de grupos de mulheres; releitura bíblica sob a ótica da mulher;

b) Negro: conscientização: aprofundamento das raízes históricas; estudar a religiosidade negra; incluir as religiões afro no processo ecumênico; fortalecer o trabalho dos entidades negras; incentivar os negros das CEBs a assumir sua identidade negra; contribuir na formação de entidades negras onde não existem; incentivo às vocações negras; informar-se e valorizar os subsídios da APN;

c) Índio: apoiar e trabalhar junto com o CIMI; respeito para com a cultura indígena; incentivar agentes para a questão indígena; assumir em conjunto as lutas pela terra e ecologia; correção de nossa linguagem com relação ao índio;

d) Leigo: criar e aproveitar os espaços na Igreja, maior formação para leigos ; investir recursos financeiros nos leigos; socialização dos recursos financeiros paroquiais; insistir na releitura bíblica a partir da realidade do povo ; reavaliar as questões dos sacerdotes casados e o ministério sacerdotal(afastados).



Dia 14/07/89 PLENÁRIO A "WILLIAM, VALMIR E BARROSO"

Elaborada pela assessora Ione Buyst

Reuniram-se no Plenário A , na parte da manhã do dia 14/07/89, os Regionais Leste I , Leste II, Sul I e os Evangélicos. Depois de um ensaio de músicas iniciou-se a "Celebração da Mulher", preparada e coordenada pelo Regional Sul I. Foi um louvor às mulheres que, como tantas outras "Judites", se mobilizam para a libertação. Unidas em várias lutas (simbolizadas pelas "espadas" do clube de mães, movimento popular, saúde, política, pasto - ras...) conseguem levantar a pesada cruz que é de Jesus completada com dezenas de pequenas cruzes da vida sofrida das mulheres. Lutando unidas conseguem ainda se livrar de tudo aquilo que "tapa a boca" das mulheres. A"celebração da mulher" foi também um apelo urgente e insistente às mulheres para que acreditem em si mesmas e tomem consciência de que Deus está fazendo maravilhas nelas, dando-lhes força e capacidade para criar, existir, se levantar... apesar de tanta opressão e discriminação. No final, a assembléia pediu a bênção de Deus de uma forma nova e surpreendente: a animadora convidou todas as mulheres para que "adotassem" ali mesmo um"filho"(um homem presente na assembléia) e lhe impusessem as mãos enquanto todos invocassem juntos a bênção a "Deus- Mãe, Senhora da História". A primeira reação da assembléia foi de surpresa e estranheza; mas, depois, levou muito a sério o gesto significativo.

Após a celebração, nos reunimos em grupos por Regional para avaliar a preparação e realização do 7º Encontro.

Às 10:45hs voltamos ao plenário, onde recebemos as informações sobre a programação da tarde.

PLENÁRIO B "ÍNDIO MARÇAL"

Crônica elaborada por Carlos Alberto Steil

Às 08:05hs, iniciou a celebração matinal, coordenada pelo Regiona Sul 4, cuja temática foi " MASSACRE DA CULTURA INDÍGENA". Na procissão de entrada foram utilizados os instrumentos indígenas e os símbolos da natureza, o mapa do estado de Santa Catarina com as marcas do genucídio que, ainda, acontece.

Enquanto os participantes entravam "Somos gente nova...", tornaram presente o povo indígena do Estado, citando os seus mártires. São nomeados, também, os indígenas da Guatemala. São denunciados os atos do governo e , em seguida, todos cantaram "Ninguém se engana..."

Os povos dos Andes denunciam a repressão ; da Colômbia a invasão de suas terras através da mineração; do Equador o direito às suas terras; do Brasil a invasão de suas terras e exigem demarcação e os direitos constitucionais; a Bolívia as empresas que ameaçam a sua sobrevivência; do Paraguai a política indigenista e roubo de suas terras; Chile e Argentina a discriminação, indiferença governamental e a posse de suas terras.

Todos os participantes da oração matinal são convidados, a tocar a terra e os instrumentos índios que foram trazidos. Neste gesto tornam presentes todos os povos indígenas e seus mártires.

Os latino-americanos de outros países são convidados a se colocarem no corredor e se curvarem enquanto são citados os nomes dos mártires. Durante as chamadas são aclamadas algumas frases históricas. São convocados os índios da Nicaragua, como aqueles que venceram. Depois a assembléia canta " O povo dos pobres unidos" . São proclamadas as bem-aventuranças dos pobres da América Latina.

Na procissão final é entoado o hino "Irá chegar um novo dia".

PLENÁRIO C "JOÃO CÂNDIDO"

Crônica elaborada pelo assessor Eloi Barreto

Às 8,30 h, após ensaio de cantos, teve início a celebração/oração, sob a responsabilidade do Regional Nordeste III, com o tema: "O Povo Negro buscando seu lugar". Nosso Deus é o Deus dos negros, é o Deus de Abraão, de Jesus. Ele está no nosso meio, nos terreiros de candomblé,no coração do povo, do povo negro. Assim introduzida, com solene entrada , dançando, com cartazes alusivos à negritude latino-americana, todos aclamaram Zumbi, o profeta negro. "Obrigado meu Deus, por ser negro-negra , meu Deus" - cantou-se e foram lidas mensagens alusivas à Mãe Aparecida , que caiu branca nas águas do Paraíba e foi tirada negra pelos pescadores.

Os participantes foram convidados a abraçarem-se, pedindo perdão pelos resquícios de racismo. "Que os nossos irmãos negros nos ajudem a nos libertar do racismo"... "Negra Mariama... Negra Mariama chama... prá cantar... prá lutar..."Negra é a cor dos povos maltratados; a Aparecida nasce no meio do povo, da cor dos maltratados e é força para a luta , a conquista de liberdade.

Com cântico de louvor pela negritude presente em nosso povo e o pedido de força para lutar pelo fim da escravidão de hoje, encerrou-se a primeira parte da oração.

A leitura bíblica de Lucas 4,17-21 foi feita através de encenação : o preso é libertado, o cego vê, o negro e o índio têm posse do seu direito à vida, a lavadeira que se vê livre da "roupa suja" - é seguida de uma coletiva profissão de fé: " A Palavra de Deus tem força para nos libertar da opressão, da injustiça, do racismo, deste mundo desigual"...

"O Espírito de Deus toma conta de nós e nos ajuda a renovar a face da Igreja"...

Segue-se um ofertório - "quem disse que não temos nada para oferecer?"São oferecidos: berimbau, artesanato, pão, panela, beiju, pipoca , flores e os lenços que caracterizavam o Nordeste III: vermelho, com imagem de Antonio Conselheiro, tido nas comunidades como símbolo da resistência de um povo, como pioneiro da comunidade, que partilha o pouco e se vive na fé contra o poder massacrante. O coordenador da celebração acolhe as oferendas e é partilhada entre os participantes a pipoca, símbolo do Quilombo, do novo dia, da Ressurreição!

O término da oração é festivo. Todos cantam, dançam, comem pipoca e se confraternizam!

Em seguida os participantes foram divididos em grupos, por Regional, para concluir os trabalhos de Avaliação e Encaminhamentos.

ASSEMBLÉIA "MARIAZINHA"

Após os trabalhos da manhã, às 11:30h, foi servido o almoço para que todos os participantes pudessem dirigir-se à assembléia final.

Às 14:00h, com cantos e animação, foi iniciada a assembléia tendo como pauta apenas a votação da "Carta para as Comunidades" já discutida e emendada pelos Regionais. Feita a leitura da carta e dadas as explicações necessárias, foi aprovada sem dificuldades.

CELEBRAÇÃO FINAL

Crônica elaborada por Fernando Altemeyer Júnior.

Cerca de 4000 pessoas cantavam e agitavam bandeiras latino-americanas. Eram muitíssimas as mulheres, os negros, índios com seus cocares e trajes de diferentes nações. Eram gaúchos tipicamente trajados. Baianos com lenços vermelhos nas costas com a figura do Antonio Conselheiro. Uma enorme bandeira do Brasil que tremulava cercada de pequeninas bandeiras de todos os países da pátria-grande. Como terra santa da celebração, a Baixada Fluminense.. Como testemunho evangélico e ecumênico, o povo das CEBs com seus bispos e pastores celebrando juntos o encerramento do 7º Encontro Intereclesial de CEBs.

Estes líderes e representantes das comunidades dançavam, cantavam com o corpo e o rosto feliz. Braços erguidos com as bandeiras-símbolo da nossa comum latino-americanidade.

A saudação de D. Mauro inicia a liturgia: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo". E o povão responde: "Para sempre seja louvado". "O Senhor esteja conosco". E o povão responde: "Ele está no meio de nós."

Dom Mauro valoriza a presença de três ônibus lotados que vieram de Guarulhos, cidade da Grande São Paulo, e de inúmeras delegações presentes na celebração final. D. Mauro apresenta ainda o pajé Antonio Celestino, do povo Xukuru-kariri e o acolhe com alegria como representante dos vários povos indígenas que participaram do Encontro.

Canta-se o hino "Acorda América" abanando-se com vigor e alegria as folhas de canto e as bandeirinhas. Em seguida presta-se uma homenagem a todos os que trabalharam no Encontro, nas equipes de serviço e hospedagem e em toda a infra-estrutura, na pessoa de Frei Névio, que "soube assumir com carinho e determinação estes longos meses de preparo, apesar de tudo".

Agradeceu-se a Igreja irmã de Duque de Caxias, a diocese de Pádua na Itália, cantando-se parabéns para o representante que aqui estava.

Apresentou-se em seguida a nova diocese que acolherá o 8º Encontro: Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e os representantes aceitaram por aclamação, acolhendo inclusive a nova comissão ampliada eleita pelos regionais, bispos, assessores e evangélicos para articular e preparar a caminhada para o próximo Intereclesial. Os temas votados pelos participantes foram em seguida apresentados:- Culturas oprimidas e evangelização na América Latina, com 592 votos; Comunidades animadas pelo Espírito Santo, 280 votos; outros temas, 38 votos.

Dom Mauro passou a apresentar os bispos presentes de outros países:-Dom Albert de Liége, Belgica - Dom Cândido de Mendoza, Argentina - Dom Marcelo de Salto, Uruguai - Dom Tadde de Rwanda na África. Em seguida os irmãos evangélicos:D. Sumio, SP; D. Sidnei, RJ; D. Almir, Brasília; D. Clóvis, PE; bispos anglicanos. Também estiveram presentes 32 pastores, 6 pastoras, 1 bispo ortodoxo, além de inúmeros membros das diversas denominações cristãs.

D. Mauro fez questão de frisar a presença de toda a presidência da CNBB, na pessoa de D. Luciano, presidente, D. Paulo Ponte, vice e D. Celso Queiróz, secretário geral. D. Mauro passa a presidência a D. Luciano, que a devolve gentilmente e assim se inicia com o Sinal da Cruz, a Eucaristia.

Realizam-se os vários pedidos de perdão acompanhados do canto penitencial e em seguida a multidão começa a louvar a Deus pelas maravilhas que ele realizou em todo o seu povo aí reunido. Cada um foi estimulado a trocar algum sinal, símbolo com outra pessoa, como compromisso de unidade maior na América Latina.Em seguida, foram lembrados os que atuam nos partidos políticos comprometidos com

a transformação social e afinal o rosto ecumênico da Igreja, claro, diferente, múltiplo e de onde nascem novos homens e novas mulheres como a planta oferecida; pela pastora evangélica.

Após a oração, acolheu-se a Palavra de Deus, proclamada a partir do livro dos Atos dos Apóstolos 2,42-44. Cantaram-se dois cantos: "Um pouco além do presente" e o canto "No ditado do povo...".

Aclamou-se com alegria o Evangelho que foi lido por D. Celso, secretário da Conferência dos bispos em cujo núcleo se dizia: "a colheita é grande mas os operários são poucos, peçam ao Senhor da messe que envie operários". Em seguida cantou-se o canto "Boa nova do Senhor Jesus".

Em seguida, tomando a palavra, D. Luciano Mendes, presidente da CNBB, fez a seguinte homilia (em resumo):

"Jesus Cristo está no meio de nós. Pedimos ao Cristo que ouça a nossa prece! Aumenta a nossa fé, prá que não tenhamos medo. Senhor, nós temos fé, mas aumenta a nossa fé! Senhor, nós temos esperança, mas aumenta a nossa esperança! Temos enormes problemas e obstáculos. Dai-nos o espírito de fortaleza. Senhor, há muita dedicação gratuita, de crianças, mulheres, operários! Quanto serviço! Falta, no entanto, mais compromisso na nossa fé. Que nós sejamos uma só família, um só rebanho, uma só Igreja."

Reza-se então o credo e canta-se o prefácio que introduz a prece eucarística. No altar 50 bispos católicos e 4 bispos anglicanos. Na mesa o pao da unidade e da partilha. Num dos lados do altar um enorme cartaz com os dizeres: "Com os mártires da caminhada clamamos "Vem, Senhor Jesus". No centro uma faixa, sob o altar com o rosto de Dona Mariazinha. No outro lado um grande mapa da América Latina. No peito de cada um dos concelebrantes no altar uma cruz peitoral oferecida por D. Mauro com o nome: Oikoumene, palavra grega que significa: habitar juntos na terra, ser universal. No meio do povo a espera ansiosa pelo pão da Eucaristia, na certeza que ele será um dia celebrado comunitariamente. Cantou-se o Amém e o Pai-nosso com as mãos elevadas e em seguida, pediu-se a paz para o mundo. Paz para crianças, velhos, doentes, para os que de verdade, trabalham. Paz de Cristo prá todos nós.

D. Mauro pede a todos que se abracem entre si como sinal de confraternização e busca comum. Canta-se o Cordeiro de Deus.

D. Mauro diz ser o 7º Encontro, uma grande celebreção eucarística e afirma forte e corajoso: "Bendito, Bendita o que parte e reparte o pão".

Após os cantos de comunhão, "Receber a comunhão e Venham todos", pede-se aos cristãos das diversas denominhções para que subam ao altar e se apresentem. Um dos bispos anglicanos agradece em nome dos evangélicos a acolhida de D. Mauro e afirma que ecumenismo é esta ação conjunta em favor dos pobres e violentados de nosso continente. Ele deixa o estandarte com o símbolo do Conselho Mundial das Igrejas na diocese de Duque de Caxias como sinal de amor, fraternidade e muita paz. Pede ainda para dar um abraço e um beijo da paz em D. Mauro. Foi um momento de muita emoção, ver esses dois bispos segurarem a bandeira do ecumenismo com as mãos unidas, mostrando-a pera todo o povo reunido no campo de esportes do ginásio que nos acolheu.

D. Mauro retoma a palavra, volta a agradecer a todos e diz: "Nosso lugar é no meio do povo. É só lá que a gente é forte. No evangelho e na vida Nosso Senhor queria um só pão e um só Senhor. Isso prá nossa alegria e confusão. O pão nos mostra que ainda estamos separados. As CEBs são um longo, difícil caminho de comunhão. CEBs é compromisso e vida. É luta pela vida". Dom Mauro pede ao bispo anglicano que abençoe o pão para ser distribuído entre o povo como sinal da partilha que buscamos e em seguida abençoe as velas acesas. São dadas as últimas recomendações, lida a carta de apoio a Carlos Mesters, a Leonardo Boff, e a D. Paulo. Entoa-se um último canto.

Já é noite em Duque de Caxias. Muitos se despedem das famílias carinhosas e fraternas onde se hospedaram durante uma semana. Todos se dirigem ao plenário para a última refeição na Baixada Fluminense. Na fábrica atrás do campo estão saindo os operários e operárias terminando mais uma semana de luta e de luta. Perceberam que gente de todo Brasil havia chegado e se reunido para rezar, cantar e se organizar. No campinho ao lado, um monturo de lixo soltava desde o primeiro dia uma fumacinha pequenina, mais sempre presente e insistente, como que a nos dizer que quanto mais fracos e pequeninos formos, mais e fortes e solidários seremos pela força do Cristo Jesus, presente e insistente nas periferias do mundo.

O povo da Baixada ainda dispunha de muita garra e energia e nos entregava com carinho e delicadeza sem igual nossas bagagens numeradas, organizadas e ecumenicamente unidas para que voltássemos não mais com nossa frágeis roupas e pastas, para casa, mas trouxéssemos no coração de nossas CEBs a certeza que aquela celebração final nos trouxe: "Deus mesmo é o coração das Comunidades de Base, e ele está agindo na festa, na luta e na dor pra criar a comunhão que necessitamos".

Saímos de Caxias, mas a Baixada nunca mais sairá de nós!. Amém, obrigado!

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

PARTICIPANTES DO 7º ENCONTRO INTERECLESIAL DE CEBs

1.472 DELEGADOS, assim distribuídos:

- 1.106 delegados regionais (leigos, irmãs, irmãos, diáconos e padres);
- 81 bispos católicos;
- 34 índios e agentes indígenas;
- 100 delegados de 12 Igrejas Evangélicas e da Igreja Anglicana, incluindo 4 bispos e 1 pastor regional;
- 83 participantes de 19 países da América Latina e das colônias portuguesa e espanhola dos Estados Unidos;
- 03 delegados das Filipinas;
- 28 membros da Comissão Ampliada;
- 33 membros da Equipe Central do 7º Encontro;

39 ASSESSORES, incluindo 13 convidados que colaboraram na assessoria;

92 CONVIDADOS, sendo 54 brasileiros, incluindo um bispo da Igreja Ortodoxa e 38 estrangeiros, incluindo dois bispos católicos;

54 REPRESENTANTES DE ÓRGÃOS DE IMPRENSA E DOCUMENTAÇÃO:, sendo 4 estrangeiros.

TOTAL DE PARTICIPANTES: 1.657

EQUIPES DE SERVIÇO NO 7º INTERECLESIAL DE CEBs

235 membros da ÁREA DE ACOLHIMENTO:

Coordenação da Área: 5; Equipes: hospedagem - 6(sem contar as pessoas que atuaram nas comunidades); credenciamento - 38; recepção - 135; transporte de pessoas - 25; estrangeiros - 11; acolhimento dos bispos - 02; quebra-galho - 13;

218 membros da ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO:

Coordenação da Área: 05;Equipes: tesouraria e compras - 02; refeições - 135; cantina - 29; almoxarifado -09; transporte de objetos - 07; segurança de valores - 02; relações públicas administrativas-01; água e luz - 07; funcionários da casa para serviços diversos - 21;

268 membros da ÁREA DE BEM-ESTAR:

Coordenação da Área: 05; Equipes: saúde - 45; apoio - 82; passagens-06; achados e perdidos - 06; limpeza e arrumação - 54; ambientação - 26; mutirão - 44;

87 membros da ÁREA DE COMUNICAÇÃO:

Coordenação da Área: 04; Equipes: som e gravação - 09; correios - 08; telefone - 16; informação - 14; livraria - 10; meios de comunicação-16; artesanato - 10;

29 membros da ÁREA DE ACOMPANHAMENTO:

Coordenação da Área: 04; Equipes: cantos e animação - 09; liturgia-08; momentos culturais - 08;

34 membros da SECRETARIA:

TOTAL DE MEMBROS NAS EQUIPES DE SERVIÇO 871

TOTAL GERAL: 2.528

7º ENCONTRO INTERECLESIAL DE CEB's

" POVO DE DEUS, NA AMÉRICA LATINA, A CAMINHO DA LIBERTAÇÃO".

Duque de Caxias, de 10 à 14 de julho de 1989.

Nova Iguaçu , 16 de março de 1989.

Animador amigo,

I - Nas reuniões anteriores (outubro) foi tirado o dia da Assembléia Diocesana de Ceb's:

Dia - 16 de abril
Hora - de 8,30 às 16 horas
Local - Moquetá
Taxa - Ncz$ 0 ,50 (Cinquenta centavos).

II - Conteúdo da Assembléia:

1)-História das Ceb's
-Continuar a reflexão - o que é CEB, para quê das Ceb's
-Visão de Ceb's na América Latina

2) Eleição diocesana dos delegados ao 7º Encontro de Ceb's

III - Critérios de participação:

- Para participar da Assembléia diocesana de Ceb's cada comunidade tem o direito de delegar duas pessoas, que terão voz e voto.
- A comunidade deve assumir as despesas de seus delegados.
- Outras pessoas, além dos delegados , poderão participar: com direito de voz , não de voto. E deverão assumir suas próprias despesas.

IV - Critério para ser eleito delegado da diocese no Intereclesial em Caxias:

1 - Participação ativa na comunidade
2 - Participação em movimentos populares
3 - Ter visão de diocese
4 - Ter visão da situação do país
5 - Noção da América Latina

FICHA DE INSCRIÇÃO

NOME -.....
ENDEREÇO - .....
COMUNIDADE -.....
PARÓQUIA - ..... REGIÃO .....
QUAL A PASTORAL QUE PARTICIPA - .....
NO MOVIMENTO POPULAR, EM QUE PARTICIPA ?.....

OBSERVAÇÃO: O delegado eleito na Assembléia diocesana de Ceb's tem que ter como prioridade todas as atividades referentes ao 7º Encontro de Ceb's.

7º Encontro Intereclesial de CEBs

Baixada Fluminense
10 a 14 julho 1989



Povo de DEUS
na América Latina
a Caminho da Libertação

SUBSÍDIOS

Você deve procurar nas livrarias ou pedir diretamente a Edições Loyola (Rua 1822 nº 347 — Ipiranga — 04216 — São Paulo — SP — Telefone: (011) 914-1922 os seguintes subsídios:

1 — Cartilha "Povo de Deus, na América Latina, a caminho da Libertação" (Cz$ 600,00).

2 — Novena de Natal "Esperança de Vida Nova", elaborada a partir da temática do 7º Encontro. (Cz$ 500,00)

3 — Cartaz do 7º Encontro, colorido (Cz$ 200,00)

Descontos: de 100 a 500 exemplares de cada um destes subsídios, 30% de desconto; de 500 a 1000, 40%, e a partir de 1000 exemplares, 50%.

Prazo de pagamento: 30 dias, mediante duplicata bancária. Nos pedidos de Instituição deve constar o CGC do MF.

Você deve pedir ao Secretariado do 7º Encontro (Av. Presidente Kennedy, 1861 — 25020 — Duque de Caxias — RJ. Tel (021) 771-9444) os seguintes subsídios:

1 — Cartilha "CEBs: um jeito novo de ser Igreja" (Cz$ 150,00 até fim de dezembro). Envio por reembolso postal.

2 — Assinatura do Boletim "A Caminho..." (Cz$ 200,00 por assinatura, até fim de dezembro). Mínimo 10 assinaturas por endereço. Pagamento prévio por cheque nominal para a **Mitra Diocesana de Duque de Caxias.**

3 — Cartões do 7º Encontro. Desenho do cartaz, em preto e branco (Cz$ 40,00 até fim de dezembro). Pedido mínimo: 20 cartões. Pagamento prévio por cheque nominal para a **Mitra Diocesana de Duque de Caxias.**

Saúde direito do povo! Bênção de Deus!

A saúde, na Baixada Fluminense, ainda é sonho para muitas pessoas.

Na Baixada não há saneamento básico, água potável para toda a população, áreas de lazer, transporte suficiente, segurança. A maioria da população ativa trabalha no Grande Rio e vive com salário de fome, sem garantia no emprego e enfrentando uma carestia que não pára de crescer. Nesta situação, não podemos pensar em saúde simplesmente como ausência de doenças, mas em saúde plena, o que depende de tudo o que foi dito.

Em toda a região da Baixada, para uma população de quase 4 milhões de habitantes, existem apenas 4 hospitais públicos e alguns postos de saúde, com atendimento muito precário. Em Duque de Caxias, por exemplo, este serviço representa apenas 5% do atendimento médico prestado.

Sobram, então, as clínicas conveniadas com a Previdência Social, que pouco fazem pela população carente da Baixada, e onde é comum a fraude e a corrupção.

Atendimentos fantasmas, falsificação de documentos, desvios de pacientes dos hospitais públicos para os particulares, e até ameaças de morte àqueles que utilizados por esses poderosos donos de clínicas de saúde para manter seu monopólio, numa área tão importante para a população.

De 1000 crianças nascidas vivas, 95 não chegam a completar um ano de idade, sendo a diarréia a principal causa da mortalidade infantil. Segundo notificações do Centro de Saúde de Duque de Caxias, a tuberculose e a gastroenterite ocupam o 1º e 2º lugares entre as doenças locais, com 41% e 28% do percentual de doenças notificáveis.

A luta é muito grande. A Constituição aprovou o SUDS (Sistema Único de Saúde) e os grupos privativistas já se organizam com pressões para modificar, a nível das constituições estaduais, tudo o que puderem em favor da iniciativa privada. Por sua vez, o Governo Sarney executa em tempo record a "operação desmonte", que visa privativar em um ano o que nem a ditadura conseguiu em 20.

A população, frente a esta situação que é grave, tenta de várias formas e com dificuldade se organizar para a luta. Foram criados Conselhos Cominitários de Saúde nos municípios da Baixada. As federações das associações de moradores e outros grupos criaram Comissões de Saúde, com o objetivo de discutir o assunto, reivindicar melhorias da qualidade do atendimento médico, pressionar as autoridades competentes para que cumpram suas funções e, sobretudo, com o objetivo de conscientizar o restante da população sobre a realidade em que se encontra.

Cremos que Javé Libertador nos dá condições de lutarmos contra as forças da morte que assolam a Baixada Fluminense. A pessoa humana precisa ser valorizada e respeitada, e a vida defendida. O Evangelho do Reino precisa ser anunciado. Tudo isso contribuirá para que a Baixada tenha saúde e seja livre. (PAS — Baixada — Programa de Assessoria e Serviço à Baixada).

"Eu vim para que todos tenham VIDA" (Jo 10,10).

Na caminhada para o 7º Encontro, queremos celebrar, com todos vocês, a ESPERANÇA DE VIDA que brota do berço de Belém e das lutas do nosso Povo.

FELIZ NATAL!
A Redação



VEM, SENHOR JESUS — DIOCESE DUQUE DE CAXIAS

A CAMINHO...

BOLETIM DO 7º ENCONTRO INTERECLESIAL DE CEBs

AV. KENNEDY, 1.861 — DUQUE DE CAXIAS-RJ

Novembro de 1988 — Nº 3

3º. Encontro Latino-Americano de CEBs

Convocado por Sérgio Obesso, bispo de Jalapa e presidente da Conferência Episcopal do México, foi realizado na cidade de Rio Blanco o 3º Encontro Latino—americano de CEBs. Teve como lema: AS CEBs, POVO DE DEUS, QUE ESCUTA E CLAMA. Os três dias do Encontro tinham como objetivo PARTILHAR, CELEBRAR E APROFUNDAR A CONTRIBUIÇÃO DAS CEBs À EVANGELIZAÇÃO LIBERTADORA DA AMÉRICA LATINA.

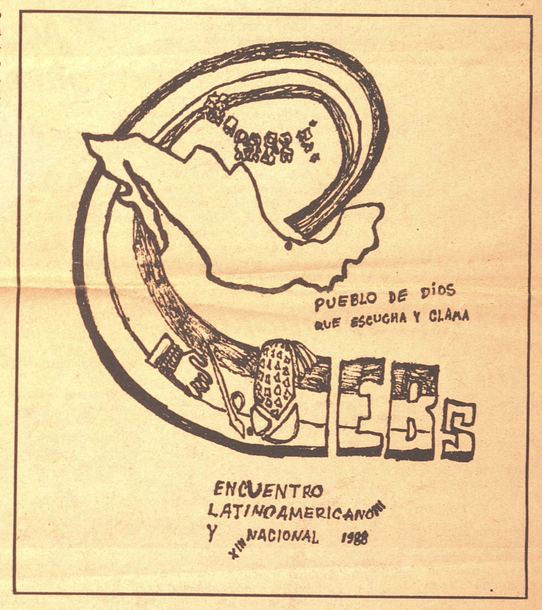
Estavam presentes mais de 200 pessoas, representando 21 países: Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Panamá, Costa Rica, El Salvador, Nicarágua, Guatemala, México, Porto Rico, Rep. Dominicana, Espanha, hispanos e portugueses dos EUA, Africa do Sul e Suiça. Oito bispos também participaram do Encontro: três do México, dois da Bolívia, dois do Equador e um do Uruguai. Do Brasil estavam presentes um representante da Equipe Central do 7º Encontro, Frei Névio Fiorin, e um leigo do Acre, Joaquim Rodrigues Souza.

Com o canto "Camina Dios de los pobres, camina em nuestro andar" deu-se início à celebração de Abertura. O bispo anfitrião saudou os participantes dizendo: "Diante do panorama presente dos países latino—americanos, unidos queremos expressar esse clamor de fome e de dependência econômica que sofremos. Queremos pedir perdão por nossas negligências, silêncios de medo e falta de valentia diante das correntes que queremos quebrar".

A reflexão e a partilha aconteceram em torno de quatro pontos básicos:

Luzes e sombras na história da América Latina: Procurou-se ver a luzes e as sombras na história dos povos latino—americanos, desde a dominação européia, passando pelas lutas de independência, até chegar à realidade atual, com a fome e a dominação que nos impõe o imperialismo dos EUA, e com os avanços na libertação que temos conseguido até aqui. Nesse contexto, procurou-se ver as marcas da opressão, os sinais de libertação e a contribuição específica da fé em cada etapa da história.

O Projeto Dominante: — O Projeto Dominante na América Latina é um projeto de Morte. A transnacionalização da economia, a saída de divisas para pagamento da dívida externa, a exploração da mão-de-obra barata, o mercado voltado para as exportações, os governos a serviço do capital transnacional, fazem da América Latina um continente de miséria e morte.



O Projeto Alternativo: Afora as experiências de Cuba e Nicarágua, não existe mais do que manifestações isoladas de um projeto alternativo, nas quais o povo tenta responder de maneira coletiva suas necessidades básicas. Contudo, é a partir dessas pequenas experiências de conscientização e organização do povo, que vai sendo gestado um projeto alternativo. Nessa tarefa, as CEBs vêm desempenhando um papel muito importante, seja na reflexão, seja na formação de militantes das organizações populares e políticas. As CEBs da América Latina são a expressão mais forte da "consciência social" da Igreja.

A Contribuição das CEBs à Evangelização Libertadora: — Esse tema foi aprofundado a partir de oito aspectos: A religiosidade popular, os ministérios, a espiritualidade, a reflexão bíblica, o profetismo, o compromisso político, a promoção sócio-econômica, a solidariedade.

Na avaliação final se destacou a hospitalidade do povo mexicano — pois todos os participantes foram hospedados em casas de família —, a boa organização do Encontro, o ambiente de fraternidade latino—americana, o tempo reduzido para comunicações de experiências, poucos leigos e poucos representantes do Brasil.

Nos encaminhamentos finais, ficou decidido fazer-se encontros regionais (Cone Sul, Países Bolivarianos, A.Central e Caribe) e foram eleitas pessoas para articular esses encontros regionais. O Próximo encontro latino—americano será em 1992 na Bolívia. Viu-se a necessidade de ampliar a intercomunhão e os laços de solidariedade, a partir de cada um dos países. Os representantes dos países do Cone Sul irão se encontrar antes do 7º Encontro, em Duque de Caxias, para encaminhar a preparação do Encontro do Cone Sul, no primeiro trimestre de 1991.

O encerramento do encontro latino-americano coincidiu com a abertura do 13º Encontro de CEBs do México, com mil e duzentos participantes. Durante quatro dias, as CEBs do México partilharam suas lutas de libertação, refletindo sobre AS CEBs E SEU COMPROMISSO POLÍTICO. Foi um encontro muito simples na sua organização e forma, porém, muito rico no seu conteúdo e partilha. As CEBs do México, a maioria delas sem apoio, têm tido uma forte participação em toda luta popular e política do povo para se libertar de uma ditadura do partido que está no poder há 60 anos.

Atenção comissões de CEBs!

A reunião da Comissão Ampliada pediu que nos encontros diocesanos e regionais se conversasse sobre:

— De quantos em quantos anos devem ser os Intereclesiais?

— Qual a função dos Encontros Regionais?

— Há necessidade de uma articulação de CEBs a nível nacional? Como fazê-la? Qual a função?

— Trazer uma proposta de cronograma básico para a realização do 8º Encontro.

— Definir uma forma de contribuição nas despesas do 7º Intereclesial.

O Secretariado já enviou aos Regionais a comunicação do número de vagas. Em breve seguirão as fichas.

As reuniões da Comissão Ampliada estão marcadas para 30 de março, à noite, até 02 de abril de 1989 e de 03 a 05 de novembro de 89, em Duque de Caxias.

CEDI — CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

REGIONAIS E DIOCESES VIVEM O 7º. ENCONTRO

Regional Sul IV realiza o 5º Encontro de CEBs

O 5º Encontro Estadual de CEBs de Santa Catarina, acontecido na cidade do Rio do Sul, nos dias 20 e 21 de agosto, contou com a participação de 750 pessoas, entre as quais representantes de El Salvador, Peru e Itália. A CNBB, através de Pe. Boim, e a Equipe Central de preparação do 7º Encontro Intereclesial de CEBs, através de Marli da Silva Paulo, também se fizeram presentes.

O Encontro teve como **lema:** "POVO DE DEUS, NA AMÉRCIA LATINA, A CAMINHO DA LIBERTAÇÃO" e, como **tema:** "PROCESSO DE OPRESSÃO E DE LIBERTAÇÃO DO POVO NA AMÉRICA LATINA", desenvolvido em 4 quadros, enfocando a realiadade do Indio, do Negro, do Imigrante Europeu e do Trabalhador hoje.



Com o título "Comunicado do Povo de Deus que está nas Comunidades Cristãs de Santa Catarina", os participantes do 5º Encontro transmitiram o que viveram nestes dias: "Vivenciamos na alegria e fraternidade o novo modo de toda a Igreja ser, que se organiza a caminha para a libertação".

O comunicado denuncia "o crescente empobrecimento e marginalização dos trabalhadores e trabalhadoras da roça e da cidade e o poder dominante que, em sua ideologia e prática anti-evangélicas, tenta enfraquecer as organizações populares". Os participantes assumem o compromisso de "fazer de nossas comunidades um lugar de celebração da fé e participação democráticas, evitando toda a forma de opressão e discriminação; ajudar os pobres a apropriarem-se da Bíblia como força de Deus para a conquista da nova sociedade e entender e respeitar as diferentes culturas e raças, reconhecendo-nos como oprimidos e buscando juntos os caminhos da libertação".

Diz ainda o comunicado: "Percebemos que o Deus dos Profetas, de Jesus Cristo e de Maria,Nossa Mãe e Companheira de caminhada, é o Deus da Vida; da terra, do povo, da bênção, inimigo de nossa dor, de nossa miséria, de nossa pobreza e da morte de todos os seus filhos...Unidos, homens e mulheres, caminhemos na certeza de construirmos o Reino de Deus — Novo Céu e Nova Terra".

CEBs do Piauí aprofundam o tema Fé e Política

Realizou-se em Teresina, de 20 a 23 de julho, a 7ª Assembléia das CEBs do Piauí. Na abertura, foram lidas as mensagens do Pe. Luiz e de Dom Hélder e as dioceses fizeram sua apresentação, de maneira criativa, com gestos e símbolos. Irmã Iria, da Comissão Ampliada,falou sobre o 7ºEncontro e apresentou um breve histórico dos Intereclesiais.

Usou-se a dinâmica "Ver-Julgar-Agir". Na parte do "Ver", com a assessoria de Francisco Passos, do CEPAC, e Marcelino Fonteles, da FAMCC , e sob a coordenação da diocese de Picos,refletiu-se sobre a conjuntura nacional e estadual e sobre a estrutura de nossa sociedade. O estudo foi aprofundado nos grupos e em plenário e terminou com a "fila do povo", onde muitos participantes relataram fatos que esclareciam a conjuntura das comunidades.

A parte do "Julgar" teve a assessoria do Pe. Pedro Brito e foi coordenada pela diocese de Oeiras-Floriano. Refletiu-se sobre o que é Fé e o que é Política. Os grupos discutiram como ligar fé e política e como sustentar a caminhada.
Foram tirados alguns critérios para julgar a política.

Pe. Raimundo José ajudou a aprofundar três pontos: a política e a Bíblia; a prática (política) de Jesus; o exercício do poder.

A última parte do Encontro teve a coordenação da diocese de Parnaíba. Após uma exposição sobre o capitalismo, suas causas e conseqüências, foram escolhidos dois "advogados" um para defender e outro para condenar o sistema. Para o julgamento final retomou-se a prática de Jesus e sua proposta.

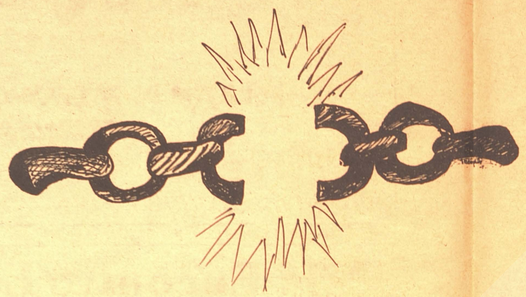
O Encontro foi muito rico na partilha dos grupos, nas colocações dos assessores e nas celebrações. Foi um momento de fé e compromisso vivido intensamente pelas CEBs do Piauí.

Centro Oeste faz Assembléia ampliada de CEBs

Com o objetivo de organizar e articular a caminhada de CEBs do Regional Centro Oeste, sobretudo em vista da preparação e vivência do 7º Intereclesial, representantes de 14 das 16 dioceses estiveram presentes no Encontro realizado no Centro Pastoral Dom Fernando, em Goiânia, nos dias 9, 10 e 11 de setembro.

Com a assessoria do Pe. Benedito Ferraro, foi estudado o tema do 7º Encontro, em suas três grandes dimensões:
— identidade das CEBs;
— o rosto latino-americano da Igreja;
— relacionamento entre Igreja e Libertação: Fé e Política.

A partir da proposta feita pela Comissão Ampliada Nacional de que o 7º Encontro já deve acontecer nos Regionais, foi encaminhada a realização de um Mini-Intereclesial no Centro Oeste, de 24 a 26 de fevereiro de 1989, com a participação de 250 pessoas e a assessoria de Frei Betto. Este Encontro ajudará o Regional a crescer sempre mais no compromisso com as CEBs, com este "jeito novo de toda a Igreja ser".



Mato Grosso do Sul quebra correntes como sinal de libertação

Com uma grande faixa trazendo o tema do 7º Encontro, o mapa da América Latina, um cartaz com o desenho de um pé a caminho e o gesto da quebra de correntes, como sinal de libertação de tudo o que escraviza o povo da América Latina, foi aberto, em Campo Grande, o Encontro de CEBs do Regional Oeste 1. A liturgia foi feita em forma de caminhada, onde eram apresentados e explicados os símbolos e gestos, sempre cantados trechos do hino "Pelos caminhos da América".

Durante dois dias — 27 e 28 de agosto — os participantes relembraram os encontros passados, estudaram a temática do 7º Encontro, levantaram questões e tiraram propostas de trabalho.

O tema do 7º Encontro — "Povo de Deus, na América Latina, a Caminho da Libertação" — foi estudado a partir de três subtemas: Eclesialidade das CEBs, Rosto Latino-Americano da Igreja, Igreja e Libertação. Após a reflexão em grupos, foram feitos três miniplenários seguidos de um plenário final, com a síntese dos trabalhos e debate.

O assessor do Encontro foi Henrique Pereira, do CEOC, de São Paulo. Participaram também os dois representantes da Comissão Ampliada, Ilda e Toninho, e Irmã Delir Brunelli pela Equipe Central do 7º Encontro. Todas as dioceses do Regional estavam presentes, num total de 70 pessoas.

Nas propostas finais foi assumido o compromisso de viver o 7º Encontro nas dioceses através da reflexão e da partilha nas comunidades, de encontros e cursos de aprofundamento, e da participação concreta nas lutas populares. Vão ser realizados Encontros Diocesanos e foi marcado para maio de 1989 o próximo Encontro Regional, com a participação dos delegados ao 7º Encontro.

O Encontro foi encerrado com uma reflexão, onde cada diocese apresentou suas propostas de trabalho e um símbolo do compromisso que estava assumindo.

Dioceses também se reúnem

DIOCESE DE BALSAS — MA

De 28 de julho a 2 de agosto/88, reuniram-se representantes da base de quase todas as paróquias da Diocese de Balsas. O Encontro teve vários objetivos:

- Começar a avaliar os 20 anos de CEBs na Diocese: "caminhada para crescer no compromisso cristão";
- divulgar a preparação para o 7º Intereclesial;
- indicar as pessoas para participar do Encontro Regional e candidatos ao Intereclesial;
- celebrar e indicar pistas para a caminhada das CEBs na Diocese.

DIOCESE DE DOURADOS — MS

Nos dias 9 a 11 de setembro realizou-se em Dourados, o Encontro Diocesano de CEBs, com a abertura do 7º Encontro na diocese. Contou-se com a presença de 70 pessoas.

Refletiu-se, principalmente, sobre a Eclesialidade das CEBs e a pessoa de Jesus Cristo.

Muito viva e rica de signifigicado foi a celebração e abertura com a faixa do 7º Encontro, o pé, símbolo de que estamos "A CAMINHO" e o mapa da América Latina. Na celebração Eucarística, foi simbolizada a partilha com os alimentos que o povo tinha levado para o Encontro. Dom Teodardo, bispo local, deu todo o apoio.

Arquidiocese de Juiz de Fora — MG

23 de outubro de 1988 — domingo — foi a data da 10ª Assembléia das CEBs da arquidiocese de Juiz de Fora, Minas Gerais. Atendendo a nova forma de convocação — 4 representantes líderes por paróquia — 87 leigos de CEBs, em vivência fraterna, refletiram, na parte da manhã, sobre a Igreja pós Concílio Vaticano II e se empenharam na busca de caminhos novos para fazer de nossas próprias paróquias Igreja-Comunidade, Igreja Povo de Deus, Igreja inserida na história dos homens, Igreja Ecumênica, Igreja Libertadora, Igreja Ministerial, Igreja Renovada.

À tarde, os grupos se colocaram frente a uma visão crítica do que existe em nossas comunidades e refletiram sobre a relação Fé e Política. Também foram abordados o clima político em véspera de eleição municipal e a nova Constituição (como fazê-la chegar ao povo).

Os trabalhos foram encerrados com a Celebração Eucarística e concelebrada, vivamente participada por todos e animada pelo canto vibrante.

A assembléia contou com a presença ativa de Frei Alano, coordenador do Setor de Evangelização da Arquidiocese. Participaram também 3 representantes da Equipe Central do 7º Encontro.

Fez-se também a escolha de 4 representantes de nossa arquidiocese no 7º Encontro Intereclesial de CEBs em julho de 1989, em Duque de Caxias.

Acontecimentos como este, reforçam a Esperança num mundo novo de irmãos, utopia do Reino que já começa a acontecer...

Duque de Caxias e São João vivem intensamente o 7º. encontro

Romaria Diocesana



Com o objetivo de aprofundar e celebrar a solidariedade entre os povos da América Latina, cerca de 5 mil pessoas participaram da Romaria Diocesana na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, em Duque de Caxias, no dia 10 de Outubro. Estiveram presentes Dom Valdir Calheiros, bispo de Volta Redonda, e Dom Mauro Morelli.

Cada país foi representado por uma paróquia ou área pastoral de nossa Diocese, demonstrando que já estamos vivendo um clima de comunhão com os países irmãos na caminhada para o 7º Encontro de CEBs.

A Romaria teve como tema: "América Latina, somos povos irmãos", o que significa que fazemos parte de uma realidade que ultrapassa os limites do Brasil, se estendendo por toda a América Latina, onde todos os povos têm uma história semelhante à nossa.

Na parte litúrgica, foi recitado o terço com a meditação dos mistérios, relacionando-se à vida do povo latino-americano, que é flagelado, massacrado e crucificado, mas que ressuscita em cada luta, em cada sonho de libertação. Seguiu-se a celebração eucarística, com grande participação de todos os presentes.

Foi ressaltada a presença de Maria, animando nossa caminhada. Nós a veneramos como Maria de Nazaré, solidária com o povo eleito; Maria de Guadalupe, solidária com o povo indígena ou Maria Aparecida, solidária com o povo negro e escravizado.

O momento da anunciação, a força, a coragem de Maria e o seu grande amor a Deus nos ficam como exemplo. Diante das dificuldades e sofrimento do nosso povo, podemos confiar que, através da força de Deus e da união dos pobres, a libertação virá.

Encontros de Animadores de Comunidades

Em clima de grande entusiasmo e participação, foram realizados 3 encontros para animação das comunidades da Diocese de Duque de Caxias e São João, tendo em vista a realização do 7º Encontro.

Cada região se encontrou em final de semana diferente: A Periferia, no mês de setembro; O Centro e São João, em outubro.

Ao todo estiveram presente 174 representantes das comunidades. Foram discutidos dois assuntos:

— Eclesialidade das CEBs. Os participantes contaram como aconteceu o surgimento de suas comunidades e, a partir ao vídeo do 6º Encontro, aprofundou-se um pouco mais o tema.

— Realidade da América Latina. Foram passados dois slides para ajudar a reflexão, um sobre Nicarágua e outro sobre El Salvador.

Na última parte do encontro se falou sobre a organização dos trabalhos nas comunidades e sobre a importância do engajamento nas equipes de serviços do 7º Encontro.

As celebrações ocuparam lugar de destaque e tiveram grande participação. Foram usados gestos e símbolos, que ajudaram a colocar diante de Deus a vida das comunidades e as lutas de todos os povos da América Latina. Na celebração de encerramento , os participantes renovaram seu compromisso de animar as comunidades em sua caminhada e de estar a serviço do 7º Encontro.

Lançamento da Cartilha do 7º Encontro

Cerca de 300 animadores de grupos e comunidades participaram de três encontros onde foi feito o lançamento da cartilha "Povo de Deus, na América Latina, a Caminho da Libertação".

A apresentação foi dividida em dois momentos. No primeiro, viu-se a temática geral e a estrutura de cada encontro. O segundo foi reservado a questões prática sobre o uso da cartilha nos grupos e comunidades.

A chegada deste subsídio foi saudada com entusiasmo. Percebe-se o interesse na reflexão dos diferentes temas abordados na cartilha. Foi ressaltada a responsabilidade dos coordenadores em motivar seus grupos e comunidades para esse estudo e também na preparação de cada encontro, visando uma boa participação.

Assembléia Diocesana

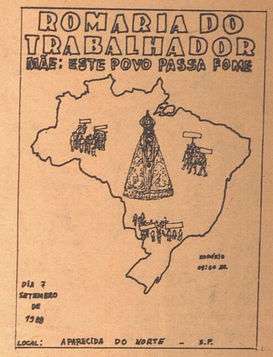
Com a presença de mais de 600 pessoas, representantes de todas as comunidades da diocese, realizou-se, no dia 6 de novembro, a Assembléia Diocesana de 1988.

A parte da manhã foi dedicada ao estudo da cartilha do 7º Encontro, em grupo e mini plenários. Os debates foram animados, sobretudo quando se tratou do compromisso político.

A parte da tarde foi reservada à organização das Áreas de Serviços para o 7º Encontro. Muitas pessoas se dispuseram a participa das diferentes equipes que já existem ou que estão sendo formadas.

A Celebração Eucarística concluiu esse dia de estudo, partilha e compromisso, a caminho do 7º Encontro.

Romaria do Trabalhador: Um Clamor de Justiça!



Aos gritos uníssonos de "Mãe, este Povo passa fome", dez mil trabalhadores, reunidos no Santuário de N. Sra. Aparecida, no dia 7 de setembro, rogaram pela mudança da situação sócio-econômica e política do Brasil.

Ao se dirigirem à mãe de Jesus, "mãe, negra e mulher trabalhadora", os participantes da romaria, denunciaram a situação de penúria por que passam os trabalhadores neste País e clamaram por justiça, por um lugar ao sol, nesta grande sociedade brasileira. Seus brados eram quase abafados pelos clarins e fanfarras do Exército, comemorando, nas ruas, a "independência do Brasil."

Que país é este, em que a grande maioria dos que nele vivem está definhando, esmagada pela carestia, pela inflação criminosa e pela escandalosa injustiça contra os que trabalham? Entre os mais atingidos estão os negros. Após cem anos da Abolição da Escravatura, constata-se que eles estão cada vez mais marginalizados das oportunidades de trabalho e não é reconhecida sua dignidade social.

Nessa romaria histórica de 7 de setembro de 1988, a classe operária marcou sua presença em Aparecida do Norte e, com a grandeza de sua fé, apresentou a Deus, através de Maria, o seu clamor.

A romaria constou de duas partes. A primeira foi um ato público diante da Basílica, com hinos de libertação, entoados por todos, e discursos denunciando a situação atual da classe operária do Brasil. A segunda parte foi a celebração eucarística, por Dom Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB, e concelebrada por outros bispos, como Dom Claudio Hummes, de Santo André, e Dom Mauro Morelli, da Diocese de Duque de Caxias e S. João de Meriti, que apóiam e acompanham os trabalhos da Pastoral Operária.

A Romaria do Trabalhador foi promovida pela Pastoral Operária dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Testemunhou o apoio da Igreja à classe trabalhadora e reforçou sua fé, dando-lhe mais coragem na luta pela justiça.

Contribuições para o 7º Encontro

Sua ajuda é importante

A Comissão Ampliada decidiu que as contribuições para o encontro ficaram a critério dos Regionais e Dioceses.

Como todos sabem, a maior parte dos gastos é feita antes do Encontro, para encaminhar e realizar tora a preparação. Por isso, vimos solicitar a colaboração das Comissões de CEBs Regionais e Diocesanas e também de Instituições e Grupos diversos. Estudem com as Comunidades e com os responsáveis nos diversos níveis (Animadores, Coordenadores, Bispos...), a melhor maneira de ajudar, também financeiramente, na realização do 7º Encontro.

Sugerimos que sejam feitas promoções, artesanato, coleta de alimentos etc. Pedimos no entanto, que o resultado seja revertido em dinheiro e enviado através de cheque nominal para Mitra Diocesana de Duque de Caxias ou depositado na conta nº 28676—6, do Banco Itaú, Agência 0090, com o mesmo nome. Em caso de depósito em conta, avisemnos por carta ou telefone.

Conhecemos as grandes dificuldades do momento, porque também aqui elas são experimentais. Mas sabemos que a partilha faz milagre e, através da partilha, vamos realizar o 7º Encontro.

Vocês já enviaram suas músicas

A Equipe de LITURGIA E CANTOS está preparando o Cancioneiro para o 7º Encontro e espera a colaboração das Comunidades de todo o Brasil. Por isso, solicita:

1) **Cantos novos, com a temática do 7º Encontro.** Enviem a gravação em fita Kassete, acompanhada de letra datilografada (ou bem legível).

2) **Cantos das CEBs.** Façam uma lista com sugestão de cantos já conhecidos e que devem ser incluídos no livrinho.

Mas o tempo voa! E queremos preparar uma fita com os cantos novos, para oferecer a vocês antes do 7º Encontro. Por isso, aguardamos sua contribuição até o fim de Dezembro.

No mais, boa inspiração e muita animação!

A CAMINHO...

Boletim informativo do 7º Encontro Intereclesial de CEBs. Correspondência: Equipe de Redação ou Secretariado do 7º Encontro. Av. Presidente Kennedy, 1861 — 25020 DUQUE DE CAXIAS — RJ. Tel.: (021) 771-9444, de segunda a sexta, das 14:00 às 17:30 horas.

CARTA DO 7º ENCONTRO

Duque de Caxias RJ 14-7-89

7º Encontro Intereclesial de CEBs

Baixada Fluminense
10 a 14 julho 1989



VIOLESA
14 HORA
NA CURIA

Povo de DEUS na América Latina a Caminho da Libertação

Queridos irmãos e irmãs
do Povo de Deus na América Latina
A Paz de Deus esteja com vocês!

1-Reunidos no 7º Encontro Intereclesial de CEBs, realizado em Duque de Caxias, RJ, de 10 a 14 de julho de 1989, queremos prestar contas do que fizemos estes dias e partilhar com vocês a mensagem de esperança que levamos conosco.

2-Somos quase 1.800 pessoas, vindas de comunidades cristãs espalhadas pelo Brasil inteiro e por outros países da América Latina. Além disso estão conosco mais de 800 pessoas nas várias equipes de serviço. Durante quatro dias, convivemos e nos ajudamos mutuamente para avaliar, aprofundar e celebrar a nossa caminhada, que já vem de longe.

O tema de nosso Encontro foi: "POVO DE DEUS NA AMÉRICA LATINA A CAMINHO DA LIBERTAÇÃO".

3-Entre nós, temos representantes de 19 países da América Latina. Também vieram alguns irmãos e irmãs da América do Norte e da Europa, que apóiam nossa caminhada. Participam do Encontro mais de 120 irmãos de 12 Igrejas evangélicas, da Igreja Anglicana e da Igreja Ortodoxa, incluindo 43 pastoras e pastores e cinco bispos. Da Igreja Católica em nosso país, vieram representantes de 225 das 252 dioceses, com 85 de seus bispos, além de 4 bispos do exterior. Muito importante, também, é a presença, entre nós, de mais de 30 representantes de povos indígenas. Chamou a atenção de todos a presença marcante dos negros. Alegramo-nos e damos graças a Deus, também pelo papel preponderante das mulheres, no desenrolar de todo o Encontro, sobretudo nas celebrações e na animação. Além de tudo isso, estão conosco representantes das das comunidades cristãs de Rwanda e de Moçambique, na África, e das comunidades cristãs das Filipinas, na Ásia.

4-Jesus disse: "Onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles"(Mt 18,20).Estamos reunidos em nome de Jesus. E somos bem mais que dois ou três! Ele está no meio de nós! É em nome de le que escrevemos para vocês!

5-Em primeiro lugar queremos contar que fomos muito bem acolhidos pelos irmãos das comunidades cristãs de Duque de Caxias, aqui na Baixada Fluminense,lugar de muita pobreza, violência e morte! Agradecemos às mais de mil famílias que, vencendo o medo, abriram suas portas e nos acolheram em suas casas."Só isto já valeu!", disse Dom Mauro, bispo de Duque de Caxias. Foi um encontro diferente dos seis anteriores. Era tanta gente que não cabia num único prédio. Tivemos que andar de ônibus, várias vezes por dia, de um lugar para outro. Assim deu para ver e sentir de perto a pobreza em que vive o povo da Baixada, explorado pelo sistema capitalista, reprimido pelo poder policial e marginalizado pelos poderes públicos. Mas, apesar de sermos um número tão grande, percebemos que a cidade é bem maior. Quase dois milhões de pessoas! Muitos nem notaram a nossa presença! A gente tomou consciência de que nós, da "CAMINHADA", somos uma minoria, apenas um "pequeno rebanho" (Lc 12,32). Nossa missão é imensa! Como ser comunidade cristã, sinal do Reino, na cidade grande?

6-Nosso 7º Encontro tem lugar numa época de crise, de vida muito dura para o povo, tanto na sociedade como nas Igrejas. Muitos desafios se acumulam no horizonte, neste ano eleitoral. Mesmo assim, sem esquecer a realidade difícil foram dias de muita reflexão, oração, alegria e esperança.

7-Os cantos e as celebrações, bem participados, deram substância a nossa convivência. Durante a celebração ecumênica de abertura do Encontro, houve troca de presentes e de símbolos entre os representantes dos povos latino-americanos. Este pacto de fraternidade tornou viva a visão da Pátria Grande, na celebração presidida pelo bispo local, Dom Mauro Morelli, acompanhado de outros bispos.



8-Nesta ocasião, a Bíblia foi introduzida em solene procisão com tochas, palmas e longa aclamação do povo. Em seguida, foi proclamada a Palavra de Deus e ouvimos Jesus dizer a todos nós: "O Espírito de Deus está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para prclamar a libertação aos presos , e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor"(Lc4,18-19).Jesus se declara o Servo de Deus,anunciado por Isaías.

CEDI CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO



A missão de Jesus é a nossa missão: abrir as portas de um tempo novo. Ele nos envia hoje, aqui, na América Latina.

1º DIA: A SITUAÇÃO DA AMÉRICA LATINA.

"Acorda, América! Chegou a hora de levantar! O sangue dos mártires fez a semente se espalhar!"

9-A pergunta que ligou o motor da nossa reflexão foi esta:"Quais as marcas comuns do sofrimento do povo latino-americano?" Reunimo-nos em 107 grupos de 10 a 15 pessoas cada. As respostas foram se juntando como córregos que descem o morro. Aos poucos, foi aparecendo o rosto sofrido do povo latino-americano, mergulhado num rio de sofrimento: rosto de índio massacrado, rosto de negro explorado, rosto de mulher discriminada, rosto de menor abandonado, rosto de povo marginalizado e espoliado de mil maneiras, no campo e na cidade.

10-Parecia que era o"homem das dores", a "mulher das dores", o mesmo Servo de Deus anunciado por Isaías e assumido por Jesus: "Era desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com a doença, como uma pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele.... Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, esmagado em virtude de nossas iniquidades"(Is 53,3-5). O sofrimento do povo, a chaga do Servo, é tão grande que parece não ter cura(Jer 15,18)

11-E até hoje continua o massacre, a destruição das culturas, sobretudo do índio e do negro. O capitalismo, sistema de morte, marginaliza o povo e consegue organizar o mundo de tal maneira que, através da dívida externa e da submissão de nossos governos, continua enriquecendo uma minoria à custa do sangue dos pobres, sacrificando-os ao Deus dinheiro. Ai daquele que constrói sua riqueza com o sangue dos pobres! (cf. Hab 2,12; Jer 22,13; Miq 3,10)

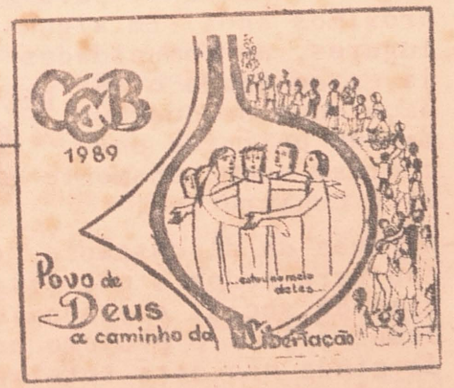
12-Também vimos que há muitos sinais de resistência em toda a América Latina. Pequenas e grandes lutas, que todos conhecemos ou das quais participamos, revelam um despertar e geram a esperança de um novo amanhecer.

13-Após 500 anos de presença neste Continente, nós cristãos temos de pedir perdão pelo mal que praticamos em nome do Cristianismo. Ao mesmo tempo, damos graças a Deus pelos pobres que, apesar de toda a opressão que sofreram, souberam receber, guardar e transmitir a força do Evangelho. Hoje somos convocados para revelar a verdadeira face da Boa Nova de Jesus aos empobrecidos. E já estamos começando. "Acorda, América, chegou a hora de levantar!"

14-Assim, apesar de tanta opressão, crise e morte, conseguimos terminar o primeiro dia com a grande celebração da esperança, nascida do sangue dos mártires "pelos caminhos da América". Cantamos a utopia da Pátria Grande, que une América Latina e Caribe. A fé reuniu nossa esperança. Continuamos a caminhada rumo a uma pátria melhor (Heb 11,14).

2º DIA: ENFRENTANDO A SITUAÇÃO: FÉ E LIBERTAÇÃO

"Nossa alegria é saber que um dia todo esse povo se libertará. Pois Jesus Cristo é o Senhor do mundo, nossa esperança realizará"



15-No segundo dia a pergunta inicial foi: Quais as motivações de fé que temos para lutar para a transformação da sociedade?

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO MULTIDISCIPLINAR
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

Na medida em que as respostas foram aparecendo, foi brotando também a convicção comum de todos: em nome de nossa fé em Jesus ressuscitado, temos que lutar pela transformação da atual sociedade latino-americana, e um dos instrumentos mais importantes para essa transformação é a ação política. Alguém disse: "Sem a política, a fé é morta", pois seria fé sem obras (Tg 2,17).

Os Movimentos populares, as organizações sindicais, os Centros de defesa dos Direitos Humanos, os partidos políticos que defendem a causa do povo, e outras formas de luta oferecem oportunidades valiosas para o testemunho da fé libertadora dos cristãos.

16-As comunidades devem reconhecer que as organizações políticas têm a sua autonomia. A Igreja não deve querer controlá-las. Em nosso Encontro, porém, foi ficando claro que temos de dar mais atenção à formação política dos cristãos: informar sobre as diversas orientações políticas que existem na sociedade assim como sobre as diversas tendências ideológicas. Aqui está uma tarefa importante para os próximos anos. Em alguns lugares, as Comunidades já estão sendo o espaço onde os que lutam na política encontram acompanhamento e compreenção, apoio e crítica construtiva.



POVO DE DEUS, A CAMINHO DA LIBERTAÇÃO!

17-Através da discussão e partilha das idéias apareceu para todos a necessidade de lutar por uma sociedade social e economicamente participativa e democrática. O projeto político para esta sociedade ainda não está totalmente claro e precisa ser aprofundado. Mas é neste rumo que as comunidades estão fazendo o caminho da libertação aqui na América Latina. A prática das comunidades ajuda muito a fazer amadurecer e realizar este projeto. Todos sabemos que a nova sociedade não nos será dada de graça. Ela será fruto da luta do povo. Nós, cristãos, somos chamados a dela participar, ajudados e iluminados pela fé no Deus libertador.

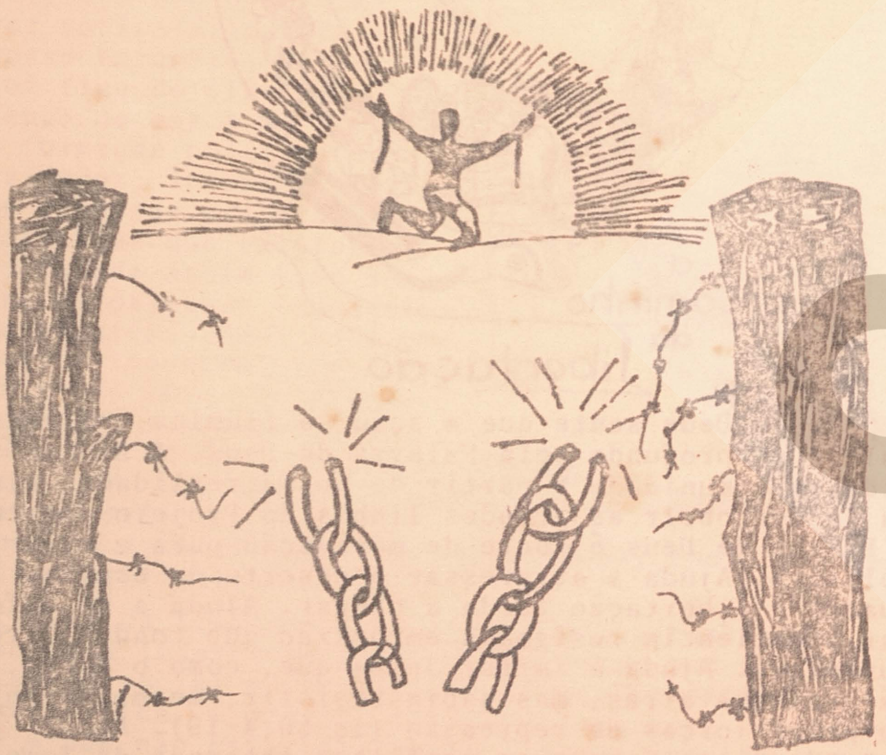


18-O povo de Deus sente que a ação se ilumina, se fortalece e aprofunda pela Palavra de Deus. A Bíblia lida em comunidade a partir de nossa realidade, ajuda a descobrir as grandes linhas do Projeto de Deus. A Palvra de Deus é fonte de motivação para a ação política. Ajuda a atravessar o deserto da espera, quando a libertação tarda a chegar. Ajuda a transformar a paciência resignada em paixão que conduz à ressurreição. Ajuda a imitar Jesus que, como o Servo, não voltava atrás, mas sabia resistir, mesmo derrotado pelas forças de repressão (Is 50,4-19). Ajuda a entender e a superar os conflitos internos da Igreja com aqueles que não aceitam a participação na política partidária.

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR UFRRJ

19-Como cristãos temos muito a contribuir para melhorar e humanizar a ação política, participando de partidos políticos comprometidos com as lutas populares, para que se defenda e se promova a justiça e a liberdade para todos, colocando a sociedade em defesa da vida, que tem que ser vida em abundância (Jo 10,10).

20-No final do dia, houve uma grande concentração com uma celebração ecumênica na praça central da cidade de Duque de Caxias, na qual estiveram presentes mais de 10.000 pessoas. Esta celebração comemorou, com uma grande partilha, o oitavo aniversário da Diocese. Ela terminou com uma bênção emocionante dada pela pastora Rosângela da Igreja Metodista.



3º DIA: COMUNIDADE ECLESIAL: SINAL DO REINO DE DEUS

"Igreja é povo que se organiza,
gente oprimida buscando a libertação,
com Jesus Cristo a Ressurreição".

21-No terceiro dia a pergunta inicial foi esta: "Na Palavra de Deus o que mais toca e ilumina a vida das Comunidades e as lutas do povo?" Aqui apareceu toda a riqueza que a Palavra de Deus cria e recria, sem cessar, na vida e na prática das comunidades. A variedade é tão grande que, no dizer do poeta, o próprio Jesus bate palmas.

22-As comunidades imitam de perto a comunidade dos primeiros cristãos na alegria, na partilha, no serviço. Como eles, são "assíduoas aos ensinamentos dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão, e à oração" (At 2,42). Renovam a Igreja pela base e são um sinal do Reino para nós, povo empobrecido da América Latina.

23-As Comunidades animam as pessoas a se organizar para prestar ao povo o serviço da libertação que Jesus prestava aos pobres do seu tempo. Como sinal de sua maturidade, interpelam os pastores no sentido de um maior comprometimento na construção da nova sociedade, e manifestam a sua decisão de caminhar em união com eles. Criam um espaço onde o povo se sente gente, retoma a palavra, recupera a memória, refaz a história e esperimenta algo da liberdade, para qual Cristo nos libertou (Gal 5,1; 2Cor 3,17). Nelas se manifestam os dons do Espírito Santo e reaparecem os ministérios em grande número a variedade para promover a vida do povo e prestar solidariedade. Desta maneira afirma-se o sacerdócio universal de todos os fieis e os leigos são valorizados, investindo-se em sua formação e capacitação.

24-Aos poucos, nas Comunidades, o índio e o negro, reencontram o seu lugar e redescobrem a sua identidade e missão. Nelas, a mulher se sente digna, valorizada, luta contra o machismo que descrimina e participa com o homem na sua organização. Mas falta ainda muito, para que se chegue a uma participação igual, em que já não haverá mais nenhuma discriminação. (Gal 3,28)

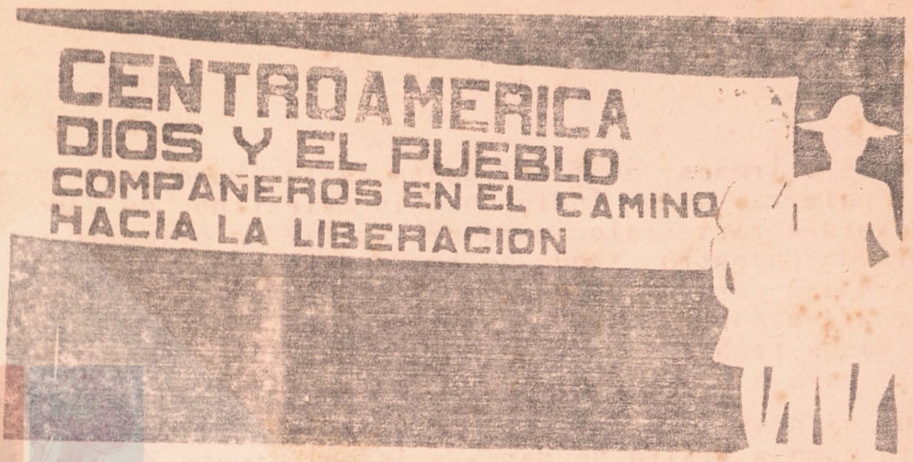
CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR DE ESTUDOS

25-Finalmente, o sinal do Reino que mais marcou o 7º Encontro foi o passo dado em busca do ecumenismo. Por um lado é um traço fundamental da Igreja que Jesus quis: "Pai, que todos sejam um, e o mundo creia que tu me enviaste"(Jo 17,21) Sem o Ecumenismo é impossível realizar a missão que Ele nos confiou. Através da sua unidade, os fieis em Jesus Cristo dão testemunho da união que Deus quer que exista entre os homens e as mulheres de todos os povos do mundo habitado.



26-Por outro lado, é esse encontro do povo que crê que vai manifestando o crescimento do ser humano novo, -homem e mulher-, feito a imagem de Jesus Cristo, o Messias. O Povo que crê em Jesus tem de manifestar-se como povo libertador, para que a evangelização possa ter lugar. Para que possa nascer este povo unido "sofro de novo as dores do parto até que Cristo seja formado em vocês" (Gal 4,19). O povo das comunidades partilha aquela tarefa humana que é a mais ecuménica: trabalhar e lutar pela libertação.

27-Ademais, é o encontro e o diálogo com o próximo, diferente de nós, que testemunham o nascimento do novo ser humano. Isso é uma das grandes experiências do 7º Encontro em Duque de Caxias, confirmando aquilo que escreveu São Paulo aos Colossenses: "De fato, vocês foram despojados do homem velho e de suas ações, e se revestiram do homem novo que, através do conhecimento, vai se renovando à imagem do seu Criador. E aí já não há grego nem judeu, circunciso e incircunciso, estrangeiro ou bárbaro, escravo ou livre, mas apenas Cristo, que é tudo em todos". (Col 3, 9-11)



28-Chegando ao fim do Encontro, apareceram algumas questões e desafios:

QUESTÕES: -Qual é o modelo da nova sociedade?
-A dívida externa: como criar um vasto movimento popular para que não se pague?
-Como tratar os conflitos dentro da Igreja?

DESAFIOS: -Consciência da luta partidária
-Formação política dos leigos
-O ecumenismo e os ministérios

+ os cegos vêem,
+ os coxos andam,
+ os leprosos são curados,
+ os surdos ouvem,
+ os mortos ressuscitam
+ e a Boa Notícia do Evangelho é anunciada aos pobres".

(Mt 11,2-5)



CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR UFRRJ

29-Irmãs e irmãos, ao final desta carta, repetimos as palavras que o índio Antônio Celestino, do povo Xukuru-kariri, falou para nós no fim do primeiro dia do Encontro: "Ando em busca de um 'BOM DIA' para dar para o meu povo, porque os brancos, que se dizem nobres o roubaram".

Vamos trabalhar e lutar para construir um bom dia para o nosso povo!

30-Que os nossos encontros de comunidades sejam sempre como a visita de Maria a Isabel: fonte de alegria e de vida nova em que se começa a realizar a profecia: "Derrubou os poderosos dos seus tronos e exaltou os humildes" (Lc 1,52) E assim poderemos cantar: "O Senhor fez em mim maravilhas. Santo é seu Nome" (Lc 1,49)

Os participantes do 7º Intereclesial





7º Encontro Intereclesial de CEBs

Delir Brunelli.

Preparação

A preparação mais intensa vem acontecendo a partir da reunião da Comissão Ampliada (março deste ano). Nessa reunião estavam presentes:

- representantes dos Regionais do Brasil
- Equipe Central de D. Caxias
- 1º representantes das dioceses vizinhas
- " de Igrejas evangélicas
- " da CNBB
- assessores e alguns convidados.

A Comissão Ampliada tomou as principais decisões em relação ao 7º Encontro.

Quanto à preparação:

- deu-se ênfase à preparação nas bases.
- nas dioceses
- nos regionais.

Caráter do Encontro

Celebração e partilha da caminhada.

Slogan: "Povo de Deus na América Latina, a caminho da libertação".

Data: 10 a 14 de julho de 1988

Temática: desdobrada em três sub-temas:
- eclesialidade das CEBs;
- questão latino-americana;
- ligação fé e política.

Subsídios - Cartilha do 6º Encontro "CEB: um jeito novo de ser Igreja".
- Cartilha do 7º Encontro.
- Boletim "A Caminho"
- Harmonia dos Interecleriais (ainda não saiu.

Importância de as dioceses adaptarem os subsídios à sua realidade.

Participação: entre 1500 a 2000 pessoas
60% leigos (900)
7% latino-americanos (105)
6% evangélicos (90)

~~6%~~ 2% índios (30)
1% africanos (15)
11% irmãs/irmãos (165)
7% padres (105)
2º assessores (30)
4% convidados (60)

Apresentação do organograma de preparação do 7º Encontro com as várias comissões, áreas e equipes de serviço.

Em relação aos estrangeiros e bispos que serão hospedados em Nova Iguaçu, precisa-se:
- organizar as casas para acolher estas pessoas.
- dar presença e ver tudo o que é necessário
- organizar a chegada e a saída das pessoas
- excursão pelo Rio de Janeiro (ver se é oportuno)
- se fôr do interesse dos estrangeiros, organizar a visita a outros lugares do Brasil, para conhecer experiências populares, de Igreja etc.

- organizar o Encontro dos Latino-americanos três dias antes do 7º Encontro. Esse Encontro vai ser encaminhado pela Comissão Ampliada.
  - Já existe em Caxias uma equipe que vai pensar no transporte das pessoas.
  - Existe também uma equipe de inscrição que vai fazer a listagem dos participantes.

Tudo isso deve ser feito. Queremos negociar com Nova Iguaçu como compor esta equipe de "Estrangeiro" para atender às necessidades acima.

Perguntas: foram feitas muitas perguntas sobre o 7º Encontro, sobre a maneira como Caxias está se organizando para animar as comunidades, sobre as eleições, sobre os custos do 7º Encontro etc.
Perguntou-se também sobre a participação específica de Nova Iguaçu. O plenário ajudou a responder a essa pergunta.
Foi dito:
- a participação mais importante é aquela

a nível de base, de comunidades, e também de paróquias e diocese. O 7º Encontro deve acontecer na base.

- A participação vai se dar também no Encontro Interdiocesano e depois no Interregional.
- Nova Iguaçu tem representantes na Equipe Central.
- Espera-se também a participação na Equipe de Estrangeiros.
- É muito importante a reflexão sobre a temática. Ali devemos dar o salto de qualidade. A temática desse Encontro inclui aspectos bem nossos, como a questão do negro, do trabalho assalariado, da Igreja nas regiões urbanas. Quando o 6º Encontro escolheu Caxias, estava escolhendo a Baixada. É nossa realidade deve dar o enfoque básico para este 7º Encontro. É responsabilidade nossa ajudar a aprofundar estes assentos. E isso nós vai se fazer lá nos 4 dias de Encontro, mas agora, na preparação.
- Falou-se também da necessidade de a diocese ver a melhor maneira de se organizar para o 7º Encontro, levando em

conta a realidade própria e as solicitações, como por exemplo a Campanha da Fraternidade. O que priorizar? Como fazer chegar às bases a temática do 7º Encontro.

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MISTO DE ENSINO E PESQUISA

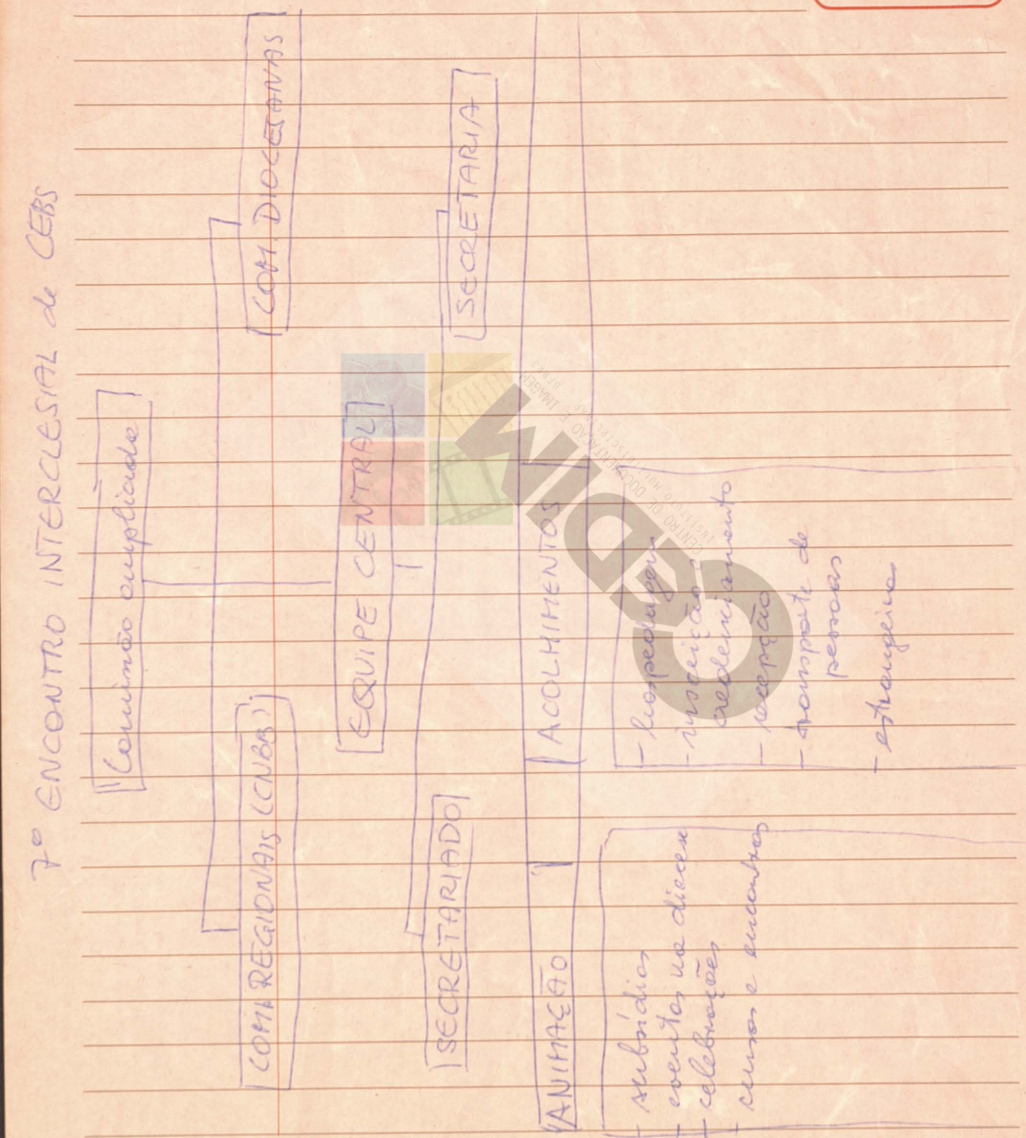
2 DEZEMBRO

SEXTA

Missa e ofício da 6.ª-f. da 1.ª semana do Advento

DEZEMBRO 1988

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31



1.ª leit.: Is 29,17-24 — Evang.: Mt 9,27-31

Ao ver seus filhos, obras das minhas mãos, no seu seio, santificará o Santo de Jacó e temerá o Deus de Israel **(Is 29,23).**

DEZEMBRO						1988
D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

Missa e ofício da 5.ª-f. da 1.ª semana do Advento

DEZEMBRO **1**

QUINTA

7' 1) Entrada c/ Ave Maria

5' 2) Hino — pg 17 10'-15'

3) Pal. d. Ints.

10' 4) Ladainha pg 20

15' 5) Slaides — Anunciação

6) Salve Rainha

7) Coração

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MARTIN DISCIPLINAR - MEIRO

1.ª leit.: Is 26,1-6 — Evang.: Mt 7,21.24-27

Abri as portas da cidade, para que entre uma nação justa, que observa a fidelidade **(Is 26,2).**

DEZEMBRO						1988
D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

São Francisco Xavier, presbítero
Missa e ofício da memória

DEZEMBRO 3

SÁBADO

BEM-ESTAR
- saúde
- segurança
- ambientação
- limpeza e arrumação
- passagem
- achados, perdidos e guarda volumes
- mutirão final

ADMINISTRAÇÃO
- Tesouraria e finanças
- levantamento e cor
- refeições
- cantina
- almoxarifado
- transporte objetos
- segurança valores
- luz e água
- relações públicas administrativas

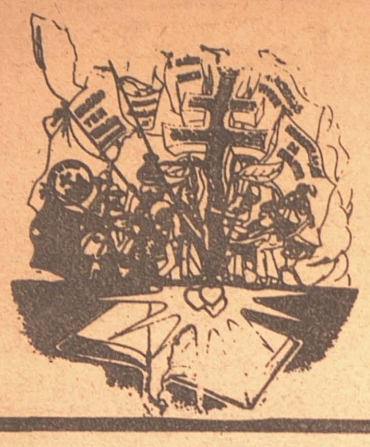
COMUNICAÇÃO
- som e gravação
- correio
- telefone e telex
- TV e imprensa
- Boletim
- livraria
- atesoratos
- informações

ACOMPANHAMENTO
- animação do encontro
- liturgia e cantos
- celebração da atestina e encontro menor
- noites culturais

1.ª leit.: Is 30,19-21.23-26 — Evang.: Mt 9,35-38; 10,1.5-8

A luz do sol será sete vezes mais forte, como a luz de sete dias reunidos, no dia em que Iahweh pensar a ferida do seu povo **(Is 30,26).**

PORTE PAGO
DR/RS
PRT/RS - 2301/01



A CAMINHO...



BOLETIM DO 8º ENCONTRO INTERECLESIAL DE CEBs
Nº 10 - OUTUBRO 1992 - EDIÇÃO ESPECIAL

Editorial



Mais uma edição de "A CAMINHO". Parece ser o último desta fase feita pela equipe de Santa Maria, que através da comunicação e informação quis estar presente e colaborar para com o sucesso do 8.º Encontro Intereclesial de CEBs.

Foi um longo e bonito tempo em que estivemos juntos. Daqui de Santa Maria - Coração do Rio Grande do Sul - sede de diocese e que acolheu os irmãos para o grande e gratificante "Concílio dos Pobres", através de "A CAMINHO" chegamos a vários e desconhecidos recantos do Brasil e até de outros países. Foi muito bonito e entusiasmante o retorno e os sinais que recebíamos, por carta, por telefone, por fax, por recados e bilhetes, enfim por mil formas de comunicação...

Sem nenhuma vaidade ou pretensão, pensamos que ajudamos com nosso trabalho, a fazer com que o OITAVO pudesse ser como foi: cheio de graça e alegria. Uma graça e uma alegria que vem de Deus, do Espírito Santo, do coração e da alma dos irmãos cheios de vida e de entusiasmo, na luta e na fé, apesar de tudo.

Temos consciência de que o fato de podermos ter contribuído, com o "A CAMINHO", para ajudar na preparação e na reflexão do Oitavo, foi uma graça de Deus. Uma graça que queremos repartir com todos os que, anonimamente, discretamente, quase sem ninguém notar, como que pedindo licença para fazer o bem e servir, estiveram colaborando, por todos este imenso e injustiçado Brasil pelo sucesso do Oitavo Encontro de CEBs. Muito obrigado, gente! Só Deus saberá retribuir o serviço, a dedicação e o suor de cada um e de todos pelo bom e pleno êxito da nossa caminhada de Igreja, que se faz do povo e com jeito e cara nova, que está em todos os lugares e que no OITAVO deu um testemunho comovente e adulto de que sabe viver a graça e os dons do Espírito.

Como prometemos estamos entregando uma edição final, ao menos desta fase, de nosso "A CAMINHO". Daqui pra frente, se Deus quiser, a coisa vai ficar ainda melhor. Especialmente porque já estamos pensando e rumando para o Maranhão. O NONO encontro será coordenado, suscitado e motivado por uma outra equipe de "A CAMINHO"...

Que nossos passos sejam passos solidários e dignos. Solidários da Fraternidade e dignos da Justiça e da Verdade que devemos e queremos buscar sempre juntos. Um baita agradecimento e um abraço do tamanho do Brasil. E até breve. Por que não?

O 8º ACONTECENDO

EXPLOSÃO DAS CULTURAS OPRIMIDAS NO GRANDE ENCONTRO DE SANTA MARIA



- Santo Domingo
- De Santa Maria a São Luiz no Maranhão
- Carta do 8º Intereclesial
- O evangelho da partilha
- Conteúdo do 8º E. Intereclesial
- Frei Egídio fala do 8º
- Manifesto indigenista



O IX Encontro Intereclesial de CEBs acontecerá em S. Luiz do Maranhão no ano de 1996

Perfil dos delegados do 8.º Intereclesial



O 8.º Encontro Intereclesial de Comunidades Eclesiais de Base reuniu, de 08 a 12 de setembro do corrente, em Santa Maria, RS, um total geral de 2.320 participantes, sendo 1.522 leigos e leigas das bases que perfizeram cerca de 65,7% dos delegados. Os demais participantes, em número de 794 pessoas, eram Religiosos e Religiosas, Bispos Católicos, Pastores e Leigos Evangélicos, Latino-Americanos, Índios, convidados de outros países, Assessores e Membros da Comissão Ampliada Nacional.

De acordo com dados das fichas de inscrição, os 1.522 delegados leigos do Brasil, na sua grande maioria são membros atuantes de comunidades, sendo que 44,9% são das periferias das cidades, 36,3% da zona urbana e 18,8 da zona rural.

Quanto à situação profissional e salarial, 4,4% estão desempregados, 37,6% são assalariados, 23,2% trabalham por conta própria enquanto 12,8% não têm vínculo empregatício. 11,5% recebem menos de um salário mínimo, 45,6% estão na faixa de 1 a 3 salários mínimos e 26,5% recebem de 3 a 5 salários, 12% recebem mais de 5 salários mínimos.

O grau de escolaridade dos delegados leigos é o seguinte: nenhum estudo: 1,2%; 1.º Grau incompleto: 35,1%; 1.º Grau completo: 10%; 2.º Grau: 26,5%; curso superior: 27,2%

As lutas principais estão relacionadas com terra, moradia, sindicalismo, melhoria do bairro, política, cooperativismo, educação. E, por causa destas lutas, 75,8% dos delegados já sofreram ameaças e foram intimidados; 16,4% sofreram calúnias e difamações; 5,3% já foram processados; 1,6% sofreram atentados e 0,5% foram expulsos de suas terras.

Quanto à participação sócio-política, 53,7% dos delegados são sindicalizados e 30% estão filiados em partido político.

Santo Domingo

De 12 a 28 do corrente, estão reunidos em Santo Domingo, mais de 200 bispos e o Papa João Paulo II, no 4.º Encontro Latino-americano, da Igreja Católica. É o Episcopado da América Latina reunido para fazer uma radiografia do mundo, especialmente do nosso Continente e seu povo, para ver se a caminhada está acontecendo do jeito de Deus. Em última instância, é ver se estamos assumindo o Plano do Pai.

Sempre que dois ou mais se reunirem em nome de Deus, Deus está no meio, para abrir a inteligência e iluminar o caminho, fazendo crescer na fé e na caridade. Para que isso aconteça é preciso nos reunir abertos à verdade e a justiça, porque fechamos o espaço a Deus.

A reflexão sobre as culturas oprimidas no 8.º Encontro Intereclesial de CEBs, foi um exercício muito importante para a libertação do povo e construção de uma nova sociedade.

Por isso acredito que os senhores bispos, estão de coração aberto para ouvir a voz de Deus diante do clamor do povo empobrecido da América Latina e o estado de miséria total, fará eco no Encontro de Santo Domingo.

Esperamos que a nossa Igreja, após Santo Domingo, não continue apenas falando dos pobres, mas assuma a causa dos pobres, lutando juntos contra a pobreza.

Que o assistencialismo abra espaço à justiça, à fraternidade e ao amor; que os sacramentos nos façam assumir o compromisso com a vida. E todos juntos, possamos construir uma nova sociedade geradora de vida e abominemos a atual organização da sociedade geradora de morte, fruto do egoísmo, da ganância e da concentração de renda.

Que Santo domingo seja um marco de início de um processo de construção da Utopia. Uma sociedade com rosto humano.



Faça sua assinatura de A CAMINHO para o 9.º Intereclesial

Endereço:
Av. D. Pedro II, S/Nº. - Cx. Postal: 11 - CEP: 65010
Fone: (098) 222.0197 - Fax: (098) 222.7604
São Luis do Maranhão - MA

Impressão: Jornal **A Razão** - Santa Maria - Fone: (055) 222-5555

De Duque de Caxias a Santa Maria um processo que não se interrompeu.

Em julho de 1989, na Baixada Fluminense, Duque de Caxias, RJ, quando da celebração de Encerramento do 7º Interclesial, anunciava-se o 8º para Santa Maria, RS, esta Diocese já começava a viver e celebrar o 8º Encontro Intereclesial de Comunidades de Base.

Não com pouca preocupação, ante a responsabilidade, mas com enorme alegria, esperança e empenho, o processo de preparação foi acontecendo.

Santa Maria viveu itensamente o 8º e sua vida de Comunidade através de inúmeros eventos e encontros preparatórios que aconteceram em todos os cantos e recantos da Diocese, do Estado do RS e, por que não dizer, no Brasil inteiro.

Imediatamente, formou-se a Equipe do Secretariado, integrada por 12 pessoas que se reuniam semanalmente junto com Dom Ivo, Bispo diocesano, com o encargo de ser a referência de todo o processo, estando sempre atento a todos os encaminhamentos necessários. Esta equipe realizou cerca de 90 reuniões.

Uma equipe mais ampliada - EQUIPE CENTRAL - da qual participavam, além do Secretariado, representantes das Equipes de Serviço, das Paróquias e Dioceses do Regional, reunia-se mensalmente para estudar e celebrar, planejar o 8º e solidificar a caminhada das CEBs no RS. Vários Assessores colaboraram no aprofundamento de temas importantes. Entre tantos, D. Luís Fernandes, da Diocese de Campina Grande, PB, que falou sobre CEBs; Frei Betto, que aprofundou a dimensão Fé e Política (março/91); Pedro Riberito de Oliveira, em junho, refletiu conosco o tema "Religiosidade Popular e Organização Popular", Pe. José Marins e Equipe (agosto/91) trataram o tema das CEBs; Marcelo Barros e Jether Ramalho, em setembro, assessoram um Seminário sobre ecumenismo; e, em dezembro, João Batista Libânio assessorou dias de aprofundamento sobre "Modelos de Igreja".

Até um Pré-8º aconteceu na diocese. Isto, exatamente um ano antes da abertura do 8º, e aconteceu no local onde, durante o Encontro foi refletida e Cultura dos Trabalhadores, o Bloco Chico Mendes, tendo, naquele dia, reunido cerca de 3 mil pessoas. E, na Festa da Santíssima Trindade, Consagrada a Melhor Comunidade, outra vez, Santa Maria se reuniu numa bonita celebração comum. Desta vez, foi no Ginásio do Corínthians, local onde, durante o 8º, aconteceram as Grandes Plenárias e o Bloco Comadre Aparecida e perto de 4 mil pessoas participaram.

Além dos eventos citados, do Show das Culturas Oprimidas, da Plenária das CEBs, que reuniu 20 pessoas de cada Diocese do RS, na escolha dos delegados para o 8º, do plantio do quilo de semente, dos Mutirões de visitas às Dioceses do RS, da campanha do



suco, da cuca, da bolacha, inúmeros materiais auxiliaram na divulgação e aprofundamento da temática: Cartilha, Texto-base, livro e fitas de cantos, adesivos, cartazes, agendas, jornal "A CAMINHO", programas radiofônicos... Era impossível ficar de fora!...

E, neste clima de preparação, de trabalho, de compromisso e expectativa, chegou e aconteceu o 8º Intereclesial. Santa Maria viveu dias intensos de compromisso, alegria e esperança. 1450 pessoas estiveram envolvidas nas 43 equipes de serviço... Não se percebiam queixas, nem cansaço... A causa era maior... A fé do povo que vive a experiência da Ressurreição! Era a grande libertação! Índios, Negros, Mulheres, Trabalhadores, Migrantes, de todos os locais desta Pátria Grande, unidos e reunidos no mesmo ideal...

No encerramento, a GRANDE FESTA: A ROMARIA DAS CULTURAS OPRIMIDAS onde caravanas de todo o Rio Grande do Sul e de Outros Estados, vieram unir-se aos participantes do 8º Intereclesial.

No Parque do Santuário da Medianeira, acolhidos, abençoados e enviados pela Mãe das Culturas Oprimidas, Maria, Mulher do Povo, encerrava-se o 8º Encontro Intereclesial de Comunidades Eclesiais de Base e, como em Duque de Caxias, entre expectativas e aplausos, anunciava-se o 9º Intereclesial para 1996, na Arquidiocese de São Luís, no Maranhão.

Irmã Rita Loici Schneider

De Santa Maria (RS) a São Luiz, no Maranhão



O sopro do Espírito Santo, um verdadeiro furacão, esteve presente em Santa Maria, de forma mais intensa, durante os últimos dois anos e meio. Ele proporcionou muitas mudanças em nossa diocese. Proporcionou uma profunda avaliação de nossa caminhada pastoral e eclesial. Despertou centenas de lideranças, fortaleceu e animou a muitos cristãos que haviam perdido as esperanças diante de uma Igreja que parecia velha demais. Brotou sangue novo que continua jorrando nas veias de um povo que parece não ter cansado, mesmo diante dos inúmeros desafios que se apresentaram. Mais de 1.450 pessoas estiveram, diretamente ligadas neste trabalho, organizadas em 43 equipes de Serviço. Sem dúvida, outras milhares estiveram envolvidas, partilhando do pouco que possuem. Muitos, normalmente, quem não esteveve envolvido nesta experiência cheia de vida, nos interpelam: "o que vai ficar disso tudo? "Aquilo que fizemos, permanece e seu testemunho haverá de continuar iluminando a caminhada eclesial de quem for aberto ao Espírito Santo. Valeu e continua valendo a pena passar por este Batismo de Vida.

Esta linda caminhada não parou. No final do nosso encontro, aconteceu a escolha do local e do tema para o próximo Encontro. Estamos a caminho do IX INTERECLESIAL que acontecerá no ano de 1996, na Arquidiocese de São Luiz do Maranhão. Terra Nordestina, sob a bênção do Bispo Dom Paulo Ponte, haveremos de dar continuidade a este Concílio dos pobres, Concílio das comunidades.

A disputa para sediar o próximo Intereclesial foi bastante concorrida. Lins, São Paulo e Maranhão disputaram voto-a-voto, vencendo a Diocese de São Luiz do Maranhão. O resultado da votação foi o seguinte:

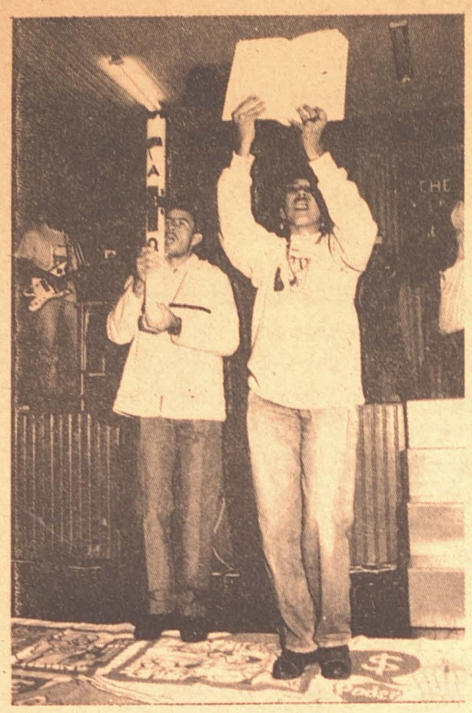
- Maranhão, 1.279 votos; Lins, 241 votos; Arquidiocese de São Paulo, 261 votos; Votos nulos, 03; Votos em branco, 07; Abstenções, 537, totalizando 2.320 participantes.

Quanto à temática, o indicativo, com 913 votos foi **"CEBs e Massa"**, vindo em seguida o tema da **Vocação do Leigo e da Igreja no Mundo: eclesialidade e Missão,** com 648 votos. A temática da Modernidade conseguiu 415 adeptos. Santo Domingos foi contemplado com 329 votos e a Ecologia com 226 simpatizantes. Desta forma, foi consagrada a temática dos desafios das CEBs na sua relação com um trabalho de Massas. Permanece a tarefa para a Comissão Ampliada Nacional, que passará a se reunir em São Luiz do Maranhão, para definir a formulação do Tema, Lema e construir as grandes linhas para este Evento que, sem dúvida, deverá superar em número e qualidade ao 8º, colhendo de nossa experiência os resultados positivos, tendo em vista o fortalecimento deste Novo Jeito de ser Igreja. Ima Igreja participativa e aberta ao sopro do Espírito Santo que se faz ouvir a partir das Culturas Oprimidas.

Que o Deus da Vida continue abençoando o povo oprimido e iluminando a Igreja do Maranhão a fim de que possamos reviver momentos de animação e esperança proporcionados pelos Intereclesiais.

Frei Egídio Fiorotti
Secretário Executivo do 8º

Carta do VIII Intereclesial de CEBs



Queridas irmãs e irmãos da Caminhada e da Esperança.

Nós, participantes do VIII Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base, escrevemos esta carta para partilhar com vocês algo do que vivemos, celebramos e com que nos comprometemos. O encontro realizou-se aqui em Santa Maria, Rio Grande do Sul, de 8 a 12 de Setembro. Este já é o VIII encontro que expressa o amadurecimento de uma longa caminhada. Ele se realiza neste momento tão grave de crise nacional. Com todo o povo brasileiro estamos numa busca de saída ética e democrática.

1. QUEM SOMOS E O QUE FIZEMOS?

Somos 2238 delegados e delegadas do Brasil e 88 de outros países da América Latina e do Caribe, representando nossas comunidades. A presença e a atuação das mulheres foi marcante e significativa. Participaram conosco 106 irmãs e irmãos de Igrejas Evangélicas, 43 índios, 1 Pajé, dois Pais de Santo e uma Mãe de Santo, 30 irmãos de outros continentes: Ásia, África e Europa. Participaram 50 assessoras e assessores. Estiveram presentes 98 bispos que nos acompanharam, assim como 35 Pastoras e Pastores, e muitos Padres e Religiosas. Recebemos Cartas de apoio, inclusive uma carta do Papa, que nos fortalece na caminhada. Havia 1450 pessoas nas equipes de serviço. Fomos acolhidos com muita hospitalidade nas casas do povo de Santa Maria. Tudo isto já foi uma experiência de comunhão que ficará para sempre na nossa lembrança.

Às Igrejas e ao povo de Santa Maria, nossa Gratidão!

O assunto do nosso encontro foi: "O povo de Deus renascendo das Culturas Oprimidas". Mais que uma simples reflexão, fizemos uma experiência de evangelização a partir dos povos e culturas oprimidas. Por isso houve alguns momentos fortes de tensão e de sofrimento. Tudo o que é novo, nasce com dor de parto, mas também traz alegria. Nosso encontro foi uma grande celebração, com muitos momentos de alegrias e festa, de confraternização e comunhão.

É difícil comunicar tudo o que vivemos e descobrimos. Mas queremos partilhar os pontos mais importantes, como Boa Nova de Jesus Cristo que enche o nosso coração.

2. O CAMINHO DAS NOSSAS REFLEXÕES. O CATIVEIRO QUE SE CRIOU E QUE JÁ DURA 500 ANOS.

Nestes dias refletimos sobre os últimos 500 anos da história do Continente, e constatamos que foram um longo cativeiro, mais longo que o cativeiro da Babilônia. Os opressores diziam que nossos deuses eram falsos; nossos ritos superstição; nossos mitos, heresia; nossos costumes, pecado. As mulheres continuam sendo tratadas como objetos. Fomos espancados e marginalizados, e fizeram de nós um povo de migrantes. Chegamos a rebelar-nos contra eles. Eles pareceram mais fortes, mas não nos conseguiram vencer: "Somos brotos de velhas raízes".

E agora moramos nas roças, em favelas e cortiços, nas periferias das cidades e fomos reduzidos a mão de obra barata. Vivemos de um biscate ou de um salário que não consegue matar nossa fome. Somos gente sem terra, sem comida, sem saúde, sem moradia. Somos a massa sobrante. E ainda temos que ouvir, diariamente, que somos gente preguiçosa, sem cultura e sem educação.

A cruz de Cristo foi usada como cabo de espada que nos matava em nome de Deus. E as Igrejas eram enfeitadas com o ouro, tirado da terra com o preço de nosso sangue. Mesmo assim não conseguiram destruir nossas raízes religiosas e nossa fé no Deus da vida.



O NOVO QUE ESTAMOS DESCOBRINDO

Tudo isto nos foi feito. Mas com a ajuda da Bíblia conseguimos ouvir a voz de Deus que já vinha de longe, já estava dentro de nossas tradições, e nos dizia: "Vocês são os meus servos! Vocês são as minhas preferidas! Eu os escolhi!" (Is. 41,9; 42,1). E dizia ainda: "Consolem meu povo! Chegou ao fim o cativeiro!" (Is. 40, 1-2). A Bíblia nos ajudou a descobrir que Deus estava conosco e nos falava pela vida!

Nestes dias, mais uma vez, partilhando nossas experiências, ficou claro para nós, que temos uma missão a cumprir. Muitos pensam que nossa vida não tem valor, mas temos certeza do chamado de Deus, do Deus de sempre! (Is. 49, 3-4). O Deus de **nossos** Pais, que vem recebendo tantos nomes carinhosos: Tupã, Olorum, Elohim, Pai, Mãe, Pachama. Ele não nos abandonou! Ao longo do caminho, no meio da nossa luta, Ele se deu a conhecer a nós como Deus-conosco na pessoa de Jesus Cristo (Lc. 24,31). Foi um grande Pentecostes!

Partilhamos a alegria da experiência que fazemos do Deus que vem caminhar conosco e manifesta sua presença nos nossos diferentes povos e culturas, nas lutas dos trabalhadores da cidade e do campo, na caminhada dos migrantes, na participação das mulheres, na resistência dos negros e dos indígenas. Esta é a boa notícia que anunciamos a todos vocês, aqui, de Santa Maria.



3. O COMPROMISSO QUE ASSUMIMOS:

1. Nós nos comprometemos, em solidariedade com os INDÍGENAS, a lutar pela demarcação de suas terras e pela sua autonomia, e a respeitar suas expressões relígiosas como primeiro passo de um processo de inculturação do Evangelho. Que o resgate das culturas massacradas seja feito pelos próprios indígenas com o acompanhamento solidário dos agentes comprometidos com a causa indígena.

2. Nós nos comprometemos, em solidariedade com os NEGROS a respeitar as diferenças das culturas e a lutar para que possam expressar sua fé, de maneira própria, na Igreja. Nós Negros assumimos nossa negritude na Igreja e na Sociedade, mantendo viva nossa memória de resistência ontem e hoje, nos Quilombos, Terreiros, Irmandades, lutas e organizações negras.

3. Nós nos comprometemos, em solidariedade com as MULHERES a lutar por uma Igreja onde a mulher tenha igualdade de Direitos, e seja respeitada na sua identidade feminina. E nós mulheres afirmamos nosso direito de participar, em todos os níveis de decisão e poder. Nos comprometemos a lutar pela auto-valorização do nosso corpo, redescobrindo a nossa sexualidade, construindo o novo nas relações homem-mulher. Queremos ser reconhecidas nos Ministérios que já exercemos. Nosso empenho deve ser, mais ainda, pela conquista não apenas das assembléias e tribunas mas também dos altares e dos púlpitos. É fazendo que se aprende! o que não está oficializado se oficializa pela prática.

4. Somos todos TRABALHADORES. Temos em comum a experiência de criar a vida e ser empobrecidos. Nós nos comprometemos a fazer da Democracia a raiz do nosso comportamento na Família e na Comunidade. Participando plenamente na luta dos partidos comprometidos com a causa do povo, queremos fazer da Democracia também a raiz da Sociedade, na Política e na Economia. A Igreja tem o papel de assumir e celebrar esta Democratização e de formar cristãos para realizá-la. Celebrando os Sacramentos a partir da vida do povo, ela ilumina e anima, com a Bíblia, as diferenças da cultura e as lutas por vida abundante para todos.

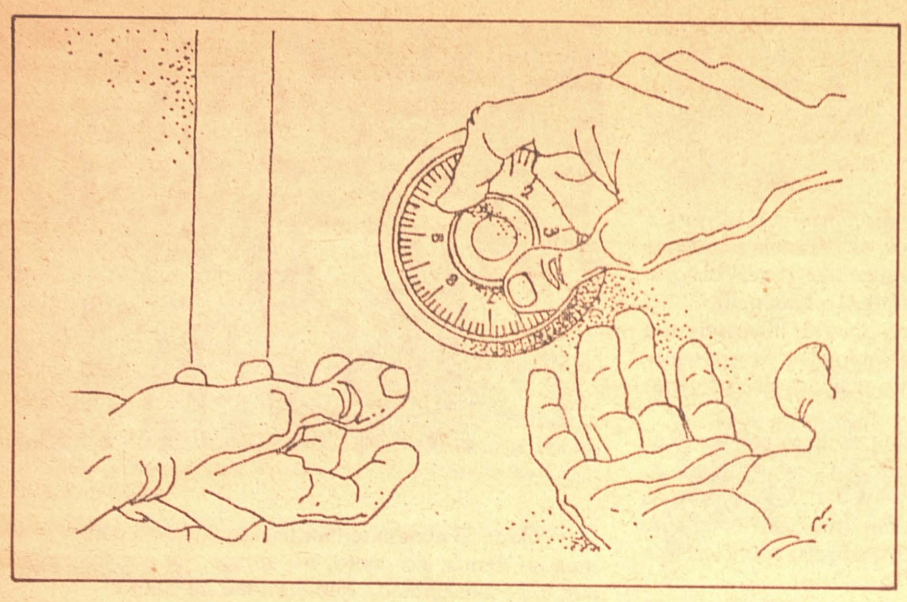
5. Nós nos comprometemos, em solidariedade com os MIGRANTES a lutar para que a Igreja seja um lugar acolhedor onde todos se sintam em casa, uma Igreja que dê apoio ao movimento popular, fortaleça a luta pela Reforma Agrária e Urbana, e promova uma Espiritualidade da Terra. Uma Igreja onde se viva o Ecumenismo na prática, onde as diversas confissões e culturas, partindo da sua fé comum no Deus da vida, procurem unir-se em defesa da vida do Povo.

Foi uma grande alegria a experiência do encontro com tantos companheiros e companheiras de países Latino-Americanos, Caribenhos, Africanos e Asiáticos, assim como a presença solidária de irmãos do primeiro mundo.

Nova Esperança nasceu em nós. Novos desafios surgiram pela frente. Como os discípulos de Emaús, cheios de coragem no meio da noite, voltamos para Jerusalém, para nossas COMUNIDADES.

O Senhor está vivo! A caminhada continua!

O evangelho da partilha



Uma montanha de pão, cucas, biscoitos, sacos de arroz e feijão, tudo doado pelas comunidades, faziam as pessoas desaparecerem no espaço onde funcionava o almoxarifado do 8.º Encontro Intereclesial de CEBs. A generosidade das comunidades supera a imaginação mais fértil. Arranca a racionalidade que tudo questiona e se evapora no ar. Ensina o cristão a ter propostas concretas. Ela não deixa necessitados. Foi assim, nos dias 08 a 12 de setembro deste ano: mais de três mil pessoas eram alimentadas pela manhã, ao meio-dia, no lanche da tarde e na hora da janta. Acontecia no prato e no copo o grande Evangelho da Partilha (utopia cristã).

Não chegaram, contudo, só alimentos. Das comunidades brotaram o pano de chão, a vassoura, o detergente, o sabão, a caneta, a almofada e o porongo, tão bem sucedido, nas celebrações. Em tudo aparecia o cheiro das comunidades, a doação do fazer expresso em cada objeto, em cada produto. Viva e comunidade! Somos seres para viver em comunidade!

Da conta bancária, aberta em cada comunidade, em nome do 8º, mês a mês se fazia um depósito. Nos últimos dias de agosto, as comunidades repassaram o dinheiro para o consumo que não era pouco. O que foi doado em espécie não se pode traduzir em moeda. Tudo foi traduzido em acolhida, em alimentação, em encontro de irmãs e irmãos. Acontecia o que a oração do 8º rezava: "No meio do mundo dividido em dois: pela prepotência e pelo lucro, nós proclamamos a fraternidade universal..." Repetia-se o Evangelho da Partilha.

Na cozinha, onde a arte culinária era exercida por homens e mulheres, a alegria daqueles rostos suados e envolvidos pelo vapor dos panelões mostrava que servir continua sendo um verbo declinado em nossas comunidades. E o verbo se fez serviço. Esse trabalho gratuito só pode ser executado num sistema que acredita num Deus da Vida e Criador do Universo. Num Deus que não faz distinção de raça nem de cor, mas eleva todas as pessoas à dignidade de sagradas. Onde há partilha de bens e serviço acontece a todos o gozo da vida e se destrói o Deus da morte: Maloc. No Concílio dos Pobres, o Evangelho da partilha é assim anunciado.

Frei Zelmar Antônio Guiotto
Responsável pela Área
de Finanças e Administração



CEBs da América Latina e do Caribe partilham experiências de vida

Santa Maria foi o palco da visualização de uma riqueza incontável vivida pelas Comunidades Eclesiais de Base de nossa Pátria Grande e do Caribe. Nos dias 05 a 08 de setembro último, representantes de 18 países estiveram juntos aprofundando as diferentes realidades sócio-político-econômicas, culturais e religiosas de nosso Continente.

Os 120 representantes manifestaram sua alegria em poder viver esta experiência de partilha desta realidade que vem despontando com muita esperança, num Continente atingido pelo vírus da ganância, da corrupção, do desemprego, da miséria, da opressão e da dominação americana. História que perpassa os 500 anos de presença do colonizador neste Continente.

Pessoas simples, camponeses(as), operários(as), misturavam-se aos Pastores, Bispos, Padres e Irmãs de todas as partes deste continente. Não podemos esquecer a grande contribuição dos indígenas do Peru, que marcaram vivamente seu grito de vida.

Este foi um momento de muita partilha, não só das experiências organizativas, do saber, mas também dos recursos para realizar o próprio evento. Santa Maria colaborou com a hospitaleira acolhida, suprindo as necessidades de alimentação e pousada durante estes dias. Cada delegação procurou, dentro de suas possibilidades, colaborar para que o evento fosse um testemunho desta integração necessária para a construção de um projeto de Vida mais humano e aberto aos irmãos de todos os países.

O resultado deste evento deverá ecoar forte aos ouvidos de quem, sensibilizados com a causa de uma Igreja-Povo de Deus desejam ver e sentir cada vez mais realizável este sonho, sonhado em mutirão, de uma igreja testemunho real de vida para todos.

A animação e a esperança contagiaram a todos no sentido de fortalecer sempre mais esta caminhada eclesial, aberta ao Espírito enraizado nas culturas de nossos povos, superando qualquer tipo de evangelização colonizadora e elitista, contribuindo na luta pela justiça, paz e liberdade.

Nós, Diocese de Santa Maria, anfitriã do IV Encontro, permanecemos com o desafio de encaminhar os passos necessários para a realização do V Encontro Latino-Americano e Caribenho, até o momento que seja definido o País sede deste Evento.

Frei Egidio Fiorotti



Conteúdo do 8.º Encontro



Durante cinco dias - 08 a 12.09.92 - os 2.320 delegados e delegadas que participaram do 8.º Encontro Intereclesial de CEBs em Santa Maria, RS, debruçaram-se com seriedade, sobre o polêmico e desafiador tema das Culturas Oprimidas frente à Evangelização na América Latina.

"Mais do que uma simples reflexão", diz a Carta às Comunidades, "fizemos uma experiência de evangelização a partir dos povos e Culturas Oprimidas".

Nesta experiência, as sete bandeiras de luta desfraldadas pelo 8.º Inetereclesial - Índios, Negros, Imigrantes/Migrantes, Trabalhadores da cidade e do campo, Reforma Agrária e Ecumenismo - foram profundamente analisadas, celebradas, vivenciadas, acolhidas e "sacudidas".

Tensões aconteceram e não poderia ter sido diferente... pois o 8.º Intereclesial, através do seu conteúdo, de sua dinâmica, grupos e plenárias, foi um momento e um espaço privilegiado de expressão para quem foi "calado" ao longo destes 500 anos de uma "evangelização de conquista"... foi um espaço privilegiado de expressão a quem foi negado o direito de manifestar-se, de viver sua fé e de relacionar-se com Deus de acordo com suas culturas e jeito próprio de ser.

O importante, porém, é poder constatar que o POVO DE DEUS VAI RENASCENDO DESTAS CULTURAS OPRIMIDAS... e este RENASCER ORGANIZADO é, sem dúvida, a GRANDE ESPERANÇA para aqueles que sonham com um novo jeito de ser Igreja em uma NOVA SOCIEDADE que tenha por base os valores evangélicos, sobretudo a Justiça, a Participação, e Igualdade de direitos e de oportunidades, a Solidariedade, a Vida digna para todos...

Foram cinco os blocos de estudos e debates onde se fez a experiência da partilha nos grupos, mini-plenárias e plenárias, e onde se vivenciaram momentos fortes e marcantes dentro do específico de cada cultura, aplicando-se o método: VER, JULGAR e AGIR.

- Ver - "A Realidade das Culturas"
- Julgar - "Encontro do Evangelho com as Culturas"
- Agir - "Perspectivas e compromissos a partir dos desafios das Culturas"

BLOCO SÃO SEPÉ

Com a presença de 240 delegados e delegadas, dentre os quais 43 Índios de 14 Nações, o **Bloco São Sepé** aprofundou a problemática das Culturas Indígenas.

Foi destacada a situação dos povos indígenas no passado, que viviam a igualdade e a simplicidade, em harmonia com a natureza e em autênticas comunidades de irmãos. Sem preparo para enfrentar o "invasor", tornaram-se presas fáceis das ciladas dos conquistadores. Após 500 anos do "descobrimento", vivem, atualmente, uma situação de morte e quase extermínio, sem terras e sofrendo a opressão na religião e na cultura.

Igreja e Governo estiveram sempre juntos nesta destruição dos povos indígenas, mas hoje, a Igreja está se redimindo, sobretudo a Igreja-povo comprometida com a causa indígena, principalmente na luta pela demarcação de suas terras.

As Nações Indígenas, no entanto, buscando sobreviver com artesanato, vêm procurando organizar-se e encontrar formas de resistência, articulando-se na defesa de suas culturas e na conquista das terras que lhes foram cruelmente tiradas, conservando a língua materna e aprendendo a "oficial" para se defender, tomando consciência de suas raízes, vivendo e convivendo em aldeias, formando grupos...

Ficou claro que, para os povos indígenas, a presença da Igreja, nestes 500 anos de evangelização, representou a imposição da cultura européia, e a evangelização constituiu em proclamar que Deus é branco, de cultura européia, que o Deus do Índio é falso e sua cultura diabólica.

Os índios não pedem evangelização, mas solidariedade e participação em suas lutas... Também não querem que outros falem por eles... Querem, sim, ser ouvidos "como Maria e Jesus ouviam o povo"... Jesus não impôs uma Igreja, Ele propôs uma atitude de mudança e conversão. O Evangelho do Índio é o da libertação, não o de imposições... A teologia índia é um desafio como o é a de todas as culturas oprimidas...

"O Índio tem o Evangelho mesmo antes que surgisse a Bíblia". "Temos que ensinar aos nossos parentes pequenos o evangelho dos troncos". "Para evangelizar, precisamos da terra para poder viver, comer... A terra á o Evangelho". "... nos cobram o dízimo. Não estaria na hora de devolverem o dízimo das nossas terras, dos nossos animais e da nossa natureza?..." São depoimentos e reivindicações de indígenas presentes no 8º Intereclesial.

As CEBs e a Igreja têm um compromisso com as lutas de libertação e de afirmação cultural dos povos indígenas. Um comprimisso de caminhar de mãos dadas com todas as culturas oprimidas, num processo de conversão cotidiana, em sintonia com as questões políticas, sociais, econômicas e religiosas.

A evangelização não pode ser imposta, de cima para baixo, numa atitude agressiva de desrespeito à originalidade cultural dos povos. É preciso, é urgente, conhecer a história, o jeito de ser de cada Nação Indígena; é preciso não apossar-se da evangelização, mas deixar-se evangelizar, respeitando o modo de o Índio celebrar; é preciso aprender a língua e os costumes indígenas, reconhecendo seu nome de origem, para poder trabalhar com eles; é preciso denunciar a política contra o Índio, exigindo do governo a demarcação de suas terras, sabendo que a FUNAI é orientada por esta



política dos "patrões" que só reconhece o Índio como incapaz...

A evangelização pode fortalecer as culturas e a autodeterminação dos povos indígenas se for, de fato, uma NOVA EVANGELIZAÇÃO... Um recontar a história sob a ótica dos oprimidos, para que as novas gerações assumam a bandeira do compromisso de construir os NOVOS 500 anos de maneira diferente... Uma evangelização que não pretenda ser neutra, mas solidamente posicionada junto aos oprimidos que é a base e o posicionamento de Jesus Cristo... Uma evangelização pela vivência, pelo testemunho,pela coerência, reconhecendo o rosto indígena do Deus que faz história com seu povo.

BLOCO COMADRE APARECIDA

Para aprofundar e debater as grandes questões referentes às Culturas Negras, reuniram-se 558 delegados e delagadas no Bloco COMADRE APARECIDA.

Fazendo a memória histórica puderam eles constatar que a história do Negro tem sido uma experiência de dor, de opressão, de escravidão.

No entanto, os Negros que se reconhecem pela cor, raça, música, ginga, solidariedade, comida típica, vestes coloridas e jeito afetivo de ser, também se vêem como gente de garra, coragem, luta e resistência... Esta resistência tão original e potente que se manifestou nos Quilombos, continua hoje e constitui uma das grandes formas de identificação do Povo Negro.

Muito rica em valores é a cultura negra: alegria, expressão cultural, ligação e celebração da vida na fé, criatividade, organização, amor e respeito ao idoso e à história, fidelidade à transmissão oral da cultura de geração em geração...

Ontem como hoje, a experiência de Deus feita pelo Povo Negro é de um DEUS VIDA, Axé, Fartura, Comunhão, Alegria, Festa, Companheiro... Presente em cada pessoa, Ele responde aos anseios do povo e se manifesta como DEUS LIBERTADOR que está nos Terreiros e nos Movimentos Negros. Um Deus que se identifica com os oprimidos e sempre se fez presente na Senzala mais do que na Casa Grande.



"Quando experimentamos este Deus no corpo, O vivemos na dança, no canto, no abraço, na partilha, nos Orixás, nos conselhos da querida Mãe de Santo."

Mas este Deus ainda é discriminado pela Igreja que impõe uma religião, um rito, uma forma de expressão que nega as origens e a fé herdada da experiência dos antepassados negros.

A realidade cultural dos negros desafia, pois, a Igreja a uma liturgia e a uma celebração a partir da experiência de Deus que está encarnada no sangue, na raça, na história e nas origens destes povos.

"É hora de deixar que sejamos Igreja sem nos obrigar a aceitar o jeito de ser e fazer Igreja dos brancos. É hora de a Igreja evangelizar e deixar-se evangelizar por nós, povo negro."

Para ampliar a face negra das nossas Igrejas e superar o medo do desconhecido, é preciso conhecer as religiões afro-brasileiras e respeitar as diferenças. É preciso reforçar a participação dos movimentos negros nos movimentos populares, fazendo destes espaços instâncias de luta por educação, saúde, lazer... É preciso que o processo educativo conte a história a partir dos empobrecidos, entre os quais está o Povo Negro... É preciso trabalhar para que as comunidades assumam as expressões da cultura como revelação de Fé... É preciso exigir, via consciência e organização, que o dia 20 de novembro, morte de Zumbi, "nosso Moisés", seja feriado nacional.

O compromisso para o resgate das culturas dos negros requer uma busca contínua de assumir a identidade, caminhando através das CEBs, num processo de conscientização e resistência, levando a reflexão para os espaços eclesiais e socais, oportunizando condições para que as culturas negras assumam sua participação nas dioceses e paróquias.

BLOCO NOSSO PAI ABRAÃO

O Bloco NOSSO PAI ABRAÃO reuniu 240 delegados e delegadas que estudaram e debateram as questões referentes às culturas dos Migrantes/Imigrantes.

Constatou-se, num primeiro momento, que uma grande dificuldade é o não conhecimento da realidade que levou os migrantes a se distanciarem de suas raízes culturais e religiosas, enfraquecendo sua identidade e provocando a perda do verdadeiro sentido da vida.

As causas das migrações são seculares e estão profundamente ligadas à estrutura política e às questões econômicas, sociais, culturais e religiosas.

Rápidas e profundas são as mudanças culturais que provocam a perda da partilha e da solidariedade, da vivência grupal e da experiência comunitária, do diálogo e do relacionamento familiar, da expressão religiosa e cultural na manifestação da fé.

As pessoas migram porque correm risco de vida e sofrem a repressão estrutural e, migrando, passam por perigos, porque vão ao encontro do desconhecido, arriscando diluir-se e perder a própria identidade. Daí as lutas que enfrentam: reforma agrária e urbana, relacionamentos sociais degradantes, marginalização crescente, opressão cultural...

Nestas lutas, foram destacadas as CEBs como Ministério do acolhimento, os Movimentos Populares, a Igreja e Congregações Religiosas como pontos de apoio que se comprometem no resgate da dignidade humana desta "massa sobrante".

Uma evangelização comprometida com o resgate da cultura do Migrante requer uma ESPIRITUALIDADE de Resistência, de Vida, de Libertação e de Solidariedade na Esperança do Peregrino.

A grande proposta de transformação da sociedade vem do Migrante, o portador do Projeto de Javé, capaz de mudar a história, porque se põe a caminho tendo a fé como tesouro, riqueza e utopia que se transforma num Projeto de Vida e Sociedade Nova.

Mas o ponto de partida é sempre o sofrimento... e a

Intereclesial de CEBs

caminhada é longa... É preciso romper estruturas e restrições e trabalhar a questão da cidadania... É preciso reforçar a sociedade civil dentro de um processo de politização e de autovalorização... É preciso lutar contra a discriminação Norte-Sul, resgatando o direito e a cidadania do migrante... É preciso rever as questões de salário, educação, moradia, saúde...

Como contribuição dos cristãos para o fortalecimento da cultura dos Migrantes e dos compromissos assumidos, o bloco refletiu que a cultura é o ponto de partida das CEBs que progridem como a semente que se transforma em árvore. E a fé nos obriga a comprometer-nos com as necessidades culturais do povo, pois Deus está aí, nesta convivência. É preciso ter coragem de limpar a linguagem!

E, tendo presente que todas as pessoas são importantes e devem exercer o ministério colegiado em função da comunhão na perspectiva do serviço, foi proposto às CEBs e à Evangelização:

- abrir espaço para que as diversas culturas se manifestem fraternalmente;
- ajudar os migrantes a resgatar sua cultura e sua religiosidade;
- aprofundar as culturas afro-brasileiras para que os negros possam assumir sua negritude;
- acompanhar os Índios e ajudá-los a organizar-se conforme sua culturas, valores e costumes;
- organizar o ministério da Mulher não apenas no trabalho, mas também na linha da reflexão, da avaliação, da decisão e da celebração.
- promover a união e o respeito à diversidade que é graça, assumindo o desafio de conviver com o diferente, acolhendo e escutando até o fim.





BLOCO CHICO MENDES

O Bloco CHICO MENDES reuniu 640 delegados e delegadas que se debruçaram sobre as grandes questões que atingem, hoje, as culturas dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Campo e da Cidade.

Foi destacada a situação de opressão em que a classe trabalhadora vive, e que se verifica nos níveis econômico, político, ideológico e social. Daí a importância da luta organizada e daí também a necessidade de se construir uma SOCIEDADE JUSTA e DEMOCRÁTICA.

Conscientes disso, os trabalhadores não estão parados; a organização, a solidariedade no trabalho, a mística que dá sentido à luta e à partilha são valores que geram uma cultura que, progressivamente, vai se tornando instrumento de libertação, de resistência e de identidade.

Quanto à Igreja, percebe-se insegurança diante dos problemas sociais com demasiada preocupação doutrinária. Existem, porém, Leigos, Padres e Bispos engajados nas lutas populares que se expressam nas Romarias da Terra, nos Sindicatos, nas Organizações de Camponeses, nos Movimentos de Mulheres, no comprometimento com a causa indígena, etc.

Como primeiro instrumento de trabalho das comunidades, a Bíblia possibilita o confronto da realidade com o Projeto de Deus, fortalece, dá esperança e consolo às organizações, constituindo-se a certeza da vitória e da presença de Deus no meio do Povo.

A classe trabalhadora desafia as Igrejas a celebrar a fé e a vida num sentido comunitário. A Igreja, como hierarquia, precisa passar para uma prática não apenas solidária, mas entrando na vida do povo. Precisa fazer do sacramento uma celebração e uma participação na vida e nas lutas do povo, tomando a Bíblia como base. Precisa trazer para a liturgia os elementos próprios de cada cultura, integrando as diversas pastorais e construindo o socialismo como prática da Nova Sociedade - na produção, na comercialização e na partilha dos bens.

O compromisso sério com as lutas e esperanças dos trabalhadores e trabalhadoras no campo e na cidade requer também uma postura decisiva nas esferas social e política. É preciso promover o intercâmbio e a integração das lutas dos trabalhadores, aproveitando os espaços eclesiais; é preciso lutar pelos interesses comunitários, acreditando na possibilidade da transformação sem perder a esperança, "sonhando grande", sem deixar de valorizar as pequenas conquistas; é preciso assumir os sindicatos autênticos, os partidos comprometidos com o povo, os movimentos populares e as organizações de base numa perspectiva eclesial - CEBs.

BLOCO COMPANHEIRA ROSE

O Bloco das Mulheres, com o nome de COMPANHEIRA ROSE, reuniu 560 participantes, na sua grande maioria Mulheres, que discutiram e aprofundaram as grandes questões referentes à cultura feminina e à posição da Mulher na Sociedade e na Igreja.

Como ponto de partida, foram destacadas três fases no processo de libertação da Mulher. Uma primeira fase em que a Mulher estava condicionada à cozinha, à casa, ao marido e aos filhos numa total perda de identidade. Numa segunda fase, a Mulher lança-se numa dupla ou até tripla jornada de trabalho: família, emprego, pastorais, movimentos populares... Finalmente, numa terceira fase, já bem mais consciente de sua dignidade e a partir do cotidiano das relações que formam o chão de sua vida, a Mulher vai descobrindo que pode, ao lado do homem, tecer a nova sociedade, criando novas relações consigo mesma, com os irmãos, com a natureza e com Deus.

Mesmo sofrendo todas as formas de discrimação, de opressão e de repressão, a Mulher, via organização, vai aprendendo a articular o espaço doméstico com o sócio-político-econômico e eclesial. E vai tomando consciência de si mesma, de seus valores, de sua feminilidade, de sua especificidade como geradora de VIDA... De forma prática e dinâmica, ela se doa na luta pela vida mesmo lá onde esta parece impossível. "Porque temos fé no DEUS DA VIDA, nosso amor à VIDA é incondicional... para nós, Mulheres, a evangelização é o grito da VIDA".

Denunciam, porém, a falta de espaço na Igreja "para falar do nosso corpo, da nossa sexualidade, das violências que sofremos. Seremos atendidas?"

E salientam, com ênfase, que a descentralização do poder, na Igreja é necessária, urgente e indispensável para que Mulher e Homem possam comprometer-se com a evangelização, cada um com o seu específico, mas numa relação de igualdade, como filhos do mesmo PAI. Precisamos de uma evangelização ecumênica e universal, uma evangelização sem divisões, onde todos, Negros, Índios, Mulheres, Pobres, possam expressar-se dentro de suas características. A discriminação existente impede a criatividade em nossas celebrações, impede que a vida aconteça em sua forma original, impede uma prática libertadora... E levantam ainda a questão do "Sacerdócio das Mulheres"... "Por que nos é negada esta participação? Será que devemos recusar este poder por ser eclesial e autoritário-machista?" E reconhecem elas que é a partir da Igreja Popular, das CEBs, que as Mulheres vão celebrar, vão consagrar e perdoar os pecados dos homens e das mulheres.

Uma evangelização na perspectiva da Mulher Latino-Americana deverá ser de uma maneira NOVA, CELEBRATIVA, com muita alegria, e expressão de religiosidade, a partir do RETRATO da Mulher... tendo presentes as características da Mulher, sua história, sua cultura, sua afetividade, buscando iluminação nas Mulheres da Bíblia, nas Mulheres Mártires e nas Mulheres Teólogas, quebrando o machismo que está dentro também das mulheres.

É preciso que os espaços de decisão na Igreja e no Mundo tenham como critério a VIDA... e nisto, a Mulher é especialista. A libertação da Mulher passa necessariamente pelas instâncias do poder...

A Evangelização da Instituição Igreja vai demorar porque a Mulher está fora das decisões e porque o poder está concentrado... O poder evangelizador é o poder da comunidade que partilha, compartilha, vive o NOVO e festeja o ANÚNCIO LIBERTADOR do Cristo de Deus.

No dia do compromisso, o bloco das Mulheres fez a festa da VIDA e da ESPERANÇA, experimentando o gosto da BOA NOVA que brota da cruz, caminho para a ressurreição e, na perspectiva da libertação da Mulher, elas assumem os compromissos:



- Participação em todos os níveis de decisão e poder: na família, na educação, na economia, na política e na Igreja, incluídos os direitos de exercer todos os ministérios.
- Sexualidade como valorização do corpo e do feminino, criando espaços para discutir questões como aborto, prostituição, número de filhos... envolvendo os homens nestas discussões.
- Formação como compromisso de preparo para as grandes mudanças políticas, culturais e sociais, começando pela discussão nos pequenos grupos até chegar às grandes esferas. Evitar ser compactuantes do machismo crônico que domina a Igreja e a Sociedade.
- Fé e Bíblia - Assumir todos os compromissos com a força que brota da fé iluminada pela Bíblia, a maior aliada da Mulher... A Bíblia que deu força a tantas Mulheres mártires como Roseli e Margarida Alves.

Finalizando este "apanhado geral" sobre o conteúdo do 8º Intereclesial, que foi feito a partir de anotações e do Boletim-Síntese, concluimos que a questão das Culturas Oprimidas é muito mais profunda, muito mais complexa do que se imaginava... e não vai ficar resolvida neste encontro, por mais que seus participantes tenham se esforçado...

Há um longo e polêmico caminho a percorrer... há estruturas seculares que precisam ser desmanteladas... há dores e feridas que precisam ser tratadas para que o NOVO aconteça de fato e de verdade!...

Sem dúvida, o 8º Intereclesial nos colocou em estado de alerta, criando polêmicas, problematizando, abrindo pistas... A todos os que somos Igreja cabe, agora, um retomar a história nas mãos e um reescrevê-la sob o prisma da Fé no Deus Libertador, JAVÉ, que faz história com o seu povo... Aquele que "Viu muito bem a miséria do seu povo que está no Egito. Ouviu seus clamores por causa da opressão, e conhece seus sofrimentos. Por isso, desce para os libertar do poder dos seus opressores..." (cf. Ex. 3, 7-8)

Irmã Ignez Cunha

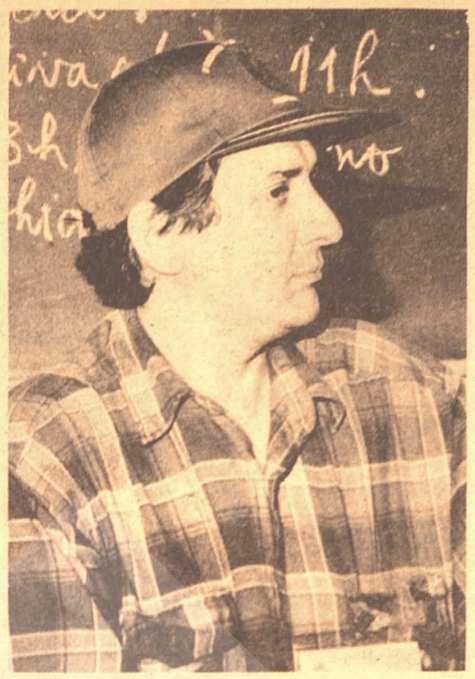
Depoimento Frei Egídio

Para mim o encontro foi um verdadeiro "Batismo de Fé e Esperança". Um desafio que me foi lançado em outubro de 1989, quando ainda trabalhava nas CEBs de Canoas. Logo percebi que seria uma oportunidade ímpar de fazer uma experiência onde se colhem experiências vindas de todas as dimensões.

A montagem da infra-estrutura levou em conta as experiências anteriores sim, mas mais do que tudo, levou em conta a realidade própria do povo das CEBs, pastorais populares e mais no final do processo, de muitos simpatizantes desse Novo Jeito de Organizar a Vida Eclesial, e porque não dizer também social, vindos da Classe Média da Diocese de Santa Maria. Uma caminhada que, como um embrião, iniciou com duas, três, dez, cem, mil e finalmente em torno de mil e quinhentas pessoas. Poucas equipes no início até chegarmos a uma organização com quarenta e três equipes de serviço diferentes, sub-organizadas em tantas outras, de tal forma que contamos com mais de trezentos e cinquenta coordenadores de equipes e sub-equipes. Fomos ótimos seguidores do conselho de Jetro, sogro de Moisés - "dividir as tarefas".

Para mim este trabalho foi, a transferência do conhecimento de como se organiza uma Comunidade Eclesial de Base, na prática, só que em dimensões maiores. Diria até que o Intereclesial fo uma Gigantesca Comunidade Eclesial de Base. Tendo dentro de si a dimensão Ministerial, encarnada concretamente nos diferentes serviços. A dimensão celebrativa que, ao longo do processo se fez viva e fortalecedora de Mística que sustentou e continua sustentando nossa ação evangelizadora. A dimensão Bíblica que desbloqueou muitos irmãos que detinham uma visão simplista e dualista da vida. A dimensão Missionária que despertou em todos a sensibilidade e abertura para o outro, convidando-o para se engajar nesta experiência de vida. A dimensão Ecumênica que possibilitou o acesso de todos quantos de boa vontade desejassem partilhar desta caminhada. A dimensão Latino-Americana que ampliou nossos horizontes para além de nosso Brasil, indo ao encontro de povos e nações que sentem as mesmas "dores do parto" para gerar Vida Plena. A dimensão Eclesial que nos ligou a todos como irmãos, independentemente de sermos leigas(os) religiosos(as), padre ou bispo. Todos nos sentimos irmanados pela mesma Missão, com a proteção do mesmo Espírito Santo e Deus da Vida. A dimensão do Poder. Um poder partilhado. Um poder direto, não representativo, mas participativo. A experiência de que é possível a partir dos mais simples organizar uma Igreja e sociedade igualitária, participativa, livre, justa e democrática. Senti que isso é possível de ser realizado dentro de uma Sociedade em crise. Crise de valores, crise econômica, crise política, crise de perspectivas. Esta crise somente é superada no momento em que deixarmos o Espírito de Deus agir na história através dos corpos de pessoas abertas e sensíveis ao seu apelo.

Muitos medos tínhamos no início da caminhada, porém, todos eles foram sendo superados na medida em que andamos. Ter fé é dar passos no vazio, na escuridão da noite onde pouco se enxerga, porém são passos seguros e confiantes de quem tem diante de si a certeza de que nunca está sozinho. Contamos com a Força da Trindade.



Ela jamais nos abandona.

O que mais me impressionou foi a Gratuidade com que todos atuaram. Este valor deve ser resgatado, divulgado e tornar-se carne nas organizações, tanto eclesiais como sócio-político e econômicas. Foi um Mutirão gigantesco que atingiu as pessoas de nossa diocese, de nosso Estado, do Brasil e também de outros países sensibilizados com a caminhada da Igreja dos Pobres.

Nesse processo, bem como durante o encontro, tivemos momentos de duros desafios. Desafios que brotaram de dentro das Culturas Oprimidas, sejam eles dos Índios, Negros, das Mulheres ou dos Trabalhadores. Desafios organizativos pela enormidade da estrutura. Desafios lançados pelos participantes que já não são mais crianças, nem adolescentes, mas tornaram-se adultos. Amadurecidos na caminhada das CEBs e porque não dizer na participação em tantos outros Movimentos populares e específicos. Esta fase de amadurecimento leva a emancipações que, libertos, fazem estremecer aqueles que ainda não se deram conta deste crescimento. Porém, são desafios positivos.

Conflitos que nos fazem crescer e que purificam nosso espírito.

Lanço a todos um grito de esperança e o desafio para que esta caminhada, seja nas bases, seja nos momentos Celebrativos, jamais pare de crescer. Não vejo crise nesse processo, vejo muitos medos, isso sim, medos provocados pela falta de fé encarnada no Deus que continua fazendo história hoje e que para isso, exige de nós novos métodos, nova pedagogia, novo jeito de exercer o poder, novas relações entre os membros da Igreja e entre as próprias religiões. Que este "Novo" brotando das Culturas Oprimidas não cale sua voz jamais.

Vejo no horizonte futuro a certeza de Intereclesiais mais abertos ainda, possibilitando a maior participação, tanto em número, como em dinâmica e partilha da vida do dia-a-dia. Que a lição democrática e participativa dos Intereclesiais ilumine a toda nossa Igreja, bem como a Sociedade a fim de que busquemos estruturas e organizações mais flexíveis onde a vida possa ser garantida a todos de forma indiscriminada.

Encerro meu depoimento trazendo o depoimento de um convidado dos Estados Unidos; "esperaria uma organização dessas na Suiça, jamais no Brasil". Avante irmãos. É caminhando que se abrem caminhos.

Frei Egidio Fiorotti
Secretário Executivo do 8º

Manifesto do primeiro encontro da assembléia do povo de Deus

Aqui, no equador, na metade do nosso Continente, estamos reunidos 486 irmãs e irmãos de 20 países da Pátria Grande, indígenas, negros, mestiços, brancos acompanhados por irmãs e irmãos da África, América do Norte, Ásia e Europa. É o primeiro Encontro Continental da Assembléia do Povo de Deus. Somos crentes de muitas confissões cristãs (evangélicos, católicos, moravos), e membros de religiões indígenas e negras: leigas e leigos, pastores, pastoras, sacerdotes, religiosas, religiosos e bispos. Uma confluência humilde, mas jubilosa e promissora, de irmãs e irmãos, testemunhando a sua fé no Deus da Vida e comprometidos com a caminhada libertadora de nossos Povos.

No contexto polêmico do V Centenário, sem a menor pretensão de contestar outras vozes, fortalecidos pelo Deus da Vida, queremos contribuir para a memória e o compromisso alternativos a que esta data nos convoca.

Este primeiro encontro surpreendeu a todos nós, e superou-se a si mesmo. Não podemos escrever um documento final, encerrando em poucas páginas a riqueza da experiência de Deus e os desafios de uma busca comum, que vivenciamos nestes cinco dias luminosos. Queremos, simplesmente, testemunhar algumas vivências maiores, para alegria e estímulo de muitas outras irmãs e irmãos do Continente e do Mundo, com quem caminhamos em solidariedade.

Deus sempre á maior - Há verdadeiramente um só Deus, de todos os nomes, e mais além e mais aquém de todos eles, Pai e Mãe de todos nós, vivido na diversidade das expressões religiosas das diferentes culturas, e encontrado na natureza, no próprio coração e nos processos da História. Este Deus é o nosso Deus. A nossa fé se nos desnudou e, agradecidos, queremos proclamar este descobrimento.

Deus tem um sonho - E este sonho coincide, complementando-se com os melhores sonhos de todas as pessoas e de todos os Povos: a Vida, no tempo e mais além da morte, a Paz da Justiça, a Liberdade da diversidade, a Unidade da família humana, em um só Mundo, sem primeiro, nem terceiro, dentro da lei suprema do Amor. E este sonho é o nosso sonho. E aqui reafirmamos o direito de nossos Povos a terem o sonho desta utopia, que pode e deve convocar à coerência cotidiana, à resistência e à organização, incendiando, contra a noite, a nossa esperança.

O povo de Deus são muitos povos - Todas aquelas pessoas, comunidades e Povos que assumimos esse sonho-projeto de Deus, somos o Povo de Deus. Nenhuma religião, nenhuma Igreja pode se arrogar a exclusividade de ser esse Povo. Excluem-se, isso sim, do Povo de Deus, todos aqueles e aquelas que se negam a assumir esse sonho de Deus e de seu Povo, servindo aos deuses do capital, do imperialismo, da corrupção e da violência institucionalizada. Por causa desse culto idólatra, há cada vez mais pobres e cada vez mais empobrecidos, na nossa América e em todo o Terceiro Mundo. Depois de tantas condenações e prepotências religiosas, em nosso Contiente, queremos

(Continua na pág. 10)

Romaria das culturas

A Romaria das Culturas, denominada "a Romaria da Esperança", foi o ato final do 8.º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base. Os delegados, juntamente com as equipes de serviço, deslocaram-se do Ginásio do Corínthians até o altar monumento do Parque da Medianeira. Durante a caminhada, símbolos e cantos pediam a libertação das culturas oprimidas: índio , negro , mulher, trabalhador e migrantes.

Diante do altar monumento, os delegados juntaram-se aos milhares de romeiros, vindos de todo o Estado, dando início à celebração presidida pelos bispos Dom Aloísio Lorscheiter, Dom Ivo Lorscheiter, Dom Luís Fernandes e Dom Ricardo Paglia.



Representantes das cinco culturas, no início da celebração, levaram até o altar símbolos respectivos de cada cultura. Na homilia, Dom Ivo Lorscheiter convidou todos a serem "as cartas vivas de Cristo em suas respectivas comunidades". Disse também que as sementes de eucaliptos, que todos receberam durante a celebração, devem ser o elo e o sinal de encontro e recordação da vida, que precisa ser respeitada em seu lento processo de crescimento.

Os bispos que irão participar da 4.ª Conferência Espicopal Latino-Americana, em Santo Domingo, presentes no 8.º Intereclesial, comprometeram-se em levar a carta final a essa conferência, a fim de assegurar a opção da Igreja pelos pobres. Enfim, foi uma celebração viva, cheia de louvores e compromissos. Foi a "Romaria da ESPERANÇA"

Clesio Facco

A diocese de Santa Maria e o pós 8.º



Foram 43 Equipes de Serviço, ou mais de 1450 pessoas que trabalharam diretamente na preparação e execução do 8º Intereclesial, 1800 famílias que hospedaram, inúmeras reuniões realizadas nas comunidades, estudos, programas de divulgação, enfim, toda a movimentação de uma diocese "em processo"... Para muitos, resta a pergunta: "E agora, o pós 8.º em Santa Maria, como fica?!...

Sem dúvida alguma, um processo construído de forma tão consciente, organizada, amadurecida na força do Evangelho, nos dá uma plena certeza: As Comunidades de Santa Maria querem continuar.

Ainda antes da realização do 8.º, na 20.ª reunião da Equipe Central, já se traçava um plano de ação pós 8.º. O mesmo foi retomado e definido na reunião de avaliação, confraternização e planejamento que aconteceu nos dias 26 e 27 de setembro, na Comunidade Nossa Senhora da Glória, em Camobi.

Várias equipes de serviço, que antes se reuniam semanalmente, porque sentiram o gosto inigualável da convivência humana e fraterna, continuam se reunindo e projetando seus serviços à comunidade.

A maioria das Comunidades de Santa Maria estão se organizando por nucleação, muitas já atuaram organizadamente no processo de preparação, realizando, agora, encontros mensais e, de três em três meses, um encontrão com todas as comunidades da cidade, sendo que o próximo está marcado para o dia 29 de novembro, na Comunidade Santa Luzia, Vila Tomazzeti, Paróquia Nossa Senhora de Fátima. E, em conseqüência de todo este processo, novas comunidades estão re-nascendo e se fortalecendo.

No encontro realizado nos dias 26 e 27.09, foram indicados agentes representantes de todos os núcleos de Santa Maria. É o Grupo de Articulação das CEBs da diocese. A função deste grupo é a de acompanhar os encontros das Comunidades, fornecer subsídios, fortalecer e assegurar o processo de formação e a comunicação entre as comunidades, dando, também, continuidade ao Jornal "A Caminho", agora, a nível local, com o nome de "Voz das CEBs".

A Equipe de Comunicação assume também dar continuidade ao programa radiofônico semanal, com divulgação ampla de todos os eventos das Comunidades, além deste n.º 10 do Jornal "A Caminho" que agora passa para a Arquidiocese de São Luiz do Maranhão que entra em processo de preparar e fazer acontecer o IX Encontro.

Várias comunidades estão realizando o "Encontro das Famílias que hospedaram Delegados". A Equipe de Visitas, que percorreu todo o Estado divulgando o 8.º, continua suas visitas, agora, de testemunhos vivenciados no Encontro, e está com uma bonita programação para o próximo ano.

As Comunidades Eclesiais de Base têm sua sede no mesmo local onde funcionou a Secretaria do 8º, permanecendo com o material a serviço das comunidades e sob a responsabilidade da Equipe de Articulação das CEBs que mantém plantão de atendimento dois dias por semana. A referida sede situa-se na Rua Professor Braga, 108, Caixa Postal, 1581 - Fone 221.3842. A Equipe aproveita para informar que dispõe de Texto-Base, Cartilhas, Fitas e Livros de Canto, além do material do pós 8.º que ainda está sendo elaborado.

Não temos receio em afirmar que o 8.º continua em nossa diocese. Viramos a página do evento apenas, mas toda a chama que acendeu e abrasou a todos os que se envolveram no processo está mais iluminada do que nunca. Aliás, quem teve o privilégio de vivenciar a paixão da gratuidade da comunidade não quer deixá-la.

Santa Maria experimentou o Novo Jeito de ser Igreja: o Evangelho que se encarnou no meio do Povo, a Bíblia rezada na vida... A Santíssima Trindade - nosso exemplo de comunidade, a Mãe Medianeira e Companheira de caminhada, o testemunho dos Mártires... e tantos exemplos de amor e fidelidade à Comunidade nos desafiam a continuar.

Nosso Pai Abraão, a Companheira Rose, o Chico Mendes, a Comadre Aparecida e São Sepé, com certeza, bem junto de nós, nos incentivam e mobilizam com seu grito:

"Alto lá, companheirada!
Nossa Vida é mesmo na COMUNIDADE!"
"Eu sou feliz é na Comunidade,
Na comunidade eu sou feliz"

Irmã Rita Loici Schneider



Manifesto indigenista do 8.º Encontro Intereclesial de CEBs

Reunidos no 8.º Encontro Intereclesial de CEBs, em Santa Maria, RS, de 08 a 12 de setembro de 1992 e sentindo mais fortemente o clamor dos povos indígenas à luz do 5.º Centenário da Invasão e da Cristianização do Nosso Continente, queremos fazer um apelo veemente às autoridades responsáveis e às nossas próprias Igrejas.

Constatamos que, com a retirada crescente de recursos oficiais está se viciando cada vez mais a política indigenista, traçada pela Constituição e, em conseqüência, se produz um acelerado estrangulamento dos povos indígenas.

Diante dessa situação, urgimos às autoridades competentes, nos seus diversos níveis, federal, estadual e municipal:

1 - A demarcação e a garantia de todas as terras indígenas dentro do prazo previsto pela Constituição Brasileira.

2 - Acolher as reivindicações das legítimas representações indígenas na revisão do Estatuto do Índio.

3 - Atender, com caráter de urgência, as situações mais graves de saúde em certas áreas e promover



campanhas de erradicação do alcoolismo no meio dos povos indígenas e com a população envolvente.

4 - Passar a limpo o Brasil também no que se refere a recentes crimes cometidos contra as pessoas, terras e patrimônio indígena e que continuam em plena impunidade.

Às Igrejas, em suas diferentes instâncias, pedimos que se comprometam:

1 - Ao conhecimento, à escuta e ao acompanhamento dos povos indígenas, que estão em suas respectivas áreas.

2 - A abrir-se decididamente às exigências de uma verdadeira inculturação.

3 - A Intensificar a consciência e a solidariedade de Ameríndia com todo o Continente, através de informações, celebrações, partilhas e, concretamente, celebrando todos os anos a Semana dos Povos Indígenas, nas comunidades, nas pastorais, escolas, etc.

4 - A reforçar, com urgência, os pedidos ao Santo Padre para que inclua entre os participantes da Conferência de Santo Domingo, indígenas e afro-americanos, indicados por suas próprias identidades representativas.

Confiamos em Deus da Vida. "Coração do Céu e Coração da Terra", recolhemos a herança de todos os mártires da Causa Indígena ao longo destes 500 anos e nos comprometemos a fazer da Causa Indígena, causa também de Jesus, a causa de nossas vidas.

Os participantes do 8.º Encontro Intereclesial de CEBs que refletiram a Causa Indígena.

Santa Maria,
11 de setembro de 1992

Palavras dos Evangélicos ao 8.º Intereclesial de CEBs



Nós, Evangélicos e Evangélicas participantes do 8.º Intereclesial de CEBs, saudamos todos os irmãos e irmãs aqui presentes dizendo-lhes:

1 - Muito Obrigado pelo convite. Aqui nos sentimos em casa. Afinal, nossas Igrejas também começaram como pequenas comunidades. Queremos participar fraternalmente com todos.

2 - Vemos nas CEBs o lugar onde melhor acontece o Ecumenismo.

3 - Estamos juntos nesta caminhada a favor das causas justas e na defesa dos mais pobres e sofridos.

4 - Por isso, estamos solidários com os irmãos e irmãs, quando se reúnem sem discriminar cor, sexo, origem, raça ou cultura.

5 - Neste momento de ampla mobilização nacional pelo pedido de "impeachment", achamos muito bom a gente se juntar para denunciar a injustiça e a corrupção de alguns, trazendo desgraça para tantos.

6 - Reafirmamos nosso compromisso com a causa do povo em benefício da vida, a fim de que todos tenham alimento, terra, casa, roupa, saúde, escola, lazer e tudo o mais que o povo precisa.

7 - Achamos muito bom estar reunidos com os irmãos e irmãs, e afirmamos que a verdadeira comunhão acontece na prática e na luta popular. Gostaríamos também de celebrar juntos a eucaristia. Entristece-nos não ser ainda possível esta participação plena.

8 - Por fim, lhes dizemos que também estamos querendo aprender a viver melhor, de acordo com o que Jesus Cristo nos ensinou. Queremos cultivar a fraternidade para que, como disse Jesus, possamos, um dia, sermos um só rebanho. Aceitem nosso abraço fraterno!

Manifesto do primeiro encontro da assembléia do povo de Deus

(Continuação)

proclamar esta realidade majoritária que se expressa sobretudo nas religiões indígenas nas religiões afro-americanas e nas diversas confissões cristãs. Nós, cristãs e cristãos presentes a este Encontro, sentimo-nos profundamente chamados à conversão. Publicamente, em nome de milhões de irmãos e irmãs que sentem como nós, e para suprir, talvez, a omissão oficial de nossas Igrejas, pedimos perdão aos Povos Indígenas e aos Povos Negros de nossa mesma casa, tantas vezes condenadas como idólatras, e secularmente submetidos ao genocídio e à dominação.

O verdadeiro ecumenismo é maior do que o ecumenismo, porque a Oikoumene é toda a terra habitada - Neste Primeiro Encontro da Assembléia do Povo de Deus, pudemos experimentar que, além de potencializarmos cada dia mais o ecumenismo entre as Igrejas Cristãs, devemos abrir-nos ao Macroecumenismo. Uma palavra nova para expressar uma realidade e uma consciência novas. Fio condutor de todo o Encontro, tema central de debates, confluências, tensões, buscas e esperanças. É um ecumenismo que tem as mesmas dimensões universais do Povo de Deus. Neste descobrimento, começamos a despojar-nos de nossos preconceitos e abraçamos, com muito mais braços e com muito mais corações, o Deus Único e Maior. Muitas linguagens, cantos, símbolos, gestos - com as almas e os corpos em dança e adoração - testemunham-no e celebram-no.

Deus e seu povo fazemos a história - Todos nós, já há tempos, participamos das lutas e organizações indígenas, negras, camponesas, operárias, de mulheres, sindicalistas, políticas e do movimento popular em geral. Mas, neste encontro, e precisamente por nos reconhecermos como Povo de Deus nesta Abya-Yala, nossa Pátria Comum, renovamos o nosso compromisso com todas as lutas do Continente:

- Na afirmação da identidade indígena, negra e mestiça;
- No projeto popular da conquista da terra e de vida digna para todos sem oligarquias privilegiadas e sem maiorias marginalizadas;
- Na luta organizada contra a ordem mundial do capitalismo neoliberal e de seu mercado total, luta esta não apenas de nossos Povos, mas também com os demais Povos do Terceiro Mundo, e na inter-solidariedade com tantos irmãos e irmãs do Primeiro Mundo;
- Na criatividade alternativa dos processos com que os nossos Povos estão construindo a outra democracia, a de filhas e filhos de Deus, irmanados entre si.

Não lançamos um documento: Fizemos um convite exultante - Como Popol Vuh, livro sagrado dos Maias, gritamos:

"Que todos se levantem, que todos sejam convocados, que ninguém fique para trás. Que amanheça já!"

Com a voz negra do pastor Martin Luther King cantamos:

"Tenho um sonho: que um dia todos respeitarão a dignidade e o valor da pessoa humana".

E pela voz libertadora de Jesus de Nazaré, que a fé cristã acolhe como sendo a presença encarnada de Deus, reconhecemos que "estas coisas novas já começam a acontecer", e, por isso, apesar de tantos sinais de miséria e de morte, erguemo-nos unidos e levantamos as cabeças ao sol e ao vento da Pátria Grande, porque "a nossa libertação está cada vez mais próxima".

A Assembléia do povo de Deus prossegue a sua caminhada - Nós, vozes da América, com muitas outras vozes, mãos da Afro-ameríndia, com muitas outras mãos, sonho do sonho de nossa Abya-Yala, firmamos agora este convite fraterno, que tantas irmãs e irmãos nossos firmaram, ao longo destes 500 anos de invasão e resistêndia, com o selo maior de seu próprio sangue.

JAHUAY, AXÉ, ALELUIA!

18 de setembro de 1992
Quito, Equador, Abya-Yala

Encontro que faz história



No segundo dia do Encontro, mais calmo, no almoço, ao me servir de uma marmita e retirando-me para um canto do pátio, logo veio-me a mente uma colocação que uma senhora fez numa das nossas reuniões da equipe central, numa vila pobre de nossa cidade. Após a apresentação da equipe que preparou o almoço, a senhora disse: "nosso povo aqui serve-se apenas uma vez e pouco. A comida é sempre pouca". Logo me perguntei, como aquele alimento estava ali, à nossa disposição? Comecei lembrando como havia sido desencadeado o processo na nossa diocese: a campanha do quilo. Os nossos pequenos produtores rurais., comprometeram-se plantar um quilo de semente para o Oitavo. Toda a Diocese envolveu-se nesse processo.

Como membro da equipe do Mutirão, fizemos visitas às Dioceses do Regional Sul III e, também fora do Regional, na partilha com as Dioceses dávamos testemunho do processo que estava em andamento. Na volta dos missionários, na avaliação da visita, sentíamos a alegria de ter partilhado a nossa caminhada e trazendo de volta valiosas informações que contribuíram muito para o crescimento de nossa fé e compromisso com o Oitavo.

Nosso pensamento continuava e, olhando para todo aquele povo almoçando, quantas pessoas participaram para que todo este povo durante o Encontro pudesse alimentar-se tranqüilamente. Dioceses do Regional, paróquias da Diocese e pessoas que contribuíram, num grande mutirão da vida para que o milagre da partilha acontecesse! Arroz, feijão, óleo, suco, temperos, talheres, material de limpeza, tudo partilhado, fruto do esforço e da fé de um povo. O esforço de tantas pessoas trabalhando gratuitamente para que todos nós pudéssemos almoçar juntos. Um registro ainda: as mulheres, diríamos, as Marias de nossos dias, que fizeram as cucas, as bolachas para todos os lanches, tudo doado e feito com o carinho, que só as Mães sabem fazer e o fizeram somente pela alegria de servir. Quantas pessoas que se doaram na montagem da estrutura: cozinha, locais onde funcionaram os Blocos; a equipe da imprensa, que montou toda sua infra-estrutura; a equipe do transporte, organizando os ônibus com seus guias para transportar os Delegados e distribuí-los diariamente nas mais de 1.800 famílias, espalhadas nas diversas vilas de nossa cidade que fizeram a experiência do acolher. O transporte de pessoas e atendimento às necessidades do Oitavo, com carros colocados gratuitamente à disposição, mais o transporte de cargas e tudo funcionou normalmente, com participação de pessoas de nossa comunidade.

Em tudo e em todos havia alguma força que fazia andar sem atropelos e de maneira tranqüila. Mais de 1.450 pessoas trabalhando que parecia mais uma colméia de abelhas.

Importante e digno de registro, foram as reflexões sobre as Culturas Oprimidas feitas nas comunidades. Sentimos que as mulheres cresceram ocupando mais seus espaços e o machismo diminuiu. Onde existem negros, sentimos que hoje somos todos irmãos. As comunidades fortaleceram-se nos serviços pelo exercício no processo desenvolvido na preparação do Oitavo. Todo o processo, organização e execução do Oitavo, causou um certo escândalo no mundo capitalista.

Bem agora? Agora o processo foi desencadeado. Fizemos um exercício de dizer SIM ao plano do Pai. Maria, nossa Mãe está conosco na construção desta caminhada e seu exemplo nos fortalece.

Tudo o que fizemos não causou nenhum problema e foi feito gratuitamente. Mostramos que é possível um novo jeito, uma nova organização da sociedade.

Mostramos que é possível ser fraterno. É possível caminhar juntos e sem esquecer os que estão à margem, como foi com os Sem Terra. Ninguém achou fácil, mas achamos que é POSSÍVEL e GOSTOSO. Pedimos ao Pai



que nos dê forças, esperanças e perseverança.

E porque descobrimos que somos capazes de fazer a história, queremos começar contando a nossa história às gerações futuras. A equipe do Mutirão vai continuar organizada e se coloca em disponibilidade, dentro do possível, nos preparando na espiritualidade, mas com uma função específica: "O POVO CONTA A SUA HISTÓRIA".

Queremos formar uma rede de pontos de referência para coletar a história verdadeira do povo, contada pelo povo e depois partilhada.

Já somos dez pessoas referenciais a nível de Regional Sul III. Queremos ampliar, a nível nacional, para isso basta entrar em contato conosco e forneceremos maiores informações. A nossa história sempre foi contada pela ótica da elite. Vamos começar a nossa própria história.

A HISTÓRIA DO POVO DE DEUS.

Armindo V. Taschetto

Documentação do 8.º a serviço das comunidades

Além de todo o material escrito que vai formando a crônica do nosso Intereclesial, já estão em andamento os serviços em Vídeo e filme preparados pelas mais significativas empresas de comunicação de Igreja no Brasil:

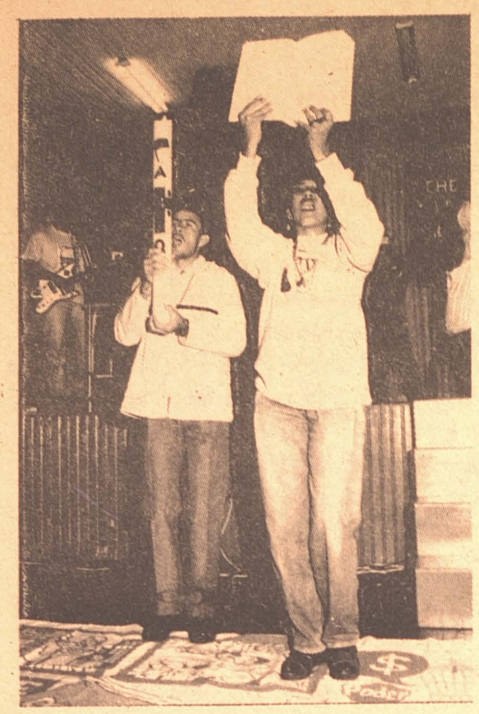
A VERBO FILMES desenvolve o projeto de um filme, em longa metragem que, a apartir do 8.º, vai mostrar a vitalidade das CEBs no Brasil. Esse trabalho está previsto para o próximo ano.
Rua Verbo Divino, 993 - CEP 04791 - São Paulo - SP - Fone: (011) 548.5744

O SEDI de São Paulo já está ultimando um Vídeo Documentário geral sobre o 8.º Intereclesial.
Av. Higianópolis, 983 - Fone: (011) 825.5544 - São Paulo - SP

NOSSO CHÃO PRODUÇÕES DE FORTALEZA fará um vídeo geral do 8.º, com o título Este Trem não Pára.
Rua João Mello, 522 - CEP: 60435 - Fortaleza - CE - Fone: (085) 225.0321.

A equipe de Vídeo da Área de Comunicação do 8.º está elaborando também um vídeo sobre a infra-estrutura do Encontro.
Rua Professor Braga, 108 - Fone: (055) 221.3842 - CEP: 97015 - Cx. Postal: 1581 - Santa Maria -RS

Carta do VIII Intereclesial de CEBs



Queridas irmãs e irmãos da Caminhada e da Esperança.

Nós, participantes do VIII Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base, escrevemos esta carta para partilhar com vocês algo do que vivemos, celebramos e com que nos comprometemos. O encontro realizou-se aqui em Santa Maria, Rio Grande do Sul, de 8 a 12 de Setembro. Este já é o VIII encontro que expressa o amadurecimento de uma longa caminhada. Ele se realiza neste momento tão grave de crise nacional. Com todo o povo brasileiro estamos numa busca de saída ética e democrática.

1. QUEM SOMOS E O QUE FIZEMOS?

Somos 2238 delegados e delegadas do Brasil e 88 de outros países da América Latina e do Caribe, representando nossas comunidades. A presença e a atuação das mulheres foi marcante e significativa. Participaram conosco 106 irmãs e irmãos de Igrejas Evangélicas, 43 índios, 1 Pajé, dois Pais de Santo e uma Mãe de Santo, 30 irmãos de outros continentes: Ásia, África e Europa. Participaram 50 assessoras e assessores. Estiveram presentes 98 bispos que nos acompanharam, assim como 35 Pastoras e Pastores, e muitos Padres e Religiosas. Recebemos Cartas de apoio, inclusive uma carta do Papa, que nos fortalece na caminhada. Havia 1450 pessoas nas equipes de serviço.

Fomos acolhidos com muita hospitalidade nas casas do povo de Santa Maria. Tudo isto já foi uma experiência de comunhão que ficará para sempre na nossa lembrança.

Às Igrejas e ao povo de Santa Maria, nossa Gratidão!

O assunto do nosso encontro foi: "O povo de Deus renascendo das Culturas Oprimidas". Mais que uma simples reflexão, fizemos uma experiência de evangelização a partir dos povos e culturas oprimidas. Por isso houve alguns momentos fortes de tensão e de sofrimento. Tudo o que é novo, nasce com dor de parto, mas também traz alegria. Nosso encontro foi uma grande celebração, com muitos momentos de alegrias e festa, de confraternização e comunhão.

É difícil comunicar tudo o que vivemos e descobrimos. Mas queremos partilhar os pontos mais importantes, como Boa Nova de Jesus Cristo que enche o nosso coração.

2. O CAMINHO DAS NOSSAS REFLEXÕES. O CATIVEIRO QUE SE CRIOU E QUE JÁ DURA 500 ANOS.

Nestes dias refletimos sobre os últimos 500 anos da história do Continente, e constatamos que foram um longo cativeiro, mais longo que o cativeiro da Babilônia. Os opressores diziam que nossos deuses eram falsos; nossos ritos superstição; nossos mitos, heresia; nossos costumes, pecado. As mulheres continuam sendo tratadas como objetos. Fomos espancados e marginalizados, e fizeram de nós um povo de migrantes. Chegamos a rebelar-nos contra eles. Eles pareceram mais fortes, mas não nos conseguiram vencer: "Somos brotos de velhas raízes".

E agora moramos nas roças, em favelas e cortiços, nas periferias das cidades e fomos reduzidos a mão de obra barata. Vivemos de um biscate ou de um salário que não consegue matar nossa fome. Somos gente sem terra, sem comida, sem saúde, sem moradia. Somos a massa sobrante. E ainda temos que ouvir, diariamente, que somos gente preguiçosa, sem cultura e sem educação.

A cruz de Cristo foi usada como cabo de espada que nos matava em nome de Deus. E as Igrejas eram enfeitadas com o ouro, tirado da terra com o preço de nosso sangue. Mesmo assim não conseguiram destruir nossas raízes religiosas e nossa fé no Deus da vida.



O NOVO QUE ESTAMOS DESCOBRINDO

Tudo isto nos foi feito. Mas com a ajuda da Bíblia conseguimos ouvir a voz de Deus que já vinha de longe, já estava dentro de nossas tradições, e nos dizia: "Vocês são os meus servos! Vocês são as minhas preferidas! Eu os escolhi!" (Is. 41,9; 42,1). E dizia ainda: "Consolem meu povo! Chegou ao fim o cativeiro!" (Is. 40, 1-2). A Bíblia nos ajudou a descobrir que Deus estava conosco e nos falava pela vida!

Nestes dias, mais uma vez, partilhando nossas experiências, ficou claro para nós, que temos uma missão a cumprir. Muitos pensam que nossa vida não tem valor, mas temos certeza do chamado de Deus, do Deus de sempre! (Is. 49, 3-4). O Deus de **nossos** Pais, que vem recebendo tantos nomes carinhosos: Tupã, Olorum, Elohim, Pai, Mãe, Pachama. Ele não nos abandonou! Ao longo do caminho, no meio da nossa luta, Ele se deu a conhecer a nós como Deus-conosco na pessoa de Jesus Cristo (Lc. 24,31). Foi um grande Pentecostes!

Partilhamos a alegria da experiência que fazemos do Deus que vem caminhar conosco e manifesta sua presença nos nossos diferentes povos e culturas, nas lutas dos trabalhadores da cidade e do campo, na caminhada dos migrantes, na participação das mulheres, na resistência dos negros e dos indígenas. Esta é a boa notícia que anunciamos a todos vocês, aqui, de Santa Maria.



3. O COMPROMISSO QUE ASSUMIMOS:

1. Nós nos comprometemos, em solidariedade com os INDÍGENAS, a lutar pela demarcação de suas terras e pela sua autonomia, e a respeitar suas expressões religiosas como primeiro passo de um processo de inculturação do Evangelho. Que o resgate das culturas massacradas seja feito pelos próprios indígenas com o acompanhamento solidário dos agentes comprometidos com a causa indígena.

2. Nós nos comprometemos, em solidariedade com os NEGROS a respeitar as diferenças das culturas e a lutar para que possam expressar sua fé, de maneira própria, na Igreja. Nós Negros assumimos nossa negritude na Igreja e na Sociedade, mantendo viva nossa memória de resistência ontem e hoje, nos Quilombos, Terreiros, Irmandades, lutas e organizações negras.

3. Nós nos comprometemos, em solidariedade com as MULHERES a lutar por uma Igreja onde a mulher tenha igualdade de Direitos, e seja respeitada na sua identidade feminina. E nós mulheres afirmamos nosso direito de participar, em todos os níveis de decisão e poder. Nos comprometemos a lutar pela auto-valorização do nosso corpo, redescobrindo a nossa sexualidade, construindo o novo nas relações homem-mulher. Queremos ser reconhecidas nos Ministérios que já exercemos. Nosso empenho deve ser, mais ainda, pela conquista não apenas das assembléias e tribunas mas também dos altares e dos púlpitos. É fazendo que se aprende! o que não está oficializado se oficializa pela prática.

4. Somos todos TRABALHADORES. Temos em comum a experiência de criar a vida e ser empobrecidos. Nós nos comprometemos a fazer da Democracia a raiz do nosso comportamento na Família e na Comunidade. Participando plenamente na luta dos partidos comprometidos com a causa do povo, queremos fazer da Democracia também a raiz da Sociedade, na Política e na Economia. A Igreja tem o papel de assumir e celebrar esta Democratização e de formar cristãos para realizá-la. Celebrando os Sacramentos a partir da vida do povo, ela ilumina e anima, com a Bíblia, as diferenças da cultura e as lutas por vida abundante para todos.

5. Nós nos comprometemos, em solidariedade com os MIGRANTES a lutar para que a Igreja seja um lugar acolhedor onde todos se sintam em casa, uma Igreja que dê apoio ao movimento popular, fortaleça a luta pela Reforma Agrária e Urbana, e promova uma Espiritualidade da Terra. Uma Igreja onde se viva o Ecumenismo na prática, onde as diversas confissões e culturas, partindo da sua fé comum no Deus da vida, procurem unir-se em defesa da vida do Povo.

Foi uma grande alegria a experiência do encontro com tantos companheiros e companheiras de países Latino-Americanos, Caribenhos, Africanos e Asiáticos, assim como a presença solidária de irmãos do primeiro mundo.

Nova Esperança nasceu em nós. Novos desafios surgiram pela frente. Como os discípulos de Emaús, cheios de coragem no meio da noite, voltamos para Jerusalém, para nossas COMUNIDADES.

O Senhor está vivo! A caminhada continua!

NO PEQUENO GESTO OU NA GRANDE ASSEMBLÉIA DO 8º E. INTERECLESIAL

O POVO DE DEUS RENASCENDO DAS CULTURAS OPRIMIDAS



Com a nossa imensa gratidão: A série de edições do nosso Boletim A Caminho. vai chegando ao fim aqui de Santa Maria. Mas (a sua) História continua! Encerrando, portanto, esse nº 10, com o entusiasmo que nos legou a participação de tantos de vocês no 8º E. Intereclesial, queremos espalhar por todas as comunidades a nossa gratidão e garantir o apoio às novas equipes que vão surgindo no A Caminho, lá pelo norte, nas terras do Maranhão.

Equipe A Caminho de Santa Maria - RS

8º Encontro Intereclesial de CEBs

BLOCO - COMPANHEIRA ROSE : **AS MULHERES EM SANTA MARIA**

Nós delegadas de nossa Diocese no 8º Encontro Intereclesial das CEBs, já tivemos oportunidade de partilhar nossas experiências através de diversas formas. Agora vamos prosseguir com mais um bloco de reflexão.
Nós mulheres, queremos neste número oferecer aos irmãos e as irmãs das CEBs as questões fundamentais da nossa história de libertação ocorrida.

VAMOS REFLETIR EM TRÊS FASES:

1º Houve a 1ª fase em que a mulher estava condicionada totalmente à cozinha, a casa, ao marido e aos filhos. Isto lhe impedia que descobrisse sua identidade e seu valor.
2º Na 2ª fase, a mulher anciosa por sua libertação conscientizada de sua condição, lança-se numa dupla jornada de trabalho, FAMÍLIA e EMPREGO ao lado das PASTORAIS e MOVIMENTOS POPULARES.
3º Numa 3ª fase, a partir do cotidiano, das relações que formam o chão de nossa vida, dos detalhes de cada dia, junto com o companheiro, a mulher descobre que pode tecer a nova sociedade, criando novas relações consigo mesma, com os irmãos, a natureza e com o próprio Deus.

Para nós mulheres, a Evangelização é o grito da vida. Nós nos doamos na luta pela vida, de forma prática e dinâmica lá mesmo onde a vida parece impossível. Levamos o Deus da Vida e nosso Amor à vida que é incondicional, por que temos fé neste Deus da Vida.

NOSSA CONSCIÊNCIA

- *Temos consciência crítica, sabemos e sofremos por todos as formas de determinação, opressão e repressão. Por isso temos a consciência da necessidade de nos organizarmos.*
- *Temos a consciência do que é o processo de libertação. Não levamos árvores construídas, construímos juntas, nós com a comunidade e nesse processo nos Evangelizamos a nós e aos outros.*
- *Sabemos o que significa a luta da resistência, na superação dos sofrimentos e na resistência.*
- *Estamos aprendendo a articular o espaço doméstico com o espaço político e isto se faz no meio dos pobres.*
- *Sentimos falta de espaço na Igreja para falar do nosso corpo e da sexualidade, das violências que sofremos.*

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

É preciso respeitar as diferenças culturais, ter o senso do universal e abertura ecumênica. Na verdade já Evangelizamos, lemos a Bíblia, com um novo olhar e Celebramos com criatividade. Gostamos da festa, dos símbolos, das danças e da música.

Dentro das perspectivas da libertação da mulher assumimos os seguintes compromissos, que ficaram registrados no documento final do dia 12 de setembro em Santa Maria:

"Nós nos comprometemos em solidariedade com as MULHERES a lutar por uma Igreja onde a Mulher tenha igualdade de Direitos, e seja respeitada na sua identidade feminina. E nós Mulheres afirmamos nosso direito de participar, em todos os níveis de decisão e de poder. Nos comprometemos a lutar pela auto-valorização do nosso corpo, redescobrindo a nossa sexualidade, construindo o novo nas relações homem-mulher.

Queremos ser reconhecidas nos ministérios que já exercemos. Nosso empenho deve ser, mais ainda, pela conquista não apenas das assembléias e tribunais mas também dos altares e dos púlpitos. É fazendo que se aprende! O que não está oficializado se oficializa na prática!"

(Carta final do VIII Encontro Intereclesial das CEBs - Santa Maria: RS.)

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

Nossas comunidades já colocaram tantos irmãos na Terra Prometida: Ezechiele Ramin, Pe. Josimo, Santo Dias da Silva, Margarida Maria Alves... frutos maduros de uma Igreja perseguida e servidora dos pobres. De Igreja que se coloca ao lado do lavrador e da Reforma Agrária voltada para os interesses do povo.

6 - Destacamos também as celebrações durante o 6º Encontro: solidariedade, penitência, ação de graças, esperanças e compromissos. Celebrações onde os mártires do campo e da cidade se fizeram presentes, fortificando nossa ação e comunhão eclesial.

7 - Ecumenismo - Percebemos que, com a pratica das Ceb's, está se revelando uma nova possibilidade de unidade cristã, novas alternativas ecumênicas neste chão de um povo sofrido. Este ecumenismo / também se dá no compromisso histórico nas lutas dos bairros, ma participação social, nos partidos políticos e nos grandes problemas do povo.

8 - O ponto mais surpreendente foi a quantidade de lavradores e operários, que nos demonstraram uma autonomia, unidade e consciência de conjunto muito grande. Com tôda simplicidade partilharam / experiências, participaram dos debates e deram uma lição de consciencia política e de classe. Dos 706 participantes da base, 314 eram sindicalizados e pertenciam aos regionais: N4(Ma/Pi), Nel (Ce), Ne2(Rn, PB,PE,AL), Ne3 (BA/SE) e N2(PA/AP). Destes 706, 507 participam de alguma organização popular, 305 ocupam posição de / liderança nessas entidades.

9 - Destacamos também como pontos não aprofundados no 6º Encontro:

a) O novo jeito de tôda Igreja ser a partir dos ministérios / que estão nascendo nas Ceb's - a vida nova, de uma Igreja que vai ganhando novo rosto em conflito com uma estrutura hierárquica que impede as comunidades caminharem, gerando perseguições e divisões.

b) A problemática urbana: favelas, negros, menores abandonados, operários, domésticas... quem sabe não é um ponto à se tornar mais forte nas reflexões do 7º Encontro, que vai se realizar na Baixada?

Para os próximos três anos fica o desafio de assumir, com mais coragem, a luta por uma constituição que corresponda aos interesses populares e pela Reforma Agrária do povo. Sabemos que Deus está conosco. De Jesus temos a promessa: "Estarei com vocês até o fim dos tempos! Coragem, eu vencí o mundo!"

A caminhada das comunidades continua... para 1989 teremos a alegria de receber nossos irmãos do Brasil inteiro na diocese de Caxias. Desde já rezemos e trabalhemos por este novo encontro.

BOLETIM DIOCESANO
Diocese de Nova Iguaçu

40

abril de 1972

Circular 2/72 do Bispo Diocesano: Páscoa e Baixada Fluminense

Prezados diocesanos:

O enfoque desta mensagem de Páscoa é pastoral: como cristão, como sacerdote e como bispo diocesano me ocupo de problemas fundamentais de nossa Baixada Fluminense, desta área sigular onde nos colocou a Divina Providência para o serviço da comunidade dos homens. Fala o cristão: não fala nem o economista nem o sociólogo nem o político nem o psicólogo de massas. Sim, fala apenas e sobretudo um cidadão brasileiro que é cristão e bispo. Fala o irmão que sente os problemas de todos os irmãos da Baixada, que sente a insegurança social de nossa região. Fala quem, apesar de tudo, ainda confia que, com a graça de Jesus Cristo ressuscitado, vencedor do pecado e da morte, é possível aos homens de boa vontade enfrentar a problemática da Baixada, para encontrar algumas soluções. Desde que tenhamos a humildade da verdade e a sinceridade da procura em comum.

Há muitos problemas agudos na Baixada Fluminense. Deixemos de lado explosão demográfica e instabilidade, transportes e pavimentação, luz e água, sancamento e urbanização, comércio e industrialização, cultura e práticas religiosas. E focalizemos alguns que, sendo sempre importantes, parecem ser para nós prioritários ou imediatos, além de fundamentais, para a solução das outras dificuldades. Creio que são os seguintes:

1. Educação

A educação é falha na Baixada Fluminense, como em todo o Brasil, mas aqui aparece mais falha, mais deficiente, em vista da concentração demográfica, da proximidade com o centro de cultura que é o Rio de Janeiro, da industrialização explosiva, do número de crianças que, para ajudarem o salário dos pais, deixam a escola pelo biscate. Faltam salas de aula, faltam escolas convenientemente distribuídas pela área. As escolas são mal instaladas e muitas vezes mal conservadas. As professoras são desestimuladas, pois grandes números delas são apenas contratadas, sem direitos, a não ser o salário que recebem periodicamente. Por que as professoras contratadas, algumas com longos anos de serviço, não recebem efetivação? por que ficam fora da legislação social do país? por que seu ordenado é retido? por que as professoras na medida do possível não são lotadas na área de sua residência? Por que não se fomentam as escolas particulares, com uma legislação realista e adequada à nossa situação, principalmente se considerarmos que o governo, nem no Brasil nem nos outros países, não está em condições de assumir todo ônus da educação? Por que então os entraves e arbitrariedades que uma fiscalização alheia à nossa situação ou exorbitante ou desonesta põe à atuação das escolas particulares? Um exemplo concreto: quase todas as escolinhas, gratuitas, das paróquias de nossa diocese se fecharam, em vista das dificuldades e exigências descabidas de um município ou estado que confessadamente não podem prescindir da colaboração de entidades particulares. Em nome da consciência cristã e da liberdade do Evangelho, em nome também da educação que a constituição do país e do estado garantem, pedimos que se dê mais condições de funcionamento aos colégios e escolas particulares (o que evidentemente significa uma legislação realista e o dever também de vigilância); que a educação seja de fato uma prioridade no orçamento do estado e dos municípios bem como no planejamento de nossa região; que as professoras sejam digna e pontualmente remuneradas; que o estado deixe de reter o salário das professoras contratadas. Do investimento feito em educação depende o crescimento orgânico de nosso país, inclusive também de uma economia sólida e sadia.

2. Saúde

O setor saúde devia merecer mais atenção dos poderes públicos. São poucos os hospitais, postos de saúde, maternidades, ambulatórios, etc., de nossa região. O caso de Nova Iguaçu que, sendo o 8º ou 9º município do país em população, tem apenas um hospital (este mesmo de uma associação de caridade) para atender o grande público, de modo particular os pobres e indigentes, sempre ameaçado de fechar à falta de recursos, é uma situação clamorosa que deveria levar os responsáveis a uma reflexão séria sobre as deficiências de nossa Baixada Fluminense. Os médicos que aqui trabalham sabem contar casos dolorosos e freqüentes, sem que se tomem as providências urgentes e necessárias para sanar os nossos males. Não se diga que a rede hospitalar da Guanabara atende a Baixada Fluminense. Como é que uma população de humildes trabalhadores pode pagar transporte especial para o Rio em casos urgentes? Apesar da propaganda otimista o INPS e outras entidades previdenciárias não atendem os seus associados com a solicitude, com a presteza, com a profundidade que os casos requerem, para não falar da massa de pessoas humildes que não participam das vantagens das leis sociais. As filas que começam já de madrugada, o atendimento limitado e superficial muitas vezes, o encaminhamento tardio, as receitas que não podem ser aviadas por falta de recursos — tudo se repete com tal freqüência que se torna impossível desculpar as falhas. Todo o sistema de atendimento, toda a estrutura

da previdência, talvez todos os quadros humanos tenham de ser revisados, para achar-se a fórmula correta. Se a orientação do governo federal, como se tem proclamado tantas vezes, é a valorização da pessoa humana, custa compreender que os nossos irmãos das classes humildes sejam ludibriados, maltratados por institutos que foram criados e são mantidos graças às contribuições de empregados e empregadores, exatamente para prestar auxílio (de justiça, não de caridade) na doença, na velhice, na invalidez. Nada justifica as filas enormes à porta de postos médicos, à porta de bancos, para um homem receber o que é seu por direito e justiça. A consciência cristã exige que seja reformado o sistema de atendimento a nossos irmãos mais pobres. E' impossível aceitar que se brinque com a vida, com a sorte dos que, na sua humildade, no seu trabalho sofrido, na sua ordeiridade exemplar, constroem o Brasil do presente.

3. Segurança

Um mínimo de segurança, eis o que a sensatez exige para o progresso e para o desenvolvimento. Em nossa Baixada chegamos a uma situação de insegurança que desencoraja toda iniciativa e atuação honestas. Deveremos baixar todos ao nível dos marginais para podermos viver aqui? Deveremos todos empregar os mesmos recursos, para sobreviver? Os responsáveis podem tentar explicações técnicas ou sociológicas — geralmente superficiais e insustentáveis — quantas quiserem. Todo mundo vê e diz à boca pequena — inclusive pessoas lotadas na própria polícia, ainda que sob reservas e ameaças de desmentidos — que a insegurança social da Baixada Fluminense é em grande parte fruto da atuação de uma força policial mal recrutada, mal preparada, mal remunerada. Os jornais relatam fatos de policiais coniventes com marginais. Basta pensar nas peripécias dos processos feitos nos últimos meses contra os membros dos chamados Esquadrões da Morte que conseguiram inclusive repercussão no estrangeiro. Que forças poderosas invalidam e destroem a decisão dos homens honestos de acabarem a praga social de uma polícia corrupta e mancomunada com os criminosos? No Estado do Rio, ao contrário de muitos outros estados da Federação, os delegados de polícia são bacharéis: onde fica então o cultivo do direito, da justiça que deveria caracterizar a sua atuação em defesa da ordem pública e do bem comum? Os jornais noticiam constantemente fatos que depõem contra o sistema de segurança de nossos municípios. Não se nega que existam bons policiais, sacrificados e conscienciosos. Mas é também inegável, infelizmente, que o povo tem medo da ação arbitrária da polícia, das violências, dos maus tratos de homens primários que pertencem aos quadros policiais mas poderiam estar também participando de gangs de marginais; é também inegável infelizmente que o povo não confia na honestidade da polícia, aceitando sem dificuldade que os policiais são aliados dos criminosos. A consciência cristã exige que seja modificada essa imagem da polícia, que todos tenhamos nos policiais, bem recrutados, bem formados, bem remunerados, bem acompanhados por seus superiores, os cidadãos corajosos, honestos, justos, prestimosos que garantem a segurança pública, que merecem a nossa confiança e gratidão, que combatem o crime com armas de justiça, de direito, de moderação, sem nunca se rebaixarem à miséria de criminosos bárbaros. Aqui também se poderia pensar no que acontece nas cadeias públicas, graças a uma estrutura desumana e anticristã de promiscuidade, de torturas de suborno. Onde está o nosso cristianismo? onde está o nosso sentimento de humanidade?

4. Política

A história dos costumes políticos da Baixada Fluminense ainda não foi escrita. Mas tem sido vivida há vários decênios. E não é uma história brilhante. Nem tampouco exemplar. Os meios de comunicação encarregam-se de projetar para o Brasil inteiro e para outros países do mundo a imagem do político da Baixada que não nos faz honra, infelizmente, ainda que devamos ressaltar as exceções aqui como noutros setores da nossa vida social. Todas as comunidades de nossa região sofrem a inépcia ou o despreparo ou a desonestidade dos que se conseguem impor à decisão dos eleitores. Temos exceções, repito. Mas a imagem de nossos políticos é marcada pela mediocridade, pela incapacidade, pelo puxa-saquismo, pelo primarismo dos muitos que — será castigo de Deus, pondo-nos à prova para aprendermos a refletir, através do sofrimento, sobre a nossa responsabilidade cristã? — fazem política em nosso meio. Vícios inveterados, ambições mesquinhas, rivalidades menos do que provincianas, visão curta da realidade, atitudes demagógicas, despreparo para os cargos e funções, interesses bitolados: sobem e descem os políticos, vão e vêm as eleições, aparecem e desaparecem os grupos políticos, e nada se modifica definitivamente na paisagem destas formidáveis comunidades da Baixada Fluminense que bem mereciam melhor sorte. A falta de influência de nossa região é notável, a ponto de podermos indagar com curiosidade: que é que a União faz pela Baixada? que é que faz o estado? que é que fazem de grande e de útil os nossos municípios? Com exceção talvez do saneamento da Baixada, obra meritória que foi o ponto de partida para o crescimento ainda que desorganizado de nossa região, que planejamento, que estudo sério, que execução eficiente pode ser apresentado como sinal de interesse pelos nossos problemas? Quando é que as autoridades procuram atender os postulados — modestos, ordeiros, justos — dessa região excepcional da paisagem brasileira e deste povo trabalhador, sacrificado, que apesar de tudo constrói o Brasil sem ódio nem revolta? Não conheço no Brasil população que exceda em coragem, em operosidade, em resistência, em força de vontade esta população heróica da Baixada, recrutada de todos os sofrimentos espalhados pelo Brasil a fora. A consciência cristã exige que os nossos políticos assumam sua responsabilidade de promover o bem comum — pois para isto se faz Política, para isto são eleitos os políticos; que ultrapassem a mentalidade provinciana e primária de interesses egoístas, procurando conhecer a realidade de nosso povo e os princípios básicos de uma política genuína; que enfrentem os problemas com seriedade e humildade, na vontade firme de acertar; que esqueçam as divergências partidárias, quase sempre mesquinhas e desestimulantes, quando se trata de promover o bem de nossa Baixada Fluminense. Somente a conjugação de forças, com uma visão honesta do bem comum, pode modificar para melhor a imagem de nossa região, a imagem interna sobretudo.

5. Elites

Aqui se tornaria necessário um apelo ao pequeno grupo de elite que sente os problemas e misérias da Baixada Fluminense, a deformação de nossa imagem, os aspectos negativos de nossa realidade social. E não sente apenas: gostaria

Continuação

de corrigir a situação. Aqui se impõe a conscientização desta verdadeira elite, para enfrentar a situação e os aproveitadores da situação, assumindo entre outras a sua responsabilidade na política e na vida pública. Todos sabemos que o povo da Baixada é um povo bom, ordeiro, ativo, sofredor, com uma reserva inesgotável de paciência, de otimismo e de energia. O povo é admirável. Daí por que as elites responsáveis encontrarão colaboração decidida e grata em nosso meio. Não nos encontramos em situação irremediável. Ainda podemos contar com muita gente boa que aprovará as medidas de saneamento moral e com elas haverá de colaborar. O que nos falta é unirmos nossas forças para o bem de nosso povo. Que tarefa simpática, embora difícil, neste ano em que o Brasil comemora 150 anos de sua independência!

Os aspectos negativos que apresento lealmente à consideração de todos os homens de boa vontade, de todos os que amam verdadeiramente o Brasil, o Estado do Rio e a Baixada Fluminense, esses aspectos, de todos nós conhecidos, desafiam nosso cristianismo. Se somos cristãos. Se aceitamos como dado fundamental do cristianismo a mensagem salvífica da Páscoa: Cristo ressuscitou. A mensagem de Páscoa é mensagem realista de otimismo, de confiança, de co-responsabilidade. Com a graça de Deus que elevou Cristo como príncipe e salvador para dar-nos ocasião de arrependimento, de revisão, de perdão de nossos pecados (cf. At 5,31) conseguiremos em trabalho sério e honesto melhorar as misérias que afeiam a imagem da Baixada Fluminense. Serão achadas soluções se todos os que temos responsabilidade nos juntarmos para refletir. Tenho certeza de que a maldade não será tanta que paralise nosso esforço nem tão forte a influência dos maus que elimine a influência de cristãos conscientes de sua missão. Para tanto desejo convocar através desta mensagem de Páscoa todos os homens responsáveis de nossa área, todos os homens de boa vontade, cristãos ou não, todos os que numa convivência diária com os problemas de nossa comunidade desejam apressar o dia de nossa libertação. Sim, estou certo de que acharemos soluções a curto, a médio e a longo prazo, conforme os problemas, desde que enfrentemos os problemas com humildade, seriedade e vontade de acertar; desde que nos unamos em espírito de grandeza interior que corresponda à grandeza crescente de nossas comunidades; desde que saibamos optar pelo prioritário, com sacrifício da fachada, do brilhante, do demagógico. Aos que me lêem ou escutam peço reflitam sobre o que lhes digo em espírito de solidariedade cristã, num desejo imenso de servir o nosso bom povo, numa convicção amadurecida de nossas responsabilidades, numa visão compreensiva e objetiva dos fatos sociais e sobretudo a partir da mensagem de Cristo Ressuscitado, como Paulo a resume de maneira feliz: «Então vocês não sabem que todos nós que fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? Fomos sepultados com ele na sua morte pelo batismo, para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos uma vida nova» (Rom 6,3-4). Com os votos de Feliz Páscoa eis o que tinha a dizer-lhes, meu prezados diocesanos, seu irmão

† *Adriano*, bispo diocesano

BOLETIM DIOCESANO
Diocese de Nova Iguaçu

28

BOLETIM DIOCESANO
1º de abril de 1971

Circular 3/71 do Bispo Diocesano sôbre a mensagem da Páscoa

Meus prezados diocesanos:

A Páscoa transmite uma admirável mensagem: esperança, certeza, otimismo. Cristo ressuscitou: disto é testemunha a Igreja de hoje como a Igreja primitiva, quando ainda sob a impressão de acontecimentos recentes podia dizer: "Nós somos testemunhas de tudo o que Jesus fêz na terra dos judeus e em Jerusalém. Êles o mataram, suspendendo-o num madeiro. Mas Deus o ressuscitou ao terceiro dia e fê-lo manifestar-se, não a todo o povo mas às testemunhas que Deus havia predestinado, a nós que comemos e bebemos com êle, depois que ressuscitou" (At 10,39-41). Para a ressurreição de Jesus Cristo, que é garantia de nossa ressurreição, devemos sempre voltar o pensamento, sobretudo nas horas de provação e crise.

1. Inquietação humana

O homem é um ser inquieto. E marca de inquietação tudo o que faz e diz. Abro um grande jornal do Rio de Janeiro. Espio a primeira página, que exprime o clima da redação, e a oitava página que apresenta notícias internacionais. Nas duas páginas encontram-se 24 notícias: tôdas elas transpiram inquietação, problemas, sofrimentos, sangue e lágrimas: 13 falam de golpe militar, greve, preparação para luta armada, violência, terrorismo, ditadura; 8 mencionam competição, desastres, assassínio, anticoncepcionais; as últimas 3 ocupam-se de carestia, crise econômica. Mundo inquieto, homens inquietos, todos marcados pelo pecado e sofrendo as conseqüências do pecado. Mundo trágico. Mundo escuro. Raramente um raio de luz no escuro dos homens. Pessimismo? O jornal exprime o que se passa, transmite notícias e se transmite notícias inquietantes na quase totalidade das notícias, é porque o mundo oferece inquietação e tragédia à nossa meditação. Impasse?

2. Mensagem de Páscoa

Aqui se insere a mensagem de Páscoa: há uma saída para o impasse de cada geração e uma solução para o problema de cada pessoa. A solução do problema, a resposta ao desafio, a saída para o impasse: a liberdade com que Cristo nos libertou (cf. Gál 5,1).

O fato fundamental: "Deus amou tanto o mundo que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nêle crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Deus não enviou o Filho ao mundo para condená-lo mas para que o mundo seja salvo por êle" (Jo 3,16-17).

O libertador: "O Verbo se fêz carne e habitou entre nós" (Jo 1,14). "Para dar testemunho da verdade é que eu nasci e vim ao mundo" (Jo 18,37). "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6). "Eu sou a ressurreição e a vida" (Jo 11,25). "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará no escuro mas terá a luz da vida" (Jo 8,12). "Se permanecerem na minha palavra, vocês serão meus verdadeiros discípulos; conhecerão a verdade e a verdade os libertará" (Jo 8,31-32). "Se o Filho os libertar, vocês serão de fato livres" (Jo 8,36).

O testemunho: "Vocês estão procurando Jesus de Nazaré que foi crucificado: êle ressuscitou. Não está mais aqui" (Mc 16,6). "Eu lhes transmiti — escreve Paulo aos coríntios — primeiramente o que eu mesmo havia recebido: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo a escritura; que foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, ainda segundo a escritura" (1 Cor 15,3-4). "Êste Jesus Deus o ressuscitou: todos somos testemunhas dêste fato", prega o apóstolo Pedro (At 2,32). E noutra ocasião o mesmo apóstolo: "Vocês renegaram o santo e o justo e pediram que fôsse sôlto um assassino. Vocês mataram o príncipe da vida que Deus ressuscitou dos mortos: nós somos testemunhas dêste fato" (At 3,14-15). Ao Grande Conselho que lhes proibira anunciar Cristo, Pedro e os apóstolos responderam: "E' preciso obedecer antes a Deus do que aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus que vocês mataram, suspendendo-o num madeiro. Deus elevou-o pela sua mão direita como príncipe e salvador, para dar a Israel ocasião de arrependimento e perdão dos pecados. Dêste fato nós somos testemunhas, nós e o Espírito Santo que Deus deu a todos que lhe obedecem" (At 5,29-32). Paulo poderá depois afirmar aos coríntios o que continua sendo fundamental para todo cristão: "Se Cristo não ressuscitou, é vã sua fé: vocês ainda continuam em seus pecados. Também estão perdidos os que morreram em Cristo. Se fôr só para esta vida que colocamos nossa esperança em Cristo, somos os mais lastimáveis de todos os homens. Mas eis que Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que morreram" (1 Cor 15,17-20).

*

Poderíamos multiplicar os textos básicos da Sagrada Escritura: todos trazem a mensagem da Salvação, a certeza da salvação, o fato da salvação. Em Cristo fomos libertados. Em Cristo encontramos ressurreição e vida. Em Cristo ressuscitamos sempre de nôvo para a vida (cf. Rom 6,1-11). Com a convicção que nos dá

a sagrada escritura e a vida da Igreja podemos dizer uns aos outros, com sentimentos de alegria fraterna: Feliz Páscoa! Cristo vive e nós vivemos nêle. Como Paulo talvez cheguemos a exclamar um dia, de coração feliz: "Eu vivo, mas já não sou eu quem vive: é pròpriamente Cristo quem vive em mim" (Gál 2, 20). Cada dia é para nós impasse, problema, desafio? Pode ser. Mas cada dia é em primeiro lugar festa da Páscoa, ressurreição, vida nova em Cristo. E' o que desejava dizer-lhes com os votos de feliz Páscoa.

seu irmão bispo
† *Adriano*

Decretos

Decreto 1/71: Cria a paróquia da Sagrada Família, em Nova Iguaçu

Para atender a população do bairro da Posse e vizinhanças, todos de Nova Iguaçu, o bispo diocesano com o conselho presbiteral decidiu em reunião de 23 de setembro de 1970 criar a *nova paróquia da Sagrada Família*, desmembrando-a em grande parte da paróquia da catedral e em alguns trechos das paróquias de N. S. das Graças do Parque Flora e de S. Francisco de Assis de Comendador Soares, sempre de acôrdo com os interessados.

São êstes os limites da nova paróquia:

Partindo da rodovia Presidente Dutra pela rua Tomás Fonseca continua pela estrada S. José até o cruzamento da estrada projetada ou estrada do Sítio. Dêsse cruzamento segue uma linha reta imaginária até o cruzamento da estrada velha de Santa Rita com a estrada Júlio Kenger. Segue pela estrada Júlio Kenger até o cruzamento da estrada de Adrianópolis com a estrada de Ambaí.

Segue pela estrada de Ambaí em direção de Nova Iguaçu até encontrar a rua Uruguaiana, até a esquina da rua Assembléia, indo pela rua Sabinal até a estrada de Luís de Lemos, devendo-se notar que até ao alto do morro, à esquerda, fica pertencendo o território à paróquia da Sagrada Família.

Segue a estrada de Luís de Lemos até a rua Império e pela rua Império até a rua Caioaba até alcançar pela Alamêda Pita a rua Oiticica e pela rua Oiticica até o riacho que deságua no rio das Botas, acompanhando o mesmo riacho até a foz.

Segue o rio das Botas até a Rodovia Presidente Dutra e pela Rodovia Presidente Dutra, em direção de São Paulo, até a rua Tomás Fonseca que foi o ponto de partida.

Titular da nova paróquia é a Sagrada Família, que sempre foi venerada na antiga fazenda da Posse, com festa no 1º domingo depois do Natal.

Encomendamos encarecidamente aos moradores da nova paróquia que dêem todo apoio ao nôvo vigário, como deram antes aos padres que atendiam a Posse. A mitra diocesana desmembrou uma parte notável da antiga fazenda da Posse adquirida pelo saudoso Mons. João Müsch e doou-a à nova paróquia. Resta agora fazer um esfôrço generoso para acabar a casa da comunidade com a moradia do vigário. Encomendamos também que todos tratem com afeto o vigário que a Divina Providência manda para a nova paróquia, sem esquecerem o grave dever de mantê-lo e de manter as obras essenciais à vida paroquial. Esperamos que no território da paróquia da Sagrada Família sejam formadas muitas comunidades de base.

Êste decreto entra em vigor na data de sua publicação. Será lido no ato de instalação da paróquia, lançado no livro do tombo, explicado ao povo e arquivado.

Catedral de Nova Iguaçu, 14 de março de 1971

† *Adriano, bispo diocesano*
Mons. Arthur Hartmann, vigário geral
P. João de Nijs, MSC, coord. de pastoral.

Cúria Diocesana de Nova Iguaçu

Comunicados

Comunicado 3/71: Comissão Diocesana de Vocações (CODIV)

Para acompanhamento da formação de nossos seminaristas e incentivo ao recrutamento/formação de vocações eclesiais foi constituída na diocese de Nova Iguaçu a Comissão Diocesana de Vocações com os seguintes membros: bispo diocesano, P. Pedro Geurts, CICM, P. Valdir Ros, P. Max Eyng e P. Ivanildo de Holanda Cunha. Oportunamente serão ajuntados algumas religiosas e alguns leigos.

Catedral, 10 de março de 1971
Mons. Arthur Hartmann, vig. geral
P. João de Nijs, MSC, coord. de pastoral

Comunicado 4/71: Comissão Diocesana de Opinião Pública (CODIOP)

Atendendo à necessidade crescente de comunicação interna e externa, constituiu-se na diocese de Nova Iguaçu a Comissão Diocesana de Opinião Pública da qual fazem parte o bispo diocesano, Fr. Luís Gonzaga Thomaz, OFM, P. Ivanildo de Holanda Cunha. Outros membros serão acrescentados oportunamente.

Catedral, 10 de março de 1971
† *Adriano*, bispo diocesano
Mons. Arthur Hartmann, vig. geral
P. João de Nijs, MSC, coord. de pastoral

Comunicado 5/71: Mudanças no Presbitério

Como sucede em todo organismo, houve êste ano diversas mudanças no presbitério da diocese de Nova Iguaçu. Foram transferidos por seus superiores religiosos: Celso Francisco de Faria, OFM (SJM-Amparo, SP), Dídimo Strunck, OFM (N/Aparecida-Guaratinguetá, SP), Jorge Kneipp, OFM (N/Aparecida-Santos, SP), José Pereira, OFM (N/Conceição-Rio de Janeiro), Paulo Rebein, OFM (N/Aparecida-Campos do Jordão, SP), Paulo da Cruz

Stoffel, OFM (SJM-Cabo Frio, RJ). Incorporaram-se ao presbitério os seguintes confrades: Afonso Klausmeyer, OFM/SJM, Elpídio Chilanti, OFMCap/NI-Sagrada Família, Estêvão Ottenbreit, OFM/N-Conceição, Geraldo Hagedorn, OFM/N-Aparecida, Jaime Clasen, OFM/SJM, Jaime Schouten, MSC/Univ. Rural, José Cafasso Vidoeira, OFM/N-Aparecida, Olavo Almeida/Vila Rosali, Tomás Laporela, SC/I. Aos confrades que chegaram a diocese acolhe-os fraternalmente, esperando vê-los realizados na pastoral da Baixada. Aos que nos deixaram após alguns anos de colaboração, nossos agradecimentos pelo muito que deram e nossas esperanças de que se realizarão em seu nôvo campo de trabalho, com a graça de Deus.

Catedral, 10 de março de 1971
† *Adriano*, bispo diocesano
Mons. Arthur Hartmann, vig. geral
P. João de Nijs, MSC, coord. de pastoral

Avisos

Aviso 16/71: Concelebração da Quinta-Feira Santa/Santos Óleos

Para concelebrarem com o bispo diocesano a S. Missa da sagração dos Santos Óleos, são escalados os seguintes presbíteros de nossa diocese: Ângelo Maritano, Aristides Perotti, Arthur Hartmann, Aurelino Pinto da Silva, Dinarte Duarte Passos, Enrique Blanco Pico, Francisco Sancho de Assis, Jaime Clasen, João Maria Baethge, João de Nijs, João Paulo Guerry, José Boggiani, José Cafasso Vidoeira, José Fernandes Coujil, José Tittone, Leon de Araújo Costa, Luís Bezerra França, Luís Pérez y Pérez, Maurício Celestino Fernandes, Paulo de Mulder, Sebastião Lima, Valdir Ros, Willi Gaertner e William van de Meerakker. Quem por motivo justo não puder concelebrar, providencie o seu substituto. A S. Missa será às 8 horas.

Catedral, 10 de março de 1971
Mons. Arthur Hartmann, vig. geral

Aviso 17/71: Concelebração da Quinta-Feira Santa/S. Missa da Ceia

Para testemunhar perante nossa comunidade o espírito de união fraterna que a Eucaristia significa e produz na Igreja, são convidados para concelebrarem com o bispo diocesano a S. Missa da Ceia, na Quinta-Feira Santa, às 17 h, na catedral, os seguintes presbíteros de nossa diocese: Carlos Boicherot, Francisco Jerônimo da Silva, Frederico Vier, Geraldo Peeters, Henrique Dominicus, Lauro de Souza Fraga, Luís Gonzaga Thomaz, Manoel Monteiro Carneiro, Marcelo Blivet, Paulo de Mulder, Pedro Geurts, Tiago Clijsters. Quem por motivo justo não puder concelebrar, providencie seu substituto.

Catedral, 10 de março de 1971
Mons. Arthur Hartmann, vig. geral

Aviso 18/71: Comunhão dos fiéis na Quinta-Feira Santa e na Páscoa

Oportunamente seja lembrado aos fiéis que na Quinta-Feira Santa podem comungar duas vêzes: na concelebração da S. Missa dos Óleos e na S. Missa da Ceia. Igualmente na Páscoa: na S. Missa da vigília e na S. Missa do dia.

Catedral, 10 de março de 1971
Mons. Arthur Hartmann, vig. geral

Aviso 19/71: Curso de Técnica de Planejamento

Nos dias 28, 29 e 30 em hora que será anunciada prèviamente realizar-se-á para o nosso presbitério um Curso de Técnica de Planejamento. Todos são convidados com insistência pois o curso facilitará muito o nosso esfôrço de planejamento pastoral em nível de paróquia, de região e de diocese. O curso será dado em Moquetá.

Catedral, 10 de março de 1971
Mons. Arthur Hartmann, vig. geral

Aviso 20/71: 4º Cursilho de Senhoras/7ª Parada Jovem

De 15 a 18 de abril realiza-se em Nosso Lar o quarto cursilho de cristandade, de nossa diocese, para senhoras. De 23 a 25 de abril, a sétima Parada Jovem. Para os dois cursilhos pedimos as orações de todos.

Catedral, 10 de março de 1971
Mons. Arthur Hartmann, vig. geral

Aviso 21/71: Notícias das Paróquias/Regiões e Movimentos

A nova Comissão Diocesana de Opinião Pública (CODIOP) pede a todos mandem notícias das paróquias, das regiões pastorais, dos movimentos e instituições diocesanas para a sala de imprensa (cúria), com o enderêço de Fr. Luís Gonzaga Thomaz, a fim de serem enviadas para os jornais e aproveitadas no Boletim Diocesano.

Catedral, 10 de março de 1971
Mons. Arthur Hartmann, vig. geral

Aviso 22/71: Transferência do Dia Mundial das Vocações

O Dia Mundial das Vocações não será celebrado mais no 3º domingo de Páscoa, como está marcado no diretório litúrgico (dia 25 de abril), e sim no 4º domingo (êste ano dia 2 de maio), que é quando se lê o evangelho do Bom Pastor.

Catedral, 10 de março de 1971
Mons. Arthur Hartmann, vig. geral

Aviso 23/71: Imagens antigas

Embora seja diminuto o acervo de obras de arte antigas existente no território de nossa diocese, convém zelar pelo pouco que possuímos. Daí por que se deve 1) guardar e conservar as imagens e peças artísticas com o máximo cuidado; 2) evitar entregá-las mesmo por empréstimo a qualquer pessoa, sem o conhecimento da cúria diocesana; 3) mandar restaurá-las por curiosos que não entendam da restauração de imagens antigas e que por sua incompetência podem estragar irremediàvelmente as peças artísticas.

Catedral, 10 de março de 1971
Mons. Arthur Hartmann, vig. geral

• Encerramento dêste número: 14 de março de 1971. Enderêço do BD: Cúria Diocesana — Caixa Postal 22 — Nova Iguaçu, RJ.

5ª Parada Jovem (26/28-02-1971)

De 26 a 28 de fevereiro realizou-se mais uma Parada Jovem — a quinta, da qual tomaram parte muitos jovens de Nova Iguaçu. Reitor foi Celso Mendes Aragão, de Nova Iguaçu-Centro. Vice-Reitor: Sílvio de Almeida Carvalho (SJM).

Coube ao P. André Decock, CICM e ao P. João Martino a direção espiritual da parada, ajudados por 17 dirigentes que eram das equipes de São João de Meriti e de Agostinho Pôrto. Na cozinha trabalharam sob a orientação de um experimentado cursilhista 11 rapazes paradistas, do Centro. Os cursistas eram 39: 23 rapazes e 16 môças, provenientes da Piedade (Rio), Nova Iguaçu-Centro, Jardim Iguaçu, São João de Meriti, Parque Flora, Rocha Sobrinho (Banco de Areia), Queimados e São Mateus. Apesar da chuva torrencial, tudo deu certo (André Decock).

NOTÍCIAS

• Viagem do bispo diocesano à Bahia, para tratar de assuntos de família (19/31-01).

• Crisma na Catedral (31-01).

• Reunião do Conselho Presbiteral (03-02).

• Reunião do Regional Leste I, no Seminário de S. José, para tratar dos acontecimentos de Volta Redonda (04-02).

• Primeiro encontro da Secretaria Diocesana dos Cursilhos de Cristandade (05/07-02).

• Visitam o bispo diocesano a Superiora Geral das Irmãs Franciscanas de Bonlanden acompanhada da Irmã Régula (superiora do IESA/NI) e a Superiora Geral das Irmãs Josefinas de Cúneo (Itália) acompanhada do P. Aristides Perotti (06-02).

• O bispo diocesano visita as obras da comunidade de São Vicente (bairro da Luz), dirigidas em sistema de auto-ajuda pelo P. Carlos Boicherot + moradores do bairro. Êles fazem os tijolos e constroem a casa da comunidade (07-02).

• Viagem do bispo diocesano a Belo Horizonte, para a XII Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (09/17-02).

• Falece em Aparecida o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro e metropolita da Província Eclesiástica do Rio de Janeiro, à qual pertencem as dioceses de Barra do Piraí-Volta Redonda, Marquês de Valença e Nova Iguaçu (18-02).

• Exéquias do Cardeal Câmara; concelebração na Catedral do Rio de Janeiro e entêrro. Participação da diocese representada pelo bispo diocesano e pelo vigário geral Mons. Arthur Hartmann (19-02).

• S. Missa na catedral de Nova Iguaçu pelo Cardeal Câmara (24-02).

• S. Missa na Candelária por alma do Cardeal D. Jaime; participação do bispo diocesano (25-02).

• 5ª Parada Jovem da diocese de Nova Iguaçu (26/28-02).

• Com uma palestra do bispo diocesano na Rádio Solimões dá-se início em Nova Iguaçu à Campanha da Fraternidade/1971, sob a direção do MIC (27-02).

• O P. Olavo Almeida é empossado pelo bispo diocesano como pároco da Vila Rosali (28-02).

• Crisma na Catedral (28-02).

• Reunião do Conselho Administrativo (01-03).

• Reunião mensal do clero com exposição do P. Paulo Guerry (São Mateus) e do P. João Martino sôbre o andamento do plano pilôto nas suas paróquias (02-03).

• Criação da Comissão Diocesana de Vocações (CODIV) (03-03).

• O bispo diocesano toma parte numa reunião da comunidade de Piam: exposição dos trabalhos paroquiais sob a direção do P. Luís Pérez y Pérez e sôbre a situação financeira. O bispo diocesano visita as obras do centro paroquial (04-03).

• 12º Cursilho de Cristandade, para homens, na diocese de NI (04/07-03).

• Criação da Comissão Diocesana de Opinião Pública (CODIOP) (05-03).

• Reunião do clero de Barra do Piraí-Volta Redonda; o bispo diocesano e o coordenador de pastoral P. João de Nijs tomam parte na reunião com uma exposição sôbre planejamento pastoral e sôbre a necessidade de um coordenador de pastoral na diocese (09-03).

• Fugindo a tôda solenidade, o P. José do Carmo Marques celebra seus 25 anos de sacerdócio passados todos na diocese de Barra do Piraí/Nova Iguaçu (10-03).

• Curso de dinâmica de grupo e técnica de reunião dado pelo Prof. Roberto Teixeira de Bragança aos membros do Conselho Presbiteral e suplentes (09/12-03).

• Encerramento dêste número: 14 de março de 1971 — Enderêço do BD: Cúria Diocesana — Caixa Postal 22 — Nova Iguaçu, RJ.

CALENDÁRIO SOCIAL
ABRIL/71

n = nascimento; o = ordenação; v = votos

03	n(1935)	André Decock, CICM, NI-Cat
04	o(1953)	Manoel Monteiro Carneiro, cap IESA
11	n(1935)	Jesus Otero Mendes, Éd. Passos
	o(1964)	Eduardo Cannevan, OSFS, Cabuçu
12	o(1959)	Luís Gonzaga Thomaz, OFM, NI
16	n(1928)	Aristides Perotti, Cruz. do Sul
	n(1944)	M. Judite de Jesus, ENSM/SJM
22	n(1899)	Clarisse Figueira, Saco de Mang.
	o(1916)	Solano Dantas de Menezes, Helióp.
23	o(1959)	Guilherme Steenhouwer, SSCC, Parque Flora
24	v(1910)	M. Conceição Breves, Saco de Mangaratiba
27	n(1911)	Antônio Cugliana, P
	n(1932)	Bernarda Rid, ENSM/SJM
30	n(1936)	Inês Weolkers, Hosp/NI

CALENDÁRIO PASTORAL
ABRIL/71

05	r(20 h) CAdm/cúria
06	r(09 h) mensal do clero/Moquetá
08	r(08 h) S. Missa da sagração dos óleos/catedral
	r(17 h) S. Missa da Ceia do Senhor/catedral
11	*solenidade da Páscoa*
13	r(09 h) CODIMHI/Moquetá
14	r(9,30) CPresb/Moquetá
15	r(15 h) RPast5/SJM
15/18	4º cursilho para senhoras/Nosso Lar
18	r(14 h) mensal das religiosas/ENSM
19	r(20 h) CAdm/cúria
20	r(09 h) CODIMHI/Moquetá
	r(15 h) RPast8/Cruzeiro do Sul
22	r(09 h) CODIV/Moquetá
23/25	7ª Parada Jovem/Nosso Lar
25	r(18 h) S. Missa e Crisma/catedral
27	r(09 h) CODIMHI/Moquetá
	r(15 h) RPast7/Santa Maria
28	r(9,30) CPresb/Moquetá
28/30	Curso sôbre técnica de planejamento/Moquetá

VOZES imprimiu

BOLETIM DIOCESANO
Diocese de Nova Iguaçu

278/279

março e abril de 1992

CRISTO RESSUSCITOU, ESPERANÇA DA GLÓRIA

A todas as irmãs e irmãos
que nos ajudam em nosso ministério da caridade,
especialmente aos que carregam a Cruz
de uma longa Sexta-feira da Paixão,
esmagados pela prepotência,
humilhados pela soberba,
desejam Feliz Páscoa,
com a vitória do Amor,
com a graça libertadora
de Cristo Ressuscitado
seus irmãos

Adriano, bispo diocesano
P. Renato Stormacq, CICM, vigário-geral
P. Luís Costanzo Bruno, coordenador de Pastoral
P. Mateus Vivalda, provigário-geral
P. Manoel Monteiro Carneiro, chanceler

MENSAGEM DE PÁSCOA

Adriano, bispo diocesano

Depois de lermos o jornal, depois de assistirmos ao programa de televisão ou de rádio, fechemos os olhos por alguns instantes. E pensemos.
Que acabamos de ouvir, de ver, de ler? Num levantamento sumário o que sobra? o que fica na memória?
Longe de nós sermos pessimistas, pois a Fé, que é a virtude do abandono ao risco, que é a virtude da aventura e do imprevisto, não combina com pessimismo. A Fé gera Esperança. E juntas atingem no Amor sua plenitude. Tocados pela graça do Espírito Santo temos de ser otimistas de um otimismo que tem sua demonstração mais convincente na obra redentora de Jesus Cristo. Com muita propriedade o autor da carta aos Hebreus nos diz que Jesus é o 'autor e aperfeiçoador da Fé' (Hb 12,2).
Não, quem vive da Fé em Jesus Cristo tem de ser não pessimista mas otimista.
Mas poderemos perseverar no otimismo quando pensamos naquilo que nos oferecem dia a dia os meios de comunicação social?

De fato, o resultado de nossa breve reflexão é quase sempre a mistura indigesta de crimes, impunidades, violências, degradação moral, infidelidades, traições, seduções, abusos de poder, abusos sexuais, explorações, roubos, peculatos etc. Tudo aquilo que S. João resume em frase lapidar: "Tudo o que há no mundo — concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba de vida — não vem do Pai mas procede do mundo" (1Jo 2,16).
Colocados nesta realidade ou nos retiramos de cena, por um suicídio físico ou moral, ou, o que é mais freqüente, aderimos ao espírito do mundo, tomamos lugar na barca da insensatez. É o que, a concluir das mensagens das midia, parece fazer a maioria das pessoas. Mas não haverá uma terceira possibilidade? Não saberíamos fugir ao suicídio físico ou moral nem deixar de aderir à corrupção generalizada?
O mistério da Páscoa, no seu duplo aspecto de Cruz e Ressurreição, nos aponta a terceira via, o caminho que corresponde à vontade de Deus e ao mesmo tempo à dignidade da pessoa humana.
Se tomarmos as duas citações anteriores no contexto maior, veremos como os dois grandes após-

tolos aprenderam a mensagem de Jesus Cristo, para nos ensinar.

A citação da carta aos Hebreus é assim: "Portanto, nós, rodeados que estamos de tal nuvem de testemunhas (o autor citara antes a multidão de testemunhas do Antigo Testamento, em meio de todas as provações, sem perder a esperança fundamentada na Fé), livrando-nos de todo obstáculo e do pecado que nos seduz tão facilmente, corramos com perseverança a corrida que se nos apresenta. Tenhamos bem diante dos olhos o exemplo de Jesus, autor e aperfeiçoador da fé, o qual, em vez da alegria que lhe tinha sido proposta, suportou a cruz não se preocupando com a conseqüente vergonha; e está sentado à direita do trono de Deus" (Hb 12,1-2).

O texto completo de S. João é este: "Não amem o mundo nem nada que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo — concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba da vida — não vem do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, e também seus desejos, mas o que cumpre a vontade de Deus permanece para sempre" (1Jo 2,15-17).

Para o mundo em que vivemos, para cada um de nós, para toda a humanidade há que percorrer o caminho da Cruz até a morte da Cruz. Este é o preço da queda. Mas é também o preço da elevação após a queda. No mundo pecador, no coração pecador — o mundo pecador é sempre o resultado dos corações pecadores — nunca morrerá a centelha do Amor que só se realizará n'Aquele que é o Amor por excelência Deus, através do seu Cristo. Aqui vale claramente a profunda palavra de Agostinho: "Porque nos criastes para vós, o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós" (Conf. I, 1).

Por mais dolorosos que sejam os fatos do dia-a-dia, por mais trágicas que sejam as mensagens dos meios de comunicação, a conseqüência não pode ser nem a fuga suicida nem a adesão irresponsável. Na força de quem carregou a cruz e ressuscitou temos de andar o terceiro caminho, que é o único caminho que nos leva à felicidade. Na Páscoa cantemos em todos os tons a verdade libertadora: Cristo ressuscitou, esperança da glória (cf. Cl 1,27).

MENSAGEM DO IRMÃO BISPO AOS JOVENS NA ABERTURA DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE

Nova Iguaçu, 8 de março de 1992

Meus caros jovens,

Impedido em última hora de comparecer à celebração de hoje — abertura da Campanha da Fraternidade de 1992 — que é um dos pontos altos do calendário pastoral de nossa diocese de Nova Iguaçu, quero levar-lhes ainda uma pequena mensagem. *Quero lembrar-lhes uma certeza e propor-lhes uma profissão de Fé*:

Uma certeza: vocês não são apenas a Esperança da Igreja e da Pátria. Vocês têm de ser, já agora, a certeza da Pátria e da Igreja. Igreja e Pátria não podem esperar que vocês sejam adultos, para contar com vocês. Igreja e Pátria precisam contar com vocês já agora, precisam de vocês e de seus valores juvenis para serem uma Igreja mais conforme o projeto de Jesus Cristo e uma Pátria mais conforme com as nossas esperanças mais legítimas. E são estes os valores mais característicos de vocês, juventude da Pátria, juventude da Igreja:

— alegria de viver;
— esperança de um mundo melhor;
— capacidade de renovação;
— descompromisso com os erros do passado;
— risco generoso da procura;
— coragem de aventurar-se;
— Fé viva no Deus da vida;
— capacidade de assumir a mensagem de Cristo.

Quero propor-lhes uma profissão de Fé, que vocês repetirão comigo hoje e muitas vezes durante as semanas da Campanha da Fraternidade.

Meus caros jovens, queremos ser uma juventude:

— que diz *sim* a Jesus Cristo, nosso único libertador;
— que diz *sim* à Igreja, Povo de Deus;
— que diz *sim* às nossas comunidades;
— que diz *sim* ao Povo mártir da Baixada Fluminense;
— que diz *sim* ao Brasil da justiça e da fraternidade;
— que diz *sim* à escola, à saúde, ao trabalho para todos;
— que diz *sim* a uma ordem social mais justa e mais humana.

Por isto mesmo, somos também uma juventude:

— que diz *basta* ao elitismo de nossa sociedade;
— que diz *basta* à marginalização do nosso Povo;
— que diz *basta* ao massacre de nossas crianças e jovens;
— que diz *basta* à corrupção generalizada;
— que diz *basta* à impunidade dos corruptos;
— que diz *basta* à exploração da mulher e do menor;
— que diz *basta* à escravidão secular do índio e do negro;
— que diz *basta* à violação cínica e generalizada de todos os direitos civis e de todos os direitos humanos.

Meus caros jovens, seu irmão bispo espera que a Campanha da Fraternidade de 1992 deixe marcas profundas, duradouras em seus corações, em suas inteligências, em suas mãos, na certeza de uma Igreja sempre mais integrada no mistério de Cristo e por isto mesmo sempre mais integrada na sorte do Povo abandonado que vive prostrado ao chão como ovelhas sem pastor; na certeza de uma Pátria mais solidária, mais integrada, mais humana, mais fraterna, onde todos possamos gozar os direitos da cidadania e, como cidadãos livres, viver em Paz e em Paz construir a nova civilização do Amor.

Deus os abençoe, meus caros jovens, Jesus Cristo seja para vocês o verdadeiro farol no caminho de sua vida.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE: POR QUÊ? PARA QUÊ?

Adriano, bispo diocesano

Todos os anos, desde a decisão dos bispos brasileiros tomada em Roma, durante o Concílio Vaticano II, realizamos no Brasil uma campanha que chamamos, com muita felicidade, de Campanha da Fraternidade.

Campanha, porque durante as semanas da Quaresma a Igreja Católica do Brasil assume um aspecto determinado como assunto de uma movimentação geral de todas as comunidades e paróquias, de todas as dioceses e regiões pastorais. Em todo o território Brasileiro os cristãos engajados se comprometem com o tema da Campanha, com o lema da Campanha e fazem um esforço pastoral de conscientização e de mobilização. A Campanha quer tornar-nos todos mais conscientes de nossa vocação cristã, de nosso chamamento para colaborar com Jesus Cristo na construção do Reino. A Campanha quer mobilizar todas as forças vivas da Igreja do Brasil, com repercussão também nos grupos não-católicos ou mesmo não-cristãos, para o bem de nosso Povo em geral.

Campanha da *Fraternidade,* porque o fundamento profundo de todo nosso esforço pastoral, sempre, mas sobretudo no tempo da Quaresma, que é um tempo de conversão profunda e de revisão geral de nossa vida cristã, é a convicção de que todos somos irmãos. De fato, conforme a melhor tradição bíblica sobretudo do Novo Testamento, no plano de Amor de Deus somos todos filhos de Deus, por isto Deus é nosso Pai, por isto todos somos irmãos. Todos sem exceção: por mais desfigurada que deparássemos na face de um irmão a face de Deus, deveríamos em espírito de Fé crescer na certeza prática: aqui está meu irmão, minha irmã. Somos todos membros da grande família dos filhos de Deus.

Para descobrirmos essa grande mensagem da Bíblia Sagrada, em geral, mas de modo muito insistente nos livros do Novo Testamento, basta abrirmos por exemplo os capítulos de S. Mateus que formam o chamado "Sermão da Montanha". São os capítulos 5 a 7. Neles o evangelista S. Mateus, um artista da composição literária, toma da tradição viva e, provavelmente também do evangelista S. Marcos e de uma redação perdida do próprio Mateus, o que poderia ser apresentado aos cristãos como o "programa do Reino". Tanto que já se disse: "se perdêssemos todos os textos do Novo Testamento e sobrassem apenas os capítulos 5, 6 e 7 de S. Mateus, teríamos o essencial da mensagem de Jesus".

Pois bem: nesse texto profundo e denso, essencial para a nossa vida e para a nossa Fé, aparece duas vezes o termo "filho", sete vezes o termo "irmão" e 15 vezes o termo "Pai". A família de Deus, como expressão do Reino programado pela divina Sabedoria, está presente, viva, comprometedora no "Sermão da Montanha".

Mas não é só no "Sermão da Montanha" que o conceito de família, com os seus correlatos: Pai, irmão, irmã etc., está presente.

Basta pensarmos em algumas colocações de S. Paulo, o apóstolo que se chamava de "abortivo" a si mesmo, mas penetrou profundamente o sentido da mensagem de Jesus. Paulo diz que Jesus é o primogênito, o filho mais velho em três passagens ricas de conteúdo: primogênito de todas as criaturas (Cl 1,15), primogênito dos irmãos (Rm 8,29), primogênito de todos os que morreram (Cl 1,18). Ao "filho primeiro gerado" do Amor do Pai compete toda a primazia de todos os seres criados, mas de modo particular de todos os que foram chamados a participar da grande família dos filhos de Deus.

Sobre este sólido e belíssimo fundamento se constrói, cada ano, no tempo da Quaresma, a Campanha da Fraternidade, cada vez com seu tema especial. Este ano o tema é: "Fraternidade e Juventude". Com o lema: "Juventude — Caminho Aberto". O tema é extremamente desafiador. Não apenas por ser a juventude um campo experimental de todas as ideologias (como vimos em tempos passados na Alemanha nacional-socialista, na Itália fascista e nos diversos países comunistas). Mas também porque em nosso país, como em toda a América Latina, os jovens pelo seu peso numérico exigem da Igreja uma atenção pastoral muito particular. Com abundantes ou parcos resultados, a Campanha da Fraternidade deste ano leva milhares de comunidades e milhões de pessoas a refletir sobre a juventude no Brasil e na Igreja de hoje.

MARCA PROFUNDA: A REVOLUÇÃO DE 64

Adriano, bispo diocesano

Criada em 26 de março de 1960, a Diocese de Nova Iguaçu, pela vizinhança do Rio de Janeiro e pela sua problemática social, deveria ser necessariamente envolvida na fermentação ideológica dos anos sessenta. Deveria ser também um alvo da repressão, sobretudo a partir da posse do terceiro bispo.

A revolução vitoriosa em 1º de abril de 1964 queria justificar-se com os fenômenos que seriam causadores da crise: inflação, subversão, corrupção. E sobretudo com o perigo de o Brasil ser levado pelo Governo João Goulart para a zona de influência comunista.

Os Estados Unidos da América do Norte arvoraram-se em campeões da democracia e dos "valores cristãos ocidentais", e procuraram, por todos os meios, estimular uma reação ideológica, política, militar e mesmo religiosa contra o pretenso perigo comunista. Convenceram os militares e fizeram da Escola Superior de Guerra o foco de doutrinação da chamada "ideologia da segurança nacional". Convenceram os empresários. Convenceram, com notável habilidade, membros do clero, também alguns bispos. Uma campanha em si religiosa e pastoral, como a Cruzada do Rosário em Família, foi, parcialmente, desvirtuada e posta, em muitos lugares, a serviço do anticomunismo.

Cedo foi possível à Igreja compreender e sentir na carne a hipocrisia da "Gloriosa". O elitismo tradicional de nossa história — elite cultural, elite empresarial, elite política, elite religiosa e elite militar — foi assumido de maneira radical pelos militares que através de processos hipocritamente de-

mocráticos — conservaram o Congresso, conservaram eleições e partidos, conservaram um certo rodízio dos generais de plantão (com exclusão total da Marinha e da Aeronáutica, menos confiáveis, quando se tratava de "candidatos" para o cargo de Presidente) — impuseram durante vinte e um anos (1964-1985) um regime de mesquinheza, de ressentimento, de ambição de poder total que, sem dúvida nenhuma, veio agravar o desenvolvimento global do Brasil. Com intensidade maior ou menor impôs-se a violação dos direitos humanos e dos direitos civis, através da ditadura, infalível e incontestável da mediocridade.

Creio que na história do Brasil nunca tiveram tanto poder pessoas mais medíocres do que a maioria dos generais-presidentes que à força impôs ao Colégio Eleitoral e este, apesar das numerosas e castigadas exceções, ao Povo brasileiro.

Não foram somente os militares. Também civis, pelos mais diversos motivos, e de muitas maneiras colaboraram com os generais, almirantes e brigadeiros, para consolidarem a "Gloriosa". Quantas vezes, no auge da presunção do poder, afirmavam, como dogma infalível, que "a Revolução veio para ficar".

A Igreja teve de pagar caro a simpatia dos primeiros tempos, a confiança inicialmente posta nas boas intenções dos poderosos — civis e militares.

Numa região de sofrimento social, como é a Baixada Fluminense, onde se resume, em contraste escandaloso com a civilização sofisticada da Zona Sul, a miséria do Brasil Grande, onde os impulsos de renovação conciliar com sua compreensão mais profunda do mistério da salvação em Jesus Cristo e na Igreja impunham uma Pastoral centrada na pessoa humana, quer dizer: no irmão pequeno e miserável, na irmã marginalizada e oprimida — aqui deveria fazer-se notar a dureza do regime revolucionário.

A dois passos da Baixada estão os quartéis da Vila Militar com sua rede de espionagem ininterrupta, através dos militares, da Polícia, dos órgãos de informação, através também dos civis bempensantes, animados por seus interesses pessoais e alimentados pela ideologia da segurança nacional.

Olhando os vinte e cinco anos passados com olhos de cristão, com o coração de cidadão brasileiro que ama o seu Povo e, por isto, não pode submeter-se ao elitismo dominador e radical dos militares, tenho de confessar que foram anos difíceis em todos os sentidos. Havia uma fiscalização cerrada. Em toda parte os nossos agentes de Pastoral eram seguidos e ameaçados. Quantas invasões arbitrárias, de dia ou de noite, em casas de nossos leigos, em casas paroquiais e em próprios da Igreja.

Hoje, com a liberação dos documentos secretos dos órgãos de informação, é possível descobrir o grau de ignorância do Evangelho e da doutrina social da Igreja (mas também da doutrina de Marx) naqueles "patriotas" que, do alto de sua mediocridade, se julgavam os únicos patriotas e os donos absolutos da verdade.

MARCA PROFUNDA: O CONCÍLIO

Adriano, bispo diocesano

A Diocese de Nova Iguaçu foi criada em 26 de março de 1960 pela bula "Quandoquidem Verbis" do Papa João XXIII. São trinta e dois anos de vivência, de crescimento, de testemunho que demonstram, à luz da Fé, a ação do Espírito Santo no seu Povo humilde e bom da Baixada Fluminense.

O Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Deus de misericórdia e de toda a consolação, me deu a alegria de participar dessa caminhada pastoral e humana já por vinte e cinco anos. Completados neste dia 6 de novembro de 1991. Desta primeira fase da história da Igreja em Nova Iguaçu coube-me um quarto de século. O tempo de uma geração. Sou reconhecido e grato à Divina Providência por ter-me desenraizado do meu Nordeste mártir para me enraizar, profundamente, definitivamente na terra mártir da Baixada.

Olho para trás. Recordo o caminho percorrido. E tento descobrir certas marcas profundas que determinaram e determinam nossa Pastoral, isto é: nosso esforço de anunciar Jesus Cristo como salvador real, concreto do seu Povo escolhido.

Primeira marca, certamente a mais profunda e duradoura, foi o Concílio Ecumênico Vaticano II, do qual participou nosso segundo bispo Dom Honorato Piazera SCJ e participei também, desde a segunda sessão (1963), como bispo-auxiliar da Bahia. Na História da Igreja do século XX o Vaticano II em sua realização, em seus desdobramentos, em suas conseqüências ocupa certamente o primeiro lugar. Não houve aspecto da vida da Igreja que não sofresse a ação profunda e coerente do Concílio. Também nossa diocese foi marcada, está sendo ainda marcada pelo processo de renovação, de ajornamento conciliar. Graças a Deus.

Os primeiros anos da diocese de Nova Iguaçu foram, em parte, contemporâneos do Concílio.

Em 11 de outubro de 1962, festa da maternidade de Maria, começava o primeiro período conciliar. Com passos incertos. Sob olhares desconfiados. Denunciando desde as primeiras sessões um contraste cerrado entre uma linha conservadora que pretendia dogmatizar, condenar, reafirmar a autoridade eclesiástica e uma linha carismática que procurava realizar uma encarnação da Igreja nos tempos modernos, para ela ser o que sempre foi e será: anúncio compreensível do mistério do Amor de Deus em Jesus Cristo, nosso irmão primogênito. Graças à ação do Espírito Santo num homem bom e pobre, como João XXIII, e tantos outros pós-conciliares foi possível pôr o acento principal num Concílio que, sempre reafirmando o conteúdo da Revelação divina, quis ser antes de tudo pastoral. Esse dualismo ainda se encontra nos documentos conciliares, prevalecendo no entanto a linha da renovação e da abertura para o mundo que Jesus Cristo veio salvar pelo ministério da Igreja.

Em 8 de dezembro de 1965 terminava o Concílio. Terminava em Roma. Mas ia começar na Igreja universal. Guiados pelos documentos conciliares e, aos poucos, pelos documentos de aplicação emanados da Santa Sé, iríamos nós bispos com o Povo de Deus aplicar o Concílio às situações concretas de nossas dioceses. Embora tivéssemos vivido o Concílio e aprendido lições admiráveis da Igreja Universal, cada bispo em cada país, em cada nação, em cada Povo teria de sentar-se assiduamente nos bancos da Fé para escutar a voz do Espírito Santo. Mas o Espírito agia também no Povo de

Deus, em seu conjunto. De maneira que foi possível realizar muito da tarefa gigantesca de renovação da Igreja em seus aspectos pastorais.
Dom Honorato assumiu a tarefa com humildade e decisão. Nisto recebeu ajuda extraordinaria da Congregação do Imaculado Coração de Maria (Scheut), padres e religiosas, que ele tinha conseguido trazer para Nova Iguaçu. Cabe aos missionários de Scheut o primeiro esforço de implantar o Concílio em nossa diocese. Não sem muitas dificuldades. Não sem contradição. Através do DERNI — Departamento do Ensino Religioso de Nova Iguaçu — e depois através do CEPAC — Centro de Pastoral Catequética — padres e irmãs de Scheut fizeram um excelente começo de renovação conciliar que o terceiro bispo, já agora com a ajuda de novos documentos da Santa Sé e de outros muitos agentes de Pastoral, pôde continuar e aprofundar.
Durante vinte e cinco anos espalhou-se na diocese a "alegria do Concílio", com a participação mais vivenciada da Liturgia, com a participação sempre mais ampliada dos leigos, com a identificação crescente do clero (em certos momentos éramos padres de quinze nações diferentes) com o sofrimento do Povo.

VATICANO II E DIOCESE DE NOVA IGUAÇU: SINCRONIA

1956 mar 05 — Pio XII nomeia o P. Agnelo Rossi, da Diocese de Campinas, para terceiro bispo de Barra do Piraí, RJ.

abr 15 — P. Agnelo Rossi é sagrado bispo.

1958 fev 14 — Pio XII nomeia o P. Walmor Battú Wichrowski, da Diocese de Santa Maria, para bispo-auxiliar de Santos, SP.

mai 25 — P. Walmor é sagrado bispo com o título de Sanaro.

out 09 — Falece Pio XII.

out 28 — O Cardeal Angelo Giuseppe Roncalli, patriarca de Veneza, é aos 78 anos eleito Papa, assumindo o nome de João XXIII.

nov 04 — João XXIII começa o ministério de Papa.

1959 jan 25 — João XXIII anuncia, imprevistamente, a intenção de convocar um Concílio Ecumênico.

mai 17 — João XXIII institui a Comissão Preparatória do Concílio.

jul 11 — P. Honorato Piazera SCJ, provincial da Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, é eleito por João XXIII bispo titular de Termesso e auxiliar do Rio de Janeiro.

out 11 — P. Honorato Piazera SCJ é ordenado bispo.

1960 mar 26 — Pela Bula "Quandoquidem Verbis" João XXIII cria a arquidiocese de Niterói e as Dioceses de Nova Friburgo e de Nova Iguaçu.

abr 23 — João XXIII nomeia Dom Walmor Battú Wichrowski, bispo-auxiliar de Santos, como primeiro bispo diocesano de Nova Iguaçu.

jun 05 — João XXIII cria dez Comissões e três Secretariados com o objetivo de preparar os primeiros esquemas para o Concílio.

jun 12 — Dom Walmor Battú Wichrowski assume a Diocese de Nova Iguaçu, como primeiro bispo diocesano.

1961 mai 30 — João XXIII transfere Dom Walmor Battú Wichrowski da Diocese de Nova Iguaçu para bispo-auxiliar de Santa Maria, RS.

jun 14 — Depois da celebração da festa do padroeiro Santo Antônio, Dom Walmor Battú Wichrowski deixa a Diocese de Nova Iguaçu.

jun 22 — João XIII nomeia Dom Honorato Piazera SCJ, bispo-auxiliar do Rio de Janeiro, como administrador da Diocese de Nova Iguaçu.

dez 14 — João XXIII nomeia Dom Honorato Piazera SCJ como segundo bispo diocesano de Nova Iguaçu.

dez 17 — Dom Honorato Piazera SCJ assume seu ministério de bispo de Nova Iguaçu.

dez 25 — Pela constituição apostólica "Humanae Salutis" João XXIII fixa para 1962 a abertura do Concílio Ecumênico.

1962 fev 02 — João XXIII publica o motu próprio "Concilium", fixando para o dia 11 de outubro de 1962 o começo oficial do Concílio Ecumênico.

set 06 — João XXIII nomeia Dom Agnelo Rossi como segundo arcebispo de Ribeirão Preto, SP.

out 11 — 1ª sessão pública, dando início ao Concílio Vaticano II, na basílica de S. Pedro, em Roma. Tomam parte também Dom Walmor Battú Wichrowski, Dom Honorato Piazera SCJ e Dom Agnelo Rossi.

nov 22 — João XIII nomeia Fr. Adriano Hypolito OFM, conselheiro da Província Franciscana de Santo Antônio (Recife) para bispo-auxiliar do Cardeal Primaz do Brasil Dom Augusto Alvaro da Silva, em Salvador, BA.

dez 08 — Sessão conclusiva do primeiro período conciliar.

1963 fev 17 — Fr. Adriano Hypolito OFM é ordenado bispo titular de Dióspolis da Trácia e auxiliar de Salvador.

jun 03 — Morte de João XXIII, interrupção do Concílio.

jun 13 — Centenário da criação da paróquia de Santo Antônio de Jacutinga, Catedral da Diocese de Nova Iguaçu (1863-1963).

jun 21 — Eleição do Cardeal-Arcebispo de Milão Giovanni Battista Montini, para sucessor de João XXIII. Assume o nome de Paulo VI e anuncia a continuação do Concílio Vaticano II.

jun 30 — Paulo VI assume seu ministério de Papa.

set 29 — 2ª sessão pública e começo do segundo período conciliar. Participação de Dom Adriano Hypolito OFM.

dez 04 — 3ª sessão pública e encerramento do 2º período, com a aprovação e publicação dos dois primeiros documentos conciliares: constituição "Sacrosanctum Concilium", sobre a Liturgia, e decreto "Inter Mirifica", sobre os meios de Comunicação Social.

1964 jan 25 — Instituição do Conselho para a execução da constituição "Sacrosanctum Concilium", sobre a Liturgia.

abr 02 — Instituição da Comissão para a execução do decreto "Inter Mirifica", sobre os Meios de Comunicação Social.

maio 18 — Criação do Secretariado para as religiões não-cristãs.

set 14 — 4ª sessão pública de abertura do 3º período conciliar.

nov 01 — Paulo VI transfere Dom Agnelo Rossi de Ribeirão Preto para São Paulo como quarto arcebispo.

nov 21 — 5ª sessão pública, encerrando o terceiro período conciliar, com a aprovação e publicação de três documentos: constituição dogmática "Lumen Gentium" sobre o ministério da Igreja; decreto "Orientalium Ecclesiarum", sobre as Igrejas Orientais Cristãs; e decreto "Unitatis Redintegratio", sobre o Ecumenismo.

1065 fev 22 — Paulo VI nomeia Dom Agnelo Rossi cardeal da Igreja.

abr 04 — Instituição do Secretariado para os não-crentes.

set 14 — 6ª sessão pública e abertura do 4º e último período conciliar.

set 15 — Paulo VI publica o motu próprio "Apostolica Sollicitudo", instituindo o Sínodo dos Bispos.

out 28 — 7ª sessão pública, com a aprovação e publicação dos cinco documentos: decreto "Christus Dominus" sobre a Missão Pastoral dos Bispos na Igreja; decreto "Optatam Totius" sobre a Formação Sacerdotal; decreto "Perfectae Caritatis" sobre a Atualização da Vida Religiosa; declaração "Gravissimum Educationis" sobre a Educação Cristã; e declaração "Nostrae Aetate" sobre as Relações da Igreja com as Religiões não-Cristãs".

nov 18 — 8ª sessão pública, com a aprovação de dois documentos: constituição dogmática "Dei Verbum", sobre a Revelação Divina, e decreto "Apostolicam Actuositatem" sobre o Apostolado dos Leigos.

dez 07 — 9ª sessão pública, com a aprovação e publicação de quatro documentos: constituição pastoral "Gaudium et Spes" sobre a Igreja no mundo de hoje; decreto "Presbyterorum Ordinis" sobre o ministério e a vida dos padres; decreto "Ad Gentes", sobre a atividade missionária da Igreja; e, afinal, declaração "Dignitatis Humanae" sobre a Liberdade Religiosa. Como gesto ecumênico Paulo VI anulou o decreto de excomunhão entre Roma e Constantinopla. Como gesto de reconciliação interna para o futuro o Papa transformou o Santo Ofício da Inquisição na Congregação para a Doutrina da Fé.

dez 08 — 10ª sessão pública, encerrando solenemente o Concílio Vaticano II.

1966 fev 12 — Paulo VI transfere Dom Honorato Piazera SCJ, de Nova Iguaçu para a Diocese de Lajes, SC, como bispo titular de Castello Jabar e coadjutor do bispo diocesano Dom Daniel Hostin OFM.

mar 16 — Dom Honorato Piazera SCJ deixa a Diocese de Nova Iguaçu.

abr 02 — Paulo VI nomeia Dom José Gonçalves da Costa CSSR, bispo-auxiliar do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro, e secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) como administrador apostólico da Diocese de Nova Iguaçu.

ago 29 — Paulo VI transfere Dom Adriano Hypolito OFM de bispo-auxiliar de Salvador para terceiro bispo diocesano de Nova Iguaçu.

nov 06 — O Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro, empossa Dom Adriano Hypolito OFM como bispo de Nova Iguaçu.

CÚRIA DIOCESANA

1. Decretos

Decreto 01/92 — Regimento das Eleições Diocesanas de 1992

De acordo com a tradição de nossa diocese, entrego às nossas comunidades o texto do Regimento das eleições diocesanas de 1992, que, depois de discutido, foi aprovado na sessão de 10 de fevereiro de 1992 do Conselho Presbiteral e agora é promulgado:

Art. 01 — Normas Gerais

§ 01 — As eleições diocesanas serão realizadas do mês de maio ao mês de julho, em diversas etapas.
§ 02 — No sábado, dia 4 de julho, a partir das 8:00 h, reúne-se no Centro de Formação, Moquetá, o Grêmio Eleitoral, constituído segundo as normas deste Regimento, para a etapa final das eleições.
§ 03 — Todos os sufrágios serão secretos, por meio de cédulas, de tal modo que sairá eleito o candidato que, nos dois primeiros escrutínios, tiver maioria absoluta (metade mais um), e, no terceiro, quem tiver maioria relativa (o mais votado) de votos válidos. Votos inválidos não são contados.
§ 04 — Todas as eleições são feitas candidato por candidato.
§ 05 — Em nenhuma etapa ou escrutínio se admite voto por representação ou delegação.
§ 06 — Casos omissos serão resolvidos pelo bispo diocesano com o vigário-geral e os provigários-gerais.

Art. 02 — Eleição do vigário-geral, do provigário-geral e do coordenador

§ 01 — O vigário-geral, o provigário-geral e o coordenador diocesano de Pastoral serão eleitos em duas etapas.
§ 02 — Primeira etapa: na sessão ordinária do Conselho Presbiteral em 12 de maio, o Conselho Presbiteral escolhe, em eleição prévia, dois nomes dentre os membros do presbitério de Nova Iguaçu para candidato ao serviço de vigário-geral, dois para o serviço de provigário-geral e dois para o serviço de coordenador diocesano da Pastoral. Estes nomes serão comunicados imediatamente à diocese.
§ 03 — Segunda etapa: no dia 4 de julho, o Grêmio Eleitoral elege, dentre esses candidatos, o vigário-geral, o provigário-geral e o coordenador diocesano de Pastoral. Esses três eleitos não têm suplente.

Art. 03 — Eleição dos coordenadores regionais

§ 01 — O coordenador de cada uma das sete Regiões Pastorais de nossa Diocese será eleito em duas etapas.
§ 02 — Primeira etapa: durante os meses de maio e junho o Conselho Regional existente em cada uma das sete Regiões Pastorais escolhe, em eleição prévia, dois nomes de padres da Região como candidatos ao serviço de coordenador regional que é, ao mesmo tempo, membro do Conselho Presbiteral. Os nomes sejam quanto antes comunicados à diocese.
§ 03 — Segunda etapa: no dia 4 de julho o Grêmio Eleitoral elege dentre os dois candidatos aquele que será o coordenador da Região e membro do Conselho Presbiteral, cabendo ao segundo colocado o serviço de suplente tanto na região como no Conselho Presbiteral.

Art. 04 — Eleição complementar

§ 01 — No dia 21 de julho, na sua reunião mensal, o presbitério elege, por direito seu (cf. cc. 497-499), dentre os padres que não foram eleitos no dia 4 de julho, mais três membros do Conselho Presbiteral.
§ 02 — Logo em seguida serão eleitos os três suplentes.

Art. 05 — Grêmio Eleitoral

§ 01 — O Grêmio Eleitoral será composto:
— do bispo diocesano com todo o presbitério;
— do Conselho Pastoral existente;
— de mais um representante por Conselho Paroquial;
— de mais um representante de paróquia que tenha de uma a cinco comunidades;
— de mais um representante por grupo subseqüente de cada cinco comunidades.
§ 02 — Na convocação oficial serão mencionados todos os nomes que compõem o Grêmio Eleitoral.
§ 03 — O Grêmio Eleitoral exerce as funções previstas neste Regimento.

Art. 06 — Constituição do Conselho Presbiteral

§ 01 — De acordo com as eleições dos dias 4 e 21 de julho, com as normas do Direito Canônico e desta diocese, fazem parte do Conselho Presbiteral:
— o bispo diocesano;
— o vigário-geral;
— o provigário-geral;
— o coordenador diocesano de Pastoral;
— os sete coordenadores das Regiões Pastorais;
— os três padres eleitos pelo presbitério.
§ 02 — Cabe ao Conselho Presbiteral cooptar outros membros, para corresponder melhor à dinâmica da Pastoral de nossa diocese.

Art. 07 — Constituição do Conselho Pastoral

§ 01 — De acordo com as normas diocesanas fazem parte do Conselho Pastoral:
— o bispo diocesano com todo o presbitério;
— todas as regentes de paróquias;
— o coordenador de cada Comissão Diocesana de Pastoral;
— um representante de cada Conselho Paroquial;
— duas religiosas escolhidas pelas religiosas;
— representantes de Associações Religiosas ou de outras entidades convocadas oportunamente.

Art. 08 — Validade deste Regimento

§ 01 — Todos os serviços mencionados neste Regimento duram por um período de três anos, a contar das eleições de 4 de julho de 1992.
§ 02 — Este Regimento vale somente para as eleições de 1992.

Este Regimento aprovado pelo Conselho Presbiteral e pelo Bispo Diocesano entra em vigor na data de sua publicação no Boletim Diocesano.

Nova Iguaçu, 11 de março de 1992
Adriano, bispo diocesano

2. Comunicados

Com. 05/92 — Encerramento do Sínodo (21-03-92) — Com a graça de Deus estamos chegando ao final do 1º Sínodo Diocesano. Nos meses de fevereiro e de março realizamos a última etapa, o Sínodo propriamente dito. Na sessão de 21 de março serão feitas as votações sobre cada trecho do documento e no fim sobre o documento sinodal no seu conjunto. No final da sessão faremos uma celebração de ação de graças pelos muitos benefícios que o Sínodo trouxe para todas as comunidades e paróquias, para toda a nossa diocese. A promulgação solene do documento sinodal será realizada na Quinta-feira Santa, 16 de abril. Na mesma ocasião serão distribuídos os primeiros exemplares do documento.

Com. 06/92 — Dedicação da Catedral (26-03-92) — No dia 26 de março comemoramos os 32 anos da criação de nossa diocese. Criou-a o Papa João XIII pela bula "Quandoquidem Verbis" (26-03-60), com a qual criou também a diocese de Nova Friburgo e a arquidiocese de Niterói. Na mesma data celebramos também a solenidade da dedicação da Catedral de Santo Antônio, de Nova Iguaçu. Na Catedral, solenidade. Em toda a diocese, festa.

Com. 07/92 — Quinta-feira Santa (16-04-92) — Na Quinta-feira Santa, às 9:00 h, o irmão celebrará com os irmãos padres a Santa Missa da bênção dos santos óleos, na Catedral. Para esta concelebração, que quer ser a expressão da unidade do presbitério com o seu bispo, convidamos todos os membros do nosso presbitério. Tratando-se, como é de prever, da última concelebração de Quinta-feira Santa presidida por nosso irmão bispo, pedimos a todos os padres e fiéis uma presença maciça na Catedral.

Com. 08/92 — 30ª Assembléia da CNBB (29-04/08-05-92) — Na segunda semana de Páscoa, em 29 de abril, tem lugar a 30ª Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em Itaici. A Assembléia, que dura até o dia 8 de maio, tem como assuntos principais: "Educação: Exigências Cristãs" e "Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã" (IV Conferência do Episcopado Latino-Americano, em Santo Domingo). Entre os assuntos, menores mas sempre numerosos, estão, por exemplo, "Celebração da Palavra, Formação Presbiteral, Difusão da Bíblia, Pastoral da Juventude, Celebração do 5º Centenário da Evangelização da América Latina" etc. Na mesma Assembléia serão eleitos os delegados do Episcopado Brasileiro para a IV Conferência do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo. Pedimos a todas as comunidades que rezem pelo bom resultado da 30ª Assembléia para o bem da Igreja do Brasil.

Com. 09/92 — Eleições Diocesanas de 1992 (maio/julho) — Como de costume, cada três anos, teremos em 1992 as eleições diocesanas para preenchimento dos ministérios de nossa diocese e para nosso Conselho Presbiteral. Depois de longamente discutido em várias sessões foi aprovado na sessão do Conselho Presbiteral de 10 de março o Regimento das Eleições Diocesanas de 1992 que vem publicado neste número do Boletim Diocesano. — Nova Iguaçu, 11 de março de 1992. P. Renato Stormacq, vigário-geral.

Encerramento deste número: 11-03-92. Endereço do BD: Cúria Diocesana, Rua Capitão Chaves, 60 — 26220 Nova Iguaçu, RJ. Ou: Caixa Postal 26001, Nova Iguaçu, RJ. Tel.: (021)767-7943.

CALENDÁRIO PASTORAL
MARÇO DE 1992

02 Retiro, com. Cat. e SElias, COr
05 Encontro de Refl. sobre o Dia Intern. da Mulher (Clube de Mães)
07 (14h00) Abertura da Escola de Fé, P
(09h00) Reunião da CDJP, CENFOR
Estudo dos Padres da Igreja, COr
Panfletagem para a Camp. da Frat.
08 Campanha da Fraternidade: abertura
10 Cons. Presb., CEPAL
11 Dia de Oração para Leigos, COr.
14 Assembléia Sinodal, CENFOR
15 Abert. dos Trab. da Past. Famil, R3
17 Reunião Mensal do clero, COr
21 (09h00) Assembl. do Cons. de repres. das Ocup.
Habitacionais, Car. Dioc.
Assembl. Sinodal, CENFOR
21/22 Curso: Ofício Divino
c 3 Ir Penha e equipe, COr.
22 Mesa-Redonda Vocacional: "Ministérios na Igreja, nas CEBs e na Dioc.", Sem
24 Cons. Presb., CEPAL
26 Aniv. da Dioc. (32 anos)
(08h00) Retiro das Mulheres, COr
28 Assembl. Sinodal, CENFOR
(08h00) Encontro com vocacionados, COr
(08h00) Curso de Prep. para a sem. Santa, Sem (Com. de Lit.)
28/29 CEBs Ret. coord. ou membros do cons.
29 Encerramento do Sínodo Dioc., CENFOR
30 Ret. p/ vovós, COr

CALENDÁRIO SOCIAL
MARÇO DE 1992

04 n(1924) Ana Maria Auxiliadora de Carvalho FSA, Parac.
06 n(1916) Maria Alcântara FB, IESA
n(1919) Manoel de Lima Cáuper CSSp, pOlinda/SS. Trindade
07 m(1980) P. José Beste BR, Conceição
10 m(1970) P. Egídio Camerlijnk CICM, Lote XV
11 o(1967) Antônio Abreu SJ, cCalifórnia
13 n(1946) Gaby Gheysens CICM
n(1943) Maria Carmen Mendes Torge MJC, Banco de Areia
14 (1980) Criação da Diocese de Itaguaí
16 m(1978) P. Dinarte Duarte Passos, SCor. de Jesus/K-11
17 n( ) José Mariano da Silva, mC.Past.
18 n( ) Maria Aparecida Pacífico dos Santos, mCPast.
o(1950) Laurindo Marques CSSp, PQueim./S. Francisco
m(1980) P. Maurício Celestino Fernandes, Rocha Sobr.
19 o(1961) Ivo Plunian AA, COr
22 o(1947) José Fernandes Coujil († 19.11.1991)
23 o(1958) Guilherme Steenhouwer SSCC, pPflora
25 v(1988) Maria da Conceição Tavares NSV, Hel.
26 (1960) Criação da Diocese de Nova Iguaçu
n(1961) Renato José Barbosa de Araújo, cLote V
(1985) Sagração da Cat. de Sto. Antônio, NIguaçu
m(1976) P. Adalberto van Velsen SSCC, PQ. Flora-Vil. de Cava
27 o(1937) D. Agnelo Rossi, Roma
28 n(1936) Dulce Matte FB, Prata
n(1924) Agostinho Pretto, Cura/Cat.

CALENDÁRIO PASTORAL
ABRIL DE 1992

03/05 Curso de Doutrina da Igreja
Pe. Ricardo Antonchit SJ, COr
04 r(09h00) CDJP, CENFOR
05/11 Ret. Intercongr, Pe. Ricardo Antonchit SJ, COr
07 Cons. Past, CENFOR
11 Visita da CDLit. à RPast 7, VCava
14 Cons. Presb, CEPAL
16 Quinta-feira Santa — Confrar. dos Presbíteros
18 Assembl. do Cons. de Repres. das Ocup. Hab, Caritas
19 Páscoa
21 Assembl. Dioc. dos Anim Círc. Bíblicos, Prata
25/26 Retiro para Cateq, COr
25/26 Congr. Dioc. dos Trabalhadores
27 Ret. para vovós, COr
(08h00) Enc. com vocacionados, COr
28 Cons. Presb, CEPAL

CALENDÁRIO SOCIAL
ABRIL DE 1992

03 n(1942) Luigi Costanzo Bruno CEIAL-Coord da Past., pLXV
04 o(1953) Manoel Monteiro Carneiro, pK11
06 o(1968) Paulo Crivellard PSSC († 25.01.90)
07 n(1917) Ana Zilda da Silva FSA, Lajes
11 o(1978) Rodolfo CICM, pCSoares + Cacuia
12 o(1959) Luiz Gonzaga Thomas OFM, CENFOR
n(1921) José Losciale CRL, cN.Mesquita
o(1977) Antônio Sheridan CSSp, cBLuz
n(1954) Diác. Jorge Luiz Soares de Lima, cCabuçu
15 s(1956) Dom Agnelo Rossi, Roma
16 n(1921) Esther Almeida Neves FC, Viga
v(1964) Marta Frei CSCr, Tinguá
17 n(1922) M. Helena Telhada de Azevedo FC, Cabuçu
v(1958) Solange Gisiger CSCr, Sta. Rita
20 o(1968) Francisco Biasin (Dioc. de Itaguaí Dir. Spiritual-Sem. Diocesano)
22 n(1931) Solange Gisiger CSCr, Sta. Rita
v(1990) Susy Jacintho de Assis ICM, RVentos
25 o(1961) Episcopal de Dom Quirino OFM
26 n(1965) Sandra Maria do Eterno Pai OSCI, Mosteiro
27 n(1914) Dom José Gonçalves da Costa CSSr, Em de Niterói
29 n(1924) Ana Conceição F. de Lima FSA, Lajes

Vozes imprimiu

Favor Multiplicar
Para as Comunidades

6º ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBs
CEBs
POVO de DEUS em busca da TERRA PROMETIDA
TRINDADE - GO - 21 a 25-07-1986

Goiânia, 15 de Junho de 1.985

Circular nº 03/85.

Queridos Irmãos,

Estamos lhes escrevendo ainda sob o impacto da partida de nosso querido Arcebispo, Dom Fernando Gomes, que tanto incentivou este 6º Encontro Intereclesial. Deus o chamou dia 1º pp. aos 75 anos de idade, enquanto aguardava a resposta ao pedido de um arcebispo-coadjutor, que ele fizera já há algum tempo. Estamos certos de que, junto com o Pai, Dom Fernando continua conosco nesta caminhada do 6º Encontro! Por estes tempos, quem está à frente da Igreja de Goiânia, como Administrador Arquidiocesano, é o Padre José Pereira de Maria. Reitor da Universidade Catolica de Goiás e, durante muitos anos, Vigário Geral da Arquidiocese, Pe. Pereira é o responsável pela Arquidiocese até a chegada do novo Arcebispo, que ainda não foi nomeado pelo Papa João Paulo II.

Já deveríamos ter escrito esta circular há bastante tempo, bem antes de Dom Fernando falecer. Uma série de circunstâncias atrasaram o envio desta Circular nº 03/85. Por isso, há muitas notícias acumuladas. Mas, antes, um esclarecimento: tanto a Circular nº 1/85 (de 15-1-85) quando a nº 2/85 (de 2-4-85) foram dirigidas somente aos irmãos do Regional Centro Oeste da CNBB (que compreende Goiás, Distrito Federal e São Félix-MT) e aos membros da Equipe de CEBs do Regional Extremo-Oeste (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul..

Ainda um outro ponto preliminar muito importante. Ao longo destas últimas semanas, refletindo com vários assessores - bispos, teólogos, agentes pastorais diversos - fomos compreendendo que não podemos considerar o 6º Encontro apenas os cinco dias em julho de 1986 durante os quais estaremos reunidos em Trindade. Na verdade, todo este tempo, desde agora, em que estamos refletindo, rezando, discutindo, partilhando, é já um tempo de 6º Encontro. Portanto, não consideramos mais estes meses apenas uma "preparação" ao 6º Encontro, mas nos consideramos já em tempo de 6º Encontro. Os dias do Encontro em Trindade, em julho/86, serao a grande celebraçao, o momento culminante, a síntese deste 6º Encontro que já estamos vivendo.

Neste sentido, o Pe. José Pereira de Maria, Administrador Arquidiocesano de Goiânia, preparou uma carta, assinada também por Dom Antônio Celso Queiroz, Bispo Auxiliar de São Paulo e responsável, na CNBB, pela Linha-I (CEBs). Essa carta é uma convocação solene a todas as CEBs e a todas as Igrejas para que abram, oficialmente, o 6º Encontro, dia 21 de julho de 1985. Essa abertura solene deve ser feita em todas as comunidades, paróquias, dioceses e regionais; ou seja, em todas as instâncias eclesiais. Naturalmente, não se pretende interferir na dinâmica própria e na programação de cada Igreja Particular. Mas ficam aqui a sugestão e o apelo. A referida carta, que seria multiplicada em cada lugar, estará chegando a vocês até o final deste mês de junho.

Bem, vamos à partilha das notícias.

1 - Papel timbrado - Como podem ver, estamos com papel timbrado com o logotipo do 6º Encontro. O desenho é do Pe. Mário Aldighieri, secretário executivo da CPT Nacional.

Secretaria do 6º Encontro Intereclesial das CEBs
Praça Dom Emanuel s/nº - Centro — Cx. P. 174 — 74000 - GOIÂNIA-GO — Fones: 223-1132 e 223-0758

2 - Comissões do 6º Encontro - Depois de alguns remanejamentos, estão definitivamente constituídas três diferentes comissões, encarregadas da articulação do 6º Encontro. A primeira é a Comissão Executiva (esta que lhes escreve), formada por 12 pessoas da Arquidiocese de Goiânia (agentes pastorais e animadores de CEBs) e duas companheiras da Equipe de CEBs do Regional Extremo-Oeste da CNBB (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul). A Comissão Executiva se reúne a cada 15 dias; além disso, quatro membros da Executiva fazem uma reunião semanal. A segunda Comissão é a Comissão Arquidiocesana, encarregada de animar, a nível de Arquidiocese de Goiânia, as comunidades a participarem do 6º Encontro. Integram a Comissão Arquidiocesana: todos os membros da Executiva; oito agentes pastorais, representando cada uma das Comissões Pastorais da Arquidiocese de Goiânia; vários representantes das CEBs de Goiânia (Capital e Interior); e ainda companheiros da CNBB Regional, do Cebi, da CPT etc. A Comissão Arquidiocesana tem reuniões mensais. (Pensamos que cada diocese deve, no tempo oportuno, estruturar também sua própria Comissão de CEBs - como fruto, é claro, de uma caminhada; nada criado de cima para baixo). Finalmente, a terceira Comissão é a Comissão Ampliada, com quatro reuniões em 1985, e que é formada por: toda a Executiva; sete representantes da Comissão Arquidiocesana de Goiânia (seis da base e um agente); três representantes de cada Diocese do Regional Centro-Oeste (dois da base e um agente); e mais alguns representantes do Regional Extremo-Oeste.

3 - Datas e assessores das reuniões da Comissão Ampliada - A primeira reunião da Comissão Ampliada foi dias 13 e 14 de abril pp., com assessoria do Pe. Marcelo Barros. Tema: "A Terra na Bíblia". As outras três reuniões da Comissão Ampliada serão: dias 26 e 27 de julho (assessoria da Equipe de CEBs do Regional Extremo-Oeste da CNBB); 5 e 6 de outubro (assessoria da CPT Nacional); e 7 e 8 de dezembro (assessor: Frei Betto).

4 - Critérios de participação em Trindade - Já temos pensado alguma coisa sobre isso, que queremos partilhar com vocês (e esperamos sugestões, também, até 20 de julho, para podermos amarrar esta questão na reunião da Ampliada). Pensamos num total de 1000 participantes (pessoal da base e agentes), além dos bispos, assessores, observadores qualificados e irmãos vindos de outros países. Esses mil participantes viriam na proporção de cinco irmãos da base para um agente pastoral, cabendo a cada Regional da CNBB 70 participantes, aproximadamente. É claro que este é apenas um número de referência; um teto. Os Regionais que não forem ocupar as 70 vagas podem ceder parte delas a outros Regionais que tenham condições de mandar mais representantes. Quantos aos demais participantes: os bispos são convidados natos, todos eles; os assessores, observadores qualificados e irmãos de outros países serão convidados e credenciados pela Comissão Executiva. Escrevam com sua opinião e sua sugestão.

5 - Articulação nos Regionais - Como falamos atrás, é bom que cada comunidade, cada paróquia, cada diocese e cada Regional vá fazendo sua própria programação. Estamos pensando que os representantes para participarem de Trindade em 1986, deveriam ser escolhidos em assembléias dos Regionais, como coroamento da caminhada. Até abril/86 nós, em Goiânia, precisaremos ter recebido relatórios bem completos da caminhada dos Regionais. Em junho de 1986 — dias 5 a 8 - teríamos uma Ampliada Nacional, em Trindade, com dois representantes de cada Regional da CNBB (um da base e um agente). Faríamos aí, uma síntese da caminhada e montaríamos o programa dos cinco dias finais do 6º Encontro, em Trindade (21 a 25 de julho).

6 - Cartaz e Camisetas - Já temos um belo desenho feito pela Irmã Elda Broilo, carlista, que será reproduzido no cartaz nacional e nas camisetas do 6º Encontro. Breve teremos cartazes e camisetas à disposição das comunidades. Aguardem mais informações. Sabemos de algumas dioceses e até Regionais que pretendem fazer seu próprio cartaz do 6º Encontro. Isto é muito bom! Para os que quiserem, o desenho da Irmã Elda está à disposição para aproveitamento nesses cartazes ou em outras publicações que se fizerem pelo Brasil afora.

7 - Subsídios

7.1. - Folhetos - Já estão sendo preparados cinco folhetos (de 4 páginas cada) sobre os cinco encontros intereclesiais já realizados. Conteúdo: histórico do encontro (uma página); conclusões (uma página); e celebração (duas páginas). Estes folhetos vão sair encartados na REVISTA DA ARQUIDIOCESE, e também em separata. Os dois primeiros (Vitória-1975 e Vitória-1976) já estão à disposição dos interessados. Vitó -

ria-1975 vem acompanhado de um outro folhetinho com uma introdução geral aos cinco encontros. O conjunto (Vitória-1975, mais folhetinho) custa CR$ 100 a unidade e CR$9.000 o cento. Votória - 1976 custa CR$ 70 a unidade e CR$ 6.000 o cento. As despesas de correio ficarão por conta de quem faz a encomenda. Podem mandar seus pedidos. Também está planejado fazermos subsídios a partir dos encontros da Comissão Ampliada, nos quais sempre temos o acompanhamento de um bom assessor.

7.2. - Texto-Base - Está sendo elaborado por três assessores, um texto-base sobre CEBs, recolhendo as reflexões e experiências feitas nestes anos em que as CEBs do Brasil passam de uma fase experimental para uma confirmação de sua identidade. Este subsídio estará à disposição dos agentes de pastoral e animadores, no início de 1986, numa forma ainda provisória, para ser discutido e receber sugestões, emendas e correções até a reunião da Comissão Ampliada Nacional - dias 5 a 8 de junho/86, em Trindade-Go. Sua redação final será apresentada após o 6º Encontro, como contribuição à caminhada das CEBs no Brasil.

8 - Calendário - Estamos em acertos com a CPT Nacional para se fazer um calendário/86 que enfoque o 6º Encontro. Aproveitaríamos a experiência e a "tradição" da CPT e faríamos um calendário único CPT/6º Encontro.

9 - Músicas - Sabemos que há muitos companheiros que já estão fazendo músicas enfocando o tema do 6º Encontro e a vida das CEBs em geral. Isso é muito bom. A música sempre foi um importante instrumento de reforço de nossa caminhada. Pensamos publicar um livreto com todas as letras dessas músicas para que os dias que passarmos juntos em Trindade possam ser muito animados mesmo! Pensamos, até, na gravação, mais tarde, de um disco com aquelas músicas que se mostrarem as preferidas, durante o encontro em Trindade. Para se dar o primeiro passo, entretanto (o livrinho com as letras), é preciso que os compositores e cantadores nos mandem as letras das músicas que forem fazendo. Quem quiser também mandar uma fita com a música gravada, melhor ainda (mas não é obrigatório).
IMPORTANTE: mandem apenas as músicas que se refiram ao tema do 6º Encontro, nos seus aspectos: CEBs, caminhada, terra, terra prometida. As letras das músicas devem ser mandadas para o seguinte endereço: Pe. César Garcia, Animação Cultural do 6º Encontro - Caixa Postal 174 - 74.000 Goiânia-Go.

10 - Participação das CEBs do Regional Extremo-Oeste - Desde a primeira reunião da Comissão Ampliada dias 6 e 7 de abril, estamos entrosando nossos trabalhos com os irmãos do Regional Extremo-Oeste (MT e MS), que dão uma contribuição permanente, muito importante, para a realização do 6º Encontro.

11 - Correspondência - Estão chegando para a Comissão Executiva dezenas de cartas, de todos os pontos do Brasil - e também do Exterior - com notícias, sugestões ou pedidos de informação e de material. Numa próxima circular, daremos um apanhado geral das principais notícias que temos recebido e que revelam a grande vitalidade das CEBs em nosso País.

Por hoje, é só, queridos irmãos, aguardamos suas notícias e continuemos unidos nesta caminhada em busca da Terra Prometida.

Marlene Castro Ossami

Marlene Castro Ossami
Secretária Executiva.

CEBS

1981

Itaici, 24 de abril de 1981.

Caros irmãos e irmãs que vivem, lutam e celebram sua fé nas comunidades eclesiais de base espalhadas pelo Brasil.

Nós, que escrevemos esta carta, somos companheiros de vocês. Com a solidariedade e o incentivo do presidente da CNBB e com a presença de 17 bispos, estivemos reunidos, aqui em Itaici - SP, nos 20 à 24 de abril de 1981, no IV Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base. Somos mais de 300 pessoas vindas de 71 dioceses e de 18 Estados do Brasil.

Durante estes dias, partilhamos nossas experiências, trocamos idéias sobre a nossa caminhada, celebramos a nossa fé, renovamos o nosso compromisso com Deus e com o povo oprimido e refletimos sobre a nossa missão como Igreja que se organiza para a libertação. O Encontro foi tão bom e tão rico, que nos deu vontade de escrever esta carta para transmitir a vocês um pouco da alegria, da coragem e da luz que nasceu em nós.

No primeiro dia refletimos sobre o nosso papel na Igreja a serviço do povo. O que mais nos impressionou foi o sofrimento do nosso povo. Como Jesus, o povo está sendo crucificado pelos poderes deste mundo, pelo grande pecado que é o sistema capitalista que só procura o lucro. Do norte ao sul, do leste a oeste do Brasil, é o mesmo clamor que sobe em todo o canto. Mas nós temos a certeza: "Deus ouve o clamor do povo!" O clamor do povo é apelo de Deus para nós. Como Moisés, Ele nos envia para lutar pela libertação do povo.

Vimos, que, apesar de tanto sofrimento e de tanta morte as comunidades estão crescendo e aumentando. Animado pela Palavra de Deus que nos chama, o povo está levantando a cabeça, unindo-se cada vez mais para atender os apelos de Deus. Descobrimos que a gente não luta sozinho. São muitos irmãos que, junto conosco estão nesta mesma caminhada. Irmão de outras igrejas cristãs que , como nós, se comprometem nesta luta por causa de sua fé em Jesus Cristo. Outros irmãos de boa vontade que se colocam do lado dos oprimidos por causa do amor que têm à vida e ao povo.

Encontramos muitas barreiras nesta caminhada, mesmo entre nós dentro da Igreja , mas ouvimos a voz de Deus que nos diz: "Vão em frente ! Eu estou com vocês !" Isto nos anima a viver a via sacra junto com o povo oprimido. Pois acreditamos que a vida verdadeira surge da cruz. Deus nos convida para ser o seu povo, para prestar o nosso serviço aos irmãos sofredores, e dar a nossa contribuição na construção de uma sociedade justa e fraterna, onde não haverá mais nem oprimido nem opressor. Foi esta esperança que celebramos juntos no fim do primeiro dia. Fizemos uma grande via sacra, a via sacra da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus e do seu povo crente e oprimido que vive espalhado pelo Brasil.

No segundo e terceiro dia, fomos ver de perto como estamos prestando este nosso serviço ao povo. Procuramos ver como estamos ajudando para melhorar as condições de vida do povo no lugar onde moramos e como estamos colaborando para que haja justiça no mundo do trabalho e na distribuição das terras. Falamos muito da necessidade de nos organizar em sindicatos livres que estejam na mão do próprio trabalhador. Não vai dar para contar tudo nesta carta.

Um dos pontos que recebeu bastante atenção foi a nossa participação política, pois achamos que a política é o que mais influi na vida da gente. Tentamos clarear as nossas idéias neste ponto da política. A política é a grande arma que temos para construir uma sociedade justa do jeito que Deus quer. Mas esta arma está sendo mal usada pelos que nos exploram. Ação política boa é quando nos unimos para defender a nossa vida e os nossos direitos contra os mentirosos e os exploradores, através das associações de bairro, sindicatos e outras formas de organização popular.

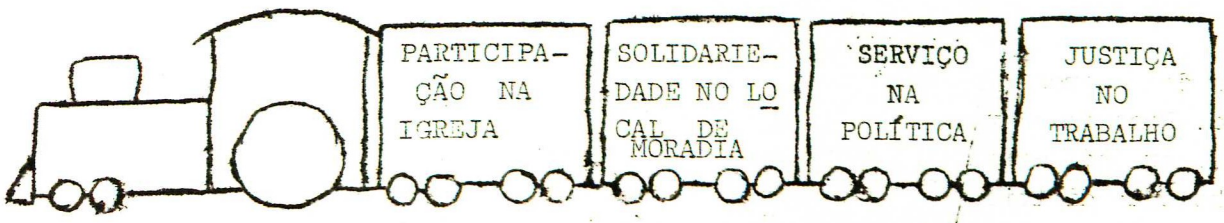
Uma outra maneira de fazer política é através dos partidos políticos. Não devemos ter / medo de entrar na política, pois do contrário, seremos derrubados e enganados pelos politiqueiros espertos e gananciosos. Jesus disse que a gente deve ser simples como a pomba e esperto como a serpente. Por isso devemos discutir entre nós os programas e as práticas dos partidos políticos, descobrir quais os interesses que eles defendem, qual a / mudança de sociedade que eles propõem. Tudo isto devemos fazer com muita seriedade, para poder descobrir quem são os lobos que chegam até nós vestidos de ovelhas, e quais os partidos que vêm realmente vêm do povo e defendem os interesses e os direitos do povo / trabalhador.

Achamos também que a comunidade eclesial de base não é e nem pode ser um núcleo partidário, mas ela é o lugar onde devemos viver, aprofundar e celebrar a nossa fé, onde devemos confrontar a nossa vida e nossa prática com a luz da Palavra de Deus, para ver se a nossa ação política está de acordo com o Plano de Deus. Na comunidade eclesial de base devemos buscar a força para nos animar na luta que fazemos seja no bairro, seja no campo, seja no mundo do trabalho, seja no partido político.

Foi isso que vimos netes quatro dias. Foi tão Bom ! Animou a nossa fé. Sobretudo as celebrações foram um reforço muito grande. Nós descobrimos o seguinte: Quando a gente se reúne para ouvir a Palavra de Deus não pode esquecer de ouvir também a Palavra de Deus/ que está no clamor do povo. Quando a gente se reúne para celebrar na Eucaristia a Paixão, morte e Ressurreição de Jesus, a gente não pode esquecer de celebrar também a paixão , morte e ressurreição do nosso povo crente e oprimido, onde Jesus está presente como crucificado.

Irmãos e irmãs, vamos dar continuidade nesta reformada da Igreja que o Concílio e os documentos de Medellin e de Puebla pedem de nós, esclarecendo a todos que, não devemos ficar nas velhas tradições, principalmente na que alguns dizem que o lugar do cristão é só na igreja para rezar. Cristo pede para nós um coração novo. Portanto, Ele não quer / uma Igreja velha, mas sim, uma Igreja nova, para podermos lutar por um Brasil melhor.

Que a bênção de Deus esteja com todos nós ! Qu seja uma bênção forte que fique conosco e nos anime sempre na construção do Reino de Deus!



V ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBs
4 a 8 de julho de 1983 - Canindé - CE

I/08.0783/02-08

CARTA DE CANINDÉ

Meus irmãos e minhas irmãs, companheiros e companheiras de caminhada, de luta e de perseverança na força do Evangelho de Jesus Cristo, vivido nas CEBs do Brasil inteiro.

Como vocês, somos todos membros de CEBs. Viemos dos fundos de nosso interior e das periferias de nossas cidades para o 5º Encontro Intereclesial de CEBs de todo o país, juntos com 243 irmãos e irmãs das bases, mais de 30 bispos, 60 agentes de pastoral, 15 assessores, 16 observadores, um representante da Igreja Evangélica, alguns irmãos do México, da Bolívia, da Colômbia e da Bélgica; ao todo, com o pessoal da Imprensa e a equipe de serviços, 490 pessoas. Ficamos contentes com a presença do irmão, o Cardeal D.Aloísio Lorscheider, que coordenou o grupo do Ceará, do Maranhão e do Piauí, responsável pela preparação deste Encontro. Alegrou-nos igualmente a presença de D. Luciano Mendes de Almeida, secretário-geral da CNBB e D. Celso Queiroz, responsável das CEBs dentro da Conferência Nacional dos Bispos. A presença destes irmãos e bispos nos deu força na caminhada e nos confirmou na certeza de que somos verdadeiramente Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus, povo unido semente de uma nova sociedade.

Este 5º Encontro Intereclesial se realizou em Canindé do Ceará, nos dias 4-8 de julho. Trata-se de uma região assolada pela seca que castiga vastas regiões do Nordeste já há quase cinco anos. Nesta cidade se encontra o grande santuário popular de São Francisco das Chagas. Para este santuário chegam anualmente milhares e milhares de irmãos sofredores para reforçar sua fé e alimentar sua esperança. No pavilhão do Encontro havia vários mandacarus (espinheiro típico da região) que fica sempre verde no rigor da seca. Havia junto à inscrição: "Só mandacaru resistiu / tanta dor". É o símbolo da fé e da esperança de nossos irmãos nordestinos e de todos nós que também padecemos sob o pecado da opressão e da injustiça social.

Nos dias em que estivemos reunidos parecia que vivíamos do jeito dos primeiros cristãos descrito nos Atos dos Apóstolos: éramos um só coração e uma só alma na oração; trocamos experiências sobre nossas lutas e celebramos nossas vitórias; vivemos da partilha de bens porque toda a comida que fartamente tínhamos sobre as mesas foi dada de graça pelos irmãos das comunidades do Maranhão e do Ceará.

O tema que refletimos nos grupos e discutimos nos plenários foi: "CEBs: povo unido, semente de uma nova sociedade". A riqueza de idéias e sugestões foi tão grande que achamos bom comunidar um pouco disto tudo para vocês. Principalmente gostaríamos de transmitir a vocês a esperança que brota do nosso sofrimento e que nos faz renovar o compromisso de lutar pela libertação de todos, a começar pelos mais carentes que Deus ama de forma especial. Vamos contar para vocês de maneira resumida o que ocorreu nos quatro dias em que estivemos juntos dentro de muita alegria e fraternidade.

No primeiro dia nos ocupamos com a seguinte questão: como está a vida do povo em sua região ? E como o povo está reagindo ? Os relatórios dos Regionais revelaram a grande via-sacra de sofrimentos de nosso povo, via-sacra com estações sem conta nas quais o servo sofredor Jesus Cristo está sempre de novo sendo massacrado, torturado e crucificado na pessoa dos nossos irmãos pobres. Constatamos cinco grandes problemas.

1. a falta de terra no campo e na cidade, para plantar e para morar;

2. o crescente número de agricultores que perdem as terras e se tornam assalariados rurais e até bóias-frias, que já somem 7 milhões no Brasil;

3. desemprego desesperador de milhões de brasileiros;

4. a seca no Nordeste que castiga o povo, sem soluções efetivas do Governo , pois mantêm a dependência dos pobres;

5. a fome generalizada que jamais houve maior em nossa história, trazendo doenças para todos, dizimando nossas crianças. O Brasil é tão grande, mas não é suficiente para os milhões de migrantes que, como novos Abraão, estão em busca da Terra Pro-

metida para si e para seus filhos; o Brasil é tão rico que poderia ser a mesa posta para as fomes do mundo inteiro e, apesar disto, está cheio de marginalizados e famintos. Esta injustiça clama aos céus; nossas comunidades, em nome de Deus, estão ouvindo o grito do irmão oprimido e se decidem com a força de Jesus Cristo e do Espírito Santo a ajudar na libertação.

Para libertar de verdade e não fazer apenas remendos na roupa velha e rasgada, precisamos conhecer as causas destas misérias. Estudamos nos grupos e vimos que o principal produtor da desgraça social é o sistema em que se organizou a sociedade brasileira. Ele funciona bem só para os ricos, mas não se preocupa com os pobres; esse sistema aperta mais e mais a cintura deles e quase os está matando de fome. São os grandes projetos como Carajás, Jica, Pró-Álcool, Ferrovia do Aço, Projeto Nuclear, as grandes barragens que consomem nossas economias e dão vantagens ao capital multinacional. É a nossa própria desorganização como os sindicatos pelegos, como os movimentos populares divididos e prejudicados pela repressão e pelo controle por parte dos órgãos de segurança.

Mas constatamos também que o povo está reagindo. A cada ponta de unha da besta-fera as comunidades e o povo organizado apresentam uma defesa. Compreendemos que não basta atacar as unhas da fera, mas precisamos atingir-lhe o coração e, assim, afastá-la do caminho da libertação. Em razão disto, cresce cada dia o número das CEBs; os bispos e os agentes de pastoral as apoiam com mais força, os sindicatos autênticos aumentam, muitos deles criados com ajuda dos cristãos das comunidades do campo e da cidade; as associações de bairro se multiplicam bem como os grupos de ação e reflexão e os mutirões; as mulheres, os índios e os negros estão despertando e assumindo/ de forma organizada a sua parte na caminhada da libertação; políticos de raízes populares reforçam a causa do povo. Em tudo isto nós vemos a presença de sinais do Reino de Deus e a força da ressurreição de Jesus Cristo. Em nossas celebrações cantamos e agradecemos por estas vitórias que nos custaram tantos sacrifícios.

Neste contexto recordamos nossos irmãos, torturados, assassinados e mártires na luta pela justiça: índios, lavradores, operários e agentes de pastoral; dezessete participantes do Encontro já conheceram a bem-aventurança das perseguições e das prisões por causa de seu compromisso com os irmãos ameaçados de expulsão de suas terras.

No segundo dia refletimos nos grupos esta questão importante: porque as CEBs querem uma nova sociedade ?

Vocês podem imaginar as mil razões que surgiram nos grupos para mudar esta sociedade que aí está. Relatamos apenas algumas razões principais. A primeira é conhecida de todos: do jeito que está organizada, a sociedade é ruim e pobre; produz mais e mais a pobreza e a morte dos pobres de nosso povo. Se a razão de tudo é gerar a vida, defender a vida e promover a vida, então nesta sociedade não se pode mais viver. Descobrimos em nossas trocas de experiências que outras Igrejas cristãs estão se comprometendo na derrubada desta árvore de morte e estão se unindo para plantar, adubar e regar a árvore da vida; outros movimentos e muitos outros companheiros, mesmo não meditando o Evangelho, igualmente lutam pela vida do povo. Eles realizam sem o saber, a vontade de Jesus de nos trazer vida a vida em abundância. Como se vê, muitos querem a libertação. Nós cristãos das comunidades eclesiais de base queremos a libertação dentro da fé, a libertação que nasce do Evangelho e de nossa aceitação do Reino de Deus.

Aqui está queridos irmãos e irmãs de caminhada, a razão principal porque queremos a mudança desta sociedade: porque Deus quer, porque Jesus Cristo pregou, porque o Espírito Santo nos inspira. O projeto de Deus Pai é que todos nos sintamos como filhos, nos amemos como irmãos e coloquemos os frutos da terra a serviço da necessidade de todos. Ele fez uma aliança conosco para que vivêssemos na justiça, no direito/ e na fraternidade. Se existem pobres entre nós é sinal de que a aliança foi rompida. E se o pobre grita, Deus o escuta, denuncia nosso pecado e pede conversão e mudança da sociedade. Nela não deve haver nem rico nem pobre, mas todos trabalhando e colaborando juntos para o bem de todos.

Jesus Cristo pregou o Reino que aparece no nosso meio quando irmão ajuda a irmão, quando os homens se dão as mãos para trabalhar juntos, quando a vida doente e sofrida for libertada, os ódios derem lugar ao perdão e a justiça sorrir nos nossos rosostos. Os frutos do Reino de Deus na nossa caminhada aparecem na participaçao da comunidade e nas nossas associações, no ter voz e vez em todas as coisas que nos dizem respeito, na igualdade e fraternidade que vamos criando. Precisamos mudar a so

ciedade humana para que ela devolva a dignidade a cada pessoa. Se machucamos o rosto do irmão, não podemos mais reconhecer o rosto de Cristo estampado no rosto de cada filho de Deus. O Espírito Santo nos dá força para que lutemos na mudança da sociedade; só assim, as sementes da ressurreição de Jesus começam a crescer dentro de nossa vida e a produzir frutos de comunhão e participação na Igreja e na vida social.

No fim do segundo dia fizemos uma belíssima celebração da misericórdia e do perdão de Deus, orientada pelo nosso irmão D. Pedro Casaldáliga. Foi impressionante ver os negros, as mulheres, os homens, os operários e lavradores, ficarem de pé, estenderam as mãos sobre os vizinhos e simbolizarem a comunicação da graça de Deus. Depois, os bispos se ajoelharam na frente da assembléia, pediram perdão, e nos deram em nome de Deus e da Igreja o perdão divino. Todos se abraçavam, comovidos, porque sentíamos a paz e o amor do Pai em nossos corações e nos rostos de nossos irmãos e irmãs.

No terceiro dia discutimos problemas bem concretos: entre vários que nem dá para apresentar, queremos destacar dois: para chegar a uma nova sociedade, quais são nossas sugestões frente ao problema da terra no campo e na cidade ? E quais as sugestões concretas frente à atuação da Igreja ? A reflexão foi muito boa e rica. Queremos dizer só o essencial.

Com relação à terra: queremos a reforma agrária. Todos os presentes nos comprometemos com isto; pedimos também que vocês se comprometam nas bases apoiando a campanha nacional pela Reforma Agrária. Desde 1964 existe a aprovação do Estatuto da Terra. Se fosse aplicado ele ajudaria a milhões de famílias sem terra. Mas nunca foi aplicado. Vamos lutar, irmãos, para que as autoridades realizem o que está prescrito na lei. Assim estaremos ajudando na paz social, na permanência das famílias no campo na realização da justiça agrária. Todas estas coisas são bênçãos de Deus e somente / do Reino que Cristo pregou.

Com referência à Igreja: todos somos corresponsáveis para que a Igreja seja mais evangélica e mais conforme à vontade de Jesus. Sentimos o apoio crescente dos bispos e dos padres; vemos com alegria que religiosos, religiosas e seminaristas entram na caminhada das CEBs. Todos passaram por um processo de conversão: os bispos estão ficando mais simples, escutam nossas reflexões, mudam de estilo pastoral na linha da fraternidade e da comunhão. Precisamos que mais bispos compreendam este modo de ser da Igreja, cujas raízes se encontram na comunidade dos apóstolos e se disponham a caminhar com todo o povo que no Brasil é, em sua grande maioria, religioso e pobre. Gostaríamos que nos criassem mais espaço de participação e de decisão na vida pastoral. Queremos que seja verdade, mesmo também com eles, aquilo que Jesus nos disse: "Vós sois todos irmãos" (Mt 23,8). Cada um de seu jeito testemunha o Evangelho, sendo todos discípulos do Senhor.

Na noite do terceiro dia, fizemos uma grande celebração na frente do Santuário de São Francisco das Chagas. Confraternizamo-nos com inúmeras comunidades da região. No ofertório, um irmão fez um símbolo muito significativo: rompeu, com as mãos, uma gaiola para expressar a destruição das correntes que escravizam a vida dos pobres. E libertou uma pomba, que, feliz e livre, foi pousar na torre da Igreja. Começamos/ orando e terminamos rezando. Fizemos, novamente, a procissão que inaugurou nosso Encontro. A luz do Cristo presente do círio pascal ia à frente. Depois, vinha num cartaz, a locomotiva da esperança. Em seguida, os cartazes dos quatro vagões que simbolizavam os quatro primeiros Encontros Intereclesiais de CEBs. Fizemos uma parada de quatro dias em Canindé. Mas o trem segue adiante, com mais um vagão, carregando esta carta para vocês. E ele viajará até o próximo Encontro. Enquanto isso, irmãos e irmãs, permaneçamos unidos no mesmo corpo de Cristo, cheios de sua Graça, de sua força e de sua esperança na construção de uma nova sociedade. Desta sociedade nova as CEBs querem ser uma semente e um primeiro fruto promissor. Amém.

Canindé, 08 de julho de 1983.

C A R T A D A S C E Bs

Santa Maria, 12 de Setembro de 1992

Queridas irmãs e irmãos da Caminhada e da Esperança!

Nós, participantes do VIII Encontro Intereclesial das comunidades Eclesiais de Base, escrevemos esta carta para partilhar com vocês algo do que vivemos, celebramos e com que nos comprometemos. O encontro realizou-se aqui em Santa Maria, Rio Grande do Sul, de 8 a 12 de Setembro. Este já é o VIII encontro que expressa o amadurecimento de uma longa caminhada. Ele se realiza neste momento tão grave de crise nacional. Com todo o povo brasileiro estamos nùma busca de saída ètica e democràtica.

1. QUEM SOMOS E O QUE FIZEMOS?

Somos 2238 delegadas e delegados do Brasil e 88 de outros paises da Amèrica Latina e do Caribe, representando nossas comunidades. A presença e a atuação das mulheres foi marcante e significativa. Participaram conosco 106 irmãs e irmãos de Igrejas Evangèlicas, 43 Índios, 1 Pajè, dois Pais de Santo e uma Mãe de Santo, 30 irmãos de outros continentes: Àsia, Africa e Europa. Participaram 50 assessoras e assessores. Estiveram presentes 98 Bispos que nos acompanharam, assim como 35 Pastoras e Pastores, e muitos Padres e Religiosas. Recebemos cartas de apoio, inclusive uma carta do Papa, que nos fortalece na caminhada. Havia 1450 pessoas nas equipes de serviço. Fomos acolhidos com muita hospitalidade nas casas do povo de Santa Maria. Tudo isto já foi uma experiência de comunhão que ficarà para sempre na nossa lembrança.

Às Igrejas e ao povo de Santa Maria, nossa gratidão!

O assunto do nosso encontro foi: "O povo de Deus renascendo das Culturas Oprimidas". Mais que uma simples reflexão, fizemos uma experiência de evangelização a partir dos povos e culturas oprimidas. Por isso houve alguns momentos fortes de tensão e de sofrimento. Tudo o que è novo, nasce com dor de parto, mas tambèm traz alegria. Nosso encontro foi uma grande celebração, com muitos momentos de alegria e festa, de confraternização e comunhão.

È difícil comunicar tudo o que vivemos e descobrimos. Mas queremos partilhar os pontos mais importantes, como Boa Nova de Jesus Cristo que enche o nosso coração.

2. O CAMINHO DAS NOSSAS REFLEXÕES.

O CATIVEIRO QUE SE CRIOU E QUE JÁ DURA 500 ANOS.

Nestes dias refletimos sobre os últimos 500 anos da hist˜ria do Continente, e constatamos que foram um longo cativeiro, mais longo que o cativeiro da Babilonia. Os opressores diziam que nossos deuses eram falsos; nossos ritos, superstição; nossos mitos, heresia; nossos costumes,

pecado. As mulheres continuam sendo tratadas como objetos. Fomos espancados e marginalizados, e fizeram de nós um povo de migrantes. Chegamos a rebelar-nos contra eles. Eles pareceram mais fortes, mas não nos conseguiram vencer: "somos brotos de velhas raizes".

E agora moramos nas roças, em favelas e cortiços, nas periferias das cidades e fomos reduzidos a mão de obra barata. Vivemos de um biscate ou de um salário que não consegue matar nossa fome. Somos gente sem terra, sem comida, sem saúde, sem moradia. Somos a massa sobrante. E ainda temos que ouvir, diariamente, que somos gente preguiçosa, sem cultura e sem educação.

A cruz de Cristo foi usada como cabo da espada que nos matava em nome de Deus. E as Igrejas eram enfeitadas com o ouro, tirado da terra com o preço de nosso sangue. Mesmo assim não conseguiram destruir nossas raizes religiosas e nossa fé no Deus da vida!

O NOVO QUE ESTAMOS DESCOBRINDO.

Tudo isto nos foi feito. Mas com a ajuda da Biblia conseguimos ouvir a voz de Deus que já vinha de longe, já estava dentro das nossas tradições, e nos dizia: "Vocês são os meus servos! Vocês são as minhas preferidas! Eu os escolhi!" (Is 41, 9; 42,1). E dizia ainda: "Consolem meu povo! Consolem meu povo! Chegou ao fim o cativeiro!" (Is 40, 1-2). A Biblia nos ajudou a descobrir que Deus estava conosco e nos falava pela vida!

Nestes dias, mais uma vez, partilhando nossas experiências, ficou claro para nós, que temos uma missão a cumprir. Muitos pensam que nossa vida não tem valor, mas temos certeza do chamado de Deus, do Deus de sempre! (Is 49, 3-4). O Deus de nossos Pais, que vem recebendo tantos nomes carinhosos: Tupã, Olorum, Elohim, Pai, Mãe, Pachamama. Ele não nos abandonou! Ao longo do caminho, no meio da nossa luta, Ele se deu a conhecer a nós como Deus-conosco na pessoa de Jesus (Lc 24, 31). Foi um grande Pentecostes!

Partilhamos a alegria da experiência que fazemos do Deus que vem caminhar conosco e manifesta sua presença nos nossos diferentes povos e culturas, nas lutas dos trabalhadores da cidade e do campo, na caminhada dos migrantes, na participação das mulheres, na resistência dos negros e dos indigenas. Esta è a boa noticia que anunciamos a todos vocês, aqui, de Santa Maria.

3. O COMPROMISSO QUE ASSUMIMOS:

1. Nós nos comprometemos, em solidariedade com os INDÍGENAS, a lutar pela demarcação de suas terras e pela sua autonomia, e a respeitar suas expressões religiosas como primeiro passo de um processo de inculturação do Evangelho. Que o resgate das culturas massacradas seja feito pelos próprios indigenas com o acompanhamento solidário dos agentes comprometidos com a causa indígena.

2. Nós nos comprometemos, em solidariedade com os NEGROS a respeitar as diferenças das culturas e a lutar para que possam expressar sua fé, de maneira própria, na Igreja. Nós Negros assumimos nossa negritude na Igreja e na Sociedade, mantendo viva nossa memória de resistencia ontem e hoje, nos Quilombos, Terreiros, Irmandades, lutas e organizações negras.

3. Nós nos comprometemos, em solidariedade com as MULHERES a lutar por uma Igreja onde a mulher tenha igualdade de Direitos, e seja respeitada na sua identidade feminina. E nós mulheres afirmamos nosso direito de participar, em todos os níveis de decisão e poder. Nos comprometemos a lutar pela auto-valorização do nosso corpo, redescobrindo a nossa sexualidade, construindo o novo nas relações homem-mulher. Queremos ser reconhecidas nos Ministérios que já exercemos. Nosso empenho deve ser, mais ainda, pela conquista não apenas das assembléias e tribunas mas também dos altares e dos púlpitos. É fazendo que se aprende! O que não está oficializado se oficializa pela prática!

4. Somos todos TRABALHADORES. Temos em comum a experiência de criar a vida e ser empobrecidos. Nós nos comprometemos a fazer da Democracia a raiz do nosso comportamento na Familia e na Comunidade. Participando plenamente na luta dos partidos comprometidos com a causa do povo, queremos fazer da Democracia também a raiz da Sociedade, na Politica e na Economia. A Igreja tem o papel de assumir e celebrar esta Democratização e de formar cristãos para realizá-la. Celebrando os Sacramentos a partir da vida do povo, ela ilumina e anima, com a Bíblia, as diferenças da cultura e as lutas por vida abundante para todos.

5. Nós nos comprometemos, em solidariedade com os MIGRANTES a lutar para que a Igreja seja um lugar acolhedor onde todos se sintam em casa, uma Igreja que dê apoio ao movimento popular, fortaleça a luta pela Reforma Agrária e Urbana, e promova uma Espiritualidade da Terra. Uma Igreja onde se viva o Ecumenismo na prática, onde as diversas confissões e culturas, partindo da sua fé comum no Deus da Vida, procurem unir-se em defesa da vida do Povo.

Foi uma grande alegria a experiência do encontro com tantos companheiros e companheiras de países Latino-Americanos, Caribenhos, Africanos e Asiáticos, assim como a presença solidária de irmãos do primeiro mundo.

Nova Esperança nasceu para nós. Novos desafios surgiram pela frente. Como os discípulos de Emaús, cheios de coragem no meio da noite, voltamos para Jerusalém, para nossas COMUNIDADES.

O Senhor está vivo! A caminhada continua!

Goiânia, 28 de outubro de 1985

Caros amigos,

Vimos com doloroso pesar comunicar que no dia 23 de outubro de 1985 às 19:30h, foi barbaramente assassinado o nosso companheiro NATIVO DA NATIVIDADE DE OLIVEIRA, membro do Conselho do Centro de Reflexão e Documentação - CRD, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Carmo do Rio Verde - Go e também destacado dirigente da Central Única dos Trabalhadores - CUT, regional de Goiás.

Nativo foi assassinado por um pistoleiro com 5 tiros à queima roupa, na porta do Sindicato, quando se encontrava no interior do carro esperando outros companheiros para uma reunião da Entidade.

Ainda não há suspeitos pela prática do crime mas como mandantes, a direção do Sindicato acusa o prefeito de Carmo do Rio Verde, Roberto Pascoal Liegio, o advogado Geraldo Reis, Presidente do Sindicato Rural (Patronal) e procurador da Usina Agroalcool e o próprio presidente da destilaria, Anestar Clemente da Silva. Esses indivíduos fizeram várias ameaças de morte contra Nativo, exatamente devido à sua postura de defensor ardoroso dos direitos dos trabalhadores, especialmente dos bóias-frias da região.

Em 1982 a chapa liderada por Nativo varreu o peleguismos do Sindicato. Em julho deste ano ele derrotou pela segunda vez os pelegos com mais de 70% dos votos. Desses 3 anos para cá, a luta e a organização dos trabalhadores da região cresceu enormemente, incomodando as classes dominantes, levando o prefeito a declarar, segundo testemunhas, que "não aguento mais esse homem dirigindo o Sindicato. Se ninguém mais apoiar, eu o mato sozinho mesmo".

Para completar a "Gang" da burguesia rural da região, temos a polícia local que, ao invés de procurar elucidar o caso da morte do dirigente sindical, imediatamente tratou de apurar um processo de calúnia levantado por Geraldo Reis contra o tesoureiro do Sindicato, Adão Onofre que em nome da diretoria do Sindicato havia apontado-o como principal suspeito do crime. Assim que terminou o enterro, Adão foi intimado a comparecer à delegacia para prestar depoimento no processo aberto contra ele por Geraldo Reis. Logo que terminou o depoimento, uma testemunha arrolada no caso foi intimada a comparecer à delegacia para depor no mesmo processo.

Mais uma vez temos a demonstração clara do que é, na verdade, a "Nova República". Presenciamos assassinatos de cunho eminentemente político, como foi o de Nativo, onde as autoridades lavam as mãos na elucidação do caso. Presenciamos ainda um Governo omisso frente aos inúmeros assassinatos de trabalhadores, fazendo vista grossa à formação de verdadeiros exércitos particulares pela burguesia rural, financiados por articulações de patrões, como o "Leilão de 1.000 bois" realizado dia 05 de outubro último pela "União Democrática Ruralista - UDR", organização que tem se destacado pela luta contra a Reforma Agrária no Estado de Goiás.

Como se não bastasse a morte do companheiro Nativo,no último dia 27 de outubro domingo, o prefeito tentou atropelar com seu carro a Irmã Paula, agente de Pastoral da cidade, que apoia a luta dos trabalhadores. Além do mais Tonico Liegio, fazendeiro e pai do prefeito, ameaçou matar, "com as próprias mãos", o tesoureiro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Adão Onofre, que tem assumido, de fato, as denúncias.

O velório e o enterro de Nativo foram tomados por muita emoção.O corpo foi velado por dois dias por mais de 1.000 trabalhadores rurais e urbanos que se revezavam ao lado do caixão, clamando por justiça e acusando o governo por ser conivente com a violência do latifúndio e das grandes empresas rurais. Estiveram presentes representantes de Brasília, Minas Gerais, Goiânia, vários Sindicatos de Trabalhadores Rurais do Interior do Estado, representantes do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, o presidente da CUT regional de Goiás e o Presidente da CUT Nacional, Jair Meneguelli.

Para que esse fato não se torne apenas mais uma morte de um trabalhador e para que os assassinos sejam efetivamente punidos, pedimos aos companheiros para que denunciem o fato na imprensa de seu lugar,telegrafem ou telefonem ao Juiz de Direito de Carmo do Rio Verde, exigindo a elucidação do caso; ao Ministro da Justiça, Fernando Lyra; ao Secretário de Segurança Pública de Goiás, Frederico Jaime; ao Governador do Estado de Goiás, Iris Resende.

Nesse sentido contamos também com a colaboração de vocês no envio de ajuda financeira para o Sindicato e para a família de Nativo pois os gastos nesse momento são enormes.

Aproveitamos a ocasião para convidá-los para um grande Ato Público Nacional e Missa de Sétimo Dia que ocorrerá dia 02 de novembro,sábado às 15h, em Carmo do Rio Verde (GO).

Segue abaixo endereço para exigir apuração do fato:

1) GOVERNADOR DE GOIÁS - Iris Resende Machado
Gabinete do Governador, 6º andar
Centro Administrativo - Praça Cívica
74.000 - GOIÂNIA - GO

2) SECRETÁRIO DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO - Frederico Jaime
Gabinete do Secretário de Segurança
Centro Administrativo - Praça Cívica
74.000 - GOIÂNIA - GO

3) MINISTRO DA JUSTIÇA - Fernando Lyra
Ministério da Justiça
BRASÍLIA - DF

4) JUIZ DE DIREITO DE C.R.V. - Luís Rodrigues
Forum Municipal
76740 - Carmo do Rio Verde - GO Tel. 7271212

5) SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE CARMO DO RIO VERDE
Rua Bernardo Sayão nº 16
76740 - Carmo do Rio Verde - GO.



E O VERBO
SE FEZ CARNE
E ACAMPOU
ENTRE NÓS !

"QUE NESTE NATAL,
A LUZ DE CRISTO
ILUMINE NOSSA CAMINHADA,
RUMO À TERRA PROMETIDA ! "

Natal de Jesus/85

COMISSÃO EXECUTIVA DO 6º ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBs
EM TRINDADE DE 21 a 25/07/86

6º ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBS
TRINDADE, 21 a 25 de julho de 1986
PRESTAÇÃO DE CONTAS DAS ATIVIDADES FINANCEIRAS
Periodo preparatório: novembro/84 a novembro/85

ENTRADAS:

Contribuições:

. Saldo vindo do 5º Encontro Intereclesial de Canindé.....	Cr$	989.611,00
. Auxílio da Vastenaktie	Cr$	94.226.000,00
Auxílio viagens:		
. Diocese de Fortaleza-CE	Cr$	1.000.000,00
. Diocese de Formosa-GO	Cr$	100.000,00
. Diocese de Itumbiara-GO	Cr$	100.000,00
Auxílio para subsídios:		
. Regional Centro-Oeste da CNBB e Paróquias de Goiânia.....	Cr$	1.200.000,00
Auxílio particular	Cr$	5.000,00
Retorno material (subsídios)	Cr$	26.953.121,00
Rendimento: juros e correção monetária	Cr$	1.500.395,00
TOTAL	Cr$	126.074.127,00

SAÍDAS:

Material de secretaria	Cr$	3.050.126,00
Subsídios:		
. Encartes, cartazes, orações, camisetas e boletins	Cr$	74.046.424,00
Correio	Cr$	2.280.375,00
Condução (ônibus, táxis, gasolina)	Cr$	323.400,00
Transporte (frete)	Cr$	178.965,00
Telefone	Cr$	625.492,00
Fotos	Cr$	141.710,00
Encontros da Comissão ampliada (3) e mini-encontros.....	Cr$	2.567.509,00
Viagens:		
. Assessores.....	Cr$	1.500.000,00
. Comissão Executiva - articulação e presença em assembléias	Cr$	3.950.772,00
. Pessoal da base - presença nas ampliadas	Cr$	130.000,00
Gratificações:		
. Pessoal da secretaria	Cr$	5.174.000,00
. Serviços avulsos	Cr$	1.365.000,00
Despesas gerais	Cr$	51.000,00
Fotocópias	Cr$	56.950,00
		95.441.723,00

Resumo: TOTAL DAS Entradas	Cr$	126.074.127,00
TOTAL DAS SAÍDAS ..	Cr$	95.441.723,00
SALDO ATUAL.....	Cr$	30.632.404,00

Comissão Financeira do 6º Encontro

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR UFRRJ

Goiânia, 16 de dezembro de 1985

Exmo. Sr. Bispo Diocesano

Circular nº 10.

Cordiais Saudações

Estamos caminhado para a fase final de preparação ao 6º Encontro Intereclesial das Comunidades de Base.

Foram realizados quatro encontros da Comissão Ampliada. Estiveram presentes as seguintes Dioceses:

Regional Centro-Oeste: Itumbiara, Rubiataba/Mozarlândia, Uruaçu, São Luís de Montes Belos, Formosa, Goiás, Cristalândia, Miracema do Norte, Porto Nacional, Goiânia, Brasília, Ipameri, São Félix do Araguaia, Tocantinópolis e Jataí.

Regional Extremo-Oeste: Rondonópolis, Diamantino, Sinop, Campo Grande, Cuiabá, Três Lagoas, Cáceres e Dourados.

Nestes Encontros foi aprofundado o Tema do 6º Encontro: "CEBS, Povo de Deus em busca da Terra Prometida", nas três dimensões: Terra para plantar e trabalhar; Terra, uma Nova Sociedade e Novo Céu e Nova Terra.

Assuntos vários foram refletidos, discutidos e decididos como : critérios de participação, dinâmicas e conteúdo do Encontro. Envolvimento das Comunidades na caminhada de preparação. Formação de Equipes de Serviço para a fase preparatória e durante o Encontro. Custos da preparação e da realização do Encontro em julho/86.

As reflexões foram amadurecendo e no último Encontro da Comissão Ampliada de 7 a 8 de dezembro pp., ao que me toca - FINANÇAS, ficou decidido que os dois Regionais: Centro-Oeste e Extremo-Oeste(representados nas Ampliadas), assumiram o Projeto Alimentação, atrevés das Dioceses e divididas as despesas entre elas.

Estamos pedindo às Igrejas do exterior uma ajuda para a mantagem da infra-estrutura em Trindade: acomodações, colchões, sanitários, banheiros, três galpões rústicos para os mini-plenários. Além da montagem de: secretaria, som, ambientação, telefones, transportes, material de limpeza e outros.

Solicitamos também uma partilha de sua diocese neste tão grande acontecimento para toda a Igreja do Brasil.

Anexamos o balancete de um ano de preparação.

Para depósito:

6º Encontro Intereclesial das Comunidades de Base
C/Corrente 47.300-3 - Agência 0147 - Banco Itaú - Goiânia-GO.

Atenciosamente grata,

Visto:
Pe. José Pereira de Maria
Administrador Arquidiocesano

Ir. Nilce Guimarães
Encarregada das Finanças do 6º Encontro das CEBs.

PRINCIPAIS DESCOBERTAS E CONCLUSÕES

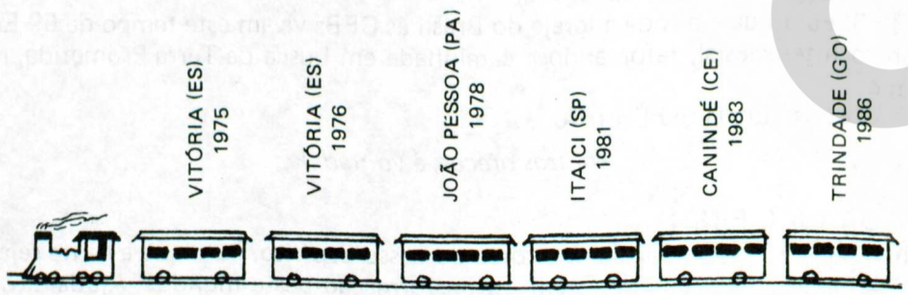
Os participantes do 1º Encontro Intereclesial das CEBs, em Vitória, decidiram, no final, "em obediência ao Evangelho e aos apelos da realidade vivida pelo povo, optar por uma evangelização libertadora — e isso quer dizer uma clara opção pelos oprimidos". Eles fizeram várias propostas. Entre estas propostas, podem ser destacadas:

1 — "O povo de Deus deve organizar-se em comunidades de fé e vida". Essas comunidades devem ter muita liberdade para criar os seus próprios caminhos. Mas as comunidades, "de acordo com as necessidades concretas e as exigências do Evangelho", devem viver "em comunhão com as outras comunidades e com o próprio bispo".

2 — A Igreja toda deve participar da luta de libertação do povo, colaborando para que o mesmo povo descubra as causas da opressão em que vive; denunciando toda forma de injustiça; propondo uma sociedade sem barreiras e sem privilégios; uma sociedade em que os meios de produção e os serviços e bens coletivos não estejam concentrados nas mãos de uns poucos.

3 — A religiosidade popular deve ser respeitada e assumida, com a valorização de seus gestos e sinais. A Igreja (os bispos, padres e todos os agentes de pastoral) "deve superar tanto a atitude de exploração da religiosidade popular quanto a atitude indiferente e até destruidora que praticou freqüentemente no passado".

4 — "Deve ser valorizado o sacerdócio comum dos fiéis". Todos os que foram consagrados no Batismo ao culto de Deus vivo e ao serviço do seu Reino devem poder celebrar não só os acontecimentos do dia a dia, como também participar plenamente das celebrações litúrgicas e de todas as expressões sacramentais da fé.



De Vitória, em 1975
caminhamos para Trindade, em 1986.

Pedidos para Comissão Executiva do 6º Encontro - Fone: (062) 223-1132 - Caixa Postal, 174 - Goiânia - Goiás

1º ENCONTRO

CEBS: UMA IGREJA QUE NASCE DO POVO PELO ESPÍRITO DE DEUS

Vitória, ES — 6 a 9-1-1975

COMO FOI

Não foi por acaso que o 1º Encontro Intereclesial das CEBs aconteceu em Vitória, capital do Estado de Espírito Santo. Nessa Arquidiocese existia, desde 1967, um fermento novo fazendo crescer a massa do Reino de Deus. Eram pequenas comunidades de cristãos, que se reuniam nas roças, toda semana, para rezar, refletir sobre a Palavra de Deus, discutir os problemas de sua vida... Depois, foram se formando também dessas comunidades na cidade.

O arcebispo de Vitória, Dom João Batista Motta (que faleceu em 1984), e o bispo-auxiliar, Dom Luís Fernandes (hoje em Campina Grande-PB), davam todo o apoio a essa novidade da fé do povo.

Em janeiro de 1975, reuniram-se em Vitória, durante três dias, 70 pessoas. Eram sete bispos, cinco especialistas em Teologia, muitos padres, religiosos e religiosas, e alguns leigos. As comunidades representadas eram de 11 dioceses, de sete estados diferentes.

Relatórios que tinham sido preparados antes, na base, contando as experiências de 11 comunidades, foram enviados aos teólogos. Eles, então, levaram para o encontro alguns textos de análise e reflexão.

Foram reuniões em grupos, plenários e painéis com os teólogos, que fizeram suas exposições e também responderam a perguntas formuladas pelos participantes.

Um pequeno documento resumiu as conclusões, agrupadas em quatro pontos: "na linha da realidade Povo de Deus; na linha política; na linha da cultura; e na linha da metodologia". Os participantes decidiram realizar outros encontros como aquele, convidando, além dos teólogos, outros assessores, da área de Economia e das Ciências Políticas. O encontro seguinte ficou marcado para 1976, na mesma cidade de Vitória.

CEDI
CENTRO ECUMÊNICO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

CELEBRAÇÃO

O ROSTO DESTA IGREJA QUE NASCE DO POVO PELO ESPÍRITO DE DEUS

SUGESTÃO PARA A MOTIVAÇÃO, ANTES OU DURANTE A LEITURA (Nº 4)

Bem antes da celebração, três ou quatro pessoas do grupo lêem a leitura do nº 5, e preparam uma dramatização silenciosa (mímica), usando apenas os gestos, a expressão do rosto – e, se quiserem, música de fundo. Cada um deve representar (sózinho, ou com ajuda de outros) um dos traços do "retrato falado": a corresponsabilidade, a escuta da realidade, a coragem diante do sofrimento, a vida em comunhão etc. Essa mímica pode ser feita antes ou durante a leitura do nº 6. Tudo bem simples e não muito demorado.

1 – CANTO *(à escolha da Comunidade)*

2 – ACOLHIDA – Irmãos: as coisas de Deus só podem nascer do Espírito de Deus. Sob a ação do Espírito Santo, nasceu o Filho de Deus da Virgem Maria. Sob a ação do Espírito de Deus, nasce, por Jesus, a Santa Igreja. É a ação do Espírito de Deus que faz nascer, do meio do povo, as CEBs em nossa Igreja. Vamos, então, invocar a presença do Espírito Santo em nossa comunidade.

3 – CANTO: A nós descei, divina Luz!

4 – MOTIVAÇÃO *(conforme a sugestão do alto da página)*

5 – LEITURA DO 1º ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBS EM VITÓRIA: O "retrato falado" da Igreja que nasce do Povo, desenhado por Carlos Mesters.

Animador – Como Jesus tinha o seu rosto, que era a forma humana do rosto de Deus, assim é hoje o rosto da Igreja, cujos traços são:

1º Leitor – *Corresponsabilidade:* a preocupação de todos pelo crescimento da sua comunidade.

2º Leitor – *Escutar a realidade:* disposição de mudar quando a realidade o exigir. Na base disso, está a convicção de que Deus fala pelos acontecimentos.

1º Leitor – *Coragem tranqüila:* muitos já tiveram de sofrer pelo seu compromisso com a comunidade. Não se abalam. Continuam. Para eles, isso faz parte da caminhada. Esta é uma característica dos Atos dos Apóstolos.

2º Leitor – *A força dos fracos:* a decisão de ficar ao lado da causa dos oprimidos tirou da Igreja o poder que tinha. Ela ficou fraca com os fracos. Por isso, tornou-se forte.

1º Leitor – *Viver em comunhão:* as diversas formas de organização e de unidade fazem perceber o desejo de comunhão e de fraternidade, de ser um povo amigo.

2º Leitor – Onde há o Espírito, aí há *liberdade*: as CEBs estão começando a viver a liberdade, tendo experiência dela, no convívio fraterno do contato com Deus. E isso, aos poucos, lhes está dando a capacidade para perceber a falta de liberdade que existe por aí e coragem para denunciá-lo.

6 – LEITURA DA BÍBLIA

Animador – Vamos ver o retrato da Igreja dos primeiros cristãos, a Igreja que nasceu da Vida, Morte e Ressurreição de Jesus.

Leitor – Atos dos Apóstolos, 2, 42-47

7 – PARTILHA DAS IDÉIAS DAS LEITURAS

Animador – Vamos refletir sobre as duas leituras que acabamos de ouvir. E vamos repartir, entre todos nós, as idéias que nós temos sobre o rosto da Igreja que nasce do Povo pelo Espírito de Deus. Aproveitamos também para ver se o rosto desta nossa CEB está parecido com o "retrato falado" que ouvimos e com a comunidade cristã dos Atos dos Apóstolos.

(tempo para todos falarem)

8 – PRECES

1. Para que as nossas CEBs vivam em alegria, fé e fraternidade, com a força do Espírito de Deus, como as primeiras comunidades dos cristãos, rezemos:

Todos *(rezando ou cantando):* Envia teu Espírito, Senhor! E renova a face da Terra!

2. Para que a Morte e a Ressurreição de Jesus ajudem a gente a lutar em união com todos os oprimidos, com todo o povo sofredor, em busca da libertação, rezemos:

Todos: Envia teu Espírito. . .

3. Para que em toda a Igreja do Brasil as CEBs vivam este tempo de 6º Encontro Intereclesial, reforçando a caminhada em busca da Terra Prometida, rezemos:

Todos: Envia teu Espírito. . .

(outras preces, à vontade)

9 – ORAÇÃO FINAL

Animador – Senhor! Dai-nos a força do vosso Espírito, para que a gente seja a vossa Igreja, comprometida com a transformação deste mundo. Ajudai-nos a tornar possível a conquista da Terra Prometida, por nosso esforço e nossa união. Isto nós vos pedimos por Jesus Cristo, vosso Filho e nosso Senhor!

Todos – Amém.

10 – CANTO FINAL *(à escolha da Comunidade)*

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

AS CEBS
E OS ENCONTROS

É vontade do Pai, herança que nos deixou Jesus, que a Igreja viva como uma Comunidade fraterna.

As primeiras comunidades cristãs foram sempre para a Igreja um exemplo desta vida fraterna.

Faz pouco mais de 20 anos nasceu na Igreja a Comunidade Eclesial de Base. As CEBs são o jeito de atualizar na Igreja essa vida das primeiras comunidades cristãs. O Concílio (1961-1965) renovou a vida da Igreja, valorizou o papel dos leigos e abriu a Igreja para os problemas da sociedade. Em 1968, os bispos da América Latina se reuniram na cidade de Medellín (Colômbia), para discutir a aplicação do Concílio à realidade dos países latino-americanos. Os documentos de Medellín animaram muitos cristãos a unir mais a Bíblia, a oração e a vida. Era o começo oficial das CEBs.

Mais tarde, em 1974, o Papa Paulo VI escreveu uma carta sobre "a evangelização no mundo contemporâneo", reconhecendo o valor das CEBs. E, em 1979, os bispos latino-americanos tornaram a se reunir, na cidade de Puebla (México) e também deram o reconhecimento oficial das Comunidades Eclesiais de Base. No ano seguinte, o Papa João Paulo II, em sua visita ao Brasil, entregou aos nossos bispos uma mensagem para os líderes das CEBs, reafirmando sua confiança e esperança nessa caminhada. Em novembro de 1982, a própria CNBB lançou um importante documento sobre as CEBs.

Em nosso País, a partir de 1975, as CEBs começaram a se encontrar, nacionalmente. Houve cinco desses chamados Encontros Intereclesiais das CEBs:

— *dois em Vitória*, Espírito Santo, em 1975 e 1976, com os temas: "Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus" e "Igreja, povo que caminha";

— um em *João Pessoa*, em 1978, com o tema: "Igreja, povo que se liberta";

— um em *Itaici*, São Paulo, em 1981, com o tema: "Igreja, povo oprimido que se organiza para a libertação";

— e o último em *Canindé*, Ceará, em 1983, com o tema: "CEBs, povo unido, semente de uma nova sociedade".

— Em julho de 1986, representantes das CEBs de todo o Brasil vão se encontrar outra vez, na cidade de Trindade, Goiás. Já estamos vivendo, desde já, este 6º Encontro Intereclesial das CEBs, que tem por tema: "CEBs, povo de Deus em busca da Terra Prometida".

CONCLUSÕES DO 4º ENCONTRO

No final do 4º Encontro, semeado na dificuldade, colheu-se o fruto da certeza da vitória. A Ressurreição já se vivia na esperança de cada participante.

Deus, mais uma vez, se revelou nos pequeninos. A grande oração no final do Encontro acabou sendo a oração de Jesus: "Graças te dou, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e prudentes, e as revelaste aos pequeninos". *(Lc 10,21)*

No final do Encontro, estava bem claro que:

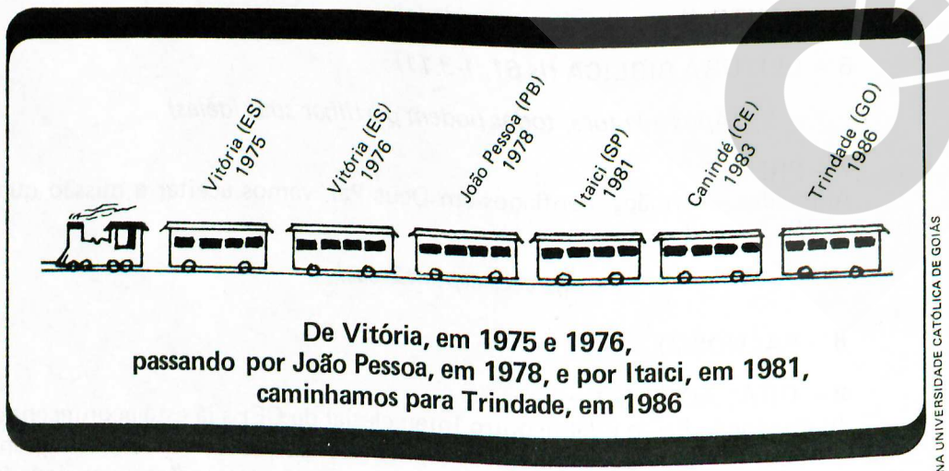
1 — "As CEBs não são nem podem ser um núcleo partidário".

2 — "A política é a grande arma que temos para construir uma sociedade justa, do jeito que Deus quer".

3 — "A ação política é boa quando nos unimos para defender a nossa vida e os nossos direitos contra os mentirosos e exploradores, através das associações de bairro, sindicatos e outras formas de organização popular".

4 — Nas CEBs "devemos buscar a força para nos animar na luta que fazemos, seja no bairro, seja no campo, seja no mundo do trabalho, seja no partido político".

5 — "Vamos dar continuidade a esta reforma da Igreja, que o Concílio e os documentos de Medellín e de Puebla pedem de nós. Cristo pede para nós um coração novo. Portanto, Ele não quer uma Igreja velha, mas sim, uma Igreja nova, para podermos lutar por um Brasil melhor".



De Vitória, em 1975 e 1976,
passando por João Pessoa, em 1978, e por Itaici, em 1981,
caminhamos para Trindade, em 1986

Este folheto foi elaborado pela Comissão Executiva do 6º Encontro.
Pedidos pelo fone: (062) 223-1132, ou pela Caixa Postal 174 — Goiânia — Goiás

IMPRESSO NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

IGREJA, POVO OPRIMIDO QUE SE ORGANIZA PARA A LIBERTAÇÃO

ITAICI (SP), 20 A 24 DE ABRIL DE 1981

COMO FOI

O 4º Encontro Intereclesial de CEBs foi em Itaici, no município de Indaiatuba (SP), logo depois da Páscoa de 1981. Ele foi bastante marcado pelo próprio sentido da Páscoa: nasceu com dificuldades e até sofrimentos; mas, em seu encerramento, todos vibravam com a alegria da Ressurreição.

As dificuldades e sofrimentos foram por conta da localização e data. Marcado para janeiro de 1981, em São Paulo, o 4º Encontro acabou só acontecendo em abril, em Itaici, na Arquidiocese de Campinas (o mesmo lugar onde a CNBB realiza suas assembléias anuais). Dessa experiência, ficou um ponto muito claro: no Encontro Intereclesial de CEBs, são Igrejas que se convidam mutuamente a reunir-se, na comunhão de todas as Igrejas do Brasil e em comunhão com a Igreja Universal — e uma dessas Igrejas assume a responsabilidade da coordenação geral do Encontro.

O 4º Encontro foi marcado pelos testemunhos de sofrimento dos quatro cantos do Brasil. O povo sofrido estava descobrindo que é a *árvore do capitalismo* que produz frutos de injustiça, que traz toda espécie de opressão, miséria e sofrimento para o povo trabalhador. As CEBs testemunharam também a riqueza da resistência e da organização que nasce no meio do povo. Com alegria contavam suas pequenas-grandes vitórias, nascidas da fé e da luta.

Todos ficaram maravilhados, quando confirmaram que toda esta caminhada para a libertação faz parte do Projeto de Deus revelado na Bíblia. Esta reflexão foi apresentada pelo Frei Carlos Mesters (aliás, uma das poucas intervenções da Assessoria, no 4º Encontro).

Na caminhada do 4º Encontro, o povo se tornou *dono da palavra* e da direção do próprio Encontro. A troca de experiências foi uma riqueza que permitiu aos participantes descobrirem:

- a sua força de fermento evangélico presente na organização popular;
- a importância da Política (com P maiúsculo) e suas implicações nas CEBs e nas organizações populares;
- quem são os aliados e quais são os inimigos das CEBs nesta caminhada.
- a contribuição desta organização para a *transformação da sociedade;*

CELEBRAÇÃO

A PALAVRA DE DEUS ALIMENTA O POVO EM SUA CAMINHADA

Sugestão para a Introdução:
A primeira parte desta celebração poderia ser feita junto a uma árvore bem bonita. Conversar sobre estas perguntas: "Quando consideramos que uma árvore é boa? Para esta árvore ter crescido desta maneira, do que ela precisou? Quem tira proveito desta árvore?" Após este diálogo, o grupo se dirige, cantando, para o lugar da Celebração.

1 – CANTO *(à escolha da comunidade)*

2 – ACOLHIDA

Animador – Irmãos! Hoje, os frutos da árvore ficam nas mãos de poucos. A árvore se tornou grande e bonita, graças ao trabalho sacrificado de todos. Peçamos a Deus, Pai de Jesus Cristo, que nos dê o seu Espírito Santo – Espírito de amor e justiça – para exigir que os frutos da árvore sejam repartidos com igualdade entre todos.

3 – ORAÇÃO *(à vontade da comunidade)*

4 – LEITURA DO 4º ENCONTRO INTERECLESIAL DE CEB'S EM ITAICI

Animador – São Paulo escreveu: "Eu plantei, Apolo regou; mas quem fez crescer foi Deus. Pouco vale quem planta e quem rega; pois é Deus quem dá o crescimento. O que planta e o que rega são iguais: cada um receberá a sua recompensa, conforme o seu trabalho". *(1 Cor 3,6-8).*

1º Leitor – Hoje a gente planta, rega, trabalha suado e não se beneficia do resultado.

2º Leitor – O trabalho é pesado e o resultado aparece: uma linda árvore; é o progresso, fruto de nosso trabalho. Mas quem se beneficia dele?

1º Leitor – "Quem planta uma vinha e não come de seu fruto? Quem apascenta um rebanho e não toma de seu leite?" *(1 Cor 9,6b-7)*

Todos – Nós, o povo trabalhador, só trabalhamos, e pouco ou nada recebemos.

Animador – "Para nós, sem dúvida, foi escrito que o lavrador deve lavrar esperando os frutos; e o que debulha, o faça com a esperança de ter parte". *(1 Cor 9,10b)*

1º Leitor – É Deus Pai quem quer a igualdade, fruto da justiça e da fraternidade.

2º Leitor – Deus Pai escuta os gemidos de todos os que trabalham e são oprimidos. É Ele mesmo quem nos diz: "Eu vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi os gritos de aflição, diante dos opressores, e tomei conhecimento de seus sofrimentos. Desci para libertá-los". *(Ex 3,7-8a)*

1º Leitor – Para esta libertação, Deus quer nosso compromisso. Deus quer nossa luta. Deus quer nossa participação. Vamos transformar o pedido de Deus em nossa oração:

Homens – "Sai de tua terra, de teus parentes, da casa de teu pai, e vai para a terra que Eu te mostrarei". *(Gen 12,1)*

Mulheres – "E agora vai! Eu te envio para que libertes meu povo". *(Ex 3,10)*

Homens – "Dize aos Israelitas que se ponham em marcha". *(Ex 14,15)*

Mulheres – "Sê forte e corajoso, pois tu farás este povo herdar a terra que Eu prometi dar a seus pais". *(Jos 1,6)*

Homens – "Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo". *(Mt 6,33)*

Animador – Quando aceitarmos a missão dada por Deus, então acontecerá um novo céu e uma nova terra. "Não acontecerá que um construa e outro more; nem que um plante e outro coma . . . e meus eleitos consumirão o produto de seu trabalho". *(Is 65,22)*

5 – CANTO *(à escolha da comunidade)*

6 – LEITURA BÍBLICA *(Is 61, 1-3.11)*

(Após a leitura, todos podem partilhar suas idéias)

7 – PRECES

Animador – Irmãos, confiados em Deus Pai, vamos aceitar a missão que Ele nos dá.

(preces espontâneas)

8 – PAI NOSSO

9 – ORAÇÃO FINAL

Animador – Pai, o 6º Encontro Intereclesial de CEBs já está acontecendo aqui e agora. Que a nossa comunidade seja um dos pequenos vagões deste grande trem de irmãos em caminhada. Caminhamos na construção da sociedade justa e fraterna, unidos em Jesus Cristo, no amor de seu Espírito.

Todos – Amém!

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

CELEBRANDO O POVO

Dom Adriano, bispo diocesano

É claro que temos o direito e o dever de celebrar o dia Sete de Setembro como o Dia da Pátria, como a data-símbolo de tudo aquilo que é o Brasil na sua história, nas suas tradições, nos seus anseios e lutas, nos seus sofrimentos e esperança, nos seus valores culturais, na sua grandeza territorial e nas suas riquezas naturais, nos seus grandes homens e heróis e sobretudo no seu Povo.

Sim, no seu Povo. E lamentavelmente é o Povo brasileiro o grande esquecido nas comemorações do Dia da Pátria. Apesar de ser o melhor do Brasil, apesar de ser o valor pátrio por excelência.

Durante os anos do Governo militar havia uma preocupação muito grande em comemorar o Dia da Pátria com a máxima solenidade. Gastava-se dinheiro na propaganda. Ocupava-se parte dos melhores horários da televisão e do rádio para incutir nos cidadãos a consciência da grandeza do Brasil. Cunhavam-se slogans como aqueles pouco felizes: "Brasil, ame-o ou deixe-o", que entendia "amor" à Pátria exclusivamente dentro dos limites estreitos e falsos da ideologia da segurança nacional; ou como o outro, paródia da Bíblia Sagrada: "Brasil, ontem, hoje e sempre" — um texto da epístola dos Hebreus (13,8) que se refere a Jesus Cristo, salvador e libertador da humanidade ontem e hoje, que o será sempre por todos os séculos.

Felizmente passou o pesadelo de uma celebração patriótica imposta pela ideologia dominante e pela ameaça das espadas. Felizmente podemos celebrar o Dia da Pátria como homenagem ao Brasil e não aos donos do Brasil.

E nesta atmosfera de maior liberdade nunca deveríamos esquecer que a melhor porção do Brasil é o nosso Povo, que, para celebrar com justiça o Dia da Pátria, teremos de ressaltar muito particularmente o valor extraordinário do Povo brasileiro.

Onde aparece o Povo brasileiro mais autêntico? Parece paradoxal o que julgo poder afirmar: o Povo brasileiro aparece com mais autenticidade no interior do nosso país, nas pequenas cidades e vilas abandonadas; nas periferias das grandes cidades, periferias entregues à própria sorte; nas grandes concentrações, tipo comícios pró-eleições diretas; nas favelas abandonadas e marginalizadas.

Olhando essas áreas geográficas de nosso país, podemos afirmar que aí se concentra a grande maioria da população brasileira.

Vendo essa maioria, sem direitos, sem atenção do poder público, sem participação, entregue à própria sorte, em perpétuo abandono, situada e colocada cronicamente à margem do processo social — maioria de talvez 80-85% da nossa população —, descobriremos que este Brasil abandonado é o Brasil mais autêntico, porque encerra o Povo Brasileiro mais fiel às virtudes básicas de nossa Pátria: indestrutível capacidade de resistência; inesgotável criatividade; marca indelével de esperança, de otimismo, de alegria; profunda sensibilidade para o sofrimento dos irmãos; total disponibilidade para sempre começar; vontade de viver e de partilhar; ordeiridade; força de vontade e decisão. E muitas outras virtudes que somente uma convivência constante ajudará a descobrir.

As comemorações do Dia da Pátria deveriam ser ao mesmo tempo a comemoração do Povo brasileiro, este Povo que, apesar de toda marginalização e abandono, é o Povo que constrói o Brasil no que nossa Pátria tem de mais autêntico e genuíno. No dia Sete de Setembro desejamos que um dia este Povão — hoje abandonado e marginalizado — possa assumir o seu papel e a sua missão. Muita coisa mudará para melhor (NI 04-09-85).

Vozes Imprimiu

Nova Iguaçu, 14 de abril de 1986.

Comunicado nº 3

Prezado Coordenador,

A Novena de Natal, a Campanha da Fraternidade ajudaram sua Comunidade sobre um assunto quente: Terra para morar, Terra para trabalhar.

Nos municípios de Nova Iguaçu e Paracambi, terras improdutivas estão sendo ocupadas e cultivadas. São os famosos mutirões: Nova Aurora, Campo Alegre, Guandu, Parque Estoril, Paracambi...

Em Nilópolis, há esperança de se chegar lá.

O Congresso dos trabalhadores da diocese vai se realizar dias 20 e 21 de abril. Seu objetivo é conseguir uma vida digna para todo trabalhador.

Em todo canto, grupos se reunem para preparar a nova Constituição.

No Brasil todo, muitas Comunidades de base estão na mesma luta:
a TERRA de DEUS pode e deve se tornar TERRA de IRMÃOS.

Chegou a hora de se fazer uma
GRANDE CELEBRAÇÃO NACIONAL
desta caminhada do povo de Deus
em busca da Terra prometida.

Esta celebração tem um nome : TRINDADE

A preparação de Trindade, 6º encontro das Comunidades eclesiais de base, está bem adiantada pelo Brasil afora.

Aqui, estamos na reta final.
Já houve uma primeira mini-assembléia: 50 pessoas, 22 comunidades, 6 regiões.
Agora vem a segunda: Será sábado 26 de abril, das 8 às 12 h, na Catedral.

Veja quem sua Comunidade vai mandar para esta segunda mini-assembléia.

Objetivos: - eleger os representantes das Comunidades que irão ao encontro de Trindade (Goiás), de 21 a 25 de julho de 1986.
- conhecer melhor os trabalhos de outras Comunidades.

NOTA: o representante de sua Comunidade tem que ser também um batalhador no bairro ou no mutirão ou no ambiente de trabalho ou na Constituinte.

Até lá, um abraço,
a equipe de preparação de Trindade.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS RELATÓRIOS DE COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE, TENDO-SE EM VISTA O ENCONTRO INTER-ECLESIAL - 1976.

Jether Pereira Ramalho
maio de 1976

INTRODUÇÃO

É importante ressaltar, inicialmente, que as observações aqui desenvolvidas são parciais e de certo modo precárias sobre aspectos parciais de experiências diversas que foram apresentadas em forma de relatórios, que naturalmente captam distintamente as experiências vividas.

Procurou-se evitar a tentação de generalizações, de visões globais e de afirmações completas.

Uma experiência recente como a das CEBs oferece um leque muito largo de características e possibilidades ainda pouco definidas, que irão sendo clareadas ao longo do tempo, coincidentes umas, contraditórias outras. Evidentemente, esse processo de amadurecimento não implica uma taxativa eliminação de contradições, mas em superação de umas e fortalecimento de outras, o que é comum em todo processo social.

A experiência das CEBs é antes de tudo um processo, processo que tenta ou tem intenção de ser da "Igreja nascendo do povo", processo que vai se criando, amadurecendo, renovando-se sem estabelecimento de formas definitivas, ou quem sabe, já com certas tendências de buscar outras formas institucionalizadas que lhe retirarão ou diminuirão suas características dinâmicas.

Sua fase ainda iniciante - bem distinta em cada uma das localidades - tanto quanto seu caráter de processo só permitem análises que se queiram provisórias, dando conta de aspectos e questões com pesos relativos e variáveis, a cada momento e em cada lugar. Os pontos levantados são, assim, detalhes presentes de forma explícita ou latente, ou ainda, sugerindo apenas outras questões sobre as quais vale estar atento, detalhes que podem negar ou parecer negar outros aspectos também presentes, destacados nestas ou em outras observações.

A precariedade dos elementos de que se dispunha e o caráter recente da experiência indicaram que se deveria optar apenas pela apresentação de alguns questionamentos que pareceram relevantes, evitando-se cair num certo julgamento triunfalista que uma experiência mais próxima do povo pode trazer, ou em uma visão negativista pelas ambiguidades e indefinições que a experiência está apresentando. A complexa situação social em que se vive está a exigir que se revejam certos tipos de julgamentos e que se tenha dose maior de humildade e reflexão frente a movimentos nos quais se pretende o povo como protagonista principal.

O importante é que as questões levantadas sejam refletidas por aqueles que vivem a experiência, assim como qualquer tentativa de resposta venha da parte dos que mais diretamente estão comprometidos com ela.

As observações que serão apresentadas, calcadas unicamente nos relatórios, para melhor compreensão giram em torno de três eixos de reflexão:

1. *A prática da participação*
2. *A opção de trabalhar com o povo*
3. *Evangelho e vida. Reflexão e ação. Teoria e prática*

1. A PRÁTICA DA PARTICIPAÇÃO

Um primeiro aspecto que se apresenta muito valioso é a prática das CEBs caracterizadas como uma prática de participação. Sem dúvida este exercício participatório é de importância primordial na vivência atual da sociedade brasileira. E sabe-se como ele foi sistematicamente negado na realidade (não nos discursos) durante longo período da história da Igreja, especialmente da Igreja Católica.

O destaque a esse exercício de participação está muito presente em quase todos os relatórios:

- participação na reflexão, que deixa de vir "pronta de cima", da palavra do padre "transmissor da verdade";

- participação na organização material da Igreja com distribuição de tarefas da paróquia, que deixa de ser "propriedade exclusiva" do padre ou de seus escolhidos ajudantes imediatos;
- participação em algumas das funções do padre, compartilhando, de alguma forma, não só do ministério sacerdotal como do prestígio que daí advém ao padre;
- participação na escolha e no assumir de ações desenvolvidas fora da Igreja, relativas ao trabalho e vida social da população do lugar.

Mas não se pode tomar simplesmente como positiva a prática da participação em si mesma, Imediatamente algumas questões afloram como pertinentes, ligadas ao tipo de participação que está realmente surgindo e crescendo:

- uma participação de concordância ? (neste sentido é muito interessante a observação do relatório de umas das comunidades, destacando a pedagogia de "treinar e acostumar o povo à discordância", "fazer perder o medo de dizer não");
- uma participação crítica ?
- uma participação realmente criativa ?
- uma participação efetiva nas decisões ou uma participação na consulta feita pelo padre ou pelos dirigentes para "legitimar" ou para dar "base" às decisões tomadas pela direção ?

A maturação de uma "Igreja nascida do povo" feita pela participação real de suas bases nesse processo é sem dúvida um dos marcos mais definidores da experiência. Essa participação é substancial do ponto de vista da Igreja e ainda mais da perspectiva do processo social global.

As CEBs afinal se propõem a ser uma prática participatória no nível da Igreja ou da sociedade ? Se em ambas, que não são totalmente separadas, a reflexão mais profunda do tipo e dos objetivos da participação torna-se mais necessária. Por isso é indispensável distinguir a cada passo, as marcas explícitas ou dissimuladas de uma participação "legitimadora" de um modelo não originário e não do interesse dessas "bases participantes", por um lado, e por outro lado, a detectação das marcas nascentes de uma participação efetivamente criadora de novas condições sociais.

2. A OPÇÃO DE TRABALHAR COM O POVO

Não se vai neste relatório entrar na discussão do significado mais rigoroso do conceito "povo". As experiências das CEBs se situam junto às camadas chamadas populares e quase totalmente em zonas rurais e em bairros mais pobres das periferias das cidades, o que vai dar às CEBs uma certa identificação imediata com o povo pobre.

Esta é outra de suas dimensões valiosas. Estar com a maioria pobre da população é fundamental em qualquer tempo, para qualquer instituição que queira ganhar raízes na sociedade como um todo. Naturalmente que isso vai exigir um pouco mais do que uma simples atitude ingênua ou emocional de "estar com o povo". Estar com o povo para quê ?

O processo das CEBs vai, aos poucos, delineando em cada uma delas, que interesses e portanto que participantes devem ser prioritários, como revelam alguns depoimentos: "Portanto, mais um grupo ia crescendo na capacidade de criticar e assumir, tanto mais os "sábios" se afastavam para dar lugar aos "Zé-ninguém". Procurou se descobrir os motivos: para ser comunidade, tem que aceitar os outros como iguais, precisa colocar-se ao lado dos outros e ouví-los; o próprio "saber" de alguém não pode mais ser um privilégio ... Os "privilegiados" deveriam renunciar aos privilégios ... Isso exige uma conversão que nem todos conseguem ou querem. Pelo contrário, os pobres sentem-se valorizados dentro de uma comunidade, descobrem que também eles têm alguma coisa para dar. Também eles são pessoas que valem ..."

Para a "Igreja da Libertação", o povo pobre é seu lugar social privilegiado já que, constituindo a maioria da população, deve assumir o seu próprio projeto de libertação. Para o processo social brasileiro, em que as práticas popu-

lares de participação são tão restritas e escamoteadas, é de primeira importância, essa dimensão popular das CEBs.

Vale detalhar um pouco algumas questões a partir das razões, das possibilidades, dos limites dessa realidade.

2.1. PREDOMINÂNCIA DO RURAL. POR QUÊ ?

As CEBs cujos relatórios são analisados localizam-se predominantemente no meio rural. Algumas em periferias semi-rurais das cidades. Há CEBs urbanas localizadas nos bairros pobres, mas em número reduzido e apresentando uma carga maior de dificuldades.

O argumento de que os pobres estão situados na zona rural é evidentemente precário, porque não é necessário ressaltar, por ser comprovada por todos, a pobreza da maioria da população das cidades, aglomerada em condições desumanas de vida. As CEBs urbanas se localizam, por vezes, nos bairros mais pobres, convivendo com uma população que, em sua maioria, vem do meio rural e tem "idade e costumes urbanos muito recentes", vivendo, entretanto, condicionamentos muito distintos daqueles do meio rural. Na cidade, vista como um todo, estão muito mais presentes o "progresso", a técnica, o consumo em larga escala, a multiplicidade dos serviços, dos agentes e dos meios de influência, a diversificação das camadas sociais e das relações do trabalho. Essa complexa realidade é sentida como dificuldade para as CEBs, como apontam alguns relatórios: "áreas urbanas de macro-indústrias, com toda a sua problemática de população flutuante, automação crescente, desemprego, aceleração demográfica, ritmo rápido de secularização, acentuação das diferênças de classes"; "a situação econômica melhorando para alguns, a mentalidade torna-se mais individualista"; " com a TV, o comodismo aumenta, a frequência se torna difícil"; "o desenvolvimento técnico foi introduzindo um novo ritmo de vida, que dificultou a regularidade do processo".

Para essa realidade, as CEBs parecem ainda não estar preparadas ou, quem sabe, as características predominantes de seu trabalho não cabem nesse mundo industrial moderno, parte integrante da realidade brasileira.

Pensando na predominância e na facilidade das CEBs rurais, vale perguntar.

- Os bispos que apoiaram a experiência têm dioceses sobretudo rurais?
- Os padres e leigos que se dispuseram a animar a experiência estão nas zonas rurais ? E por que não os que estão nas zonas urbanas ?
- Não estará a Igreja mais marcada por um trabalho afeito a uma sociedade de características mais rurais, onde as outras forças que nela atuam são tão numerosas e tão fortes, possibilitando seu predomínio ?
- Não estará a experiência das CEBs também marcada por um estilo rural na convivência social e nos valores assumidos ?
- Em que medida se pode afirmar que as experiências urbanas transplantam a maneira de ser das CEBs rurais para a cidade ?
- Querendo reagir ao "tradicionalismo da Igreja", a experiência das CEBs está consciente de que a chamada "sociedade tradicional" está desaparecendo, sobretudo nas cidades ?
- Como está sendo incorporada à experiência das CEBs toda a complexidade da composição social diversificada nas cidades, atingindo os bairros mais pobres ?

A preocupação com estas questões aparece em alguns relatórios, indicando a busca de novas pistas: "na área rural, o trabalho respira melhor, sobretudo nos lugares livres de quaisquer montagens institucionais"; "nas áreas urbanas mais populosas, as transformações sociais estão exigindo a descoberta de outras formas comunitárias"; "esta equipe não é uma comunidade de base: corresponde, antes, a um grupo de tipo urbano".

2.2. VIDA E TRABALHO.

Dentro do próprio conceito de comunidade está de certa forma implíci

cito que a ação da comunidade se faz por que os seus participantes têm interesses comuns. Aqui talvéz reside um dos problemas mais sérios com que as CEBs se defrontam.

- Quais são os interesses principais do povo que constitui a comunidade ?
- A partir de que referência são identificados esses interesses comuns ?
- Em que medida esses interesses estão colocados no nível da vizinhança ou no nível do trabalho ?
- O que fazer quando os interesses não são comuns ?
- Que aspectos da problemática social são objeto de reflexão ?
- Que ações no plano social têm sido suscitadas e animadas pelos participantes das CEBs ?

Há certas indicações nos relatórios de que se faz uma perigosa separação entre "vida" e "trabalho". A "vida" não parece envolver o trabalho regular das pessoas. Então, as ações que surgem ficam predominantemente no plano da solidariedade, da ajuda mútua, da melhoria de situações mais imediatas, na perspectiva da auto-promoção. São citados vários exemplos de serviços comunitários: grupo escolar, mutirão habitacional, trabalhos de higiene, saúde, cursos, horta conjunta, construção de capela, limpeza de açude, associação de bairro.

- Que valor é dado a esses trabalhos ?
  Duas posições estão sugeridas nos relatórios:
  - tornar a comunidade capaz de resolver seus próprios problemas - Não estará escondida aí a idéia, amplamente difundida em nossa sociedade, de que o esforço pessoal - e comunitário - resolva os problemas de má situação de vida ?
  - o povo fazer experiência de sua capacidade - Não será esse o ganho fundamental do trabalho baseado na "força da união", na ação conjunta ? Nesse sentido, as ações que são empreendidas têm muito mais a dimensão de oportunidades do exercício dessa capacidade. A pergunta que deve ser feita permanentemente é :
- Que atividades são mais capazes de permitir esse exercício ?

Por outro lado, é importante observar que são poucas as iniciativas ligadas aos problemas do trabalho. Não são trabalhadores a maioria dos participantes das CEBs ? Destaca-se que não há, quase, referências ao trabalhador assalariado, na sua condição de classe, nem na zona rural, nem na zona urbana (um relatório indica que nas grandes propriedades a "CEB quase não pode existir").

Algumas questões ficam em aberto :

- Que fatores determinam essa ausência ?
- Qual a real presença e participação de assalariados, nessa categoria e não como vizinhos, nas CEBs ?
- Que significação tem tido, na reflexão dos grupos, a condição de assalariado ?
- Nas CEBs urbanas, que problemas são característicos dos assalariadosdispersos na multiplicidade dos serviços ?
- Que problemas são específicos dos assalariados na indústria ?

O trabalho produtivo, a produção propriamente dita - setor que se sabe o mais fundamental da sociedade e definidor das características econômicas da comunidade - parece pouco presente nas preocupações. Entre as iniciativas citadas nos relatórios, duas pecularíedades chamam a atenção: situam-se no meio rural e não se estabelecem com trabalhadores assalariados.

As indicações de ação apontam: cooperativa, compra de insumos e venda conjunta da produção, mutirão, campanha de novas culturas, farianhada, atuação conjunta face ao problema de uso da terra - e se desenvolvem com trabalhadores posseiros e pequenos proprietários autônomos, categorias predominantes,em certas regiões e, sem dúvida, uma parte muito pobre da população rural.

Como é sabido que essa faixa de trabalhadores concentra uma das problemáticas sociais predominantes no mundo rural, com os conflitos conhecidos de posse e uso da terra, a dinamização das CEBs com trabalhadores rurais autônomos é de bastante importância.

3. EVANGELHO E VIDA

Ligar o Evangelho com a vida parece ser o ganho maior, apontado em tantos depoimentos das CEBs: "Ler o Evangelho e pôr em prática". Os testemunhos são significativos: "Nós passamos a entender que a Igreja somos nós memsos; nós , quando procuramos a melhoria das nossas condições, da nossa comunidade, do povo enfim".

Só o fato de serem discutidos, nas reuniões da Igreja, os problemas concretos das pessoas presentes, já constitui um impacto forte e fértil, que pode ser mobilizador da participação popular. Transbordar esse "refletir bíblico colado à vida" na ação, é passo inevitável, se a realidade da qual participa o grupo for de fato revolvida. Evangelho e vida não são realidades estanques, reflexão e ação são passos interdependentes de um mesmo processo.

A prática das CEBs tem caminhado nessa perspectiva, com descobertas e questionamentos que merecem reflexão:

- A prática das CEBs tem tido como dimensão principal a transformação da realidade social ?
- Ou o aspecto dominante é uma transformação no interior da própria Igreja ? - É concretizar o "servir" ao povo, ou é fazer as comunidades participarem da Igreja ?

A questão pode parecer improcedente, vista a perspectiva acima, mas ela surge da leitura atenta dos relatórios da experiência e se desdobra em vários aspectos:

3.1. Ação e reflexão

A questão do peso ou da ênfase dada à reflexão ou à ação está muito presente nos relatórios. Como se relacionam as atividades ou grupamentos organizados em função da reflexão - círculos bíblicos, grupos do evangelho, celebração da palavra, conselhos, encontros, cursos - com as consequências dinâmicas dessa reflexão na prática social dos participantes.

As atividades mais explicitamente organizadas pela Igreja, além do culto propriamente dito, estão sempre mais ligadas à reflexão. A ação sobre o social não é "propriedade" da Igreja. Há outras forças tão ou mais importantes do que ela que estão presentes neste campo. Mas se isso é verdade, também é certo que os cristãos que "se nutrem com a reflexão e a celebração do evangelho" têm como responsabilidade também sua ação no social e não só no interior da Igreja. Nesse sentido esse campo de ação é preocupação explícita das CEBs.

A inserção do Evangelho na vida se concretiza, portanto, na ação dos cristãos na sociedade, junto com outras pessoas de seu meio. Isto se observa tanto na ação individual de solidariedade com um amigo, um vizinho, um companheiro de trabalho, como e sobretudo, na ação social de um conjunto de pessoas com interesses comuns atuando na realidade para transformá-la.

Alguns relatórios são muito significativos nesse ponto: "A palavra libertadora ainda está a uma grande distância da ação libertadora"; "A pedagogia é opressora enquanto a palavra está desligada da ação".

Certos questionamentos parecem pertinentes para esclarecer melhor a experiência:

- Em muitos casos, a motivação para diferentes ações não se dá mais em função da vida da própria CEB ou de novas CEBs - novas reuniões encontros maiores, novos círculos, festas, organização material da paróquia, cursos de formação de dirigentes - do que em função da transformação social da qual deve participar o cristão ?
- Haverá entre os responsáveis pela experiência das CEBs a compreen-

são clara de que a formação dos "agentes de pastoral", dos "dirigentes" ou dos cristãos em geral se faz sobretudo pela reflexão de sua prática social ?

- Em que medida a reflexão que tem se desenvolvida nas CEBs se liga não só à vida - no sentido de pôr em comum os problemas de cada um e do meio em que vivem - mas à ação no sentido de uma atuação consequente para a superação desses problemas ?
- Será frequente o risco de cair numa "reflexão de constatação" das "distâncias entre o ideal evangélico e a realidade concreta", que leve a considerar o evangelho como um modelo estático, menospre - zando sua dimensão histórica ?

3.2. Reflexão sobre a vida e sobre a realidade

Certamente aqui se encontra um elemento importante a ser considerado. A análise da realidade não é algo que se faz tão simplesmente. Vai exigir uma certa metodologia que seja capaz de desvelar o real, descobrindo certas formações estruturais complexas. A leitura do relatório levanta algumas perguntas:

- Qual o conteúdo da reflexão sobre a realidade e em que nível ela se faz ?
- Bastará o relato vivo das experiências de cada participante ?
- É suficiente a composição de um quadro com fatos que exprimam fortemente a pobreza, a inexistência ou a má qualidade dos serviços, a situação da terra, o desemprego, a opressão, a injustiça ?
- Tem-se uma visão completa fazendo uma pesquisa que indique dados mais amplos sobre a região ?

Os depoimentos dos relatórios indicam: "tem-se como base a história do povo da região e como objetivo levar os grupos a desenvolver seu senso crítico, tomarem conhecimento da realidade, se capacitarem para analisá-la e de tornarem sujeitos de mudança social" ou "ainda não se chega a descobrir as causas da opressão social. Não há uma pedagogia que permita ao povo tal análise".

Certas questões parecem válidas nesse ponto:

- Será que o exercício de procura das causas e sua análise tem estado presente na prática das CEBs ?
- Tem-se a visão clara da necessidade de se conseguir um quadro es - strutural global para a compreensão mais correta dos pequenos e grandes fatos vividos pelos participantes do grupo ?
- A compreensão da história não será indispensável para viver hoje e ter perspectivas para o amanhã ?
- A falta de análise de um quadro mais global fazendo apelo a estudos mais amplos, não levará a ação a se restringir a limites muito imediatos ?

3.3. Uma questão pedagógica ?

Alguns relatórios dão a entender que as CEBs são um mecanismo de descentralização da Igreja. Essa descentralização teria como motivações principais: o número cada vez mais reduzido de padres; a distância criada entre a Igreja e a grande massa da população nos diversos níveis sociais; a separação entre a prática tradicional da Igreja e a vida prática da população.

- O que significa essa "descentralização" e que caráter tem ?
- Que interpretações podem surgir e, consequentemente, que orientações podem decorrer dessa questão se ela não for melhor explicitada ?

Para quebrar a distância Igreja-população as CEBs teriam surgido como um método de "aproximação". Ir morar mais próximo, descobrir elementos com quem repartir tarefas, não propor nada, mas deixar ser sentida a necessidade do padre e

das práticas da Igreja, não sacramentalizar nem apresentar fórmulas prontas de verdade, mas levar o pessoal a descobrir e refletir, formar grupos de reflexão - esses todos seriam passos necessários para efetivar a presença da Igreja no seio da população.

A que questões pode levar essa perspectiva sobretudo se tomada isoladamente ?

a) Uma superestimação das questões de "método".

- A relação Igreja-povo se reduz a uma questão de "método" ?
- Há uma preocupação grande de busca de uma pedagogia adequada. Adequada a quê ?
- É suficiente descobrir linguagem e formas novas para que a presença da Igreja seja libertadora ?

É claro que o problema pedagógico não pode também ser minimizado. "As maiores dificuldades residem na maneira prática de encaminhar a ação pastoral; o método é decisivo para o trabalho". Esse depoimento completa-se com este outro: "o pessoal teve dificuldade em distinguir o 'conteúdo' de sua experiência eclesial da 'forma pedagógica' através da qual lhe foi permitido viver tal experiência". Ou seja, a questão pedagógica é de primeira importância, mas ela não se dissocia do conteúdo, do objetivo que se quer atingir, da perspectiva global do trabalho.

Os relatórios testemunham boas descobertas e avanços nesse aspecto, no meio das muitas dificuldades, Neste plano, a troca de experiências e reflexões é o caminho mais fértil. Alguns depoimentos:

- "o homem do campo tem capacidade para refletir mas não tem costume: leva tempo para desenvolver esta capacidade" (não estará aqui uma falta de compreensão da forma como o homem do campo expressa sua reflexão ?);
- "a reflexão da realidade e da ação antes, durante e depois, levou a uma visão mais ampla da realidade e a um alto nível de consciência";
- " por nossa parte - agentes de pastoral - é constante a tentação de empurrar demais, de oferecer soluções, de conseguir tudo rapidamente. É sempre presente o perigo de julgar a partir de nossos critérios, que não são os do povo";
- "o povo humilde gosta de fazer visitas. Por que, então, não aproveitar esse valor ?";
- "usou-se toda forma de consulta ao povo ... mesmo que fosse para tomar decisões de não muita importância";
- "palavras novas, nova maneira de apresentar ... já não podem esconder o fato de que alguns ao usar isso fazem repetição e propaganda";
- "nossa prática revela algumas características opressoras, na medida em que há um certo dirigismo que corre o risco de abafar a voz do povo, não deixando que este assuma a animação da comunidade".

b) Modernização da Igreja ?

Com a chamada "modernização" da sociedade brasileira, alguns setores da Igreja ficaram um tanto impressionados com que a sua instituição não estivesse acompanhando o ritmo e o estilo da sociedade. Diversos esforços foram efetuados nesse sentido, como a liturgia, a aparência externa dos padres, a racionalidade da burocracia eclesiástica, os meios de comunicação social, etc. Sabe-se entretanto, que modernização não significa necessariamente mudanças mais profundas, sendo quase sempre o aperfeiçoamento de velhas estruturas. Às vezes chega-se a pensar que as CEBs representam uma forma de "modernização" da ação da Igreja. Valeria a pena então, pensar no real significado de modernização e em que níveis ou aspectos ela se dá, na experiência que se está analisando.

Parecem válidos questionamentos como estes:

- Trata-se de vestir conteúdos antigos com roupagens novas ?
- Trata-se da manutenção das mesmas características da instituição Igreja espraiadas a nível de base ("a Igreja criando raízes no mundo moderno") ? Várias questões estão implicadas neste ponto, mas o aspecto a refletir agora é: em que medida a experiência das CEBs se desvincula do modelo institucional da Igreja ?
- Considerando que as CEBs são estruturas da Igreja, como poderão elas isentar-se de um tipo novo de triunfalismo em seu relacionamento com o restante da população que não participa delas ? Por outro lado, o maior desenvolvimento das atividades das CEBs é alcançado com os grupos que têm sido quase que sistematicamente marginalizados do processo de "modernização" da sociedade brasileira. As condições reais de vida destas populações, na medida em que não são compreendidas racionalmente em suas causas mais profundas, têm sido o solo fértil em que frutificam todas as manifestações religiosas populares, quase sempre mobilizando grandes massas. Na medida em que valorizam o compromisso pessoal de seus membros, as CEBs têm se afastado da religiosidade das grandes massas populares. Ultimamente, para superar este impasse, tem havido a preocupação de se dimensionar novamente o significado da religiosidade popular dentro de uma prática de pastoral libertadora. Torna-se, portanto, de fundamental importância perguntar-se:

  Como as CEBs têm enfrentado e em que medida têm procurado superar as ambiguidades existentes entre a "modernização" que representariam e a marginalização crescente dos grupos sociais onde recrutam a maioria de seus integrantes que resulta do processo de "modernização" da sociedade brasileira ?

3.4. Agentes de pastoral

Se a falta de padres representou motivação de peso para a descoberta de novos mecanismos de presença da Igreja, a formação de agentes de pastoral em diversos níveis, dirigentes, coordenadores de grupos ou de CEBs pode guardar algumas marcas dessa origem. Nesse sentido, equivaleria à multiplicação da ação tradicionalmente atribuída ao padre. A maioria dos papéis que antes eram monopólio do padre seria então compartilhada com leigos.

Vale a pena refletir sobre a presença do dirigente na experiência : Serão encontrados alguns traços dessa "herança" ?

a) A anterior "indispensabilidade" do padre e a atual "indispensabilidade do dirigente ----------

Nesse caso apenas está se fazendo uma transferência de direção. Assim a "base" ou a "chave" do trabalho seria o extensor do padre, o dirigente. Toda a velha estrutura seria mantida acrescentando-se mais um elemento na cadeia. Não haveria quebra na hierarquização, nem na verticalidade da estrutura de poder. Alguns relatórios dão indicações a esse respeito e de forma bastante lúcida: "a organização recaía muito sobre a pessoa do dirigente"; "os responsáveis são muito dedicados mas ainda com uma liderança centralizada, sobretudo nos interiores"; "as comunidades mais pobres em reflexão e criatividade são aquelas que receberam como principal animador uma pessoa de fora".

b) Certa "elitização" dos dirigentes

Um dos perigos que pode levar à supervalorização dos dirigentes e/ou coordenadores, reflexo talvéz das características elitistas da formação e presença dos padres, é a formação de um número maior de "mini-padres".

Algumas pessoas podem incorporar uma certa superioridade pela nova posição de destaque que passam a ocupar e se distanciam da comunidade eclesial e o que é ainda mais grave, do grupo social a que pertencem. O ser "dirigente" ou " coordenador" passa a ser elemento de " status", reproduzindo no interior das CEBs certos mecanismos elitistas que caracterizam o processo social brasileiro, que ob-

viamente é muito mais global e determinante do que aquele que se dá no interior da Igreja.

Certas perguntas podem ser feitas:

- Quais os critérios observados para a condução de alguém à liderança das CEBs ?
- Quais os processos que se seguem na escolha dos seus dirigentes ?
- Quais as características das lideranças surgidas dentro das CEBs ?
- Que providências têm sido tomadas a fim de se praticar uma liderança de estrutura democrática ?

O que dizem os relatórios a respeito desses questionamentos:

- "o dirigente é a pessoa que aceitou a missão de tomar conta de um setor";
- "o dirigente na maioria dos casos não é do bairro";
- "auto-suficiência dos líderes quando começam a adquirir posição".

c) Poder de decisão dos dirigentes

A elitização dos dirigentes e talvéz o reflexo de seu caráter de "representante" do padre, na prática lhes dão demasiado poder de decisão e de influência, contrariando aquilo a que se propõem as CEBs, que tentam criar raízes nas decisões comunitárias. Isso vai se verificar principalmente nos lugares mais isolados. Os relatórios apontam um certo "proselitismo" por parte dos coordenadores; "as reuniões mensais (dos dirigentes) são bastante dirigidas; tentamos encaminhar um processo já refletido entre nós".

Uma análise interessante sobre este ponto é apresentado no relatório da experiência de Barreirinhas, Maranhão, onde se discute a imagem de "padre-patrão" e do "padre-modelo".

Os relatórios também sugerem práticas que tentam superar algumas dessas dificuldades: "Para não cair vítimas de uma eventual nova vontade monopolizadora de algum líder, procurou se fazer com que nenhum serviço, nenhuma atuação estivesse ligada apenas a uma pessoa".

Vem de depoimentos de base a proposta do trabalho amplamente participado, com a perspectiva de que a ação da Igreja, finalmente, pertence a todos os seus membros: "agentes de pastoral são todos"; "todo mundo é 'evangelheiro'";"isso é que é Pastoral"

4. OBSERVAÇÕES FINAIS

A experiência das CEBs é ainda bastante recente para que dela se possam retirar conclusões mais definitivas. Deve ser encarada como um movimento que se deflagra ou como um processo que se inicia, e que dependendo do seu desenvolvimento pode levar a caminhos bem diversos.

Sendo uma iniciativa da Igreja, voltada especialmente para as camadas populares, e ainda cheia de ambiguidades, pode ser um novo instrumento de legitimar a própria sociedade global na medida em que não for capaz de entender a verdadeira raiz da problemática com que se defronta.

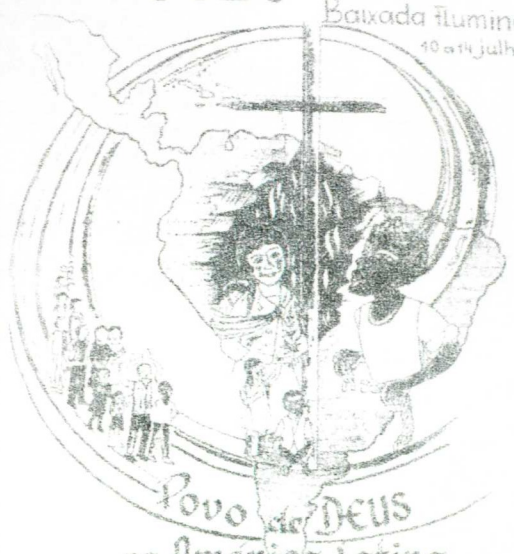
Pretendendo representar um caminhar do povo, pode se constituir em uma forma mais moderna de manipulação desse mesmo povo, tanto para a Igreja como para a sociedade que se quer modificar.

Pode significar, entretanto, pistas muito ricas de trabalho, já que assumindo que o povo é elemento principal na construção da sociedade e da própria Igreja, pode se constituir em um avanço significativo na busca de formas participatórias e de ação conjunta desse mesmo povo.

As observações contidas neste trabalho, calcadas em relatórios de experiências muito distintas e apresentadas de forma diversa devem ser encaradas como uma simples e despretenciosa contribuição para a compreensão de uma experiência que vai se estendendo em todo o Brasil.

7º Encontro Intereclesial de CEBs

Baixada Fluminense
10 a 14 julho 1989



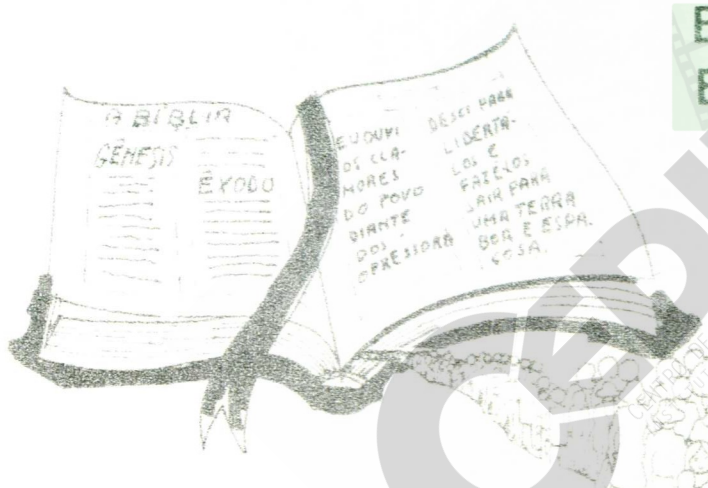
Povo de Deus na América Latina a Caminho da Libertação

O INFORMATIVO

ACOMPANHANDO A CAMINHADA

SUB-REGIÃO: S. MARIA - JARDIM GLÁUCIA - LOTE XV

JUNHO



ENCONTROS BÍBLICOS

1

ESTE É MAIS UM INSTRUMENTO COM QUE AS TRES PARÓQUIAS VÃO CONTINUAR SUA MISSÃO EVANGELIZADORA.

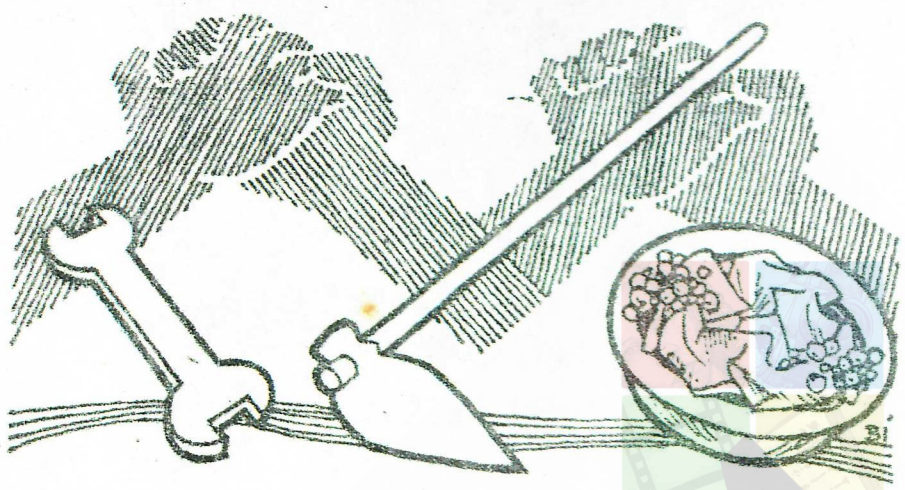


CAMINHAR COM DEUS HOJE

SINAIS DAS CEBs

* O povo, os pobres, são valorizados e encontram seu LUGAR; participam com os Bispos, Padres e Agentes de Pastoral na organização e ação pastoral.

* A autoridade é vivida da maneira que Jesus pratica no Evangelho: como um SERVIÇO. Cada um coloca suas qualidades à serviço dos outros - e todos são corresponsáveis.



* A liturgia, as celebrações, fazem ligação da fé com a vida. A fé é alimentada e celebrada à partir dos acontecimentos vividos pela comunidade. Os símbolos são tirados da vida.

* A Bíblia está sempre presente e ilumina a vida da comunidade. Existe um esforço para conhecer bem a Bíblia (através de cursos, círculos bíblicos, grupos de reflexão, grupos de evangelização). A Palavra de Deus cria comunidade porque é assumida pelo povo das CEBs.

* Os sacramentos são celebrados em comunidade. A preparação dos sacramentos é feita em pequenos grupos, despertando para o compromisso com a comunidade e a vida.

* A oração e as celebrações são indispensáveis para manter a comunidade viva, unida e corajosa.

* A Eucaristia é o centro e o alimento da comunidade. Por isso todos participam e se comprometem. A presença de Jesus na Eucaristia prolonga-se na vida da comunidade. Comungar é alimentar-se nele para prosseguir na luta.

*É uma Igreja Missionária; não fica fechada em seus problemas, mas se abre para o mundo e outras comunidades. Está à serviço do projeto de libertação dos pobres.

*O povo expressa sua fé de forma que gosta. Mantêm os valores da religiosidade popular. A forma de manifestar sua fé é respeitada: romaria, terço, novena, celebrações, via-sacra.

*Há uma constante busca de libertação de tudo o que diminui a vida, pela mudança para uma sociedade mais igualitária. Muitos de seus membros participam ativamente dos movimentos populares.

ENCONTROS DAS CEBs



Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus

Igreja que caminha

Igreja, povo que se liberta

Igreja, povo oprimido que se organiza.

CEBs, povo unido, semente de uma nova sociedade

Povo de Deus em busca da terra prometida

Povo de Deus, na América Latina, a caminho da libertação.

PARA CONVERSAR

1. Quais os sinais das CEBs apresentados tem a comunidade que você participa?

2. Quais precisam se tornar mais fortes? Como?

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO INSTITUTO MULTIMEIOS DE IMAGEM UFRRJ

NOTÍCIAS.

COMUNIDADE DE SANTA AMÉLIA

Um pouco de história (continuação do Informativo de abril)

Como eram as atividades da CEBs naquele tempo?

No início não tínhamos um conselho para resolver os problemas da CEB, tudo era resolvido por uma comissão, chamada Comissão de obras, Esta era encarregada de debater com seus membros as questões ligadas as pastorais e crir meios para resolvê-las.

Naquela época tínhamos os movimentos de Grupo Jovem, Catequese, Casais, Equipes de festas e teatrinhos, Liturgia, Oração e Cantos. Todos bem animados.

Como eram as reuniões da Comissão de obras?

Não tinha muita diferença das reuniões de hoje, todos falavam, tudo era resolvido em comum acordo. Claro que houve algumas divergências em questões mais sérias. Lembramos de uma: foi quando tivemos que escolher qual dos dois terrenos doados ficariam para construir a Capela. O primeiro terreno fica em frente da pista, em frente a atual escola de Santa Amélia. O segundo onde está atualmente construída a Capelinha. Escolhido o terreno, restava apenas partir para a construção da Capela.

NOTICIÁRIO

GRUPO JOVEM.

O grupo realizou no dia 1º de maio uma tarde de lazer. Houve gimcana, jogo de volei, brincadeira com música e o jogo de perguntas e respostas. Todos os jovens atuantes se fizeram presentes.

A homenageada no dia das mães pelo grupo foi a jovem mãe Elza, esposa do Helisson. Foram distribuidas muitas rosas pelo grupo a todas as Mães que estavam presentes na Missa.

Dia 7 de maio tivemos uma dinâmica jovem com o grupo de Nova Piam, Comunidade do Cristo Libertador. Foi uma dinâmica de introsamento entre as duas comunidades que ficam bem proximas.

CATEQUESE

Estamos nos encontrando de 15 em 15 dias para preparar os encontros. No mês de junho os encontros estarão suspensos por causa do curso bíblico.

PERSEVERANÇA.

Há encontro todo sábado às 15 Hs. Dias 14 de maio houve gimcana com várias atrações.

CRISMA

Este mês teremos 2 encontros: dia 21 na Prata, dia 28 em São Francisco, sempre às 8 horas. Os que se inscreveram o não compareceram já foram cortados e outros que faltam estão correndo o mesmo risco.

MÊS DE MAIO

Tivemos o terço em dois horários: 17 Hs e 19,30 Hs. Dias 28 às 18 Hs. tivemos Coroação preparada por Mercedes e Lourdes.

FESTA JULINA

FESTA JULINA
Será dia 2 e 3 de júlho. Dia 18 de julho teremos a famosa Vaca Atolada por NCZ$ 3 o prato, e a tarde Bingo.

13 DE MAIO

Foi dia de lançamento do grupo Força Divina, que os jovens da Comunidade organizaram para apoiar e animar com músicas sacras as Missas e Celebrações. A noite fizemos uma Noite de Louvor a Deus e repúdio à famosa Lei Áurea, que foi queimada em sinal de protesto.

DONA SANTA ESTÁ PRESENTE NA CEB DE SANTA AMÉLIA E DIANTE DE DEUS.

"Peço por todos os jovens, os doentes, os presos e prá todos que estão aí no mundo sem destino, sem paradeiro, sem uma fé. Peço para que mais gente participe da Igreja, que não falte as Missas e Celebrações"

Esta era a oração que dona Santa sempre fazia aos domingos para expressar seu amor a Deus e ao povo. Na manhã de 17/4 dona Santa partiu para junto de Deus, o lugar dos bons e justos. Sua voz estará sempre em nossos ouvidos, nas longas orações dominicais que ela fazia; esperaremos em silêncio o momento de dizer: Senhor escutai a nossa prece. Que Deus te abençoe.

VALE DO IPÊ

A Comunidade do Vale do IPÊ continua firme, apesar de muitos trabalhos e poucos operários. A maior luta é com a obra. Pensando nisso a Comunidade pensou em improvisar uma simples festinha neste mês de maio, dia 28. Foi uma ótima confraternização de Crismandos e Perseverança. Mostraram que os jovens sabem fazer um trabalho com entusiasmo. Basta cada um de nós valorizá-los.

Neste mesmo dia tivemos a Coroação muito bem participada. Vemos então que a fé do povo ainda está em nossa querida Mãe Santíssima, isto nos incentiva na caminhada.

Através desses encontros todos os dias às 18 Hs durante o mês de maio nasceu em nós o desejo de continuar nos encontrando uma vez por semana para momentos de oração.

A Comunidade do Vale do Ipê agradece a todos que colaboraram doando um pouco do que tinham. Que São Francisco Dê em dobro e que a mesa de todos vocês seja sempre farta.

Estamos também muito felizes pois o pessoal do Batismo está aceitando batizar os seus filhos com o Ministro. No dia 28 de maio: foi muito lindo, pois o ministro era mulher, a criança menina e como testemunha Maria Santíssima. Agradecemos a dona Jô pelo belo batizado.

Foi lindo! Agradecemos também a Carlos (Baixinho) que animou com o violão; ele está muito feliz pois é papai pela 2ª vez.

AVISO: Os animadores de Círculos Bíblicos continuam se encontrando toda última terça feira do mês às 17 horas.

PARQUE SÃO JOSÉ

* Está nascendo mais uma CEB! N. S. DA PAZ. Parabens! Esta nova Comunidade é fruto da Evangelização realizada por membros de nossa Comunidade com a proteção de São José e graças ao Espírito Santo.
* Estamos nos fortalecendo na oração e na Bíblia para ter fôlego e continuar firmes na caminhada.
* Ótimo trabalho do Ministro do Batismo na área toda. A catequese está bem animada, com a ajuda da Rizomar e do José Carlos.
* Estamos precisando de um grupo jovem. Porém Cristo é que sabe a hora certa. Ele surgirá.

PRAÇA MAUÁ

-Encontro da Alegria.

Será no dia 2 de julho com festival de pipocas às 14 horas. Contamos também com slides do filme: Anunciação do anjo.

Haverá muita brincadeira para as crianças. Participe conosco.

-Festa da Padroeira N. S. do CARMO

Estamos preparando as diversões: barraquinhas, quadrilhas, etc. Haverá também um Terço humano com as crianças da comunidade.

-Obra

Já está em andamento. Um pouco devagar pelas dificuldades de ajuda, mas com muita garra.

-Clube de Mães

Com bastante força e com a presença indispensável da Irmã Ana Clara que muito nos alegra com sua presença.

-Conselho Comunitário

Todo 1º sábado do mês às 18 horas

-Catequese

Apesar das dificuldades estamos caminhando com a ajuda de Deus. Algumas crianças acham que é pouco o catecismo uma vez por semana.

-Círculo Bíblico

Toda quarta feira às 19,30 Hs. Depois da festa passaremos para as Quintas feiras.

NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Maio foi bem movimentado com Novena e do dia 22 ao 27 Cursinho Bíblico com o Pe. Paulo sobre os Atos dos Apóstolos. Dia 21 de maio houve almoço com delicioso Mocotó e dia 4 de junho Coroação de N. S.

Dia 1 e 2 de julho teremos festa popular. Você está convidado.

Dia 9 de julho às 16 horas comemoraremos as Bodas de Prata de Alício e Marilde. Todos estão convidados.

Dia 30 de julho haverá Primeira Comunhão das crianças às 17 horas.

Este mês conseguimos um novo Grupo de Círculo Bíblico, completando assim 5 grupos bem ativos nas ruas. Consideramos isso uma vitória.

A obra está caminhando bem, a casa do caseiro está no arremate final.

COLABORAÇÕES

LOUVOR A MARIA

Maria Menina
que tanto me ensina
a ser pequenina
ser luz na neblina.

Maria morena
que enfeita, que encena
pro povo sofrido
meu povo latino.

Maria, mãe negra
com sua dor presa
que vive a certeza
de sua beleza.

Maria mulher
proteja esta américa
que chora e padece
mas não desfalece
em sua matéria
tão forte e singela.

Eu te saúdo
Maria é meu povo
que quer mundo novo
que soube ser tudo
lutou pro futuro
venceu todo o mundo.

Fátima- S. Maria

SERÁ QUE TEM?

Muita miséria e fome
surge da corrupção.
Dirigentes não se tocam
parece não ter coração.
Só a volta de Jesus
pode salvar o povão.

Inflação sempre maior
Não há lei nem decisões
Até parece que tudo
se faz com má intenção,
querendo a revolta do povo
prá não se ter eleição.

Muito cuidado povão
não se deixando enganar
com os falsos caçadores
que também é marajá.
Como chegou a ser prefeito?
Quem nos irá confirmar?

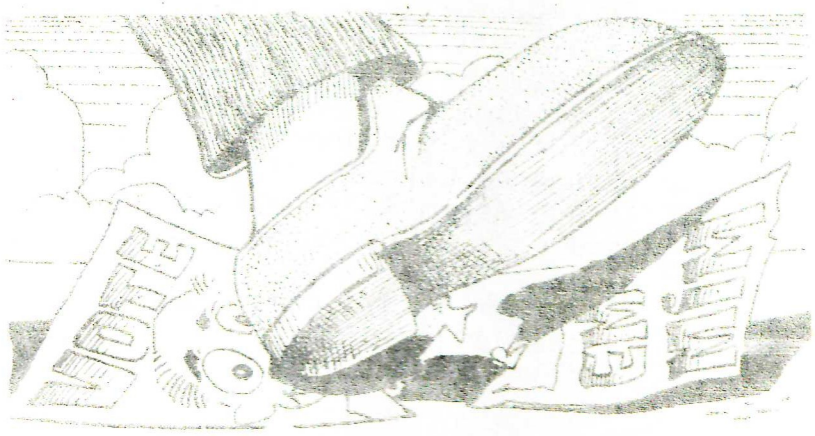
Cunha- P. S. José

AGRADECEMOS
todas as colaborações e desde já solicitamos que se há alguém que sabe expressar em desenho fatos da vida do povo ou passos da caminhada das CEBs, mande para nós.
Teremos a maior alegria em poder publicá-los.
Assim o
INFORMATIVO
será sempre mais o retrato de nossas CEBs.

CARTA DE UMA CRISMADA

Hoje faz um ano que houve a Crisma. E eu espero que durante todo este ano que se passou os crismados tenham levado o compromisso que assumiram.
Porque a Crisma não acabou no dia 23 de maio de 89, mas sim começou. E com ela um novo espaço de compromisso se abriu e nós assumimos um novo chamado. Todos os encontros de Crisma foram muito significativos.
A amizade de cada um foi mais que amizade de encontros, foi algo que marcou a vida de todos. O amor que partilhamos era tão grande que era impossível alguém no final não ter algo a dizer ou agradecer.
Quantas recordações ficaram, víamos a alegria estampada no semblante de cada um. Agradeço a Deus pela irmã Ana Clara que apoiou os crismandos em sua caminhada. Aos animadores que deixaram seus lares para se encontrar com os jovens, que muitas vezes deixavam a desejar.
Por tudo que aconteceu e se passou, muito obrigado.

Luciane- Pq. S. José.



NÃO FAÇA ISSO!
Primeiro participe do curso sobre as ELEIÇÕES em Jardim Gláucia ou Lote XV.

Veja o convite na última página do INFORMATIVO.

NOTÍCIAS

Problemas de terra se agravam no Maranhão e os assassinatos voltam

COMO LER OS JORNAIS?

Os jornais trazem muitas notícias, mas não todas. A escolha é feita fundamentalmente com o critério de agradar a quem tem o dinheiro para comprar o jornal e segundo os interesses do dono do jornal. Quando a notícia interessa aos que tem dinheiro, ela é dada e repetida até todo mundo ficar sabendo. Quando a notícia interessa ao povo pobre não é publicada ou é publicada lá no final. AQUI VÃO NOTÍCIAS IMPORTANTES PARA O POVO, mas que os jornais já trataram de esqcecer. Precisamos saber descobrir estas notícias e não esquecê-las. Elas são a verdadeira história do povo.

Arcebispo acusa Brossard de omissão no caso Josimo

GOIÂNIA — O arcebispo de Goiânia Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, acusou em depoimento à Justiça federal o ex-ministro da Justiça Paulo Brossard de desatenção para com as denúncias feitas pela Igreja de que padre Josimo Tavares, assassinado em 1986, em Imperatriz, no Maranhão, corria risco de vida. A denúncia foi feita ontem à tarde durante a primeira audiência de instrução e julgamento da ação de ressarcimento por responsabilidade civil contra a União e o estado de Goiás, proposta em 1986 por Olinda Morais Tavares, mãe de padre Josimo.

O arcebispo de Goiânia disse ao juiz federal da 4ª Vara, Gilson Barbosa dos Santos, que julgará a ação, que em 29 de abril de 1986, ou seja, 11 dias antes do assassinato do padre, que se deu no dia 10 de maio, ele esteve em Brasília, acompanhado de mais quatro bispos da região norte do antigo estado de Goiás, região conhecida como Bico do Papagaio, para pedir proteção ao padre Josimo e entregar um dossiê sobre a violência e os conflitos de terra na região. Dom Antônio disse que não conseguiu ser atendido pelo presidente Sarney, que estava em preparativos para uma viagem a Portugal, mas que o assessor da presidência Geraldo Moscardo recebeu a comitiva e os encaminhou ao Ministério da Justiça.

Dossiê — No Ministério, embora fosse sabido que o ministro Paulo Brossard estava na Casa, Dom Antônio foi informado que ele estava viajando. Poucas horas depois o próprio ministro ligou para o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Luciano Mendes de Almeida, e o chamou ao seu gabinete. Dom Luciano contou a Dom Antônio que ele próprio entregou o dossiê sobre os conflitos de terra na região e pediu proteção a padre Josimo, no que não foi atendido. Segundo Dom Antônio, Dom Luciano lhe contou que o ministro pedira a ele que avisasse o arcebispo de Goiás para procurar o governo do seu estado.

Dom Antônio tem toda a documentação dos pedidos de audiência. O arcebispo falou com o governador de Goiás na época, Onofre Quina, vice de Íris Resende, que assumira o posto do titular, mas não foi informado posteriormente de que Josimo tivesse recebido proteção policial. Também a mãe de Josimo, Dona Olinda, negou que o padre tenha recebido qualquer escolta. Dona Olinda morava com o filho, havia sete anos, desde que ele deixara o seminário e se ordenara padre. Viúva, ela já havia perdido a única filha, Ana Maria, 12 anos antes de perder o filho. Dona Olinda Tavares conta que era sustentada por padre Josimo, com o ordenado que ele recebia da Igreja.

Policiais matam sindicalista pelas costas com três tiros

ARACAJU — Cerca de 40 homens das polícias Civil e Militar fuzilaram ontem com três tiros nas costas o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cumbé — a 90 km da capital —, João Almeida do Nascimento, de 67 anos. O líder sindical foi assassinado no apartamento 101 do Hotel Norte-Sul, no centro de Aracaju, onde estava hospedado com a mulher, Gabriela dos Santos, que nada sofreu. O crime aconteceu depois de uma discussão entre a vítima e o gerente do hotel, José Vieira dos Santos.

Chamados pelo gerente, os mais de 40 policiais cercaram o hotel, pensando tratar-se de um marginal, e começaram a abordar João Almeida do Nascimento. Segundo Gabriela dos Santos, o marido não reagiu, mas disse que não saía do apartamento porque achava um "desaforo". "Em seguida foram jogadas três bombas de gás lacrimogêneo e quando João abriu a porta para fugir foi atingido por tiros de revólver calibre 38 nas costas", contou Gabriela. Já o gerente José Vieira Santos garante que o sindicalista estava armado com um revólver calibre 32 e disparou contra os policiais "pelo menos uma vez".

Engano — Em seu depoimento, José Vieira Santos disse que o sindicalista pagou uma hospedagem para solteiro e depois "verificamos que ele estava com uma mulher no apartamento". Para pedir explicações, o gerente bateu na porta, mas João Almeida disse que não abria e "que só saía quando terminasse a diária". Imediatamente a polícia foi chamada e, minutos depois, toda a rua do hotel estava tomada por viaturas. O delegado Edson Trindade, que preside o inquérito, acha que "os policiais pensaram tratar-se de um perigoso marginal".

O sindicalista João Almeida do Nascimento foi vereador em Cumbé por sete legislaturas seguidas e, no ano passado, elegeu-se presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais daquele município. Segundo Gabriela dos Santos, "ele veio a Aracaju participar de uma reunião de sindicalistas rurais na sede da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Sergipe (Fetase). Ao tomar conhecimento do crime, o presidente da Fetase, José Félix Neto, suspendeu a reunião e enviou uma nota oficial ao governador Antônio Carlos Valadares protestando contra "o homicídio" e pedindo que os culpados "pelo assassinato do companheiro João Almeida do Nascimento sejam punidos".

Polícia acusada de matar 327 crianças na Baixada

Nos últimos 18 meses, pelo menos 327 crianças – a maioria entre 14 e 17 anos – foram assassinadas por grupos de extermínio na Baixada Fluminense. A denúncia esta contida no dossiê sobre grupos de extermínio de menores naquela região, elaborado por várias entidades, como a Pastoral do Menor de Duque de Caxias e São João de Meriti, entregue, ontem, à Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Vereadores.

Ainda de acordo com este dossiê, policiais civis e militares integram o grupo de extermínio sendo que um civil tem o apelido de **Jiló** e atua no Shopping Center de Duque de Caxias.

Óbitos

Representantes da Associação de ex-Alunos da Funabem, Pastorais de Menores, Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, entre outras entidades, debateram ontem pela manhã, no plenário da Câmara o assunto com diversos vereadores, que se comprometeram a cobrar do Secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, um levantamento completo nas listagens de óbitos de menores; e da Prefeitura do Rio uma listagem dos funerais, tornando público os resultados e adotando providências imediatas. No dossiê, consta um ofício (06819/200-88), da Secretaria de Polícia Civil, no qual Hélio Saboya se compromete, já no dia 11 de maio de 1988, a tirar da alçada da Polícia Civil a questão do menor, o que não aconteceu até hoje.

Volmer do Nascimento, membro da Pastoral do Menor de Duque de Caxias, denunciou que dos 50 meninos de rua integrantes do núcleo da Pastoral naquele município, em maio do ano passado, apenas quatro restaram: "Todos os demais foram assassinados por grupos de extermínio. Foram aparecendo estrangulados, cheios de tiros e torturados. Eram apenas crianças. As meninas foram todas estupradas por policiais e obrigadas, dentro das delegacias, a se submeterem a vexames" – contou Volmer. Segundo ele, esse policial conhecido por **Jiló** é quem coordena a matança, sendo pago por comerciantes da área para "manter o centro de Caxias limpo".

PM no bando

Também outro policial, só que militar e chamado Ivan, lotado no 15º BPM – Caxias, faz parte do grupo. Segundo informações contidas no dossiê, Ivan teria matado diversos menores, inclusive um chamado Gilventino Teixeira do Amarsi, o Deca, de 16 anos, na frente de varias testemunhas, que o acusaram, mas o policial permanece impune. Pelo relatório, o PM matou Deca pelas costas, com vários tiros, no dia 4 de agosto de 1987. "Quase todos os menores morrem de forma semelhante, ou seja, covardemente, e muitos corpos sequer aparecem pois são enterrados num cemitério clandestino, no Bairro Centenário, em Caxias. Todo mundo sabe, mas a impunidade continua" – diz Volmer.

O dossiê contém, ainda, o depoimento de vários menores, como o de uma menina de 15 anos que conta as brutalidades a que é submetida toda vez que policiais a levam para delegacias, estuprando-a e submetendo-a a situações humilhantes. Um outro menor, de 16 anos, narra que constantemente o policial **Jiló** o obriga a comer baratas atrás do Shopping Center e, quando não consegue, usa o cassetete para abusos sexuais.

Índio denuncia confinamento de tribos e matança pelo Exército

PORTO ALEGRE — O presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, o índio Orlando Melgueiro Baré, denunciou ontem que "o Projeto Calha Norte está confinando os 30 mil índios de quase 100 tribos existentes na região amazônica em pequenos campos de concentração vigiados por militares, que tomaram conta da área ao longo da fronteira entre a Amazônia, Colômbia e Venezuela".

"As tribos estão sendo misturadas e criando conflitos entre os próprios índios que estão proibidos de deixar esses locais, até mesmo para visitar parentes em outra área", ressaltou Orlando Baré. Ele denunciou, também, que os jovens estão sendo recrutados pelos militares que ocuparam a área para prestar serviço militar durante um ou dois anos, sem que falem qualquer palavra em português. "O que estão fazendo com os índios da região é um genocídio, um etnocídio", desabafou Baré.

Aculturação — Orlando Baré veio ao Rio Grande do Sul a convite da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) para dar uma palestra sobre a Amazônia e o Projeto Calha Norte. Revelou que os índios estavam espalhados em tribos por mais de 600 mil hectares, mas com a implantação em 1986 do Projeto Calha Norte, "não têm mais liberdade de ir e vir, já que não possuem as fronteiras impostas agora pelo homem branco".

11-12-88 — João Farkas



Baré: um "genocídio" na Amazônia

Orlando Baré contou que, desde que o projeto foi implantado, houve vários conflitos entre índios e soldados do Exército nas áreas de São Gabriel da Cachoeira, Auireté, São Joaquim, Serra dos Porcos e Pari Cachoeira, e que já morreram mais de 10 indígenas. Baré disse que existem hoje "mais de três mil soldados do Exército vigiando toda a região e, com isso, trazendo doenças como tuberculose, difteria, sarampo e gripes, que já mataram muitos velhos e crianças".

Culpando a Funai pela aculturação e destruição da organização dos índios em todo o Brasil, Baré afirmou: "A Funai quer embranquecer o índio, prejudicando sua cultura e destruindo os últimos remanescentes ainda existentes no país em favor de empresas estrangeiras e nacionais que pretendem dominar a Amazônia para explorar o minério e a madeira da região." Essa aculturação, segundo Baré, favorece as empresas de mineração, "principalmente a Paranapanema e a Taboca que, com isso, obtêm mão-de-obra barata".

"IL MORO SANTO"

Os 400 anos de São Benedito

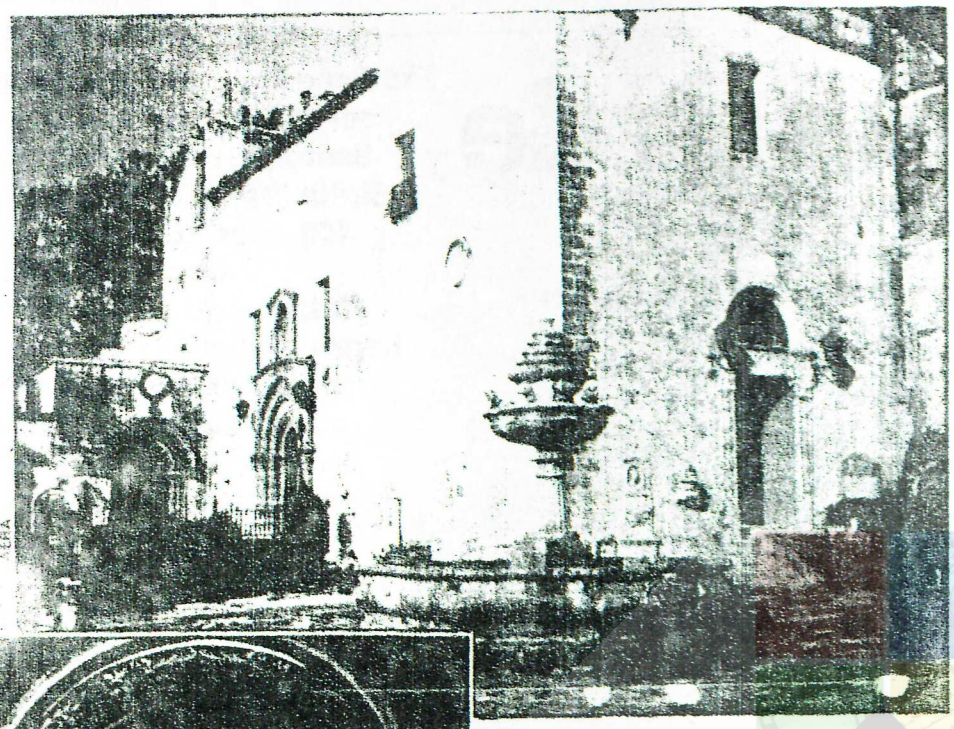


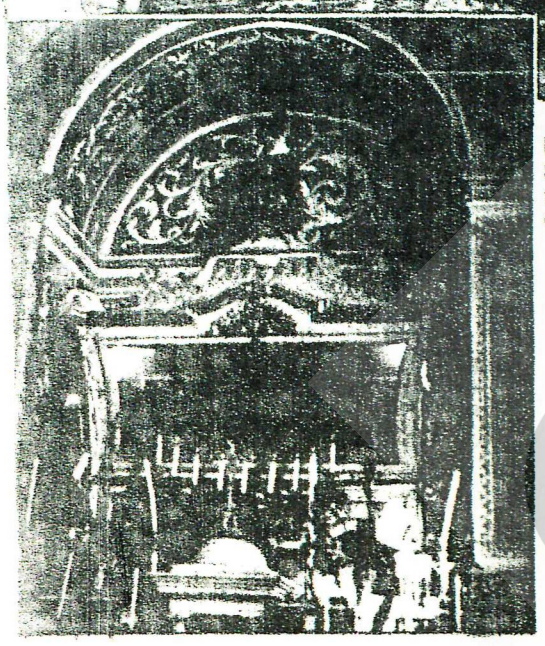
São Benedito (que não deve ser confundido com São Bento!) viveu na ilha da Sicília (Itália) e lá morreu 400 anos atrás, com 63 anos de idade. Desprezado porque era negro e filho de escravos, revelou extraordinárias qualidades humanas e sobrenaturais que lhe mereceram respeito e devoção. Depois da morte, os negros das Américas o escolheram como padroeiro e vingador. Em nossos dias São Benedito continua sendo venerado por devotos que representam o desespero e a esperança das multidões de empobrecidos. A ele pedem força para sobreviver e resistir, na luta cotidiana para acabar com a opressão dos "senhores" do dinheiro e da política.

Na história do povo negro no Brasil, São Benedito — que não era brasileiro mas siciliano, do sul da Itália — foi muito importante. Mas, antes que contemos essa história, temos que dizer algo sobre a vida desse santo da Igreja católica.

São Benedito nasceu no ano de 1526 perto de Messina, na ilha da Sicília, que fica ao sul da Itália e onde, na época, se produzia açúcar. Era filho de um casal escravo africano que foi comprado por uma família siciliana, chamada Manasseri. E, como os escravos — também no Brasil — frequentemente usavam o nome de seus senhores, o nome oficial de Benedito era Manasseri, filho de Cristóvão Manasseri e Diana Larcan.

Esse filho de negros teve que suportar desde cedo as humilhações a que os escravos africanos eram sujeitos





Palermo (Itália): igreja do convento de Santa Maria de Jesus (acima), com seu altar (ao lado), onde se encontra depositado o corpo de São Benedito.

por todo o mundo por onde se espalhou a escravidão. Mas, como Benedito reagiu a esses vexames com notável paciência e dignidade, ele foi logo chamado de "il moro santo" (o negro santo), desde a idade de onze anos.

Mais tarde Benedito juntou-se a um grupo de eremitas, pessoas que procuravam a santidade na solidão e na pobreza. Mas o papa não gostava muito desses numerosos grupos de gente solta rezando e andando pelo mundo e ordenou que os eremitas procurassem juntar-se a uma congregação religiosa reconhecida pela Igreja. Assim Benedito foi ser irmão leigo na Ordem dos Franciscanos e foi designado como cozinheiro.

Neste trabalho humilde tanto se destacou pela sua caridade que foi nomeado mestre de noviços durante sucessivos anos. Mas, quando chegou o término deste serviço, ele voltou com todo o prazer à cozinha do convento e a transformou num lugar de encontro de pobres e necessitados. Assim ele encerrou a carreira de sua vida e faleceu com 63 anos em 1589, quatrocentos anos atrás.

Padroeiro dos negros

Como já dissemos, a escravidão negra começou a se espalhar por todo o mundo católico na época em que Benedito viveu e morreu: não somente em muitos lugares da Europa (como a Sicília, pátria de Benedito), mas sobretudo na América do Norte (Virgínia, Flórida), no Caribe e na América Latina, também no Brasil. Os negros católicos começaram a contar entre si a história de Benedito e venerá-lo como um santo. Temos indícios de que as primeiras igrejas edificadas no Brasil pelos próprios escravos para aí realizarem suas devoções, como as igrejas de Nossa Senhora do Rosário, já tinham imagens de São Benedito desde o fim do século 17; mais ou menos cem anos depois da morte dele. Na América do Norte os negros de Virgínia e Flórida, que tinham que trabalhar a serviço de senhores brancos que muitas vezes não eram católicos, foram mais longe e proclamaram Benedito como "padroeiro dos negros americanos". Davam frequentemente o nome Benedito aos seus filhos em homenagem ao santo e através dele à luta pela sua identidade negra no meio da escravidão.

Aqui no Brasil sabemos de imagens de "São Benedito" desde os anos de 1680 em Salvador, Rio, Olinda, Recife, Igaraçu (PE), Belém do Pará. Foram sobretudo os negros ladinos (assim chamados porque já dominavam de certa forma a língua portuguesa, chamada "latina") que veneravam São Benedito, sendo que os negros boçais (que não falavam português) continuavam a venerar — secretamente, é claro — os orixás da África: Iemanjá, Xangô, Iansã, Ogum, Exu, etc.

Santo vingador

As autoridades da Igreja católica começaram a sentir sempre mais a pressão que vinha dos negros escravos em todas as colônias católicas do mundo e em 1743 permitiram o culto oficial, mas só em 1807 São Benedito foi declarado oficialmente santo. Isto explica por que aqui no Brasil São Benedito é um santo "tardio", que pertence antes ao ciclo do café do que aos ciclos anteriores do açúcar (litoral nordestino), do gado (sertão do Nordeste e da Bahia), das minas (Minas Gerais). Por isso, sua devoção se espalhou muito no interior de São Paulo, acompanhando os negros que trabalhavam na lavoura do café no século passado. Duas cidades do Estado de São Paulo são dedicadas ao santo: São Benedito da Cachoeirinha e São Benedito das Areias. Mas, temos cidades com o nome de São Benedito no Maranhão, no Ceará, em Pernambuco e em Minas Gerais, além das já mencionadas do Estado de São Paulo. A devoção a São Benedito é o que há de mais independente e autônomo entre as devoções católicas no Brasil, ao lado das danças de São Gonçalo, dos batuques e congadas que pertencem antes ao mundo cultural africano do que ao mundo católico propriamente dito. Mas São Benedito é um ponto avançado de presença negra no catolicismo, tão marcadamente branco na sua mentalidade.

Com a progressiva mestiçagem do povo brasileiro, o caráter tipicamente negro da devoção a São Benedito vai cedendo aos poucos à intromissão de elementos ameríndios como o catimbó, o culto de Jurema e outros ritos. Mas São Benedito no Brasil conserva seu papel histórico de *santo vingador* da dignidade africana aqui. Um devoto disse: "Deus disse a São Bene-

dito que ele ia ser santo. Respondeu que não queria por ser preto. Então Deus disse que aquele que abusasse dele seria castigado na hora". Desta forma São Benedito é expressão da lucidez e tenaz dos negros contra a discriminação racial neste país, tão sutil e tão silenciada. Realmente, São Benedito virou no Brasil um santo vingador: quem não o respeitar, será castigado.

O santo dos empobrecidos

Um aspecto muito interessante e importante da devoção a São Benedito no Brasil foi o que aconteceu com os escravos dos conventos. Como se sabe, os conventos de carmelitas, beneditinos (não confundir entre São Benedito e São Bento!) e franciscanos possuíam muitos escravos. Os escravos dos franciscanos conseguiram reunir-se em confraria de São Benedito, pois eles foram proibidos de entrar na Ordem Terceira de São Francisco, que era dos brancos. Essa Irmandade de São Benedito cuidava de importantes aspectos da vida dos escravos nos conventos, como o enterro (a compra do caixão, que era caro), a doença (a organização de uma enfermaria), a velhice (uma espécie de previdência social organizada pela Irmandade de São Benedito), o serviço religioso (no convento de São Francisco na cidade de Salvador, na Bahia, até hoje se conserva a capelinha de São Benedito). Formou-se, assim, uma dupla frente dentro dos conventos franciscanos: os de São Francisco e/ou Santo Antônio, representando os brancos, contra os de São Benedito, representando os negros.



FOTOS ANDRIANO

Aqui e abaixo, cenas da festa de São Benedito em Guaratinguetá (SP), na segunda-feira depois da Páscoa deste ano.

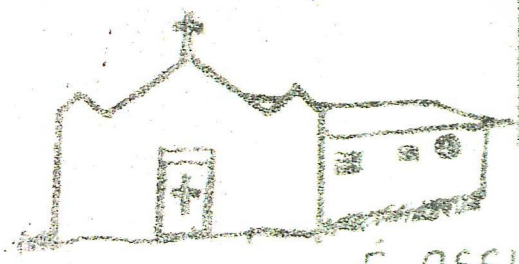
A ironia da história quer que foram os "beneditos" ou escravos negros a serviço dos conventos dos brancos que em diversos casos salvaram esses conventos da decadência completa no século passado, quando estes se esvaziaram sob a pressão dos governos liberais. Quando, na segunda parte do século passado, os frades alemães chegaram para reerguer a ordem franciscana no Brasil, tamanha foi a sua surpresa ao verem que foram os "beneditos" pretos que salvaram da ruina completa diversos conventos!

A devoção a São Benedito, que este ano conta com quatrocentos anos de existência, continua sendo uma força para muita gente humilhada neste país onde os empobrecidos não têm condições de defender-se materialmente contra um sistema onde todos os direitos pertencem aos que estão "por cima". Esses empobrecidos, descendentes ou não de escravos africanos trazidos para o Brasil — assim como os pais de Benedito foram levados para a Sicília — continuam criando em torno da imagem e do culto a São Benedito um espaço de encontro e força para continuar lutando e esperando por dias melhores.

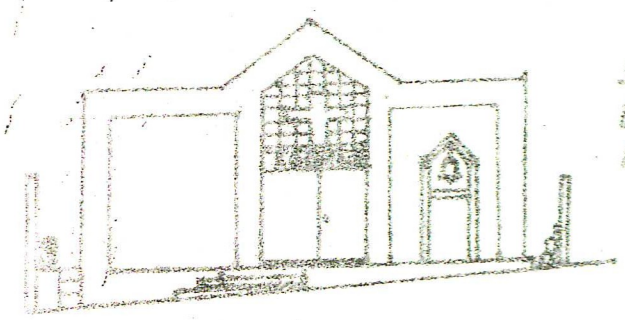
Eduardo Hoornaert, da Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina - CEHILA)

PARQUE ESPERANÇA ESTÁ CONSTRUINDO A NOVA IGREJA DE SÃO BENEDITO.

Em nossa Sub-região há uma comunidade cujo PADROEIRO é São Benedito, é Parque Esperança. Depois de tantos anos de luta, sem saber que este ano recorre o 400º aniversário, a Comunidade conseguiu finalmente dar início a construção da nova Igreja pois a antiga estava em péssimas condições. Se alguém quiser visitar é na Rua Alegre Nº 12.



É ASSIM! MAS...



SE VOCÊ AJUDAR
EM BREVE FICARÁ
ASSIM.

PRÊMIO DA PAZ PARA CNBB: *e seu Presidente*, foi concedido pelo SERMIG (Servizio Missionario Giovanile), em Turim, na Itália, dia 20 de maio de 1989, "pela constante e decidida obra da Conferência Episcopal Brasileira em favor da justiça e da paz social; e pela preciosa colaboração, que os Bispos do Brasil deram e dão, com documentos, testemunho pessoal e colegial, para a construção de uma sociedade justa, solidária e fraterna, segundo o Evangelho". Esse *Prêmio "Artífice da Paz-1989"* foi conferido, também, para o Ministro Italiano das Relações Exteriores, Giulio Andreotti, e para o Presidente da União Soviética, Mickail Gorbachov, pelo que fizeram para união dos povos e desarmamento nuclear. Nessa ocasião, o SERMIG destinou um milhão de dólares, para as vítimas do terremoto na Armênia (União Soviética), para obras de acolhimento de estrangeiros em Turim (Itália) e para construção de casas populares na periferia de São Paulo (Brasil). Essa verba é resultado de caminhada, jejum e partilha de 150 mil jovens italianos do SERMIG, fundado há 25 anos por Ernesto Olivero, para testemunhar a mensagem cristã nos ambientes mais indesejáveis e com as pessoas mais rejeitadas. Esse Prêmio foi instituido pelo SERMIG há nove anos e já foi dado a Dom Helder Câmara. Representaram o Brasil, na Festa de Turim, este ano, além do Presidente da CNBB, Dom Urbano Allgayer, Bispo de Passo Fundo (RS), e Afonso Arinos de Mello Franco, Embaixador do Brasil junto à Santa Sé. *Dom Luciano Mendes de Almeida* foi a Turim, depois de fazer a conferência básica do *Simpósio da UNIAPAC* (União Internacional Cristã de Dirigentes de Empresas), realizado *em Zurique, na Suissa*, de 17 a 19 de maio de 1989, para examinar vantagens e desvantagens, éticas e sócio-econômicas, da atuação e investimentos das multinacionais nos paises do 3º Mundo.



(18 a 25 de junho de 1989)

SEMANA DO MIGRANTE

Dono de madeireira no Acre é indiciado como mandante de atentado

RIO BRANCO — O carro Fiat placa AX-0283 e dois porretes manchados de sangue, encontrados no pátio da firma Helatex, foram os principais elementos que levaram a Polícia Federal a indiciar o dono dessa indústria madeireira do Acre, Jorge Moura, como mentor intelectual do atentado contra o coordenador do PMACI (Plano de Proteção ao Meio Ambiente e às Comunidades Indígenas), José Rente do Nascimento, e contra o delegado do IBMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis), Paulo de Sales Beninca.

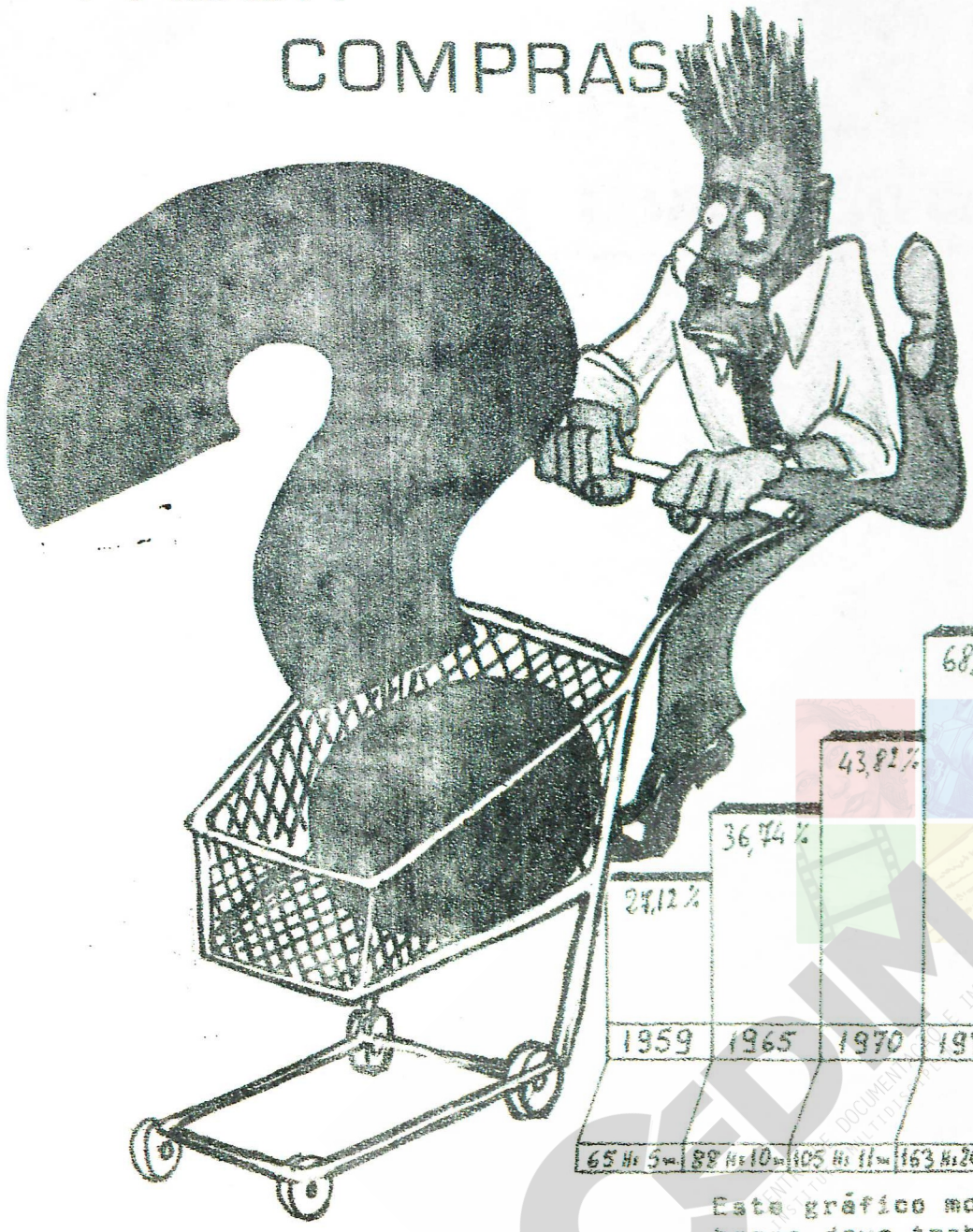
O delegado da Polícia Federal, que presidiu o inquérito, Moacir Sales Tavares, informou que entregará amanhã o inquérito à Justiça Federal. Segundo o delegado, o indiciamento de Jorge Moura foi feito com base no Artigo 129, parágrafo 1º, inciso I do Código Penal, responsabilizando o empresário por lesões corporais graves em José Rente e Paulo Beminca e lesões também em Geraldo Callegari, assessor de Rente, que os acompanhava na hora do atentado, ocorrido no dia 17 do mês passado em Rio Branco. A pena prevista é de um a quatro anos de prisão.

Depoimentos — O delegado Moacir Sales explicou ainda que o depoimento de dois vigias da firma Helatex confirmaram que, no dia do atentado, viram o carro Fiat sair do pátio da empresa às 18h30, voltando às 21 horas, meia hora depois que dois homens no Fiat tinham fechado o fusca do IBMA em que estavam os três técnicos do governo.

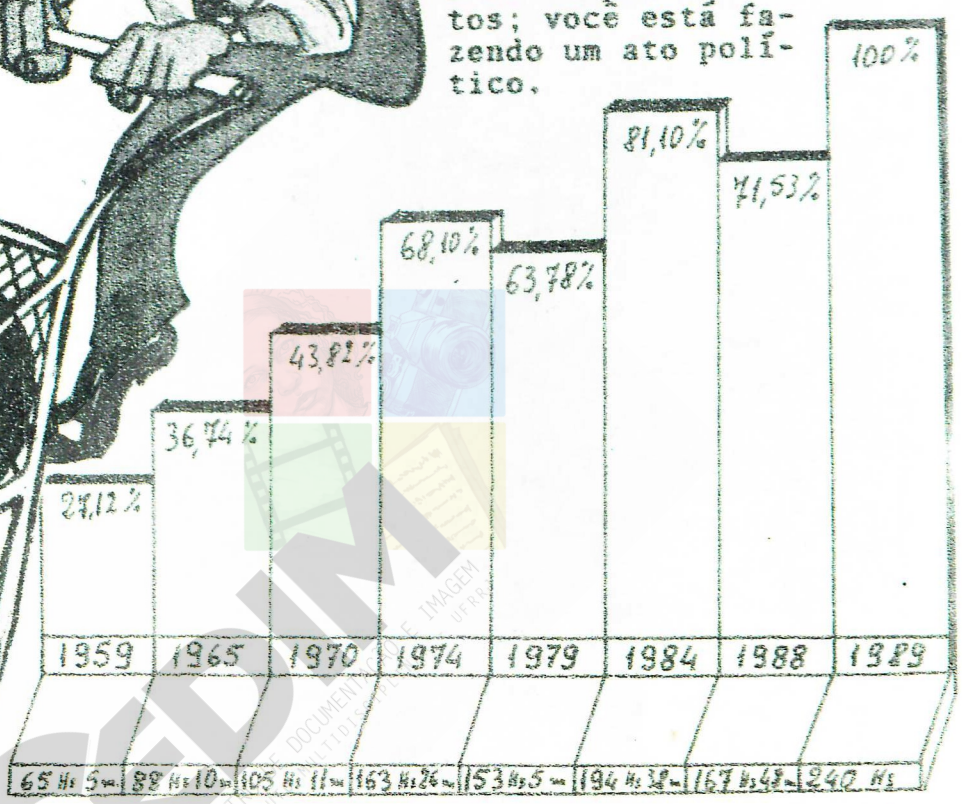
O delegado informou que, apesar das diligências que a Polícia Federal vem fazendo há quase um mês, vasculhando a cidade e as fazendas da região, os autores do atentado não foram encontrados e sequer há pistas deles.

Um ambientalista, que não quis identificar-se por questões de segurança pessoal, revelou ontem que o atentado contra os três técnicos faz parte de um plano denominado Aliança dos Povos contra a Floresta, em contraposição à Aliança dos Povos da Floresta, que reúne fazendeiros e madeireiros.

FAZER COMPRAS TAMBEM É FAZER POLÍTICA



Talvéz você seja daqueles que não querem saber de política, mas ao fazer compras, ou deixar de comprar, reclamar dos preços, escolher os produtos mais baratos; você está fazendo um ato político.



Este gráfico mostra aqui em baixo quantas horas deve trabalhar um operário que ganha salário mínimo só para comprar uma cesta básica. No alto é indicada a porcentagem do salário que naquele ano o operário gastava só para comer.

CESTA BÁSICA

Em 1938, o decreto Lei 399 definiu quais são os alimentos mínimos mensais para uma família de 2 adultos e 2 crianças; e chamou isso de "CESTA BÁSICA"

Veja quais são e se você consegue comer:

6 quilos de carne
4,5 " " feijão
3 " " arroz
1,5 " " farinha de trigo
6 " " batata
9 " " tomate
6 " " pão
3 " " açucar
7,5 litros de leite
600 gramas de café
7,5 dúzias de banana
750 gramas de manteiga
1 lata de óleo.

A VIA SACRA DE CARNE, DO LEITE E DA BANANA

Para 6 quilos de carne em abril 1959 era necessário o salário de 15 Hs e 4 minutos
Em abril 1960 o salário de 24 Hs 25 Minutos
" " 1970 " " " 34 Hs 30 "
" " 1985 " " " 52 Hs 18 "
" " 1987 " " " 73 Hs 21 "

Para 7,5 litros de leite em abril 1959 era necessário o salário de 3 Hs. 40 minutos
Em abril 1988 é necessário o salário de 8 Hs. 32 minutos

Para 7,5 dúzias de bananas em abril 1959 era necessário o salário de 2 Hs e 10 minutos. Em abril 1989 é necessário o que o trabalhador de salário mínimo ganha em 15 Hs. e 46 Minutos.

PARA MUDAR ISSO QUE O POVO DEVE PARTICIPAR DO SINDICATO; DO MOVIMENTO POPULAR E DO PARTIDO POLÍTICO:

Eleições

O QUE MINHA FÉ TEM A VER COM ISSO

E AGORA NOVA IGUAÇU ?

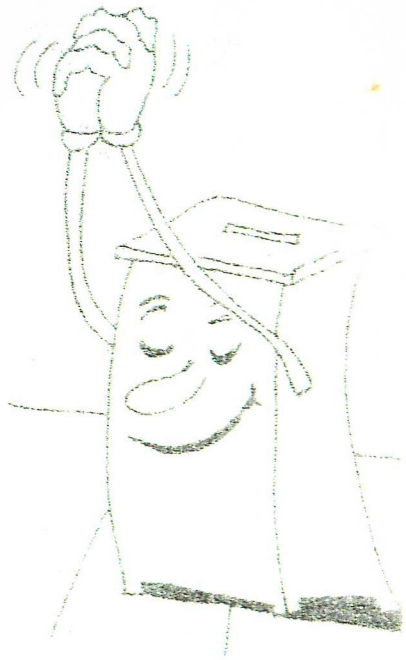


Já sei: Muita gente está torcendo o nariz e pensando: "Lá vem o padre se meter de novo onde não deve. Eleição, política... são coisas sujas, minha fé é limpa. Eu não vou sujar minha fé."

Foi Jesus Cristo e não o padre quem disse: "Eu estava com fome e você me deu comida, estava sem casa e você me abrigou..."

Dia 15 de novembro, se você tiver mesmo fé e amar Jesus Cristo, não poderá votar em candidato que vai deixar o povo na fome, sem casas... Por isso é seu dever de cristão saber quem é quem entre os candidatos.





CURSO FÉ E POLÍTICA

QUANDO ? Dias 28-29-30 de junho

ONDE ?
- A tarde de 14,30 às 17 horas em JARDIM GLÁUCIA
- A noite de 19 às 21,30 horas em LOTE XV

PARA QUEM ? Para todos que procuram ajudar o povo a fazer a vontade de Deus e viver na verdade e na justiça. Esperamos alguns representantes de cada comunidade para que depois procurem transmitir aos outros o que vão descobrindo.

O QUE ESTUDAREMOS ?
- Como andam o Movimento Popular, os partidos e as religiões em Nova Iguaçu e na Baixada.
- Quem são os presidenciáveis? São mesmo o que dizem de ser ou estão disfarçando para enganar o povo?

QUEM VAI NOS AJUDAR NO CURSO ? O Centro de Estudos Sociais e Informação Popular (CESIP)

CRISTO RESSUSCITA NA BAIXADA? (uma mensagem de Páscoa)

Para quem vive da Fé a resposta só pode ser uma: Cristo, salvador e libertador de todos os homens, ressuscita na Baixada Fluminense. Mas esta faceta concreta da ressurreição de Cristo depende muito do testemunho e da participação que os cristãos engajados assumirem. Com outras palavras: para que Jesus Cristo realize sua missão libertadora na Baixada Fluminense é absolutamente necessário que cada um de nós, cristãos engajados, e a Igreja como comunidade de salvação, por suas estruturas, por suas opções, por suas atitudes, por sua pastoral enfim, assumamos a nossa responsabilidade.

Por sua missão profética a Igreja — todos os cristãos engajados, não apenas o clero, como muita gente continua pensando — a Igreja tem de levantar a voz para contestar o maligno que de mil maneiras atrapalha o plano de Deus e tem de se «converter» continuamente, para ser ela mesma e para conservar a máxima fidelidade a Jesus Cristo. Há um profetismo da Igreja para fora: para o mundo, para a comunidade dos homens, para as elites responsáveis, para as estruturas civis. E há um profetismo da Igreja para dentro: quando ela, num exame de consciência humilde e sincero, numa sincera vontade de servir e de ser autêntica, se examina a si mesma, com a luz de Cristo, e procura novos caminhos, novos métodos, novas estruturas — sempre a partir de Jesus Cristo e do evangelho.

Vamos hoje refletir um pouco sobre este aspecto interno ou «doméstico» do profetismo.

Quem acompanha as reportagens dos jornais que circulam no Grande Rio, quem acompanha os temas tratados nas «cartas dos leitores», quem escuta e experimenta os dramas vividos cada dia em nossa região, tem de confessar que os fatos dolorosos se repetem com tal freqüência e tanta intensidade que não podemos falar de exceção e sim de regra. Não se tem a quem recorrer. Os poderes públicos e os serviços públicos já não merecem confiança, tantos são os abusos e tão entranhadas as deformações. Entra governo e sai governo: mudam-se as pessoas mas o estilo fica. Fica a impressão de incompetência, de má-fé, de corrupção generalizadas.

Vamos ao correio, ao INPS, a um hospital, a um cartório, à Light, a uma companhia ou agência de transportes, ao Félix Pacheco, a uma prefeitura, a uma loja, a uma escola, à alfândega, ao aeroporto, à Central, à polícia, a um despachante, ao DETRAN etc. etc., a qualquer serviço público oficial ou privado... e a experiência de quase todos (sim, há exceções) é a que passou a senhora de setenta anos a respeito do Instituto Félix Pacheco (O Globo 21-3-76): «Aquilo funciona mal e é uma pocilga... Os funcionários gritam e se exasperam, informam pela metade, às vezes temos de voltar ao verdugo duas ou três vezes para obter informação necessária. Não há organização. Parece que regredimos 50 anos».

Também as estruturas eclesiásticas são um serviço público e um testemunho do evangelho. Sim, como é que funcionam? Funcionam como os demais serviços públicos?

À luz de Cristo ressuscitado, que venceu e vence o maligno, temos de examinar como funcionam, por exemplo, a cúria diocesana, a secretaria paroquial, os conselhos e comissões diocesanos, as diversas instituições como a Cáritas, o Secretariado dos Cursilhos, as associações religiosas, os Clubes de Mães, no seu atendimento normal.

Nunca poderemos tirar exemplo das estruturas estatais, militares ou empresariais para a criação, instalação, manutenção, funcionamento dos serviços da Igreja. Para nossos serviços o critério não pode ser lucro nem carreirismo, não pode ser em primeiro lugar nem mesmo em lugar demasiadamente importante nem disciplina nem organização nem eficiência. O critério básico, do qual se tira a necessidade e o valor da organização, da disciplina e da eficiência é o serviço fraterno, como está expresso nas palavras do Mestre: «Eu não vim para ser servido mas para servir» (Mc 10,45). E: «Vocês são todos irmãos» (Mt 23,8). São as palavras, os sinais, os exemplos de Jesus Cristo o que deve marcar os serviços e as estruturas de Igreja, como se apresentam na diocese, na região pastoral, na paróquia, nas comunidades de base. O serviço da caridade prestado aos irmãos: eis o que fez surgir, orienta, dá sentido, corrige o curso, enriquece as estruturas e serviços eclesiásticos.

Dentro de nossas limitações e de nossos condicionamentos devemos fazer um esforço generoso para melhorar o atendimento ao povo: como servir melhor o nosso irmão? como através do serviço dar um testemunho de libertação? como através das estruturas mostrar que a ressurreição de Cristo é um fato de repercussão existencial, trazendo melhora para as pessoas e para as instituições?

O profetismo da Igreja aplicado em casa tem a maior importância para o profetismo voltado para o mundo. Se assim não for, todos têm o direito e o dever de nos puxar as orelhas e de gritar: «Médico, cura-te a ti mesmo».

Numa hora e numa região em que o povo vive tão desiludido dos serviços públicos, das estruturas, das elites, é importante que a Igreja — não por farisaísmo mas por convicção profunda, não por oportunismo mas por sua fidelidade à missão e a Cristo — apareça como servidora dos irmãos, como sinal de esperança, como instrumento de libertação e ainda como pista para todos os homens de boa vontade.

Mais um aspecto do profetismo «doméstico» de nossa Igreja: a ressurreição de Cristo, que é vitória sobre o maligno e sobre o pecado em todos os seus aspectos, que é garantia de nossa ressurreição, deve influir positiva e beneficamente no comportamento dos cristãos que exercem qualquer função nos serviços públicos, tanto oficiais como privados. Há em toda parte na política e nas repartições públicas, na polícia e nas secretarias de Estado, na indústria e no comércio, em todas as profissões alguns cristãos conscientizados. Poderão fazer alguma coisa? Se Cristo exigisse de nós que fizéssemos tudo, teríamos por que correr medrosos. Se Cristo exigisse de nós que mudássemos radicalmente as estruturas e os serviços, deveríamos acovardar-nos. Mas não é isto o que Cristo pede de nós. Pede apenas que façamos alguma coisa, aquilo que está ao nosso alcance, para marcarmos de esperança e de caridade fraterna as nossas atividades. Este pouco, sim, é possível. Seria covardia, mais: seria apostasia da fé dizermos que não podemos fazer nada ou, o que é muito pior, entrarmos na canoa furada das deturpações sociais.

Eis como a ressurreição de Jesus Cristo transbordará sobre a nossa Baixada: pelo nosso esforço para melhorar a qualidade cristã dos serviços e das estruturas eclesiásticas na diocese, na religião, na paróquia, na comunidade de base; pelo assumirmos nossa responsabilidade cristã de servir o irmão em nossa vida profissional e familiar.

Podemos então responder com verdade: Cristo ressuscita na Baixada Fluminense, Cristo esperança de dias melhores.

(*A. H.*)

BD - 88 PAG 1 e 2 1º DE ABRIL DE 1976

PÁSCOA & MUNDO, PÁSCOA & BAIXADA FLUMINENSE

1. Páscoa é esperança

Pode haver acentos diferentes, mas hoje como ontem e anteontem, como amanhã e depois de amanhã, o mundo significa um tremendo desafio para todos nós que somos cristãos conscientemente e nos sentimos Igreja de Jesus Cristo.
Os louvadores de tempos passados suspiram que antes tudo era melhor: os homens mais pacíficos e corretos, os preços mais baratos, os ordenados mais altos, a juventude mais educada, os costumes mais puros, a Igreja mais santa, os chefes mais honestos, a sociedade mais fraternal, os governos mais responsáveis. Um Paraíso enfim.

Em todos os tempos a recordação do Paraíso — idade de ouro — foi para muita gente um meio de fugir aos problemas concretos de sua comunidade, aos desafios perturbadores da existência cotidiana.

A História ensina que o passado nas linhas gerais foi sempre uma arena para o homem. De Paraíso nada, senão os pequenos sinais de esperança, pessoas, instituições, acontecimentos, até o ponto culminante da História — a encarnação, a vida, a morte, a ressurreição do Filho de Deus, do Homem-Deus Jesus Cristo.
Daí por que, em qualquer situação da humanidade, em qualquer momento histórico, a esperança do Paraíso só nos é garantida por Jesus Cristo. Páscoa é nossa esperança. Mais: também nossa certeza.

2. Nosso mundo: a Baixada Fluminense

Devemos ter olhos abertos e coração sensível para o mundo inteiro, mas o mundo em que a Divina Providência nos colocou, para nossa inserção cristã, se chama antes de tudo: Baixada Fluminense. Com seus traços particulares, que são virtudes e vícios, que são esperanças e desesperos, que são erros acumulados e tentativas de solução. Seria inútil pensarmos num mundo vago, quando os desafios de nossa realidade aqui estão para nos angustiar e nos dar a pista certa do nosso cristianismo.
É aqui na Baixada Fluminense, de tantos problemas e de tantos homúnculos, de tantas maldades e de tanto sofrimento, que Deus nos convida a sermos seus colaboradores. É aqui na Baixada Fluminense, onde temos de lançar com a graça de Deus e, aparentemente, contra toda esperança as sementes do Reino dos céus. É aqui na Baixada Fluminense que temos de tentar construir uma Igreja-sinal, no maior número possível de aspectos.

A pastoral é a resposta da Igreja — dos cristãos conscientizados e da instituição como tal — aos desafios da comunidade em que vivemos e agimos. Somos membros desta comunidade. E por isso, como cristãos engajados e conscientes assumimos com alegria e decisão a nossa responsabilidade. Aqui na Baixada Fluminense vamos construir Igreja, sinal de esperança.
Aqui está o ponto. A situação da Baixada Fluminense não nos pode deixar indiferentes ou instalados. Temos de nos desinstalar, de pegar nossa trouxa para nos aventurarmos com a graça de Deus. É impossível assistir tranqüilos, de palanque, às misérias que aí estão esperando por nós. É pela graça de Cristo Ressuscitado.

3. Por que à nossa espera?

Ainda não nos convencemos de que Deus, chamando-nos para a Igreja, nos entregou uma parte de responsabilidade na construção do seu Reino? Ainda não nos convencemos de que na economia da salvação Deus precisa de nós para realizar o seu plano de amor? Ainda não nos convencemos de que ser cristão é antes de tudo dar testemunho da Ressurreição de Cristo e participar no processo de libertação dos irmãos? Ainda não nos convencemos de que a Ressurreição de Cristo e a Páscoa só têm sentido se nós também ressuscitarmos com Cristo para uma vida de mais doação, de mais serviço, de mais amor fraterno?
Não adianta lamentarmos os males do mundo e da Baixada. Não adianta também vivermos um cristianismo individualista e estéril, que é afinal de contas, a negação do Cristianismo e da Igreja. Não adianta tentarmos racionalizar a nossa covardia, nossa omissão, nossa fuga.
O que importa é olharmos com amor o mundo em que vivemos — nossa Baixada sofrida com seu povo ordeiro e trabalhador — olharmos com simpatia e amor os nossos irmãos fracos e humildes, pobres e marginalizados, roucos de suplicar inutilmente o que deveria ser seu sem precisarem suplicar. Importa exercermos com coragem e decisão, mas também com alegria e confiança, a formidável missão da Igreja que chamamos «missão profética, esta missão pascal, nada fácil, que é um sinal claro de esperança e ao mesmo tempo uma antecipação, limitada embora, do Paraíso e do Reino de Deus. Importa lançarmos aqui em nossa área algumas sementes de mundo melhor.
Tudo isto tem sentido, mais do que sentido: é realidade, se nosso ponto de partida for Jesus Cristo, que por sua vida, paixão, morte de cruz e ressurreição quebrou definitivamente a força do Mau e da maldade, abrindo-nos perspectivas de autêntica libertação.
A Baixada está à nossa espera. (*A. H.*)

CEDI CENTRO ECUMÊNICO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

BD - 100 PÁG - 1 e 2 1º DE ABRIL DE 1977

NEGROS E CEB's

das Senzalas
aos Quilombos - Páscoa



Agentes de Pastoral Negros
Rio Grande do Sul
APN's de Santa Maria

ENDEREÇOS PARA CONTATO

QUILOMBO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Rua Tijuca, 346
Bairro Medianeira
Porto Alegre - RS
CEP: 90660-400

QUILOMBO REGIONAL DE SANTA MARIA
Rua do Operário, 540
Bairro Camobi
Santa Maria - RS
CEP: 97105-270

APRESENTAÇÃO

Companheiros e companheiras de caminhada:

Após várias experiências e estudos de grupos organizados de Santa Maria, em especial os Agentes de Pastoral Negros (APN's) militantes nas CEB's e apoiados pelo 8.º INTERECLESIAL, estamos editando esta cartilha para revelar novos horizontes, resgatar e assumir nossa NEGRITUDE. Por isso partimos da questão que nos identifica: Ser NEGRO.

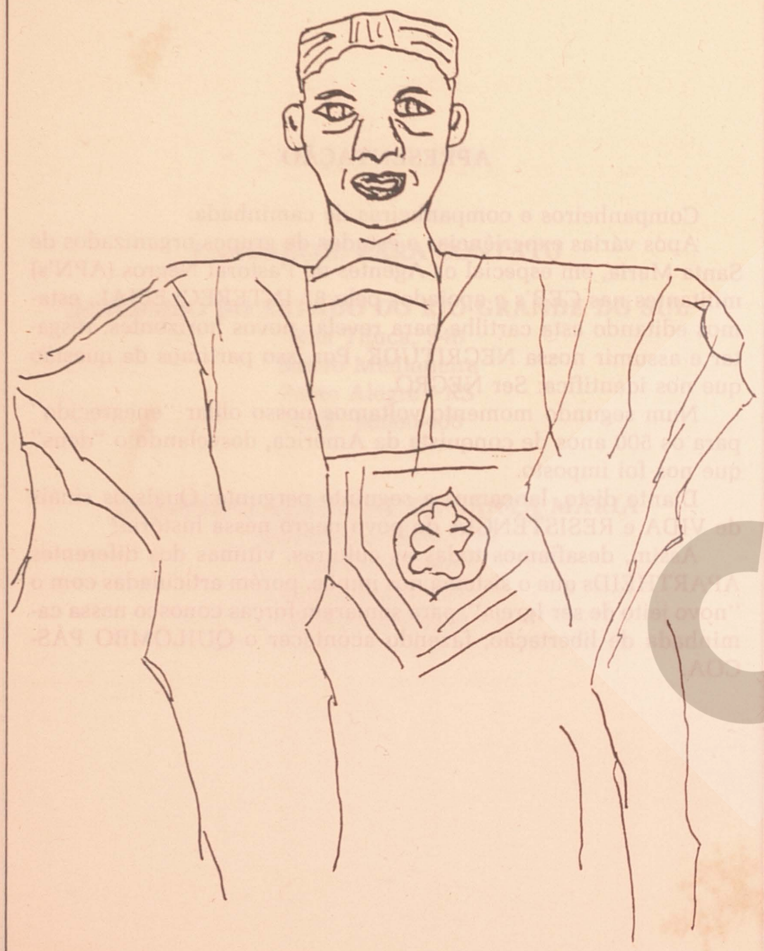
Num segundo momento voltamos nosso olhar "enegrecido" para os 500 anos de conquista da América, desvelando o "deus" que nos foi imposto.

Diante disto, lançamos a seguinte pergunta: Quais os sinais de VIDA e RESISTÊNCIA do povo negro nessa história?

Assim, desafiamos todas as culturas, vítimas dos diferentes APARTHEIDs que o sistema nos impõe, porém articuladas com o "novo jeito de ser Igreja", para somarem forças conosco nessa caminhada de libertação, fazendo acontecer o QUILOMBO PÁSCOA.

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

"Está-se tentando fortalecer a cada um e a todos, para que assumam seu papel de cidadão, enquanto brasileiros, descendentes de africanos".



O QUE É SER UM AGENTE DE PASTORAL NEGRO?

Somos pessoas que atuamos em diversos setores da sociedade e da Igreja para refletirmos sobre a situação do negro, e temos o compromisso de somar com os demais empobrecidos que buscam a transformação social.

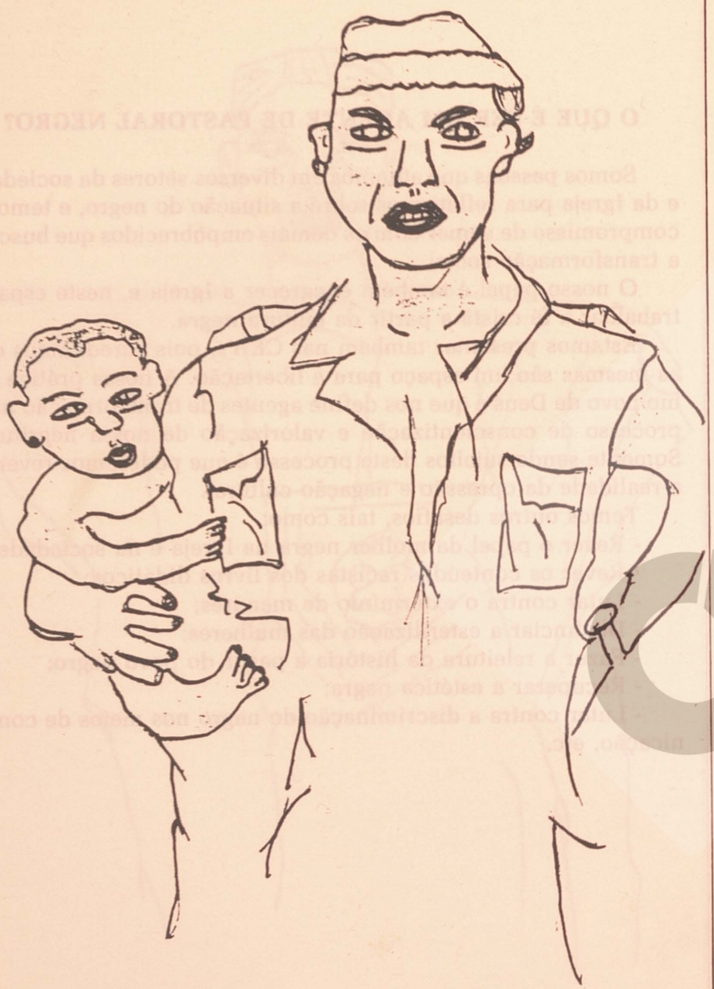
O nosso papel é também enegrecer a Igreja e, neste espaço, trabalhar a fé cristã a partir da cultura negra.

Estamos presentes também nas CEB's, pois acreditamos que as mesmas são um espaço para a libertação. A nossa prática como povo de Deus é que nos define agentes de transformação num processo de conscientização e valorização de nossa negritude. Somente sendo sujeitos deste processo é que poderemos reverter a realidade da opressão e negação cultural.

Temos outros desafios, tais como:

- Rever o papel da mulher negra na Igreja e na sociedade;
- Rever os conteúdos racistas dos livros didáticos;
- Lutar contra o extermínio de menores;
- Denunciar a esterilização das mulheres;
- Fazer a releitura da história a partir do povo negro;
- Recuperar a estética negra;
- Lutar contra a discriminação do negro nos meios de comunicação, etc.

"A Mulher Negra assume a posição de guerreira"



SER OU NÃO SER NEGRO?

Nós, negros do Brasil, somos historicamente vítimas da situação de opressão e, devido a esta opressão, alguns de nós não conseguem aceitarem-se como negros, mas há aqueles que quebram as barreiras deste sistema capitalista o qual gera uma gritante desigualdade, e assumem sua negritude e a demonstram de diversas formas, como por exemplo:

1. Adquirindo ou procurando ter material (livros, folhetos, revistas...) sobre a história do negro.
2. Sente-se melhor ao ser identificado como negro, e não como "mulato" ou "moreno", pois ser negro é ter história, identidade e um projeto político de libertação.
3. Procura falar na história de seus antepassados.
4. Sempre que possível, prefere estar em companhia de seus irmãos negros e não os deixa de lado por outras companhias.
5. Conhece e divulga a história dos heróis negros como ZUMBI DOS PALMARES, JOÃO CÂNDIDO, LUIZA MAHIN, entre outros.
6. Repudia o dia 13 de maio e valoriza e comemora o 20 de novembro, como o Dia Nacional de Consciência Negra.

Devido ao preconceito da maioria, tanto branca como negra, somos, não raramente levados a negar nossa cultura, nossas origens. Mas estamos coniventes com isto? NÃO. Nós precisamos trabalhar, lutar, e com nossa força, nossa resistência e, possivelmente com o apoio e o espaço que as CEB's nos proporciona, venceremos a luta.



COMUNIDADE NEGRA E RELIGIÃO

Sob qualquer pretexto não pode o cidadão ser discriminado por causa de credo ou convicção religiosa. Assim garante a Constituição Brasileira.

Neste contexto, a comunidade negra brasileira busca o reconhecimento à defesa incondicional da vida e à liberdade religiosa.

A população negra aqui chegou transportada como escrava, ocorrendo, aí, a amputação de sua personalidade, e, por conseqüência, também houve uma imposição religiosa.

O batismo ensinado por Jesus Cristo como sinal de libertação, serviu, então, ao povo negro escravizado, como instrumento de morte e subjugação. Mesmo assim, os motivos religiosos trazidos pelos negros não foram suprimidos.

Na caminhada de meio século de colonização, os negros sofreram muito nas mãos dos portugueses e, posteriormente, quando a colonização européia começou a chegar, em maior quantidade no século passado.

Como o índio, foi perseguido e discriminado pelos imigrantes, que, na maioria, eram alemães e italianos.

A população negra do Brasil pratica diferentes religiões, devido ao tipo de colonização e a situação de escravidão em que, teoricamente, permaneceu.

Utilizando o princípio da liberdade religiosa e a identidade de fé, a comunidade negra busca a evolução e a transformação da realidade social que o momento atual exige.

Do reflexo dessa realidade, a partir de 1980 os Agentes de Pastoral Negros (APN's) mobilizam-se em número e consciência, realizando um trabalho de base junto à comunidade negra ao mesmo tempo em que inicia um processo de inculturação da Igreja, que, no Brasil, moldou-se aos padrões das culturas européias.

O negro tem o direito de professar a fé e praticar a religião de acordo com sua convicção religiosa, assim é o direito dos povos.

Portanto, os valores de fé do povo negro são perseguidos nesse processo de inculturação da Igreja, através da caminhada de libertação da população negra e, ainda mais, com o despertar dessa consciência do "enegrecimento da fé" realizada pelos Agentes de Pastoral Negros.



RECADOS

A partir deste momento queremos nos dirigir às freiras, aos padres, aos bispos e às congregações religiosas em geral.

Solicitamos aos mesmos que contribuam e incentivem os nossos projetos na linha de conscientização; que nos dêem o seu apoio em nosso trabalho de APN's, proporcionando-nos as condições necessárias para seu funcionamento.

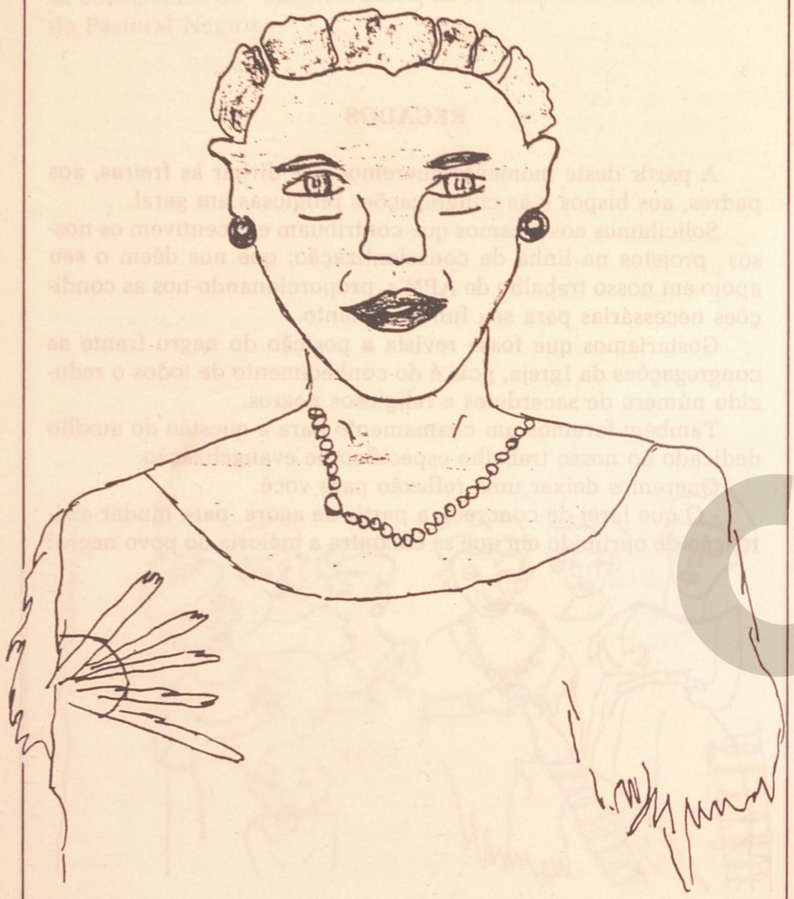
Gostaríamos que fosse revista a posição do negro frente as congregações da Igreja, pois é do conhecimento de todos o reduzido número de sacerdotes e religiosos negros.

Também faremos um chamamento para a questão do auxílio dedicado ao nosso trabalho específico de evangelização.

Queremos deixar uma reflexão para você:

- O que farei de concreto, a partir de agora, para mudar a situação de oprimido em que se encontra a maioria do povo negro?

"Energia, AXÉ, princípio vital, fator fundamental da Cultura dos Negros, que vêm permitindo a defesa da recriação da Identidade".



CONCLUSÃO

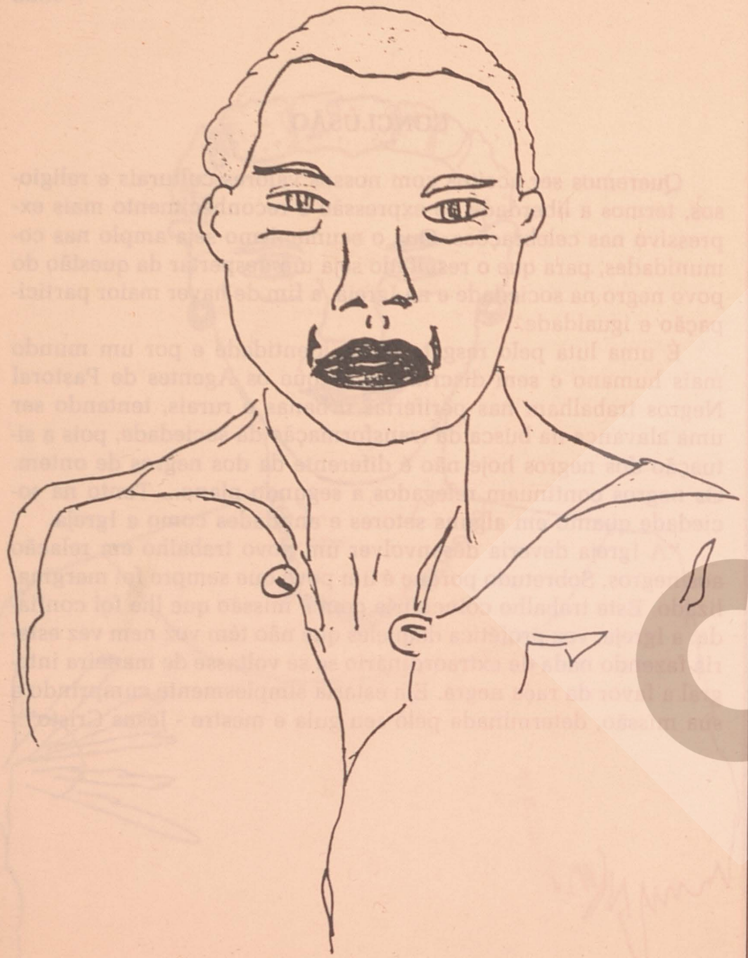
Queremos ser aceitos com nossos valores culturais e religiosos, termos a liberdade de expressão e reconhecimento mais expressivo nas celebrações. Que o ecumenismo seja amplo nas comunidades, para que o resultado seja um despertar da questão do povo negro na sociedade e na Igreja, a fim de haver maior participação e igualdade.

É uma luta pelo resgate dessa identidade e por um mundo mais humano e sem discriminação que os Agentes de Pastoral Negros trabalham nas periferias urbanas e rurais, tentando ser uma alavanca na busca da transformação da sociedade, pois a situação dos negros hoje não é diferente da dos negros de ontem. Os negros continuam relegados a segundo plano... Tanto na sociedade quanto em alguns setores e entidades como a Igreja.

"A Igreja deveria desenvolver um novo trabalho em relação aos negros. Sobretudo porque é um povo que sempre foi marginalizado. Este trabalho coincidiria com a missão que lhe foi confiada: a Igreja, voz profética daqueles que não têm voz nem vez estaria fazendo nada de extraordinário se se voltasse de maneira integral a favor da raça negra. Ela estaria simplesmente cumprindo a sua missão, determinada pelo seu guia e mestre - Jesus Cristo".

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

"Conhecer a história da luta do Negro é fortalecer a oportunidade para a criança ou para o adulto Negro, o caminho para a construção de sua dignidade e da sua Identidade Negra".



CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

Ilustrações de: GILSIANE P. MACHADO

Preparação para o 7º Encontro Intereclesial de CEB's,
"POVO DE DEUS, NA AMÉRICA LATINA, A CAMINHO DA LIBERTAÇÃO,
em Duque de Caxias, de 10 a 14 de julho de 1989

Nova Iguaçu, dezembro de 1988

Animador ãmigo,

Nesta 2ª carta em preparação ao 7º Encontro, chamamos a atenção para três pontos importantes:

1º) - Conforme foi dito no 7º parágrafo da carta anterior, "o 7º Encontro não é uma atividade paralela, mas ele está acontecendo toda vez que a Comunidade tenta viver o seu compromisso de construir o Reino de Deus. Em nossa Diocese isso acontece com: Romaria da Terra, Luta contra a Violência, Luta pela Integridade e Libertação do Negro, Apoio aos Mutirões, Participação nas Lutas Sindicais, e com a própria Avaliação da Evangelização proposta pelo Sínodo Diocesano".

2º) - Nas reflexões feitas nos encontros anteriores, surgiram vários questionamentos sobre as CEB's, confrontadas com os seguintes setores:

CEB's X Movimentos Populares
CEB's X Política
CEB's X Partidos
CEB's X Ministérios
CEB's X Participação do Leigo
CEB's X Trabalho de Massa
CEB's X Paróquias
CEB's X Hierarquia

A partir dessa reflexão, surgiram as seguintes perguntas:

As Comunidades Eclesiais de Base nascem da fé no Deus de Jesus Cristo. Elas podem ser comparadas a uma árvore (Jo 15, 5 a 7), com raiz (Ministérios), tronco (caminho por onde passa a seiva, ou seja, as CEB's) e ramos (as várias atividades do povo, na construção do Reino).

Muitas vezes existe uma tensão (problemas) entre pessoas ligadas aos Ministérios (raiz da árvore) e outras ligadas aos Movimentos Populares (seus ramos). Dessa dificuldade nascem as seguintes perguntas:

1) - Quais são as causas dessa tensão?

2) - Que conseqüências ela tem no processo de construção da Comunidade e do Reino de Deus?

3) - Que passos dar para fazer dessa tensão um instrumento na construção do Reino?

ASSUNTOS A SEREM DISCUTIDOS NESTA REUNIÃO:

1) - Reflexão sobre as questões surgidas nas reuniões anteriores;

2) - Sugestões para a Assembléia Diocesana de CEB's:
   a)-formação de uma comissão;
   b)-assuntos a serem discutidos ou rediscutidos, de de acordo com as reuniões anteriores;

3) - Informações de Regionais ou Paróquias que já estão se preparando para o 7º Encontro.

A PRÓXIMA ASSEMBLÉIA SERÁ NO DIA 16 DE ABRIL (local e horário a confirmar).

Contamos com a presença de sua Comunidade.

Fraternalmente,

Equipe Diocesana de CEB's
(participantes do 6º, 5º e
4º Intereclesial de CEB's)

NOTA: Material de preparação para o 7º Encontro de CEB's no CEPAL-livraria (Celinha)

Preparação para o 7º Encontro Intereclesial de CEB's
"POVO DE DEUS, NA AMÉRICA LATINA, A CAMINHO DA LIBERTAÇÃO"
em Duque de Caxias, de 10 a 14 de julho de 1989

Nova Iguaçu , 30 de outubro de 1988

Animador amigo,

1. A missão das Comunidades Eclesiais de Base se torna cada vez mais importante diante das dificuldades que o povo está sofrendo. Sabemos que Deus é Pai e quer que seus filhos tenham vida e vida plena, e por isso precisamos nos ajudar uns aos outros no compromisso de construir o Reino, onde todos possam viver como irmãos . Um momento forte nesta caminhada será o 7º Encontro Intereclesial de CEB's, que acontecerá em julho de 1989, em Duque de Caxias.Nesta oportunidade acontecerá a grande Celebração final do 7º Encontro, porque ele já começou e está acontecendo nas próprias Comunidades.

2. Através desta Carta queremos propor que também sua comunidade se junte a todas as que já começaram a realizar o 7º Encontro. Por isso queremos partilhar com todos o que os representantes já refletiram nos três Encontros que aconteceram aqui em nossa Diocese.

3. O primeiro encontro realizou-se na Casa de Oração, no dia 13 de maio, estando representadas as seguintes comunidades: Jardim Iguaçu, S. Lucas, S. Francisco de Assis, N.Sra. Aparecida,Jardim Corumbá, N.Sra. da Boa Esperança, S. José Operário, S. Pedro,Amapá, S. Simão, Jardim Nova Era, Banco de Areia, Sta. Marta, N.Sra. de Fátima, N.Sra. das Graças e Catedral.

Foi refletido: Para ser CEB o que é preciso? Na sua Região, o que as CEB's trouxeram para a Igreja? Como aprofundar as reflexões nas CEB's para o 7º Encontro?

4. O segundo realizou-se na Catedral, no dia 17 de julho. Estiveram presentes as Comunidades: Sta. Rita, Jardim Corumbá , Sta. Marta, S.Pedro, Jardim Nova Era, Vale do Ipê e S. Simão.

Foi refletido: Qual a missão das CEB's ? A função dos Conselhos Comunitários?

5. No terceiro Encontro estiveram presentes: Jardim Corumbá, Sta. Rita, N.Sra. da Conceição, Jardim Nova Era, Rancho Fundo. N. Sra. da Conceição Queimados, P. Amorim, Parque dos Ferreiras.

Foi refletido: O dia oficial da abertura do 7º Encontro na Diocese . Como articular os trabalhos das CEB's, em relação ao 7º Encontro? Tirar datas para Assembléias das CEB's em 89.

6. Destes Encontros saiu a proposta de que, em preparação para o 7º Encontro, as CEB's aproveitassem os seguintes subsídios para refletirem sobre sua própria caminhada:

- Vídeo - "Fé / Pé na Caminhada"
  "CEB's - 6º Encontro Intereclesial de Trindade"
- Livro - "CEB's, um novo jeito de ser Igreja"
- Círculos Bíblicos: O mesmo livro do 6º Encontro
  Olho na Bíblia e Pé no Chão
- Estes e outros materiais poderão se encontrados na Livraria do CEPAL.

7. O 7º Encontro não é uma atividade paralela,mas ele está acontecendo toda vez que a Comunidade tenta viver o seu compromisso de construir o Reino de Deus. Em nossa Diocese isso acontece com: Romaria da Terra, Luta contra a Violência, Luta pela Integrida de e Libertação do Negro, Apoio aos Mutirões, Reflexões em vista das eleições municipais, Participação nas Lutas Sindicais, e com a própria Avaliação da Evangelização proposta pelo Sínodo Diocesano.

8. Sabemos que todos os que vivem o compromisso de construir o Reino e que estão engajados nas Comunidades, precisam partilhar suas experiências para reafirmarem seu compromisso com POVO DE DEUS, NA AMÉRICA LATINA, A CAMINHO DA LIBERTAÇÃO. Por isso,convidamos cada Comunidade que queira viver este espírito do 7º Encontro que indique um ou dois representantes, que tenham vez e voz em sua Comunidade, e saibam comunicar toda a riqueza da luta na construção do Reino que se vem realizando.

A próxima reunião será no dia 26 de novembro,na Catedral, das 8 da manhã até às 11 horas.

Contamos com a presença de sua Comunidade.

Fraternalmente,

Equipe Diocesana de CEB's
(Todos participantes do 6º,5º e 4º Intereclesial de CEB's)

N O T A: Adquirir diretamente na Loyola os subsídios ao 7º Encontro Intereclesial de CEB's ou encomendá-los no CEPAL-Livraria, com Celinha.

ABERTURA OFICIAL DO 7º ENCONTRO DAS CEB's, NA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

DIA: 30 de outubro

LOCAL: Na própria Comunidade, que vai descobrir a melhor maneira de entrar no espírito do 7º Encontro.

S U G E S T Õ E S

* Aproveitar a própria Celebração do dia, ler a Carta e aprofundar o 1º e o 7º parágrafo.

* Ler a Carta e aprofundar o seu conteúdo nos Conselhos Comunitários.

* Ler a Carta e refletir sobre ela em pequenos grupos (Círculos Bíblicos, Pastoral da Oração, Legião de Maria, etc).

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

6. Destes Encontros saiu a proposta de que, em preparação para o 7º Encontro, as CEB's aproveitassem os seguintes subsídios para refletirem sobre sua própria caminhada:

- Vídeo - "Fé / Pé na Caminhada"
  "CEB's - 6º Encontro Intereclesial de Trindade"
- Livro - "CEB's, um novo jeito de ser Igreja"
- Círculos Bíblicos: O mesmo livro do 6º Encontro
  Olho na Bíblia e Pé no Chão
- Estes e outros materiais poderão se encontrados na Livraria do CEPAL.

7. O 7º Encontro não é uma atividade paralela,mas ele está acontecendo toda vez que a Comunidade tenta viver o seu compromisso de construir o Reino de Deus. Em nossa Diocese isso acontece com: Romaria da Terra, Luta contra a Violência, Luta pela Integrida de e Libertação do Negro, Apoio aos Mutirões, Reflexões em vista das eleições municipais, Participação nas Lutas Sindicais, e com a própria Avaliação da Evangelização proposta pelo Sínodo Diocesano.

8. Sabemos que todos os que vivem o compromisso de construir o Reino e que estão engajados nas Comunidades, precisam partilhar suas experiências para reafirmarem seu compromisso com POVO DE DEUS, NA AMÉRICA LATINA, A CAMINHO DA LIBERTAÇÃO. Por isso,convidamos cada Comunidade que queira viver este espírito do 7º Encontro que indique um ou dois representantes, que tenham vez e voz em sua Comunidade, e saibam comunicar toda a riqueza da luta na construção do Reino que se vem realizando.

A próxima reunião será no dia 26 de novembro,na Catedral, das 8 da manhã até às 11 horas.

Contamos com a presença de sua Comunidade.

Fraternalmente,

Equipe Diocesana de CEB's
(Todos participantes do 6º,5º e 4º Intereclesial de CEB's)

N O T A: Adquirir diretamente na Loyola os subsídios ao 7º Encontro Intereclesial de CEB's ou encomendá-los no CEPAL-Livraria, com Celinha.

E N D E R E Ç O S:

Walter Elisiario Lopes
Rua Lambari, nº 348
CEP. 26000 - Jardim Iguaçu - Nova Iguaçu.

Maria da Glória de Paula
Rua José do Patrocinio, nº 267
CEP. 26000 - Vila Nova - Nova Iguaçu.

José Isaac Zão
Rua Joaquim Valadão Florensa, nº 170
CEP. 26600 - Paracambí - R.J.

Clarindo Gomes da Silva
Rua Pe. Egídio Lote XV nº 78
CEP.26150 - Lote XV - Belford-Roxo.

Maria José de Souza
Rua das Dálias L.8 Q. 20
CEP. 26000 - Jardim Guandú - Nova Iguaçu.

Maria José do Nascimento
Rua Senador Pompeu, nº 84
CEP. 26000 - Bairro da Luz - Nova Iguaçu.

Salvador Marcellino
Rua Paulo Pinto nº 157
CEP. 26000 - Vila Iracema - Nova Iguaçu.

Cleide Carmo Santo
Rua Consenza L.26 Q. 28
CEP. 26150 - Nova Piam - Belford-Roxo.

Luiz Antonio de Oliveira Silva
Av. Mirandela nº 261 Aptº201
CEP. 26500 - Nilópolis

Ary Novaes
Av. Belo Horizonte nº 835
CEP. 26000 - Nova América - Nova Iguaçu.

Delurdes Correa di Oliveira
Rua Maria Quitéria nº 90
CEP. 26000 - Jardim Curumbá - Nova Iguaçu.

Vera Lucia dos Santos Valentim
Rua Pe. Egídio nº 78
CEP. 26150 - Lote XV - Belford-Roxo.

Lidia de Oliveira Leite
Rua Freire de Andrade nº 506
CEP. 26350 - B.Inconfidência - Austin

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

RELATÓRIOS DAS COMUNIDADES

Encontro Paroquial em preparação do 5º Encontro das Comunidades de Base, em vista do Encontro que se realizará de 04 a 08 de Julho em Canindé - Ceará.
Estavam presentes: Jardim Amapá, Vale do Ipê, P. Amorim, Roseiral, P. dos Ferreiras, P. Esperança, Lote 15.

Após uma breve explicação do que foram os encontros anteriores, partimos para a discussão do 5º Encontro.

1º) RODADA:

- O que é que os pobres tem na vida ?

  R: Esperança, baixa condição de vida e desilusão e muita Fé.

- O que os pobres não tem na vida ?

  R: Os bens materiais, condições dignas de vida, oportunidade na sociedade.

- O que é que os pobres querem ter na vida ?

  R: Ter condições de comer mais de uma vez por dia, participação nas decisões dentro da sociedade, condições e direitos iguais para todos. O pobre quer que haja uma sociedade igualitária, justa distribuição da renda, direito de se organizar livremente.

2º) RODADA:

- O que os pobres tem, eles tem de maneira junta ou separada ?

  R: O que temos não é totalmente junto, e os pessoais são separados, porque os pobres não tem direito, não tem nada, porém os pobres muitas vezes tem uma solidariedade muito bonita de maneira junta.

- O que os pobres devem ter de maneira junta ?

  R: Os sofrimentos, a luta pelos seus direitos, a união, a Fé que nos dá força e anima um ao outro.

- O que os pobres deveriam ter de maneira separadas ?

  R: Os pobres não deveriam ter nada de maneira separada, pois é a partir de nossa união é que tiramos a força de ninguém conseguir tirar os nossos direitos temos que lutar para que tudo seja comum.

3º) RODADA:

- O que é que faz ser pobre ?

  R: A estrutura social em que vivemos, o comodismo.

- O que é que faz ser pobre desunido ?

  R: O egoísmo, e a estrutura social.

- O que é que faz ser pobre unido ?

  R: A caminhada dos primeiros cristãos, a compreensão, a humildade e o amor ao próximo.

4º) RODADA:

- Onde está o que os pobres querem ter ?

  R: Está na mão dos ricos, dos que exploram, dominam.

- Como pensam ter ?

  R: Se organizando.

mais fraterno, uma semente que faça nascer uma árvore que dê vida e vida plena.

8º RODADA:

- O que é terra boa, que ela precisa ?

R: É o povo que se junta para lutar pelos seus direitos a partir da Ressurreição de Jesus Cristo, é aquela sociedade que se preocupa com o Povo. O que ela precisa ? Uma boa fertilização, pessoas que estão lutando para resgatar o plano de Deus.

- O que é a água ?

R: É o que faz umedecer a terra, é o Espírito Santo que nos vai animando em nossa caminhada .

- Estrume ?

R: É a palavra de Deus, é a causa do Evangelho de Jesus Cristo, é o Plano de Deus que se precisa se resgatado pelo Povo, é uma força para a nossa caminhada.

- O que é sol ?

R: É o que aquece a nossa caminhada, este sol representa a união, é o que / faz ficar forte a luta pelos nossos direitos.

- O que são os cuidados ?

R: É a gente saber se organizar, conscientizar sobre o que o Reino de Deus quer. Ex: Em nossas reuniões saber dosar, horário, falação etc...

9º RODADA:

- Quando é que estas coisas acontece ?

R: No momento em que o pobre fica sem direito de lutar pelo que sonha, quando fica sem voz e sem vez, quando é perseguido pela polícia,quando começa a se organizar.

10º RODADA:

- Na nossa comunidade existem alguns sinais deste, mesmo que seja pequeno e pouco ?

R: Os sinais são: MAB (Associações de Moradores), Clube de Mães, Pastoral Operária, Famílias que se reunem para estudar sobre o sistema capitalista e toda a estrutura em geral.

- O que podemos fazer para que estes sinais sejam grandes e numerosos ?

R: Se unir mais, mais compreensivo, ser mais político, entender melhor os problemas e conscientizar a massa, mais engajamento nas Igrejas e Sindicatos.

-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

COMUNIDADE DO DIVINO ESPÍRITO SANTO.

Relatório tirado das discursões do Grupo da Comunidade Divino Espírito Santo - Bairro Jardim Guandu-Nova Iguaçu.

O Grupo achou que a Comunidade Eclesial de Base e o aliserce que comesa a dispertar nas pessoas o valor do seu Batismo e o compromisso com Ele assumido aprofundando no Evangelio nos comesamos a descobrir nossa Missão de Cristão pro

- O que os pobres devem ter de maneira junta ?
  R: Coragem, Fé e União.

- O que os pobres devem ter de maneira separada ?
  R: Sua casa.

3º RODADA:

- O que faz ser pobre ?
  R: Um país mal estruturado onde o povo vive em meio a tanta fartura de ter - ras férteis sem poder cultivar porque elas tem dono.

- O que é que faz ser pobre desunido ?
  R: Falta de confiança nos outros pequeno.

- O que é que faz ser pobre unido ?
  R: As Comunidades de base conscientisando para que os pequenos confiem no pequeno.

4º RODADA:

- Onde está o que os pobres querem ter ?
  R: Está nas mãos de uma minoria que comanda e oprime, que não dão voz nem vez aos pequenos.

- Como pensam ter, é de maneira junta ou separada ?
  R: É de maneira junta para ter força e união.

5º RODADA:

- Onde está a força dos pobres ?
  R: Está na união e confiança uns nos outros.

- Onde está a fraquesa dos pobres ?
  R: Na falta de confiança nos irmãos pequenos e medo da represália das autori_ dades.

- O que faz a multidão dos pobres ter um só coração e uma só alma ?
  R: Uma Comunidade bem estruturada à luz do Evangelho tomando por base, Atos 4,32-35.

6º RODADA:

- Quando é que a multidão dos pobres da testemunho da ressurreição do Senhor Jesus ?
  R: Quando forma Comunidade Cristã, que trabalhem junto pelo bem estar de to- dos, com amor.

- Uma planta tem raiz e frutos. O que significa os frutos ?
  R: Significa o resultado de uma semente que se plantou.

- O que significa a raiz ?
  R: Significa a profundidade no amor, na justiça igualitária.

- O que deve estar na raiz do mundo que sonhamos ?
  R: Solidariedade e justiça.

- O que deve estar nos frutos ?
  R: O sabor da libertação e uma nova sociedade.

das nossas lutas, e que vai nos dando esperança de transformar a sociedade, a partir das sementes que estamos espalhando em todos os Movimentos e no P.Político.

NOVA SOCIEDADE

Que haja igualdade, justiça, união, direito do Povo, onde não exista milhares trabalhando p/ sustentar uma minoria, o plano de Deus é de vida não de morte, que tipo de nova sociedade nós queremos, s/ explorados e s/ exploradores e isto só vai se dá a partir a unificação de todos os movimentos que lutam pela Justiça do Povo.

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA - R: Monte Pascoal, nº s/n PIAM.

COMUNIDADE CRISTO LIBERTADOR - NOVA PIAM

1) O que os pobres tem na vida ?
   R: Chegaram a conclusão que o pobre só tem a Fé.

2) O que os pobres não tem na vida ?
   R: Direito de falar o que pensa, ou seja não tem direito a nada.

3) O que os pobres querem da vida ?
   R: Respeito, Paz e Justiça.

4) O que o pobre tem de maneira junta ?
   R: Reivindicar seus direitos.

5) E de maneira separada ?
   R: Pobre, cada vez mais pobre, fome, miséria. As autoridades vão ser boas, se o povo se reunir para lutar por uma nova sociedade.

6) O que é que faz o povo desunido ?
   R: É a política e o capitalismo, porque é a comida que compra qualquer ideal e outras ofertas atentadoras. Com a união nas Igrejas o povo pode muder a sociedade.

7) Onde está o que os pobres querem ter ? Como pensar em ter ? É de maneira junta ou de maneira separada ?
   R: De maneira junta, é através do Evangelho que podemos conseguir alguma coisa.

8) Onde está a fraqueza dos pobres ?
   R: A maior pobresa é não ter fé em Deus, não devemos se omitir e não dar valor aos ricos que são os patrões.

9) Onde está a força dos pobres ?
   R: Quando se unir e se educar na força de Deus e entender o Evangelho.

10) O que é que faz a multidão dos pobres ter um só coração e uma só alma ?
    R: Unidos na Fé de Deus.

11) Quando é que a multidão dos pobres dá testemunho da Ressurreição do Senhor Jesus ?
    R: . Quando vê nossos irmãos testemunhar a violência e a injustiça dos pobres.
    . Quando o irmão faz uma caridade como: arranjar um emprego ao desempregado.
    . Quando o pobre acredita no pobre.
    . Quando a multidão se reuniu em Belford-Roxo para a Ressurreição do Senhor Jesus.

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS UFRJ

3º)RODADA

1º)- O que faz ser pobre ?

2º)- O que é que faz ser pobre desunido ?

3º)- O que é que faz ser pobre unido ?

4º)RODADA

1º)- ONDE está o que os pobres querem ter ?

2º)- Como pensam ter: é de maneira junta ou separada ?

1º)- Nas mãos dos poderosos, e de maneira juntas.

5º) RODADA

1º)- Onde está a força dos pobres ?

2º)- Onde está a fraqueza dos pobres ?

3º)- O que faz a multidão dos pobres ter um só coração e uma só alma ?

1º)R.- Na União

2º) - Em se iludir de propaganda,Futebol, prestação etc...

3º) - Dar o pouco que temos, dividir com os outros...

6º) RODADA

- Quando é que a multidão dos pobres dá testemunho da ressurreição do Senhor Jesus ? R: Quando somos fiéis aos pobres e a Jesus Cristo.

1º)- O mundo que vivemos Hoje ?

2º)- O que significa os frutos ?

3º)- O que significa a raiz ?

Os frutos somos nós, formados e vivendo numa sociedade onde há tantas divisões, ricos pobres, discriminação social, desemprego, fome somos produtos, , frutos de uma raiz mal alimentada e mal feita.

8º) RODADA

1º)- O mundo em que sonhamos e queremos construir.

2º)- O que deve está na raiz da planta do mundo que sonhamos ?

3º)- O que deve está nos frutos ?
- Melhores condição de vida, igualdade, justiça, pessoas capazes de assumir e serem realmente do povo, e fiéis a este povo.
Maior participação, mais luta.

9º) RODADA

1º)- Que qualidade tem a semente que gerou a planta do mundo em que vivemos ?

2º)- Que qualidade deve ter a semente que gerar a planta do mundo do em que sonhamos ?

- R. Foi de má qualidade.
- Deve ser de boa qualidade, bem adubada.

10º) RODADA

Nova Sociedade:
Nossa Comunidade existe algum sinal destes, mesmo que seja pouco e pequeno. O que podemos fazer para este tornar grande numerosos ?

Relatório do Jasmim - COMUNIDADE

1º) RODADA

1)- nada, só esperança, algumas tem Fé em Deus.

2)- Justiça, nem voz nem vez.

COMUNIDADE BAIRRO DA LUZ - PARÓQUIA SANTA LUZIA (9 Participantes)

1) O pobre não tem terra... o governo não dar condições, no Norte por Ex: Água existe, é só quer da ao povo o que é do povo, o pobre é quem trabalha na terra, como ele não tem terra ? Por isto seu José estava em S.P.
- Se eles ficassem na sua terra, e tendo condição, não faltava tanto emprego, correm para Cidade grande para sobreviver, é o sistema que obriga... quantos Josés tem hoje longe da família em busca de melhores dias ?

- O pobre só tem a vida ! Gostaria de ter sua casa, melhor condição.

- Ter direito ao lazer, remédios, alimentação etc... para família.
- De maneira separada, porque não tem UNIÃO, tem a cabeça feita pelo sistema.
- De maneira juntas, o trabalho, salário digno, cooperativas...
- O que faz ser pobre ? Ja falamos, "o sistema" do Brasil ou do mundo.

4) R. O que os pobres querem está, na minoria rica, depende do caso eles querem. Melhoria para o bairro, Escola, condução, etc...

5) - A força do pobre está na união ! A fraqueza está mesmo na fome, com fome não se luta, nem reflete. Numa manifestação é um só coração...

6) Quando eles se reunem num só "ideal" para o bem COMUM. É na multidão que / eles se manifesta. Greves, abaixos assinados etc... sair do comodismo é RESSURREIÇÃO.

7) Pensamos ser uma semente boa que caiu em terra ruim,(homens fazendeiros)...
- Sonhamos com um mundo de se ter tudo em comum, só falta a semente ser semente boa, isto é coração bom, porque as sementes somos nós.

8) Já falamos, o CORAÇÃO, á agua ? É a vida, fez brotar a semente...
- O estrume, é feito de humildade, Amor, dedicação, respeito humano.
- O sol é o calor, que ajuda rebentar a semente, nascer a planta, é também a "Base" especialmente. - Os cuidados já falamos, despertar... assumir. Na comunidade é como uma "horta", sem comunidade, não se pode fazer um prédio, para que ? Se ele vai continuar vazio.

9) Quando os homens não se entende mais, por causa da Opressão política...

10) Nossa Comunidade, tem os sinais, no Clube de Mães, Evangelização, Catequese, Mutirão, G. Jovem, A.C.O., Pastoral de Saúde, etc... Só em nos reunir para falar no custo de vida ! é sinal de que não estamos, pensando sô á "vontade de Deus", Ele deixou o mundo inacabado, para o HOMEM terminar, estamos nesta esperança de um dia termos tudo em comum.
- Se estes ENCONTROS surgiu em Vitória E.S. em 75 e vai com o 5º encontro. Agora é continuidade, por todos Estados, várias Dioceses. Em 75, 22 Dioceses, 76,24 em 78,47, em 81,71. Dá para gente ver está nascendo ou crescendo a PLANTA, e não ser de 2 em 2 anos mais todo ano, um encontro e dando / chanse de NOVOS participarem, isto quem já foi no ano de 81 não ir em 83 ser pessoas novas.
Não ser pessoas escolhida pelo o Padre, mais pelo o grupo da BASE é nossa sugestão.

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

COMUNIDADE DO BAIRRO JAQUILINE

1º RODADA

O que o pobre tem na vida ?
- Injustiça, opressão, esperança de dias melhores.

O que o pobre não tem ?
- Emprego, salário justo, casa, comida, terra, apoio, segurança, liberdade de exigir os seus direitos, vida de gente, vida de irmãos.

O que os pobres querem ter na vida ?
- Emprego, salário justo, casa, terra, vida desente, atendimento de gente quando exigido, seus direitos.

2º RODADA

- O que os pobres devem ter de maneira junta ?
  R: Fraternidade, segurança, luta.
- O que os pobres devem ter de maneira separada ?
  R: Educação, alimentação, lar dígno, trabalho, condições econômicas e sociais.

3º RODADA

- O que é que faz ser pobre ?
  R: Egoísmo (má distribuição de renda, desinteresse pelo bem estar de outrem, abuso do poder).
- O que é que faz ser pobre desunido ?
  R: Individualismo, desânimo, falta de participação em sua comunidade.
- O que é que faz ser pobre unido ?
  R: Ser social maior participação ativa, ver a realidade.

4º RODADA

- Onde está o que os pobres querem ter ?
  R: Nas mãos do poder econômico, que não o direito da participação ativa nas grandes decisões.
- Como pensam ter: é de maneira junta ou de maneira separada ?
  R: De maneira junta, através dos sindicatos, Associações de Moradores.

5º RODADA

- Onde está a força dos pobres ?
  R: Através de movimentos (Associações, sindicatos).
- Onde está a fraqueza dos pobres ?
  R: No medo, negativismo, desânimo, individualismo
- O que é que faz a multidão dos pobres ter um só coração e uma só alma ?
  R: Quando continuam juntos e lutam pela modificação da comunidade.

6º RODADA

- Quando é que a multidão dos pobres dá testemunho da Ressurreição do Senhor Jesus ? R: Quando ele luta pela modificação da sociedade através da luz do Evangelho.

7º RODADA:

- Que qualidade tem a semente que gerou a planta do mundo em que vivemos ?
  R: A semente era boa porém não foi bem cultivada.
- Que qualidade deve ter a semente que vai gerar a planta do mundo que sonhamos ? R: Uma boa semente e bem cultivada.

8º RODADA

- O que é a terra boa que ela precisa ?
  R: Na comunidade união, fraternidade, espírito de luta, humildade, diálogo.
- O que é a água ? R: Evangelho.
- O que é o estrume ? R: Conhecimento, estudo.
- O que é o Sol ? R: Esperança.
- E o que são os cuidados ?
  R: Maior engajamento das pessoas que vive na comunidade.

9º RODADA

- Quando é que cada coisa dessas acontece ?
  R: Quando passa a ser oprimida pelo poder econômico, que sente incomodado pela comunidade.

2º Povo Unido.
A força do pobre está quando estes se uni. Quando não há união e quando há divisão. Quando ele começa a conscientizar-se e viver o Evangelho.

3º Semente.
Que gerou ambição, egoísmo, desigualdade comodismo e toda má estrutura da/ sociedade que vivemos.
Uma semente bem cultivada de amor, igualdade, fraternidade.

O que é terra boa ?
Participação espontânea e honesta e compromisso com amor.
O que é água ?
O que é estrume ? Nossa participação sadia.
O que é sol ?

- E o nosso relacionamento e nossa união com os irmãos.

Acontece quando são proibido de participar.
Quando não são acreditados.

10. Nova Sociedade.
Embora sendo a minoria existe.
Continua este trabalho, porque acreditamos que podemos mudar alguma coisa nessa sociedade.

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

COMUNIDADE SÃO TIAGO (4 Pessoas)

- O que é CEBs ?
R: - Um grupo de pessoas que se forma para trabalhar juntos para o bem-estar comum de uma região ou Bairro.
- Associação de Moradores, povos unidos, movimentos populares, Comunidade, união através de paz.
- Luta conjunta - início, povos, movimentos, determinações objetivos, conclusões de um esforço pelo bem-estar social Religioso e comunitário.

- O que é Povo Unido ?
R: - É povo que junto luta através de movimentos populares, sindicatos, Associações para conseguir melhores condições de vida na sociedade em que vive.
- É a formação de uma força popular lutando em busca de vários objetivos. É também todos unidos para conseguir o que se deseja, também para formar a Associação de Moradores, Comunidade, bem-estar físico-mental.

- O que é Semente ?
R: É o lançamento de novas idéias ou palavras que colocamos em prática, ou uma opinião formada que se chega ao êxito.
- Povos unidos para formar frutos. A Semente ela germina Igreja, Movimentos Populares e etc...

- O que é Nova Sociedade ?
R: - É um novo mundo que sonhamos e que juntos alcançaremos o objetivo desejado.
- É onde não existe opressão nem desigualdade, nem injustiça.
- Meios de vida melhores para todos.
- Governo bem formalizado e etc...

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

VERSÃO LATINO-AMERICANO DA SEGURANÇA NACIONAL

José Comblin

Depois da Segunda Guerra Mundial, surgiu um novo conceito de estado, legitimado por uma nova ideologia da segurança nacional. Este novo modelo de estado, com essa nova ideologia, expandiu-se e instalou-se progressivamente em muitas nações latino-americanas. A tomada de poder pelas Forças Armadas do Brasil, em 1964, por exemplo, não significa simplesmente que os militares tomavam os meios de poder dentro do estado tradicional, mas impulsionava um tipo de estado totalmente novo, cimentado em um ideologia que rompia claramente com a teoria política do mundo ocidental, desde Montesquieu, e em geral com o conceito de estado que nasceu com a independência da América Latina.

Na realidade, a mudança foi mais decisiva do que a da própria independência. Os poderes tradicionais do estado foram neutralizados. O poder legislativo foi reduzido a um papel decorativo; os tribunais foram limitados a julgar os casos de menor importância; os assuntos de maior importância foram transferidos aos órgãos de segurança nacional, aos quais foi confiado o poder supremo do estado. O executivo - o governo - veio a ter a única função de administrar a política determinada pelo poder supremo.

O Poder Supremo é duplo: a) O Conselho de Segurança Nacional (o nome pode mudar de país para país), composto pelos chefes do sistema militar, que determina a política, nomeia o Presidente da República e dirige o processo político; b) e, ao lado desse Conselho, uma agência de inteligência e ação (o SNI no Brasil, a DINA no Chile, etc.) com controle ilimitado sobre todos os cidadãos. Somente o Conselho Nacional de Segurança exerce um certo controle sobre essa agência da política secreta.

Esse tipo de estrutura, completamente diferente do sistema democrático e republicano, instalou-se no Brasil em 1964, na Argentina em 1966 (e novamente em 1975) e mais tarde no Uruguai, Bolívia, Peru, Equador; e por último no Chile. O que vemos, hoje no Chile, não é nada mais que a repetição desse modelo bem conhecido e bem definido.

A idéia que está por trás desse novo estado e dessa nova ideologia já era bem clara na América Latina desde 1949, ano em que foi fundada no Brasil a Escola Superior de Guerra. Os generais fundadores (Juarez Távora, Cordeiro de Farias, Augusto Fragoso e mais tarde Golbery de Couto e Silva, Castelo Branco e outros) a tiveram presente desde o princípio.

Foram necessários 15 anos (1949-1964) para concretizá-la. Desde então o modelo espandiu-se em todo o continente. A ideologia desse novo estado baseia-se em três conceitos fundamentais: geopolítica, geoestratégia, e o papel privilegiado das Forças Armadas.

1. GEOPOLÍTICA

A geopolítica é a ciência que estuda a influência dos fatores geográficos na vida e evolução dos estados, a fim de chegar a conclusões de natureza política. Considera-se uma ciência universal e pretende ocupar o lugar que costumava ser da filosofia. O general chileno Pinochet foi, durante muitos anos, professor de geopolítica e publicou um livro sobre o assunto.

A geopolíca tem suas raizes no pangermanismo do século XIX. O fundador foi Rudolf Kjellen, cujo livro principal foi publicado em 1916. A contato com o nazismo, esta ciência se desenvolveu. Hoje é ensinada cada vez mais nas escolas militares de todo o mundo, sempre com as mesmas consequências.

Seus princípios básicos podem ser assim resumidos. A pessoa individual não existe. O "povo" é um mito. O que existe são nações. Fora das nações o homem não existe. O homem é reduzido à nação; o povo é reduzido à nação. Por sua vez, a nação é o estado. Sem o estado a nação não pode fazer nada.

Mais ainda, o estado é poder. Consequentemente, o homem é reduzido a nação, estado, poder. O poder é o atributo principal do homem. O mundo não é nada menos que uma luta de poderes, uma configuração de várias nações competindo entre si em luta ininterrupta. Porque competição e luta constituem a essência do poder. Por definição, as nações são rivais e, querendo ou não, têm que entrar na luta pela vida e a expansão.

O estado é um organismo, um superser que deve defender-se, crescer e lutar. A primeira lei do estado, como de qualquer poder, é expandir-se a fim de ocupar todo espaço vital. A guerra, hoje mais do que nunca, faz parte da condição humana e cada

nação vive em estado de guerra. Porém, nenhuma nação pode proteger-se sozinha; são necessárias alianças e coalizões. O mundo se define a partir da categoria fundamental amigo-inimigo. Qualquer homem é amigo ou inimigo. No mundo há aliados e inimigos em luta constante.

Atualmente no mundo existe um grande antagonismo que é dominante: o ocidente contra o comunismo, o ocidente contra o oriente. Entre esses dois blocos a guerra é incessante; esse conflito determina toda a existência do homem.

A América Latina e seus aliados do mundo ocidental estão em estado de guerra contra o comunismo mundial. Diante dessa realidade, todo o resto é relativo. Porque como diz o principal ideólogo brasileiro, o general Golbery, a nação ou é algo de absoluto, ou não é nada. A nação não pode admitir nenhuma limitação do poder absoluto.

2. GEOESTRATÉGIA

A estratégia é a ciência de fazer a guerra. Porém, querendo compreender a estratégia moderna, é necessário dar-se conta do que é a guerra moderna. A guerra moderna é uma guerra total, segundo quatro aspectos:

a) porque mobiliza todos os cidadãos com todos seus recursos. Não há distinção entre civil e soldado - todo cidadão é um guerreiro;

b) porque todos os povos, todos os países estão envolvidos na guerra;

c) porque toda atividade humana é uma atividade de guerra, uma arma, um ato de luta. O inimigo não está na fronteira, mas está infiltrado em todos os lados - e é muito mais perigoso. Todas as atividades econômicas, culturais, e de qualquer tipo, são atos de guerra, atos em favor ou contra a nação. Não existem atividades neutras. Um simples pensamento pode ser um ato de guerra, de traição, e ajuda ao inimigo ou aliado;

d) porque não há mais diferença alguma entre épocas de paz e de guerra. A guerra é permanente. O que se costuma chamar de paz, na realidade, é a continuação da guerra sob formas diferentes.

Esta guerra total exige uma estratégia total. Com efeito, o que costumava ser chamado de política agora está fora de época. A política é apenas um aspecto da guerra total, da estratégia total. A política deve ser dirigida conforme essa estratégia total, que se fundamenta sobre três conceitos: o projeto nacional, a segurança nacional e o poder nacional.

O projeto nacional, i.é. o propósito nacional, é a meta e o objetivo que a nação pode conseguir razoavelmente dada a sua situação geográfica e o tamanho de seus recursos. A segurança nacional é o valor absoluto e incondicional, sem restrição ou limitação, e a última norma de todas as atividades públicas ou privadas. O poder nacional é o conjunto de recursos materiais, culturais e mão-de-obra, que podem ser mobilizados para promover a segurança nacional.Este é o principal e imediato critério de toda atividade. Todo cidadão deve trabalhar para aumentar o poder nacional. Todas as atividades encontram nesse poder seu valor, seu limite e seu motivo.

A estratégia total abarca quatro aspectos principais da vida humana:

a) A estratégia econômica, cujo objetivo é o desenvolvimento econômico. A justificação e a norma empírica que deve orientar o desenvolvimento econômico, é a expansão do poder nacional. O desenvolvimento econômico é necessário para aumentar a capacidade da nação em relação à guerra e uma maior garantia de sua segurança. O desenvolvimento econômico determinará suas prioridades conforme os setores da produção que valem mais em vista do aumento do poder nacional.

b) A estratégia psico-social, cujo objetivo é o aproveitamento das idéias e das outras forças culturais para o aumento do poder nacional. Todas as idéias têm um valor estratégico, positivo ou negativo. A estratégia consiste em descobrir como utilizar as idéias proveitosas e como eliminar as perigosas. Toda a cultura é um campo estratégico.

c) A estratégia política, que consiste em guiar e utilizar todos os organismos do estado e, na medida do possível, todas as associações privadas para que colaborem na estratégia global. O objetivo da política é organiza a mobilização da nação na guerra contra o marxismo internacional.

d) A estratégia militar. A ação militar não é sempre necessária. A estratégia total deve determinar quando ums intervenção militar é apropriada e quando é mais conveniente uma outra ação.

Para conseguir maior segurança e maior poder nacional são necessários certos sacrifícios. Os cidadãos devem decidir-se entre a vida cômoda e as armas. Têm que dar-se conta que a segurança é mais importante que o bem estar econômico.

Porém, os sacrifícios devem ser tais que os cidadãos não percam o interesse na segurança nacional. Háum limite que não deve ser superado.

O sacrifício dos direitos individuais pode ser necessário. As exigências da segurança nacional podem transtornar alguns cidadãos, porém terão que compreender que a segurança vale tais sacrifícios. Os direitos individuais, sem dúvida, não devem ser limitados de tal forma que os cidadãos se sintam escravos , porque, como diz o Gen. Golbery, os escravos não são bons soldados.

3. PAPEL PRIVILEGIADO DOS MILITARES

Quem deverá aplicar essa estratégia total? Logicamente, as elites da nação. Nunca se deixa às massas dirigir uma guerra. O papel das elites é, primeiro, dar-se conta da importância do projeto nacional, da segurança nacional, do poder nacional e, depois planificar e executar a estratégia; segundo, convencer as massas para pôr em prática a estratégia.

Na América Latina, só as forças armadas podem assumir o papel das elitesestratégicas, por duas razões fundamentais: o capricho dos civis e as exigências da guerra. No Brasil, por exemplo, os civis tradicionalmente foram demagogos, políticos amadores, incapazes de preservar a ordem e de aumentar o poder nacional. Nos anos anteriores a 1964 foram excessivamente irresponsáveis e levaram o país na beira do abismo. O país estava ao ponto de chegar à falência, sua própria sobrevivência estava em jogo. Os civis tinham destruído a alma da nação, pondo em perigo sua própria sobrevivência, e é então que as forças armadas necessariamente tomam o poder. Não se tratava de saber quem devia governar, mas tratava-se de refazer a nação desde os alicerces. O papel das forças armadas pode ser comparado ao dos heróis que fundaram a nação. Somente as forças armadas tinham capacidades para "regenerar" a nação, criá-la de novo; o seu não foi um simples governo, mas algo transcendente. Quem foi que lhes deu o poder de arrancar todos os vícios e a corrupção? O fato de que o estado e a nação são força, e somente a força pode refazer o poder e a nação.

O objetivo é a integração do Ocidente numa guerra total contra o marxismo. Quem pode assumir essa tarefa? Não há civis tão preparados para isso nem tão integrados quanto os militares. As forças armadas estão suficientemente integradas, ainda mais em escada panamericana.

4. ESTRATÉGIA TOTAL E RELIGIÃO

A religião é um fator indispensável na estratégia psico-social e como tal é de extrema importância na ideologia da segurança nacional. A razão disso é que o Ocidente possui três sistemas de símbolos que o ajudam a auto-compreender-se e enfrentar o comunismo. Os sistemas são: cristandade, democracia e ciência.

Essas três coleções de símbolos são necessárias como signos de identificação e incentivos para a luta contra o marxismo. Todos três são eficazes na mobilização para a guerra, no Ocidente, porém, nada é tão eficaz quanto os símbolos cristãos. Isso porque toda a cultura ocidental está impregnada pelo cristianismo, e seria uma loucura não utilizar seus símbolos.

A fé não é importante, como Golbery afirmou. Até Voltaire e Nietzche pertencem ao cristianismo. O que é importante é a cultura sistemática dos símbolos tradicionais da cristandade. A fé é algo puramente pessoal, enquanto a fidelidade às práticas tradicionais é algo estratégico de suma importância. Por esta razão, os regimes de segurança nacional oferecem sua cooperação à igreja, convencidos que isso beneficiará a todos.

Ainda mais, também para a igreja, como para o estado, o marxismo é o inimigo público numero um. Por isso, uma estratégia comum beneficiará a ambos. Podem ajudar-se reciprocamente.

A igreja pode ajudar o estado na organização de uma Campanha ideológica anti-marxista, que possa representar algo muito persuasivo para as massas analfabetas, facilmente decepcionadas pelos traidores. O estado, por sua parte, pode ajudar a igreja

garantindo sua segurança. Além disso, igreja e estado querem fundar uma nova sociedade, sem corrupção, livre de todos os vícios do passado e baseada nas tradições e vocabulário cristãos.

Os novos governos necessitam de uma linguagem tradicional cristã para enunciar os objetivos que querem comunicar às massas. A igreja ganha prestígio entre o povo quando ogoverno usa seu vocabulário. Ainda mais, o estado pede aos teólogos e ideólogos cristãos de colaborar dando os ensinamentos que serão utilizados como propaganda para convencer o povo e inserí-lo na luta.

Para confirmar a aliança igreja-estado, o novo estado será mais que generoso nos privilégios que oferece. Permitirá o ensino da religião nas escolas públicas; submeterá à censura as publicações contrárias à moral cristã; prestará assistência material às instituições católicas; usará o idioma eclesiástico em seus documentos oficiais; animará a participação oficial das autoridades e forças armadas nos atos religiosos; permitirá o acesso dos sacerdotes a funções públicas, etc., para não mencionar a oferta discreta de favores materiais.

Infelizmente, na visão do novo estado, alguns cristãos, inclusive sacerdotes e bispos, são marxistas infiltrados, ou inocentes úteis. Eles se recusam a reconhecer o "verdadeiro" interesse da igreja. Nem sequer reconhecem a guerra que os ameaça individualmente. Se a igreja não pode dar-se conta de seu próprio bem-estar, reconhecer os infiltrados e proteger-se, caberá às forças armadas preservá-la do perigo que ela não vê. As forças armadas nao podem subtrair-se a essa obrigação e não podem permitir que a igreja se torne aliado inconsciente do marxismo internacional.

Cadernos do CEAS
nº 46, pag. 58

(Tradução do texto espanhol publicado em AMERICA LATINA, bulletin mensual du Centre de Documentation latino-americano du CEFRAL, Paris, n.33, maio 1976)

CEDIC
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA

****


CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ